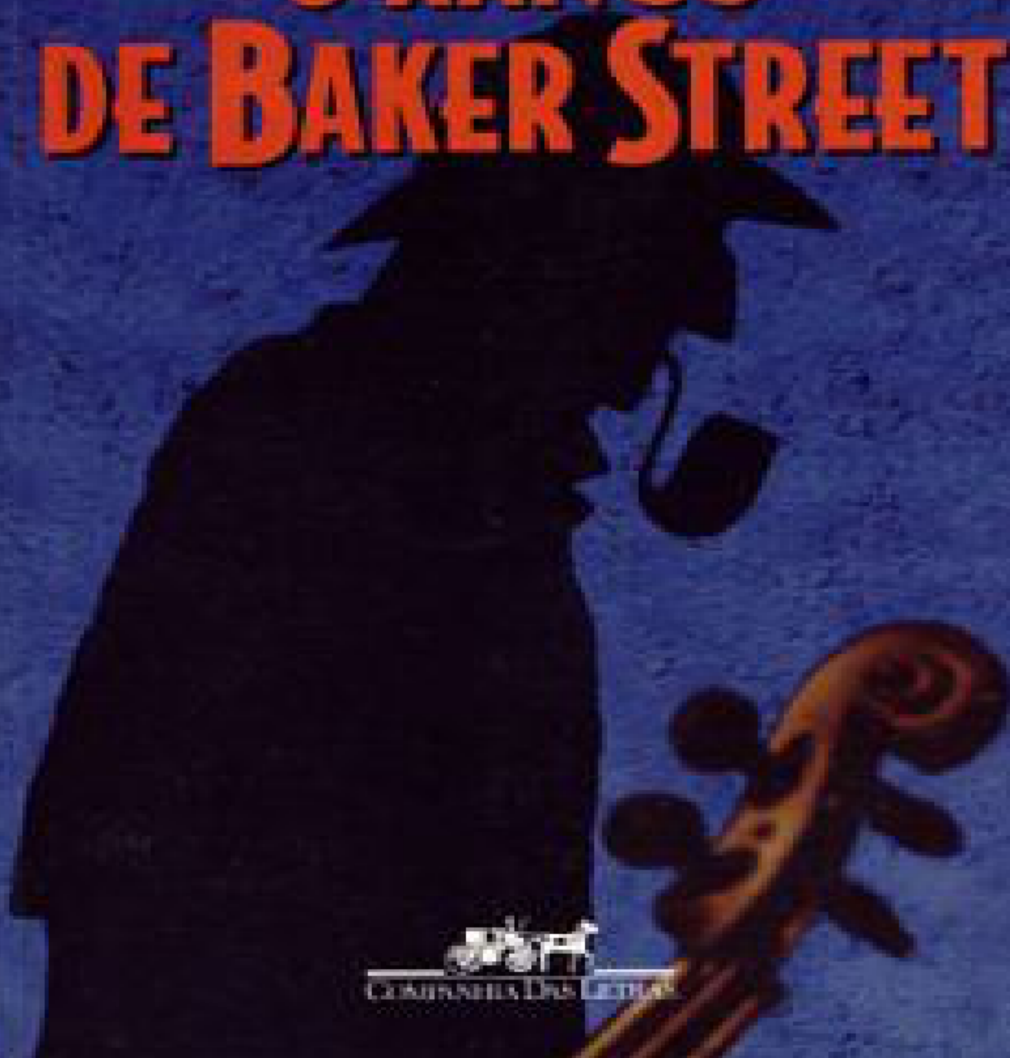

JÔ SOARES
O XANGÔ DE BAKER STREET
COMPANHIA DAS LETRAS

Livro: O XANGô DE BAKER

Autor: José Eugênio Soares

Jornalista, Apresentador, Entrevistador, Humorista e, etc. Rio de Janeiro - Brasil

Revisão & Conversão para .DOC/.PDF/.PDB by Dellmareh – Dezembro/2004

Contando ainda com a ajuda da indescritível turma do Papiros...

O XANGÔ DE BAKER STREET

Capítulo 1

Às três horas da manhã, alguns negros escravos ainda podiam ser vistos com barris cheios de lixo e excremento das casas das putas da rua do Regente. Tudo era amontoado num local próximo, criando mais um dos aterros de monturo que enfeitavam a paisagem do Rio de Janeiro naquele mês de maio de 1886. Certos escravos competiam para ver quem fazia mais rapidamente o maior monte, e bandeirolas eram plantadas no topo das imundícies quando achavam que ali não cabiam mais dejetos. Depois, ficava a população à espera das chuvas, o escoamento natural que levava tudo aquilo para o mar, lavando as ruas e empesteando a cidade.

Passados os temporais, lencinhos perfumados levados ao nariz faziam com que os ricos e a nobreza fingissem que o precário escoamento fornecido pela City Improvements se comparava à invejável rede de esgotos de Paris. Na esquina da rua do Regente com a rua do Hospício, uma pálida figura toda vestida de negro, chapéu de abas largas enfiado até os olhos, espreita a saída dos últimos fregueses. Apesar do calor, enverga uma capa que lhe chega aos pés e aguarda, imóvel. Sob a capa, que lhe frisa a magreza, delineia-se o relevo de um volume indefinido, que tanto pode ser um pacote quanto uma garrucha. Da terceira casa de putas sai uma moça, quase menina, tonta de vinho. A saia vermelha é aberta do lado até a coxa e os seios estão à mostra, pois a blusa amarela, fina e barata, não resistiu aos ataques vorazes dos freqüentadores mais bêbados. Completamente embriagada, ela mal nota a exibição das tetas. Procura um canto menos imundo para vomitar e ri da sua preocupação:"Como é

para vomitar, por que não procurar o lugar mais sujo?". No fundo é por pura superstição. Por mais que seja vômito, é dela, e não lhe agrada ver o fruto dos seus engulhos agregado às fezes alheias. Vira

num beco escuro e disputa com algumas ratazanas a honra duvidosa de ocupar aquele território. Apóia-se no muro dos fundos de um dos bordéis e, com o queixo debruçado para dentro do quintal da casa, aguarda o engulho Como se tudo não passasse de uma cena exaustivamente ensaiada de Grand-Guignol, o homem de negro lança-se sobre ela com uma adaga numa das mãos e abre-lhe o pescoço com precisão cirúrgica. Pela goela escancarada jorra uma cascata de sangue misturada à primeira golfada de vômito que já passava pela garganta. Sem pressa, o homem ajoelha-se ao lado da jovem puta. Com a faca, corta-lhe fora as duas orelhas e as guarda zelosamente no bolço da sobrecasaca. Levantando-se, revela finalmente o volume que a capa ocultava. Nem pacote nem garrucha:um violino. Ele arranca uma corda, o mi, e, erguendo a saia da moça, enrola o fio arrancado da crevelha nos pêlos crespos do púbis do cadáver. Saciado, sai tranqüilamente pela rua do Regente, tocando um dos vinte e quatro capricci de Paganini nas três cordas restantes do instrumento.

A platéia que aplaudia emocionada sentia estar vivendo um momento histórico no teatro do Brasil. Há meses a cidade inteira se preparara para recebê-la e o Imperial Teatro de São Pedro de Alcântara, na praça da Constituição, no Rossio, tinha sido reformado para esperar sua chegada. O camarim fôra redecorado por madame Rosenvald, da Casa das Parasitas, na rua do Ouvidor, e ampliado segundo instruções do secretário da atriz, enviadas antes por carta. Havia agora um novo jogo de poltronas, um sofá e um recamier de veludo verde capitonê. Um biombo separava esta parte do camarim, onde ela receberia suas visitas, da saleta onde a atriz trocava de roupa. No palco, a deslumbrante, a única, a eterna Sarah Bernhardt agradecia em francês os aplausos brasileiros. A estréia, um dia antes, com Fédora, de Victorien Sardou, fora um sucesso colossau, porém, esta noite, A dama das camélias, não ocorrera sem incidentes. O ator Philippe Garnier, representando o papel de Armand Duval, cometera a imprudência de aparecer com o rosto liso, sem os bigodes lustrosos característicos, até então, do amante de Marguerite Gauthier. Das torrinhas, alguns estudantes ensaiaram uma vaia, lançando pontas de cigarros acesas sobre os elegantes que lotavam os fauteuils da platéia. Artur Azevedo levantara da sua poltrona e fizera uma defesa veemente do espetáculo, dizendo que La Bernhardt "representava a própria França". O autor conhecera Sarah em Paris, e fôra ele quem lhe dera o título de "Divina". Ao final do espetáculo, quatro meninos de libré entraram em cena carregando flores a mando do imperador. Colhidas nos jardins do palácio imperial, eram de extremo bom gosto, a não ser, talvez, as vastas hortênsias que compunham o buquê trazido de Petrópolis. Jovens românticos que tinham ocupado as primeiras filas lançaram

sobre a Divina uma chuva de camélias, símbolo do abolicionismo, cultivadas no quilombo do Leblon, e ao mesmo tempo uma alusão pouco sutil ao carro-chefe da maior atriz do mundo.

- C'est pardonnable et c'est charmant...-dizia a sotto vocce La Bernhardt aos seus colegas em cena, que seguravam o riso enquanto tentavam se desviar da saraivada de flores. A cortina do São Pedro desceu pela vigésima vez.

- Ça suffit-dizia Sarah-senão vamos ficar mais tempo agradecendo do que ficamos para encenar a peça. Alexandre jamais nos perdoaria - concluiu, referindo-se a Dumas Filho, autor do texto.

Sarah e sua trupe tinham chegado ao Rio há poucos dias, no Cotopaxi, numa quinta feira, dia 27 de maio de 1886. Apesar de ser um dos meses mais amenos do ano, mas ficou encantada com a recepção no cais do porto e mais ainda quando estudantes desatrelaram os animais da sua carruagem e fizéram questão de tomar o lugar dos cavalos, puxando o veículo através do cais. Depois, a caminho do hotel, quis pedir ao cocheiro que levantasse a capota a fim de melhor observar a paisagem e as pessoas que se amontoavam nas ruas para ver um pedaço daquela francesa, porém o intérprete brasileiro que a acompanhava a impediu:

- Não, madame. No Brasil não é chique andar de capota levantada.

- Por que não?

- Não sei, madame. Acho que é para dar a impressão de que aqui não faz tanto calor assim.

Agora, não via a hora de voltar ao camarim e tirar as pesadas roupas da personagem.

Aos quarenta e dois anos parecia uma menina e sua energia era quase a de uma adolescente, mas os trópicos são os trópicos. Não teve tempo de fazer o que desejava. À porta do camarim, já a esperava, cercado por sua comitiva, Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga, o imperador Pedro Segundo do Brasil. O

soberano a vira numa de suas viagens à Europa e era dos mais fervorosos adeptos da vinda de Sarah Bernhardt ao Rio. Havia descido de Petrópolis especialmente para a estréia.

- Vive l'empereur!-gritou de longe o mito assim que viu Sua Majestade,

e quem escutava não podia perceber se havia na exclamação algum toque cínico de deboche.

Dom Pedro Segundo ruborizou de prazer. Era a primeira vez que recebia a saudação em francês.

- Et vive la reine du talent!-retrucou o imperador.

Os bajuladores que o cercavam comentaram entre si, fingindo falar baixo, como se fosse para dom Pedro não ouvir:

- Que espírito!Que resposta!

No camarim, sentaram-se nos móveis novos que decoravam a saleta. Todos estavam impecavelmente vestidos, com seus uniformes e trajes de gala. Podia-se ter a impressão de estarem eles instalados em algum salon de Paris, não fossem as rodelas de suor presentes em todas as axilas. Sarah pediu champagne ao secretário, Maurice Grau, enquanto se colocava atrás do biombo e, com a ajuda da camareira, arrancava quilos de saia e anáguas empapadas.

- Espero que Vossa Majestade tenha gostado do espetáculo.

- Como não gostar? Só lamento que os nossos palcos ainda não estejam à altura dos teatros europeus.

- Oh, vous savez...um palco é só um palco. O que conta é o que se lhe põe em cima...

- Então, hoje, tivemos o melhor, o mais belo e o mais iluminado palco do mundo

- respondeu, galante, o imperador.-Só lamentei a ausência, aqui, de uma grande amiga e provavelmente uma de suas maiores admiradoras, a baronesa de Avaré, Maria Luísa Catarina de Albuquerque. Fala francês como nós e fez teatro quando menina no colégio. As freiras diziam que tinha grande talento. Num auto de Natal encenado pelas carmelitas, fez chorar pais e mães de alunos interpretando um anjo do Senhor.

- E o que impediu tão dotada espectadora de assistir ao espetáculo?-indagou Sarah sorvendo um gole de champagne para disfarçar o cinismo da pergunta.

- Imagine que a senhora baronesa era possuidora de um raríssimo violino, um Stradivarius.Pois bem, seu violino foi roubado há poucos

dias e, desde então, dona Luísa anda inconformada. Não há doce de abóbora nem lundu de escravos que a tirem desta profunda melancolia. Seus negros já comentam que a sinhá está

com banzo.

Sarah sorriu sem entender metade:

- Banzô?!Qu'est-ce que c'est?

- É como os escravos chamam a melancolia, a tristeza, madame. Sentem falta da mãe África. Imagine a senhora que alguns chegam a morrer de saudades. Aliás, saudades é uma palavra intraduzível. Seria mais ou menos avoir le cafard.

- E a polícia? O que diz a polícia?

- Infelizmente a baronesa Maria Luísa não gostaria de envolver as autoridades. O violino foi um presente meu e, apesar da nossa amizade ser puramente platônica, a imperatriz não veria com bons olhos esta história toda nos jornais.

- Pois talvez eu possa ajudar ao senhor e à sua baronesa. Imagine, senhor imperador, que sou muito amiga do maior detetive do mundo: Cherloc Holmes. Naturalmente, Vossa Majestade ouviu falar de Cherloc Holmes-disse Sarah.

- Devo confessar minha ignorância, madame. É a primeira vez que escuto esse nome.

- Por isso é que eu vivo dizendo a seu amigo, doutor Watson, para sacudir a preguiça e narrar as fantásticas aventuras de Holmes. Talvez algum dia o bom doutor siga o meu conselho. Cherloc Holmes é o primeiro detetive dedutivo do mundo. Uma vez, encontrou as jóias perdidas de uma cantora russa apenas examinando as roupas que ela havia usado num banquete oferecido ao imperador.

- A mim?!

- Não, Majestade, Napoleão III...

- Não conheço nenhum detetive - respondeu dom Pedro, passando por cima do pequeno equívoco. -Se bem que gosto de ler algumas histórias de mistério. Não sei se madame conhece a prosa de Edgar Allan Poe. Poe criou uma personagem fascinante, um detetive chamado Auguste Dupin. Ele aparece em "Os assassinatos da rua Morgue" e depois em

outras histórias, como "O mistério de Marie Roget" e "A carta roubada".

Fiquei muito impressionado, porque Dupin consegue, inclusive, adivinhar o que uma pessoa está pensando usando tão-somente a dedução.

- Pois tenho certeza de que esta personagem de ficção não chega nem aos pés de Holmes.Acho que ele adoraria conhecer o Brasil e não saberia como resistir a um convite de Vossa Majestade. Em pouco tempo, descobriria o violino da sua amiga - concluiu Sarah Bernhardt, saindo, esplêndida, de trás do biombo, num magnífico vestido branco.- E agora, se Vossa Majestade permitir uma ceia está

à minha espera no Grande Hotel.Estou morta de fome. Não como nunca antes do espetáculo e estou louca para enfim provar a cozinha brasileira, da qual me falam tanto.

Assim dizendo, a atriz estendeu a mão ao imperador, que a beijou com respeito. Todos deixaram o camarim encantados com o charme da Divina. Dom Pedro anotou discretamente numa caderneta o nome do detetive.

Capítulo 2

O Grande Hotel ficava no Catete, à rua Marquês de Abrantes. Situado no alto de uma pequena colina toda coberta de jardins e arvoredos, se beneficiava das brisas do mar que se avistava ao longe. Era conhecido por seus aposentos espaçosos e ótimo serviço. Os bondes, subindo e descendo em frente ao portão de entrada, davam um toque romântico ao hotel. A enorme sala de jantar estava decorada com requinte. Toalhas de rendas vindas do Ceará, castiçais imensos no centro da mesa, pratos Limoges, cristais Baccarat e pesados talheres Christofle em vermeil.

Aguardando em pé, à volta da mesa, vários jornalistas e alguns nomes da boemia literária da cidade. Lá estavam o jornalista Pardal Mallet, redator da Gazeta de Notícias, e o divertido Guimarães Passos, poeta e arquivista da Mordomia da Casa Imperial, um dos funcionários públicos mais bem pagos do império. Passos costumava dizer que era funcionário público, porém poeta em particular. Defensor interessado do império, passava noites em claro nos botecos da cidade discutindo acaloradamente com seus amigos republicanos. Além dele, Múcio Prado, redator e cronista social do Jornal do Commercio, Belmiro de Almeida, criador do recém-lançado periódico Rataplan, Eduardo

Joaquim Correa, do Jornal humorístico O Mequetrefe, Angelo Agostini, da Revista Ilustrada, que não se cansava de publicar charges com a caricatura do imperador, e ainda o milionário janota Alberto Fazélli, filho de imigrantes italianos e que se achava irresistível. Considerado o almofadinha mais cobiçado da cidade, Albertinho decidira que morreria velho e solteiro, de preferência em Paris. Seus amigos debochavam, dizendo que seria bem melhor viver em Paris e morrer por aqui mesmo. Junto com os jornalistas estavam o jovem livreiro Miguel Solera de Lara, dono da livraria O Recanto de Afrodite, um dos pontos de encontro dos intelectuais da cidade, o marquês de Salles, com olheiras profundas e sempre vestido de negro, espécie de enfant gâté da côrte, leitor assíduo de seu quase-homônimo, o marquês de Sade, e o famoso alfaiate Salomão Calif, que vestia metade da cidade elegante, sem falar dos fazendeiros paulistas que viajavam para a capital só para usufruir da sua mágica tesoura. Também presentes o dono do hotel, Aurélio Vidal,com seus amigos, que ocupavam a maior parte da sala. O curioso é que nenhum ator fora convidado e nem se via uma única mulher no recinto, a não ser as negras escravas, que, com os outros criados, iam ajudar a servir a ceia. As janelas estavam abertas, mostrando a vista incomparável da baía. Naquela época do ano, bastavam quatro negros com abanadores para refrescar o ambiente. De repente, entrou correndo um dos moleques que carregavam malas na portaria:

- Seu Aurélio!Seu Aurélio! A dona está chegando!

Por cima da cabeça do negrinho arfante, todos os olhos machos da sala avistaram a maravilhosa francesa vestida de branco. O rapazola quase morreu de susto e voltou correndo à portaria. Sarah Bernhardt esquivou-se e deixou o menino passar.

Houve uma pausa, um compasso de silêncio, e de repente a sala inteira irrompeu num aplauso frenético:

- Bravo!Bravo!

- Messieurs, por favor! O espetáculo já terminou e tenho fome. Todos riram e se aproximaram para ver mais de perto ainda aquele fenômeno que resolvera dar o ar de sua graça em terras brasileiras. A atriz entrou no salão acompanhada por seu filho, Maurice Bernhardt, um belíssimo rapaz de vinte e dois anos. O pai de Maurice era o príncipe belga Henri de Ligne, por quem a atriz se apaixonara ainda jovem. Sarah registrara o menino com seu nome apenas, como sendo de pai desconhecido. A história desse romance é digna de um melodrama. O príncipe, apaixonado, resolvera casar-se com a atriz,

que começava sua carreira. O tio de Henri, general de Ligne, assim como o pai de Duval, na Dama das camélias, foi procurá-la em Paris, sem que o príncipe soubesse. Numa conversa cortês, porém objetiva, fez ver à atriz que, se houvesse o casamento, o príncipe seria imediatamente deserdado pela família real, perdendo sua posição e todo o patrimônio.

Com o coração dilacerado, Sarah Bernhardt afastou-se do príncipe, alegando que sua carreira era mais importante. Jamais o príncipe Henri de Ligne soube o verdadeiro motivo daquele doloroso rompimento.

Se naquela noite Sarah realmente pensava experimentar a comida da terra, ficou decepcionada. O cardápio, preparado por um chef francês chamado especialmente para a ocasião, copiava radicalmente os restaurantes de Paris. Roland Blanchard tinha vindo "fazer a América" e há muitos anos morava em Botafogo. às vezes cozinhava para o imperador, e publicara um livro de conselhos e receitas, onde, inclusive, ensinava que não se devia levar à travessa a colher que já fora levada à boca. Explicava também que, se a pessoa sentisse uma vontade irresistível de cuspir, era melhor fazê-lo no chão do que no prato. Do menu da noite constavam caças, saladas, peixes, presuntos, queijos, vinhos e champanhe. Nem mesmo arroz fora incluído para abrasileirar levemente as receitas do francês. Sarah sentou-se à direita de Aurélio Vidal, que ocupava a cabeceira, tendo a seu lado o marquês de Salles e, em frente, Guimarães Passos. Ao lado deste, Alberto Fazélli se esforçava para ficar o mais perto possível, quase com o cotovelo dentro do prato do vizinho.Imediatamente, os jornalistas começaram as perguntas, transformando a ceia numa entrevista coletiva:

- O que é que a senhora come quando acorda?

- Entre um ato e outro, a senhora bebe?

- Que número calça?

- Quanto a senhora pesa com roupa?

- E sem roupa?

- É verdade que a senhora só consegue decorar os papéis enquanto faz um escalda-pés?

- Qual é a sua idade?

- O que está achando dos homens brasileiros? - perguntou lascivamente Alberto Fazélli, que não era jornalista mas também era inconveniente.

- Por enquanto, só estou achando que fazem perguntas demais - respondeu Sarah, esvaziando uma taça de vinho.

Para mudar de assunto, Guimarães Passos interrompeu aquelas perguntas de alto nível:

- Espero que a senhora desculpe o entusiasmo dos colegas. Só lastimo que alguns

dos meus amigos não tenham podido vir ao jantar. Tenho certeza de que a senhora adoraria conversar com Olavo Bilac, por sinal um poeta extraordinário. Pena que ainda não tenha sido publicado em livro.

- Olavo Bilac?

- Sim.

- E por que não veio?

- Infelizmente, meu amigo Olavo meteu-se a ser republicano e no momento anda escondido. Publicou um pequeno panfleto contra a monarquia e está sendo procurado pelo delegado Mello Pimenta, da nossa polícia. Mello jurou que Bilac há de passar uma noite na cadeia. A senhora concorda que é muito cedo para mudanças na nossa política?

- Je ne me mêle pas de ces affaires... - disse Sarah com um sorriso.

- O que foi que ela falou?-perguntou avidamente Pardal Mallet, da outra ponta da mesa.

Alberto Fazélli traduziu de ouvido:

- Ela viu o Mello com seis alferes.

Múcio Prado, do Jornal do Commercio, corrigiu rapidamente:

- Não é bem isso, Albertinho. Ela só falou que não se mete nesses assuntos. E, aproveitando o mal-entendido, encaixou uma pergunta: - Sei que a senhora esteve com o nosso imperador. O que pode contar desse encontro?

- Só que o imperador é muito simpático e anda preocupado -

confidenciou a comédienne, em voz baixa, ao cronista. - Imagine que roubaram um violino Stradivarius de uma amiga sua, uma baronesa, que está desconsolada. Eu até

sugeri que ele convidasse um detetive inglês que conheço bem, Cherloc Holmes, para desvendar o mistério.

Múcio logo viu que tinha uma boa nota para sua seção: baronesa, amiga do imperador, só podia ser Maria Luísa Catarina de Albuquerque. Até então, o único Stradivarius, instrumento valiosíssimo, de que se tinha notícia no Rio pertencia ao violinista José White, excelente músico cubano habitué da côrte. Obviamente, este outro violino deveria ser um presente secreto de Dom Pedro. Em volta da mesa, poucos deram atenção à notícia, talvez por não perceberem o francês rápido e sussurrado da atriz, porém o jornalista sabia que o potin causaria um pequeno escândalo na côrte.

Tão boa era a comida que, apesar da presença da Divina, todos silenciaram em volta da mesa. Quando iam começar as perguntas depois da sobremesa, Sarah levantou-se rapidamente:

- Senhores, estava tudo delicioso, mas amanhã tenho ensaio. Por favor, não se levantem. -Antes que alguém pudesse ajudá-la, ergueu-se agilmente, deixando o guardanapo cair no chão. Saiu da sala, de estômago cheio mas leve como uma pluma, em direção à escada que levava aos seus aposentos. Alberto Fazélli recolheu o guardanapo, cheirou o pano como se fosse o lenço de rendas da mulher amada e sentenciou profundamente:

- Isto é o que se chama sair à francesa.

O delegado Mello Pimenta tinha, no momento, preocupações maiores do que correr atrás de Olavo Bilac. A declaração de que faria o poeta passar uma noite na cadeia fora muito mais um desabafo num momento de raiva do que uma sentença. Na verdade,não havia motivo para perseguir o "subversivo" Bilac. Sobretudo agora, com esse crime que começara a investigar. Mello Pimenta era gordo e baixo, ostentando um vastíssimo bigode negro à la Balzac. Sofria muito com o calor, contudo sempre era visto de terno e colete, camisa de colarinho engomado e punho rígido, muito apertada no pescoço. Curiosamente, Pimenta nunca suava. A aparência balofa do policial enganava aqueles malfeitores que menosprezavam sua agilidade: Mello Pimenta corria como uma gazela. Ao seu lado, envergando um avental médico coberto de manchas escuras de sangue coagulado, estava o doutor Saraiva, médico-legista do Estado. Magérrimo, Saraiva

ostentava um cavanhaque e uma longa cabeleira branca, também manchada, pois o legista, distraído, tinha o cacoete de coçar a cabeça ao meditar sobre a autópsia que estava praticando. Vendo-os lado a lado, era impossível não pensar em Dom Quixote e seu fiel escudeiro. Os dois encontravam-se no necrotério da Ordem Terceira da Penitência, no largo da Carioca. A polícia usava o local sempre que a morgue oficial da Santa Casa da Misericórdia, no largo do Moura, já se juncara de cadáveres. Deitado na mesa fria de pedra, o corpo da moça assassinada ainda estava aberto, oferecendo-se de forma ainda mais obscena do que quando ela exercia a mais antiga das profissões. Fora encontrado por um português vendedor de vassouras que apregoava bem cedo os seus produtos:

- "Olha a vassoooooura!Olha o ispanadoire!:. Assim que entrou no beco ainda escuro da rua do Regente e se deparou com aquele horror, o pobre homem largou tudo no chão e saiu correndo a gritar:

- Ai, Jesus!É o inferno de Dantas! O inferno de Dantas!-levando, de roldão, a obra italiana para terras lusitanas.

Com um corte hábil de profissional com muitos anos de prática - Saraiva começara sua carreira como médico militar na guerra do Paraguai; dizia a lenda que fizera a autópsia de Solano López -, o professor tinha feito a incisão clássica, em forma de Y, deixando à mostra os órgãos internos da jovem prostituta. A Pimenta parecia inútil aquele ritual, uma vez que a causa da morte dificilmente seria outra além do corte da garganta, tão profundo que quase separara a cabeça do tronco. Mesmo assim, para Saraiva, praxe era praxe. Com voz monocórdia, ele seguia dissecando e dissertando para o delegado:

- Pelo estado avançado da rigidez cadavérica, a morte deve ter ocorrido na madrugada da quarta-feira, dia 26 de maio de 1886. A vítima aparenta ter entre quinze e vinte e um anos de idade. O corpo foi encontrado totalmente frio e exangue.

Lábios cianóticos, pupilas redondas e regulares, dilatadas bilateralmente. Fígado comprometido, provavelmente devido à excessiva ingestão de bebidas alcoólicas.

Caso não tivesse morrido do ataque assassino, a vítima seria, com certeza, candidata a uma cirrose precoce. A causa da morte se deve à ferida no pescoço, que lhe dilacerou a laringe e a faringe num corte horizontal desferido da esquerda para a direita. O ferimento foi causado por um instrumento cortante. Pela pressão exercida, o agressor possui grande força física. As duas orelhas da vítima foram

extirpadas, também com habilidade. A vítima... Impaciente, o delegado Mello Pimenta interrompeu:

- Saraiva, tudo isso a gente sabe. Não há nenhum detalhe que tenha passado despercebido no primeiro exame?

- Claro que há. O melhor eu deixei para o fim. -Dizendo isso, colocou nas mãos do delegado a corda enrolada de violino que encontrara junto aos pêlos pubianos da menina-puta.

- O que é isso?

- Não sei exatamente. Parece uma corda de bandolim ou de algum instrumento musical.

- Pelo menos é uma pista. Uma corda de bandolim.

- Ou de cavaquinho, sei lá. Sem dúvida é de um instrumento musical.

- Será que o assassino é músico?

- Pode ser e pode não ser. Pela violência do crime e pelo lugar onde encontrei a corda, o que eu sei é que ele é meio maluco.

- Por quê?Onde estava a corda?-perguntou Pimenta, desconfiado.

- Misturada aos pêlos púbicos da moça. Coitada, bem ralinhos ainda... Com certa repugnância, Pimenta envolveu a corda num lenço e limpou as mãos nas próprias lapelas:

- Posso levar?

- Claro, é toda sua. Quer que embrulhe para presente?-riu o doutor Saraiva, numa clara demonstração do mórbido senso de humor tão comum à sua profissão. Capítulo 3

No Apartamento 221b da Baker Street, Cherloc Holmes acabara de servir chá para si e para o doutor Watson. O doutor parecia absolutamente concentrado na leitura do jornal.

- Duas pedras, Watson?

- Hum? Sim, por favor...Estranho...muito estranho...

- Posso saber o que é estranho?-perguntou Holmes, entregando-lhe a xícara e dirigindo-se para a sua poltrona preferida.

- Ao ler estas notícias, sinto uma curiosa sensação de déjà vu.

- Elementar, meu caro Watson... - disse Cherloc Holmes, pronunciando a frase que mais irritava o amigo.

- Como assim?

- Você está lendo o Taimes de ontem.

Enquanto Watson recolhia seu queijo, que havia caído, a porta se abriu e a governanta, senhora Hudson, entrou com um telegrama. Estava agitadíssima.

- Calma, senhora Hudson. Presumo que seja uma mensagem do inspetor Lestrade

- afirmou o detetive.

- Presumiu errado, senhor Holmes, é um telegrama do Brasil. Do próprio imperador!

- Do imperador do Brasil? O que será que ele quer com você? - perguntou intrigado Watson.

- Só vou saber depois de ler - respondeu Holmes. - Obrigado, senhora Hudson. Vejo que, contrariando as ordens do seu médico, a senhora continua comendo ovos, às escondidas, no café da manhã.

A pobre mulher assustou-se e gaguejou envergonhada:

- É verdade, senhor Holmes. Não consigo resistir...Como descobriu?

- Simples, senhora Hudson. Na pressa de engoli-los, a senhora deixou cair um pouco de gema na blusa, causando uma mancha amarela. Logo, deduzi que a senhora desobedeceu às ordens do doutor.

A governanta olhou acanhada para a gola da blusa:

- Bem, senhor Holmes, na verdade, isso que o senhor chama de mancha amarela é

um broche de ouro, que pertenceu a minha mãe. Mas o engraçado é que realmente comi uma omelete hoje cedo.

- É evidente. Minhas deduções estão sempre certas. O seu broche é que está

errado. Pode ir.

Muito a contragosto, a governanta curiosa saiu fechando a porta. Watson pensou mais uma vez como era tola a vaidade daquele grande homem em não querer usar óculos.

Holmes aproximou-se da escrivaninha e abriu o telegrama com uma faca que lhe fora atirada havia alguns anos, durante a caça a um mal-feitor em Spitalfields:

- Interessante, Watson. Imagine que o imperador do Brasil Pedro Segundo nos convida para ir ao Rio de Janeiro, a capital.

- Como? A capital do Brasil não é Buenos Aires? - espantou-se Watson.

- Não, Watson. Buenos Aires é a capital da Argentina.

- E o que quer com você o imperador do Brasil?

- Parece que roubaram um violino Stradivarius de uma amiga e Dom Pedro pede que eu faça uma investigação sigilosa.

- Como foi que ele soube de nós?

- De nós, não, caro Watson. De mim. Por sorte do imperador, minha querida amiga, a grande Sarah Bernhardt, está fazendo uma turnê por lá.

- Fantástico! Já existem teatros por aquelas bandas?

- Claro que sim, Watson. O Brasil é um país peculiar. É a única monarquia das Américas. Dizem que o imperador é um homem muito culto.

- Queria entender como você conhece tanto a respeito deste inusitado império resmungou Watson. A cultura do detetive era das mais paradoxais. Holmes era capaz de conhecer detalhes sobre países estranhos, geologia, música, botânica, química e anatomia, entretanto, espantosamente, ignorava a teoria de Copérnico e a composição do sistema solar. Para Watson, era difícil assimilar o fato de um ser humano tão civilizado do século dezenove não ter ciência de que a Terra girava em torno do Sol. Isso às vezes o incomodava um pouco. Cherloc, magnânimo, deu um tapinha condescendente no ombro do médico:

- Não fique emburrado, meu amigo. Foi por acaso que consegui estas

informações.

Por intermédio de um escocês-americano que encontrei na França.

- Quem?

- Chama-se Alexander. Você não o conhece.

- Alexander?

- Sim, Alexander Graham Bell, inventor desta maravilha moderna que é o telefone.

- Não sabia que você se dava com americanos - ironizou Watson, com despeito.

- Fui apresentado a ele há seis anos. Lembra-se que fui a Paris? Bell estava lá para receber o Prêmio Volta, de cinqüenta mil francos, por sua invenção.

- Não me diga que Graham Bell conhece o imperador do Brasil - continuou Watson ainda descrente.

- Não só conhece, como foi Dom Pedro o primeiro a utilizar o telefone publicamente, na Exposição Centenária da Filadélfia. Bell contou-me o caso às gargalhadas.

Sem querer, pregou-lhe uma peça. Sabe qual foi a primeira frase que fez o monarca pronunciar quando experimentou o aparelho?

- Não posso imaginar.

- "To be or not to be, that is the question"... e então o imperador acrescentou, surpreso: "Céus! Isto fala!" - completou o detetive, rindo do episódio. Depois, pensativo, acendeu de novo o cachimbo. - Talvez seja uma boa oportunidade para conhecer o país... Afinal, Dom Pedro é um monarca da melhor linhagem. Bragança, Bourbon, Orléans, Habsburgo, quase de fazer inveja à nossa querida rainha Vitória - declarou Holmes, semicerrando os olhos e soprando uma baforada no rosto de Watson.

- Bom, é melhor eu arrumar as malas. Quando você semicerra os olhos e me dá

uma baforada no rosto, é sinal de que está pensando em viagem.

- Não seja precipitado, Watson. Antes, veja nesse Taimes de ontem

quando parte o próximo vapor com destino ao Brasil.

Watson abriu na página que noticiava os cruzeiros:

- Aqui está. Demos sorte. O Aquitania, da Cunard Laines, segue amanhã para a América do Sul.

- Ótimo. Peça à senhora Hudson que se encarregue das reservas. Veja que coincidência, Watson: você lia um jornal de ontem e nós viajamos amanhã. Espero que isso não seja sinal de mau agouro - refletiu Cherloc Holmes, sem fazer muito sentido.

- Não sabia que você era supersticioso, Holmes - disse Watson levantando-se e finalmente sorrindo.

- Yo no creo en brujas, pero que las hay, las hay.

- O que significa isso?

- Não faço a menor idéia, mas os espanhóis sempre dizem esta frase quando alguém fala em superstição - respondeu Holmes, que não estava com muita paciência para traduções de arcaicos ditados ibéricos. Watson saiu da sala pensando que nunca vira telegrama mais longo. Capítulo 4

Ele chega a lamparina mais perto do livro de anatomia que está lendo. É

"Précis d'anatomie et de dissection", de H. Beaunis. Ele se interessa particularmente pelos capítulos dedicados à dissecação. No caso da primeira mulher, não tivera necessidade de conhecimentos mais profundos. Foram suficientes as aulas de esgrima e punhal que recebera, desde a infância, na academia do barão de Francken. A garganta da pequena marafona se abrira como o pescoço das cabras negras que decepava, com a mesma adaga, de um golpe só, quando ainda era menino, nos rituais de magia dos quais participava em segredo, com a cumplicidade dos negros da fazenda de café do seu pai. Os escravos o chamavam de Oluparun. Mas ele é criativo. Não quer repetir o golpe. Por isso, na madrugada abafada e úmida do seu quarto quase monástico, lê com avidez, perdendo o fôlego com a excitação que aquelas páginas lhe causam:

"Antes de escolher uma região, é indispensável um perfeito conhecimento... Escolher de preferência corpos jovens, bem jovens, vigorosos. Praticar a incisão na pele e dissecar em tiras as camadas cutâneas, descolando o tecido muscular que recobre o músculo.

Cortar..."couper profondment..." O francês é uma língua curiosa: "profondement, profond dement". Prefere o português: profundamente, profunda mente, mente profunda. Ele afasta aqueles pensamentos dispersivos e continua sua tétrica leitura. Quer estar preparado.

JORNAL DO COMMERCIO

EDITORIAL - Já lá se vão cerca de trinta anos que morreu Augusto Comte! Que falta sente a humanidade deste ofuscante pensador! Parente intelectual de Hobbes considera como fim de doutrina o conhecimento das leis que regem os fenômenos!

Ver para prever, procurar o que é, para concluir o que será, este o objeto de todas as suas pesquisas.

Gênio incomparável do pensamento universal prova que o estado definitivo do espírito humano é o estado positivo! A razão, não sobre princípios apriorísticos, mas sobre dados experimentais. Este grande pensador, este Aristóteles moderno, principal expoente da filosofia positivista, apesar de morto, será sem dúvida sempre lembrado como o maior imortal do nosso século!

ENCONTRO DE VEÍCULOS -Ontem, na rua da Alfândega, o tílburi #104 sofreu tamanha pancada de uma carroça que ficou estragado em diversos lugares. É

preciso que cesse o abuso de se confiar o governo de carroças velozes a indivíduos imprudentes e sem a necessária experiência. O perigo não está só na reduzida idade do condutor. Os mesmos inconvenientes se dão quando o carroceiro não sabe guiar o animal em ruas onde há grande trânsito de veículos.

SEÇÃO CIENTÍFICA - Terminou o Congresso Antropológico de Roma, que teve por fim remir o homem do vício e do crime. Os vários especialistas que participaram do ilustre congresso concluíram que o criminoso é antes de tudo um retardado, podendo ser subdividido em cinco categorias distintas: criminoso nato, criminoso alienado, criminoso por acesso, criminoso por impulso ou paixão e criminoso por hábito.

CLASSIFICADOS - VENDEM-SE: três excelentes escravos, sendo: um moleque de 17

anos de idade, bonita figura, outro de 35 anos, habilíssimo, destro no serviço de lavoura, e uma crioula de 19 anos, bonita estampa. CARRO E ESCRAVO: Vende-se uma vitória em muito bom estado com arreios, e compra-se um escravo de meia-idade, sadio e sem vícios, para todo trabalho. MUITA ATENÇÃO: Vende-se uma elegante e bonita mucama recolhida e de casa particular, que tem muitos préstimos, com 18 anos

de idade, boa saúde, ótimos dentes, sabe engomar, costurar e cortar figurino. O motivo da venda Não desagradará ao comprador.

NOTA POLICIAL - Ainda não se tem notícias sobre o pavoroso crime ocorrido esta semana num beco da rua do Regente. O horripilante delito chocou toda a cidade do Rio de Janeiro. Apesar da vítima ser uma rapariga de vida airada, tamanha foi a violência do assassinato que mesmo senhoras da nossa sociedade ficaram consternadas com o triste fado da infeliz. O delegado Mello Pimenta, encarregado do caso, conduz intensas investigações, utilizando todos os recursos da moderna criminologia, e promete solucionar o horrendo homicídio brevemente.

MUNDANALIDADES

SEÇÃO DE MÚCIO PRADO - Tive, anteontem, o prazer de cear com a extraordinária Sarah Bernhardt. Mulher de radiante beleza e talento, Bernhardt demonstra também inteligência e espírito ágil à altura de qualquer homem. Presentes, além da fina flor da intelectualidade do nosso jornalismo, alguns jovens das melhores famílias, como o sportsman Albertinho Fazélli, o garboso livreiro Miguel Solera de Lara e o estudioso marquês de Salles. Também colorindo a mesa, o renomado alfaiate Salomão Calif, que, apesar de sua origem oriental, traz, na vivacidade da sua tesoura, os melhores figurinos do Ocidente.O

generoso anfitrião, Aurélio Vidal, proprietário do Grande Hotel, que hospeda a Divina, estava cercado de seus amigos.

Do menu, digno de qualquer mesa dos nobres europeus, constavam melons au porto, um turbot Cambacéres, jambon de Prague en croute-sauce Madere, poularde Neva, salada, queijos e sorvetes. Foram servidos um bordeaux branco de 65 e um bourgogne tinto de 75, por sinal, excelentes anos. E champanhe, é claro. Mesmo assim, a "piece de resistance" do opíparo festim ficou por conta da homenageada, que revelou, à socapa, a este humilde escrevinhador, que o nosso mui amado monarca, Dom Pedro Segundo, anda preocupado com o furto de um violino pertencente a Maria Luísa Catarina de Albuquerque, baronesa de Avaré. Imagine, caro leitor: trata-se de um Stradivarius!

Acolhendo sugestão da própria Sarah Bernhardt, nosso prestimoso imperador convidará um detetive inglês, Cherloc Holmes (ou será Holmes?), para vir desvendar o mistério do sumiço do caro e cobiçado instrumento. Sabíamos do famoso Stradivarius do virtuose White, todavia ninguém supunha a existência de duas dessas raridades em terras brasileiras.

Quem teria oferecido tão régio presente à bela baronesa?

A imperatriz Teresa Cristina Maria de Bourbon estava furiosa. Andava de um lado ao outro da saleta íntima que separava os dois aposentos imperiais. Trazia o jornal com a seção de Múcio Prado dobrado na mão. Seus olhos, geralmente serenos, faiscavam em direção ao imperador:

- Então, senhor meu marido, qual a intenção desta patuscada? Fazer com que eu seja, mais ainda, alvo das chacotas da côrte? - Vestia-se,

como sempre, de modo discreto, em tons de cinza, todavia, naquele momento suas saias agitadas davam a Dom Pedro a impressão de estar diante da capa vermelha de um toureiro. A famosa barba do imperador, que o fazia parecer mais velho do que o pai, tremia de inquietação. Procurou por uma desculpa esfarrapada.

- Posso garantir à senhora que se trata de algum equívoco. Jamais...

- Equívoco?-cortou, furibunda, a imperatriz.-Que equívoco? Então já não estou farta de ouvir comentários sobre sua amizade com esta doidivanas?

Dom Pedro pensou em fazer um galanteio, dizer que nesses momentos de raiva ela ficava ainda mais linda, porém a beleza não era o dote primordial da sua esposa.

Além disso, a raiva acentuava-lhe o manquejar. Seu andar claudicante era motivo de chistes por parte do povinho, sempre que ela passava em sua carruagem.

"Lá vai a coxa no seu coche!", dizia, rindo, o populacho. Alguns maledicentes afirmavam que quando o jovem soberano viu, pela primeira vez, a noiva prometida chegando ao cais do Rio, teve de esconder as lágrimas que lhe corriam pelo rosto. "Chorou, sim, e não foi de emoção...", comentavam os maldosos.

- Então Vossa Majestade tem o atrevimento de dar a esta mulher um violino cobiçado no mundo inteiro?Uma jóia em forma de rabeca!

- Pois é, que absurdo!Não sei onde este rapaz foi colher esta notícia.

- Na mesma fonte onde o senhor foi lançá-la. Dos lábios de uma...uma...atriz!

- despejou Teresa Cristina.

- Perdão, minha cara. Não entendo por que emprestar um tom pejorativo à

palavra.

Fui ao espetáculo do teatro São Pedro por dever de Estado. Afinal, madame Sarah Bernhardt já foi recebida por todas as cortes da Europa. Dizem até que era amante... - interrompeu-se, antes de completar a gafe. Não era o melhor momento para tratar de mexericos de alcova.

A imperatriz bufou de raiva:

- Além do mais, o senhor tem a audácia de convidar um detetive inglês para fazer as investigações. Quer desmoralizar de vez a nossa polícia?

Sabendo que, quando não se tem argumento que valha, a melhor defesa é o ataque, Dom Pedro fez-se de ofendido, repetindo o tique nervoso característico que o acometia nessas ocasiões:

- Já sei, já sei, já sei, já sei... Bem, pelo visto, a senhora não quer mesmo dar ouvidos à razão. Só me resta, então, pedir-lhe licença e retirar-me. Joaquim Nabuco me espera no Instituto Histórico e Geográfico - disse, majestosa, a Majestade. Dirigiu-se, solene, para a porta e saiu com a dignidade de um exército em retirada.

A mucama encheu novamente os copos com refresco de maracujá.

- Mais um pedaço de bolo de fubá? - perguntou a baronesa de Avaré.

- Obrigado, senhora baronesa. Só o refresco - respondeu educadamente Miguel Solera de Lara.

Magro, longilíneo, vestido sobriamente, mas com apuro, Miguel tinha a aparência de um fidalgo espanhol. Exercia sua profissão muito mais por amor aos livros do que por necessidade, pois era de família abastada. Filho dedicado, morava com a mãe, pobre doente imaginária, sempre a queixar-se de aflições quiméricas, num casarão colonial em Botafogo; diziam as más línguas que o rapaz era fruto bastardo do marquês de Paraná, no entanto, obviamente, esta insinuação não passava de um boato sem fundamento. O livreiro tinha ido à

casa da rua Cosme Velho a pedido de Maria Luísa, para levar as encomendas chegadas no último navio. Sua livraria era a melhor da cidade e Miguel fazia questão de atender pessoalmente os compradores mais importantes. A baronesa integrava essa seleta clientela. Ela morava a maior a parte do tempo em Petrópolis, mas adorava a casa no Rio, apesar da umidade e dos insetos. Maria Luísa Catarina de Albuquerque, a baronesa de Avaré, estava deslumbrante naquela tarde. Jovem viúva do barão de Avaré - não tinha mais do que vinte e seis anos -, Maria Luísa estudara na Inglaterra assim que saíra do colégio de freiras, tendo excelente formação musical e literária. Conhecera o marido no navio que a trouxera de volta ao Brasil.

O barão de Avaré, trinta anos mais velho que a esposa, morrera num trágico acidente de caça, às margens do rio Piraí. Enquanto perseguia uma capivara, tropeçou num tronco de árvore e disparou sua espingarda contra o próprio pé. A bala atravessou-lhe o dedão sem grandes conseqüências, porém seu cirurgião particular fez questão de extirpar o dedo ferido, e a operação provocou uma gangrena que lhe custou a vida.

Depois de um luto fechado de quase dezoito meses, a baronesa agora fazia questão de só usar cores alegres. Seu vestido era de seda verde-clara, muito justo, pondo em relevo a cintura fina e o corpo perfeito. O verde realçava os cabelos ruivos e os olhos azuis. Miguel e a baronesa estavam na biblioteca e, sobre a mesa, podiam-se ver os embrulhos abertos com os livros bem encadernados, doré sur tranche, pedidos por Luísa. Com seus dedos longos e magros, o livreiro folheava as páginas do Histoire de la Revolution Française, em quatro volumes, de Adolphe Thiers, edição de 1851, pela Furne et Cie., Libraires-éditeurs:

- Estranha leitura para uma baronesa... - brincou.

- Ora, meu caro Miguel, é bom saber o que acontece quando a aristocracia se esquece do seu povo. Depois, você sabe que sou nobre por casamento. Como muitas pessoas da corte fazem questão de lembrar, meu pai era açougueiro.

- Prefiro dizer abastado proprietário de lojas de carne - corrigiu diplomaticamente

Solera de Lara. Sorriu, mostrando dentes impecáveis, e seu sorriso, inexplicavelmente, acentuava-lhe a calvície precoce. Maria Luísa pegou noutro livro de capa amarela:

- Ah! Finalmente chegou meu Balzac. Que título sugestivo, não acha, Miguel? disse com um sorriso maroto enquanto mostrava Splendeurs et miseres des cour tisanes, editado pela Mignot, em 1872. - Será que deve ser meu livro de cabeceira?

Antes que o jovem livreiro pudesse responder, ouviu-se à porta da casa o ruído de uma carruagem chegando. Pelo atropelo dos serviçais, era certamente o imperador.

Solera inventou um compromisso e retirou-se pela porta dos fundos. Não queria deixar o monarca constrangido.

Dom Pedro entrou na biblioteca ainda abatido pelo encontro com a

imperatriz. Maria Luísa fez uma reverência exagerada. O imperador detestava esses deboches:

- Já sei, já sei... Chega, Maria Luísa. Não é hora para brincadeiras. Você leu os jornais?

- Claro, divertidíssima a caricatura sua que o Agostini publicou na Ilustrada. A barba talvez esteja um pouco longa.

- Não é disso que estou falando. Refiro-me à nota que Múcio Prado publicou sobre o violino roubado.

- O violino? Para mim são águas passadas. Já me amofinei o bastante por causa deste furto. Afinal, vão-se os anéis, ficam os dedos... Dom Pedro sempre se surpreendia com a capacidade que a baronesa tinha de mudar de humores. O Stradivarius não passava de um brinquedo. Um brinquedo caro, nada mais. Também, era fácil pensar só nos dedos quando os anéis tinham sido ganhos.

- De qualquer forma, acho que vai ser divertido receber na côrte um detetive inglês.

Ainda semana passada, assisti no Gymnasio à nova montagem de Os dois ou O

inglês maquinista, de Martins Pena, e me diverti muito com a imitação que Brandão, o Popularíssimo, fazia dos ingleses. Ria-me a valer quando ele enterrava o chapéu até as orelhas e esbugalhava os olhos - disse Maria Luísa enquanto cortava mais uma fatia de bolo.

- Lastimo que você encare tudo de maneira leviana. A imperatriz está possessa. Sem falar que, agora, todos sabem que o violino foi dado por mim.

- Como sabem?

- Quem, senão eu, teria a coragem de fazer uma loucura dessas?

- Meu amigo, acho que você enfiou a carapuça, como dizem. Eu poderia perfeitamente ter comprado um Stradivarius. Meu marido deixou-me bastante dinheiro. Nunca ouviu a quadrinha que corre na côrte à boca pequena? "Maria Luísa, a baronêsa,/é jovem muito prendada./Viuvinha, com certeza,/rica, bela e cobiçada."

E arrematou com o prato na mão: - Quer bolo de fubá? Foi feito agora. Pela segunda vez, no mesmo dia, Dom Pedro deu meia-volta e saiu

sem se despedir.

Era impressionante a dignidade que conseguira neste momento difícil, especialmente se levarmos em conta o quanto o imperador adorava bolo de fubá

Capítulo 5

Sarah Bernhardt já estava no Brasil havia quase quinze dias. Hoje, estreava FruFru, peça de Meilhac e Halévy, intrepretando Gilberte. Dom Pedro ocupava o camarote imperial, e o teatro estava em festa. à sua chegada, duas horas antes, a atriz fôra recebida por fogosos estudantes que lançavam flores e gritavam apaixonados, num francês precário aprendido junto às polacas dos bordéis:

"Vive madame Bernhardt!"; "Vous êtes une artiste supimpe! Vous êtes bonne à besse"; "Allons enfants de la patrie! Sarah Bernhardt est arrivée!". às portas do São Pedro, pouco antes do espétaculo, ainda se viam as baianas com seus tabuleiros gritando aos passantes: "Olha a canjiquinha, iaiá, bem quente!

Pamonha fresquinha! Olha o doce de côco! Olha o quindim!". Outros vendedores mostravam petiscos mais arriscados: "Empadinha de camarão! Não achando o camarão, não paga nada!. Os doceiros de caixa anunciavam pipoca, goiabada, gergelim, cocada, bananada e outras delícias.

A casa estava lotada. Da platéia à torrinha, brasileiros de todas as classes que iriam ver aquela vedete francesa que se apresentava em nossas terras. Para muitos, que não entendiam uma palavra do que estava sendo dito em cena, era um espetáculo de circo, e Sarah um fenômeno tão misterioso quanto um tigre que tocasse flauta ou um elefante equilibrista. A peça durou perto de três horas, devido às interrupções causadas pelo público mais exaltado: "Eia, madame!;

"Cuidado,dona Sarah, que ele já contou tudo para a outra mulher!"; "É mentira!

Não acredite, é mentira! Ela já leu a carta quando a senhora foi lá dentro!". No final do primeiro ato, muitos se levantavam, pensando que o espetáculo tinha terminado. Ao perceberem o engano, disfarçavam, compravam mais algum doce e refresco no saguão e voltavam aos seus lugares. Quando, finalmente, a cortina desceu pela última vez, mais da metade da platéia se amontoou à saída dos artistas para ver de perto o mito vivo. Em meio ao público, uma frágil e doce figura de mulher, quase menina. Era camareira no palácio imperial e

tinha conseguido um ingresso para assistir ao espetáculo. Sarah abriu a porta para enfrentar a multidão. Outra chuva de flores, outros gritos de "Vive Sarah Bernhardt!". Alguns, mais afoitos, se aproximavam para tocar as roupas da atriz. Maurice Grau teve de usar toda a sua experiência para afastar com firmeza a multidão sem parecer antipático. De passagem, a francesa comoveu-se com a meiga aparência da moça. Perguntou à

jovem:

- Comment t'appelles-tu?

- Francisca - disse a menina, sem crer que estava de fato falando com Sarah Bernhardt. A atriz puxou de sua pochette um cartão e com uma lapiseira de ouro, presente do duque de Estrasburgo, assinou seu nome junto à dedicatória:

"Pour Francisca, belle et jeune bresilienne qui m'a vue jouer FruFru, à Riô. Sarah Bernhardt". Beijou a jovem nas faces, entregou-lhe o cartão e rapidamente subiu à caleche que a esperava. Foi tão ágil que Maurice Grau teve de correr para acompanhá-la.

Francisca Meireles não acreditava na sua sorte. Para ela, era um milagre que a própria Sarah Bernhardt, seu ídolo desde os tempos de internato no convento, tivesse saído dos seus cuidados para lhe dar um autógrafo. Guardou a valiosa prenda na pequena bolsa e seguiu a pé pela rua da Constituição. Ia ser difícil achar um carro de praça àquela hora. Os cocheiros, todos de sobrecasaca, estavam ainda em frente ao teatro esperando por gorjetas mais altas. Não se importava.

Para ela, a noite havia sido perfeita. Moça de muitas prendas, seu tio, o pintor Vitor Meireles, tinha conseguido com o imperador um lugar de camareira no palácio, e o destino generoso fizera, inclusive, que, por causa disso, ela ganhasse o ingresso para o espetáculo dessa noite.Abriu a bolsa e retirou o cartão. Tinha medo de que tudo não passasse de um sonho. Leu novamente a dedicatória, depois, apertando o troféu na mão esquerda, como se temesse que ele fosse sumir diante dos seus olhos, seguiu andando, num devaneio comum às jovens da sua idade.

Quando percebeu, já estava na rua São José. Atravessou a rua da Guarda Velha em direção ao chafariz, imensa construção que lembrava o feitio de um templo, com vinte e nove bicas de bronze sempre muito polidas. Era ali que o populacho do morro de Santo Antônio e do Castelo vinha se abastecer de água. Estava deserta, a

praça do chafariz àquela hora. A jovem, ainda com a boca seca pela emoção, aproximou-se para matar a sede. Assim que se inclinou em direção a uma das bicas, ela sentiu a presença de outra pessoa.

A pobre menina mal tem tempo de ver a longa adaga faiscar à luz dos lampiões da rua. Rapidamente, seu pequeno rosto é envolto por uma capa e a jovem é

derrubada de encontro ao parapeito. A lâmina faz uma incisão perfeita na parte inferior do ventre e vem subindo lentamente em direção ao esôfago. Com perícia, ele retalha toda a parte do abdômen. A moça nem tem consciência do que está acontecendo. Sente apenas frio, muito frio e cai em um dos tanques, tingindo de vermelho as águas do chafariz. Ele se curva sobre o corpo e corta as duas orelhas da infeliz camareira. Sem saber por quê, cheira-as antes de guardá-las. Finalmente, puxa o violino que está preso à cintura dissimulado pela capa, e executa o mesmo ritual macabro. Desta vez, é o sol que ele arranca do instrumento.

Coloca o fio enroscado junto aos pêlos pubianos. Em seguida, afasta-se em direção à igreja de Santana, executando, nas duas cordas que sobram no violino,uma czarda patética e melancólica.

Para o delegado Mello Pimenta, aquela seria sempre a rua Bobadela. Conhecia a via estreita desde criança e pouco se lhe dava que a tivessem rebatizado.

"Guarda Velha. Isso é lá nome de rua?", pensava, neurastênico. A Bobadela havia trocado de nome exatamente por causa do Corpo da Guarda Militar, que ali se instalara para manter a ordem entre os carregadores de água que freqüentavam o chafariz da Carioca. Atravessou a rua, passou em frente ao convento de Santo Antônio e seguiu pelo largo da Carioca, até chegar ao chafariz. Estava exausto. Tinha passado a noite e parte da manhã tentando resolver um problema de escravos fugidos para o quilombo da Gávea. Secretamente, Pimenta era um abolicionista convicto, mas não pôde deixar de atender ao proprietário, que vinha muito bem recomendado pelo senhor chefe de polícia. O sol do meio-dia não o incomodava tanto. Aborrecia-se, sim, pelo fato do corpo da moça não ter sido recolhido até então.Um cordão de isolamento formado pelos soldados de polícia, os "mata-cachorros", impedia que a pequena multidão de curiosos se amontoasse em volta da jovem morta.

"Parecem moscas-varejeiras", fungou, mais irritado ainda. Rompeu o cordão e aproximou-se do doutor Saraiva, que já se encontrava no

local. O legista tinha os olhos injetados e empapuçados, provavelmente devido ao excesso de álcool. Saraiva era competente, porém várias vezes quase perdera o emprego por causa do vício da cachaça. Qualquer informação, por mais secreta que fosse, era arrancada do médico, pelos jornalistas, depois que a aguardente lhe destravava a língua.

Mello Pimenta perguntou, sem mesmo dizer bom-dia:

- Então, professor? O que me diz?

- Nada de bom, nada de bom... - respondeu Saraiva, coçando a cabeça com a mão ensangüentada e deixando mais uma mecha vermelha nos cabelos brancos. - Lembra muito aquele caso da prostituta da rua do Regente.

- O quê? Mais uma "mulher de janela" assassinada?

- Não, não. Pelos papéis que encontrei, é uma moça de família. Há uma carta de apresentação dizendo que a moça era camareira no palácio. Chama-se Francisca Meireles. É sobrinha daquele pintor, Vítor, amigo do imperador, lá da Academia Imperial de Belas-Artes.

- Era só o que me faltava. E qual é a semelhança com o outro crime?

- Primeiro, as duas orelhas que faltam; depois, a violência dos cortes. Só que desta vez não foi no pescoço. O assassino destrinchou a moça como um leitão. Saraiva adorava estas analogias culinárias. - Além disso, nota-se a mesma precisão no uso da faca.

Pimenta percebeu que havia alguma coisa na mão esquerda cerrada da vítima. O

braço estava esticado para fora do tanque. Parecia que a morta tinha feito um último esforço para que a peça que segurava não se molhasse. O policial tentou abrir os pequenos dedos já enrijecidos. Não conseguiu.

- Se me dá licença - disse Saraiva, aproximando-se. Pegou na mão sem vida e bateu-a com força de encontro à pedra do chafariz, como se fosse uma noz. Os dedos partidos se abriram, deixando ver o cartão amassado. Usando o próprio polegar e o indicador, o médico, delicadamente, retirou o bilhete com a dedicatória da atriz e num gesto arrebicado entregou-o a Pimenta. O delegado leu, interessado:

- Sarah Bernhardt. Não é a francesa que está se apresentando no São

Pedro?

- Exatamente. A maior atriz do mundo. Você ainda não foi assistir?

- E eu lá tenho tempo? A última vez que entrei num teatro foi para ver João Caetano em Antônio José. - Olhou novamente o bilhete. - Parece que essa menina esteve no espetáculo de ontem à noite. Não sei se isso ajuda muito - disse, guardando o cartão no bolso do colete.

Saraiva arrastou o detetive pelo braço:

- Mas isso talvez ajude - disse, puxando do bolso a corda de violino. - Outra corda musical. Enrolada, igual à outra, em meio aos pêlos do púbis. Provavelmente do mesmo instrumento. Da mesma forma que alguém tira um cisco de um casaco, o legista afastou um pêlo que ainda estava enroscado à corda. Estendeu-a, depois, ao delegado:

- Souvenir...

Pimenta guardou-a com asco. Não tinha dado muita atenção à corda no primeiro crime, entretanto esta repetição indicava claramente que se tratava do mesmo mentecapto. Precisava averiguar rapidamente que tipo de instrumento era e descobrir que espécie de patologia cerebral leva alguém a colecionar orelhas. Talvez essas esquisitices fossem pistas que o desequilibrado deixava em seu caminho.

A esta altura, não tinha mais dúvidas de que se tratava da mesma pessoa e de que era um desequilibrado. Duas vítimas em menos de um mês. Ele esperava que o monstro não continuasse na mesma cadência. Em todos os seus anos de polícia nunca vira nada parecido. Duas vítimas de um mesmo assassino, que pouco tinham em comum. Uma, prostituta; outra, camareira do palácio. Começou a imaginar que semelhanças haveria entre as duas. Eram jovens. Muito jovens. Bonitas. Nenhuma das duas tinha orelhas. Não, isso não contava. Antes de terem a malfadada sorte de encontrar aquele monstro, tinham quatro orelhas. Quer dizer, duas cada.

Pimenta percebeu que já não raciocinava com clareza. O sol e o cansaço começavam a embotar suas idéias. Precisava ir para casa, lavar o rosto e comer alguma coisa.

Despediu-se de Saraiva:

- Bom, não tenho mais nada que fazer aqui. Me avise se descobrir algo de novo.

- Daqui a pouco também vou. Só estou esperando os homens que vêm retirar o corpo.

Quero começar a necrópsia logo à tarde. Mesmo assim, vai ser difícil encontrar qualquer novidade. A não ser que você queira saber o que foi que a moça comeu antes de ir ao teatro... - riu o médico, demonstrando mais uma vez a queda que tinha por esse tipo de gracejos.

Dona Esperidiana já estava acostumada com os horários do marido. Sabia que um delegado de polícia muitas vezes passava a noite em claro e Mello Pimenta era um homem dedicado a sua profissão. Ele costumava brincar com ela a respeito do seu nome: "Não é Esperidiana? Então, espera que eu volto". Ela não tinha ciúmes, pois sabia que Pimenta perseguia criminosos e não saias de mulheres. Esperidiana, aos trinta e dois anos, era uma mulher atraente. Não de uma beleza clássica.

Possuía o que os franceses chamavam de la beauté du diable. Muito branca, olhos grandes, cabelos lisos e negros, ganhara na infância o apelido de

"Espanholinha" que ela detestava. Enquanto o delegado fazia a barba com uma velha navalha alemã, única herança do pai, ela punha a mesa na cozinha, servindo tapioca quente

com manteiga e café, prato preferido do marido.

- Cuidado para não cortar as tuas! - gritou em direção ao quarto.

- O quê?

- As tuas orelhas...

Pimenta costumava discutir seus casos policiais com a esposa e ela estava a par dos recentes assassinatos. Ele acabou de escanhoar o queixo, lavou o rosto na bacia de ágata e foi encontrar-se com a mulher. Sentou-se, enquanto Esperidiana servia o café bem forte e fumegante.

- Sabes que não gosto quando fazes essas pilhérias - disse Mello Pimenta, fingindo-se de aborrecido. - Até pareces o Saraiva.

- Toma o café antes que esfrie. - Ela sentou-se ao lado do marido.

- Este caso das moças mortas está se tornando uma maçada. Nem sei

por onde começar - queixou-se o delegado.

- Por que não pedes ajuda a esse detetive inglês que está por chegar?

- Que detetive?

- Ora, saiu outro dia no Múcio Prado. Parece que o nosso mui amado soberano convidou um senhor Cherloc qualquer coisa para descobrir quem roubou um violino caríssimo da baronesa Maria Luísa. É o último potin da cidade. Não leste? - perguntou Esperidiana, que não perdia uma seção do cronista do Jornal do Commercio.

Ela adorava saber dos mexericos da aristocracia e preenchia suas tardes vazias fantasiando estar em festas e saraus da corte.

- Um violino? - perguntou Pimenta, puxando do bolso a corda de tripa. - Será

que isto é uma corda de violino?

- Não sei. De violão é que não é - respondeu Esperidiana. Quando menina, ela aprendera a tocar naquele instrumento algumas modinhas de Caldas Barbosa. –

Onde a encontraste?

- No local do crime - disfarçou Pimenta, que evitara contar à esposa essa parte escabrosa da história. - Na verdade, uma perto de cada vítima. - Guardou novamente a corda.

- Come antes que esfrie.

Pensativo, o delegado Mello Pimenta passou mais manteiga na tapioca, enquanto ponderava se valeria a pena pedir auxílio ao tal detetive inglês. Capítulo 6

O Aquitania estava fundeado à entrada do porto do Recife, sua primeira parada no Brasil. A cidade fora assim chamada por causa dos arrecifes que cercavam toda a sua costa e o ancoradouro. O imenso vapor de quatro chaminés deitara ferro longe dos corais, e os poucos passageiros que desembarcavam tinham de descer, receosos, em pequenas cestas de vime. O mar estava infestado de tubarões, que nadavam em volta do navio à caça dos restos de alimentos que sempre eram lançados às ondas pelos cozinheiros. O calor ainda era intenso às cinco horas da tarde. Cherloc Holmes e o doutor Watson se debruçavam sobre a amurada em busca da brisa marinha.

- Parece a índia -reclamou Watson. - Só senti calor igual em Bombaim, quando estive lá em 78, como cirurgião-assistente do quinto regimento de fuzileiros de Northumberland, durante a segunda guerra afegã.

Holmes não lhe deu atenção. Estava absorto, concentrado nos afazeres dos pescadores de tubarões, que rodeavam o Aquitania em suas pequenas embarcações. Tinham um sistema de pesca invulgar. Traziam, nos botes, caldeirões de ferro onde ferviam abóboras enormes. Assim que as abóboras ficavam escaldantes, lançavam-nas ao mar.

Os tubarões, como focas amestradas, recolhiam-nas em suas goelas, engolindo sem mesmo mastigar, e mergulhavam. O calor insuportável das abóboras explodia as entranhas dos animais, que voltavam à superfície, boiando, já mortos. Os pescadores, então, recolhiam os imensos peixes em seus barcos. Para eles, toda esta operação era monótona. Trata-se de uma técnica primitiva e eficaz, passada, havia gerações, de pai para filho. Trabalhavam em silêncio, em respeito, talvez, às carcaças dos bichos que matavam. Holmes observava, cativado:

- Veja, Watson. Engenhoso e primitivo. Os tubarões são tão vorazes que nem têm tempo de notar que a presa que engolem é uma armadilha mortal.

- Nunca imaginei que esse peixe fosse tão burro - desdenhou Watson, puxando seu relógio. - Já passa das cinco. Hora do chá.

- Meu caro Watson, vejo que você ainda não se acostumou aos trópicos. Em vez de chá, é melhor experimentar essa água-de-côco que os marinheiros acabaram de trazer a bordo. Dizem que é refrescante e deliciosa.

- Fico com o chá. Basta a diarréia que tive em Calcutá quando experimentei suco de manga com leite.

- Watson, às vezes me espanta a sua falta de capacidade de se adaptar às circunstâncias. Por mim, já me sinto um nativo.

- Pode ser. Eu levo mais tempo. Afinal de contas, Londres não se fez num dia.

- Foi Roma, Roma é que não se fez num dia. - corrigiu Holmes.

- Nem Londres - teimou o doutor.

Os dois afastaram-se pelo convés em direção ao salão. Holmes, excitado pela aventura de estar conhecendo novas terras, e Watson, apreensivo com a excitação do companheiro.

A imensa sala principal do Aquitania servia ao mesmo tempo para café da manhã, almoços, jantares e danças. Ao cruzarem o Equador, tinha havido um colossal baile à fantasia oferecido pelos oficiais de bordo. Holmes, rei dos disfarces, ganhara o primeiro prêmio do desfile, para desespero de Watson, que odiava quando o amigo se vestia de cigana. O detetive ficava irreconhecível com os longos brincos e a saia vermelha de cetim, oferecendo-se para ler a buenadicha. O troféu, uma estatueta de Netuno, já estava guardado nas bagagens. O

doutor não queria tê-la à vista, lembrando-o constantemente daquela noite. Antes da festa, em seu camarote, Cherloc usara uma grande quantidade de cocaína, hábito que Watson reprovava. Ficou tão tomado pelo efeito da droga que, depois do concurso, terminou a noite dançando com o comandante. à tarde, no mesmo salão, servia-se o chá. Os dois instalaram-se numa mesinha perto de uma escotilha, de onde, ao fundo, à esquerda, podiam-se avistar os contornos da cidade de Olinda. Cherloc, que não conhecia a colonização de Maurício de Nassau, admirava-se com a arquitetura do Recife.

- Não fosse o clima, eu julgaria estar ainda na Europa - disse Holmes, tomando de um trago sua água-de-côco.

- Isso se você não olhar os escravos seminus que trabalham no cais - respondeu Watson, contemplando os negros e bebericando seu chá. Quando os dois já se preparavam para levantar, um jovem camareiro aproximou-se com uma salva de prata:

- Telegrama para o senhor Cherloc Holmes.

O detetive abriu o envelope e leu a mensagem escrita num inglês bisonho:

WELCOME MISTER CHERLOC HOLMES PERIOD PLEASE HELP PERIOD TWO STRANGE MURDERS

OF YOUNG WOMEN PERIOD ASSASSIN CUT OFF EARS AND LEAVES STRINGS PERIOD SETRINGS

MAYBE VIOLIN PERIOD HOPE SEE YOU IN RIO DE JANEIRO PERIOD

ATTENTIONNELLY COMMA

INSPECTOR PIMENTA

- Curioso, muito curioso - murmurou Holmes, guardando o telegrama no bolso.

- O que foi? Notícias da Inglaterra?

- Não, do Rio de Janeiro. Um policial pedindo meu auxílio. Parece que o destino me leva sempre ao encontro dos crimes mais escabrosos - respondeu Cherloc, puxando o seu cachimbo e começando a enchê-lo. - Acho que o caso do Stradivarius roubado vai ficar obnubilado por esses recentes acontecimentos. Watson irritou-se com o interesse do amigo pelo telegrama:

- Eu pensei que você fosse aproveitar esta viagem para desanuviar a cabeça dos intricados problemas policiais de Londres. Você precisa repousar, Holmes. afinal, até Cristo descansou no sexto dia.

- Foi Deus quem descansou, Watson, e no sétimo... - informou Cherloc Holmes, saindo em direção ao convés.

Oito horas da manhã. Júlio Augusto Pereira, o marquês de Salles, já trocara de roupa na Casa de Banhos do Boqueirão, à rua Luiz de Vasconcellos, e estava estendido nas areias da praia da Saudade. Tinha apenas trinta e oito anos, no entanto sofria de ataques de gota. O doutor Ribamar, seu médico, tinha recomendado banhos de mar como receita infalível para o mal que o afligia de tempos em tempos. Como levava uma vida desregrada e era difícil, para ele, levantar-se àquelas horas, o marquês, sempre que era dia dos mergulhos terapêuticos, esticava ainda mais a noitada anterior e seguia direto para a praia. Melhor faria o clínico se prescrevesse a Júlio Augusto uma dieta seca, cortando os vinhos e conhaques que tanto agradavam ao nobre boêmio, mas, como era companheiro de farras do marquês, ficava difícil sugerir um regime mais rigoroso:

- Banhos de mar, meu amigo. Para a gota, nada melhor do que longos

banhos de mar.

O efeito curativo do iodo é indiscutível - dizia o doutor Ribamar, à mesa da Confeitaria do Paschoal, enquanto bebia seu armagnac ao lado do marquês. Já meio embriagado, o nobre respondia:

- Por isso é que eu gosto do doutor. Imagine que um médico da côrte, o Vilella, que cuida da erisipela de Dom Pedro, disse que, no meu caso, o álcool era prejudicial.

- Balelas. Vilella é da escola francesa. Meu tratamento é muito mais moderno sentenciava Ribamar, para alívio do marquês.

- ótimo! Então, mais uns copos e vamos às putas! - E seguiam na bandarrice até

altas horas da madrugada. O marquês de Salles adorava freqüentar as moças do sobradinho e, apesar de muito rico, por diversão, tinha o hábito de sair correndo sem pagar, depois de satisfeitos seus desejos. Já era conhecido em alguns logradouros. Quando chegava à rua do Sabão, as moçoilas gritavam, pelas persianas, às desavisadas:

- Cuidado, que este é de passar carona!

Júlio Augusto estava estirado na praia há mais de uma hora. Começava a sentir sono e estava em dúvida se devia ir para casa cuidar da ressaca ou mergulhar mais uma vez nas ondas. Ao longe, singrando as águas da Guanabara, dois remadores retardatários do Club de Regatas Cajuense passaram com suas canoas, em direção à praia dos Cavalos. Treinavam para as próximas corridas náuticas de Paquetá. Enquanto pensava, Dê Salles ouviu, distantes, vozes de pessoas que conversavam em francês. Virou-se e, para sua surpresa, vislumbrou Sarah Bernhardt, em longo costume de banho. Caminhava, conversando acaloradamente com Maurice Grau. Certa mente, a francesa desconhecia os hábitos da terra. Não era comum senhoras de qualidade irem ao banho àquelas horas. Às sete da manhã, as areias já se faziam raras de famílias, Apesar do espanto, fez sinal para que eles se aproximassem. Grau envergava um traje de banho ousado, camiseta de manga muito curta e calções negros à altura do joelho. Sarah vestia amplas calças de baeta e um blusão azul de gola larga à marinheira. Calçava sapatos de corda, amarrados nos tornozelos, como sandálias romanas. Na cabeça, trazia um chapelão preso ao queixo por um lenço de seda. Os dois seguiram discutindo sem dar atenção ao marquês:

- Non, c'est ridicule! - gritava Sarah, exasperada.

- Ecoutez, le mal est déjà fait. Maintenant il faut y aller - tentava convencê-la o secretário.

- Bonjour, madame Bernhardt. Monsieur Grau, comment ça va? - disse, levantando-se o marquês.-Não sei se lembram de mim, Júlio Augusto Pereira, marquês de Salles.

Estivemos juntos num jantar no Grande Hotel, logo depois da Dama das camélias.

- Ah, oui, le marquis de Salles, bonjour, monsieur - disse a Divina, visivelmente contrariada.

- Posso perguntar, madame, a que devem as nossas praias o privilégio e a honra da sua visita matinal?

- Ao meu mau humor, monsieur, ao meu mau humor. Meu médico particular costuma dizer que nada melhor para debelar as neurastenias do que o ar marinho.

- Pois agradeço à sua irritação esse prazer inesperado. É inacreditável, a Divina Sarah Bernhardt nas praias do Rio! Caso eu recolhesse, em garrafas, essas areias pisadas por tão magnífica presença, faria com elas mais sucesso em Paris do que um peregrino com frascos de água de Londres! - despejou, lisonjeiro, o marquês.

Sarah e Grau entreolharam-se e, depois de um instante, a atriz e seu secretário explodiram numa gargalhada:

- Ah, monsieur, só mesmo um brasileiro para me fazer rir, a esta hora da manhã, depois do que eu passei nesses dois dias - queixou-se Sarah Bernhardt.

- Posso saber o que aconteceu? - perguntou o marquês, que passara as últimas quarenta e oito horas num dos conventilhos da senhora Barbada, no Jardim Botânico.

- Imagine, monsieur le marquis, que no espetáculo de anteontem, quando chegamos ao a quem dei emprego por caridade, têve a audácia de desdenhar do público, recitando seu papel mecanicamente, quase a dormir. Chegou ao cúmulo de dar-me algumas réplicas fora de hora. Imperdoável.

- Posso calcular o quanto madame deve ter se aborrecido.

- Não, não pode, monsieur, nem mesmo Eugene ficaria mais possesso -

disse Grau, referindo-se a Eugene Scribe, autor da peça. - Sarah aborreceu-se a ponto de dar-lhe uns tabefes e quebrar-lhe uma sombrinha na cabeça.

- Só lamento pela sombrinha - retrucou la Bernhardt.

- O problema - continuou o secretário - é que Martha levou o incidente a sério. Ontem mesmo, deu queixa numa delegacia, e madame Bernhardt foi intimada a prestar depoimentos hoje à tarde. Como imaginar situação mais desagradável?

- Só que não vou. Pronto. Não vou.

- Sarah, seja razoável, tenho certeza de que é somente uma formalidade. Inclusive, me garantiram que o nosso advogado é da melhor qualidade –

argumentou Maurice Grau.

- Posso perguntar quem é? - intrometeu-se De Salles.

- Um certo monsieur Nabuco. Sizenando Nabuco - respondeu Grau, enrolando a língua.

- Estava assistindo à representação e foi recomendado pelo nosso empresário. Conhece?

- Claro que sim. Madame não podia estar em melhores mãos. Sizenando é irmão do deputado Joaquim Nabuco. Abolicionista, mas muito competente. Sarah desviou o olhar em direção ao oceano:

- Bom, se for absolutamente necessário, veremos. Depois do almoço. Agora, já

que estamos na praia, vamos ao mar. Nunca vi paisagem tão linda. Lembra-me o poeta: "Luxe, calme...

-...et volupté"... - completou o marquês, beijando sensualmente a ponta dos dedos da Divina.

Surpresa, Sarah Bernhardt retirou a mão:

- Vejo que o marquês conhece bem Baudelaire.

- Sempre que leio "L'invitation au voyage", penso que ele estava falando do Brasil.

- Como foi que ficou assim íntimo dos nossos poetas? - perguntou Maurice Grau, interessado na cultura de Júlio Augusto.

- Meu pai era apaixonado pela França. Fiz a École Polytechnique, em Paris respondeu De Salles, preparando-se para partir.

- Vamos, Maurice - disse Sarah, puxando seu secretário em direção às ondas. Os dois saíram correndo pela areia, que já começava a esquentar.

- Espero que aproveitem o banho. Cautela com o sol, e com esse mar que às vezes é traiçoeiro. Não se afastem da proteção - completou o marquês, apontando a corda amarrada a uma bóia distante uns trinta ou quarenta metros da arrebentação.

A corda servia de arrimo aos banhistas:

- Au revoir, monsieur le marquis!

- Au revoir, madame - acenou o nobre devasso, pensando que a francesa, apesar da idade, ainda daria bom caldo.

Jamais se vira tamanho rebuliço na delegacia fluminense do terceiro distrito policial, na esquina da rua do Lavradio. Já passava das quatro e, a qualquer momento, Sarah Bernhardt, a maior atriz do mundo, entraria naquele recinto para responder a uma intimação.

Para o delegado Mello Pimenta, titular da delegacia, tudo aquilo era apenas um aborrecimento. Bastavam-lhe os contratempos que enfrentava investigando os crimes da rua do Regente e do chafariz. Vítor Meireles usara de influência junto à côrte para apressar as diligências, colocando todos os recursos possíveis à sua disposição, no entanto Pimenta sabia que aquilo pouco ia adiantar. Não conseguira ainda juntar as pistas que ligavam os dois assassinatos. Uma algazarra infernal vinda de fora chamou a atenção do policial:

- É ela! É ela!-Meu Deus! Como é linda!

De repente, foi como se um raio de luz entrasse pela porta. Sarah Bernhardt, faces avermelhadas pelo sol da manhã, toda vestida de rosa, aproximou-se da escrivaninha. Pimenta levantou-se para recebê-la:

- Mello Pimenta, à vos ordres. Asseyez-vous, madame, s'il vous plait. Ah, quelle surprise! Vouz parlez français?

- Não, senhora. Só essa frase, que eu ensaiei a manhã inteira. Mello deu a volta à mesa e puxou uma cadeira para a atriz. Assim que Sarah sentou-se, a cadeira, móvel precário de pernas tortas, ganhou estatura de trono. Em pé, ao seu lado, Maurice Grau e o advogado Sizenando Nabuco.

- Não tem importância, delegado. Servirei de intérprete. Sou o advogado Sizênando Nabuco, irmão do deputado Joaquim Nabuco. Represento madame neste episódio lamentável. O senhor certamente sabe com quem está falando.

- Claro que sei, doutor Nabuco, claro que sei. Infelizmente, fui obrigado a lavrar a ocorrência, porque a senhorita Martha Noirmont fez questão de dar queixa.

Aqui está uma cópia do depoimento ditado, ontem, ao escrivão Lousada - disse Pimenta, apontando para o funcionário de terno marrom, muito puído, sentado ao fundo da sala,e entregando uma folha de papel ao advogado. Lousada, uma figura esquálida,quase sem cabelos, era escrivão de polícia há mais de vinte e oito anos e tinha medo de qualquer coisa que pudesse atrapalhar a sua aposentadoria.

Levantou-se e saiu às pressas em direção ao xadrez, grunhindo que tinha de levar comida para os presos.

- Salope - sibilou Sarah, entre os dentes, referindo-se à colega. Sizenando fingiu que lia atentamente o documento:

- É deplorável...deplorável...O delegado há de compreender que tudo não passou de fantasia dessa mocinha. É muito nova na profissão. Não entendeu que madame Sarah Bernhardt estava apenas desempenhando seu papel.

- Seu papel? - perguntou Pimenta, admirado.

- Sim, a bofetada e a quebra da sombrinha faziam parte do texto. Com o entusiasmo que empresta a suas criações, talvez madame tenha exagerado um pouco. Conhece Adrienne Lecouvreur?

- Nunca fui apresentado - disse o delegado, que não era amante do teatro.

- É o nome da peça, delegado. Trata da história de uma grande atriz francesa do século passado que viveu um tórrido romance com o conde Maurice de Saxe, marechal de França. É natural que outra grande atriz francesa, ao incorporar a personagem, tenha, num gesto

passional, extravasado suas emoções! Quem somos nós para julgar sua arrebatada interpretação? Gostaria, a Justiça patrícia, que sucumbíssemos a esta farândola e nos transformássemos em juízes e algozes da musa Melpômene? - bradou, melodramático, o defensor das artes, sacudindo o papel.

Os queixosos e requerentes de atestados de pobreza que se amontoavam na delegacia aplaudiram freneticamente. Não entendiam uma palavra, mas a eloqüência do jurista era prova suficiente da inocência da atriz. Pimenta pôs ordem na casa:

- Caluda! Pensam que a delegacia é um valhacouto de papalvos? - gritou para mostrar que também tinha bom vocabulário. - Se continuarem com esta algazarra, recolho todos ao xilindró! - Voltou a sentar-se: - Tenho certeza de que o incidente será superado, doutor Nabuco. Afinal, não queremos que madame Sarah Bernhardt leve uma impressão ruim da nossa terra. Só fui obrigado a remeter a intimação para cumprir a lei. Agora, que ouvi suas explicações, creio que o incidente está encerrado.

- Obrigado, delegado - disse, magnânimo, o advogado, guardando na algibeira a cópia da ocorrência.

Mello Pimenta sabia perfeitamente que não adiantava dar murros em ponta de faca.

As amizades influentes dos Nabuco e a importância da atriz levariam ao arquivamento do processo numa das gavetas empoeiradas da Côrte de Justiça do Rio de Janeiro.

- C'est tout?-perguntou Sarah, levantando-se.

- Oui, madame - arriscou Pimenta, em francês. Ergueu-se para acompanhá-los. –

Se não for muito incômodo, gostaria de perguntar se dona Sarah, por acaso, lembra desse cartão - disse Pimenta, tirando, do bolço do colete, o papel amassado com a dedicatória da atriz.

- Mas é claro - respondeu Sarah -, dei esse autógrafo para uma linda jeune fille que estava à saída do teatro. A doçura do seu olhar chamou minha atenção. Sua filha?

- Não, madame. Infelizmente é uma das vítimas num caso tortuoso de assassinato em que estou trabalhando.

- Que horror!

- A senhora notou se alguém a acompanhava?

- Ah, não! Quando eu saio do teatro, não vejo nada. Entro direto no carro à

minha espera. Só parei porque essa menina era realmente diferente. Sinto muito, delegado. Espero que o senhor prenda o selvagem que fez isso. Boa sorte nas suas investigações, ou, como nós de teatro dizemos na França, merde!

- Merde para a senhora também - respondeu Pimenta, dando um vigoroso aperto na mão da atriz.

Sarah Bernhardt retirou-se da delegacia, acompanhada por seu séquito, como se estivesse saindo de cena no segundo ato de Ruy Blas. Capítulo 7

A luz do candeeiro lança sombras sobre os muros do aposento. Ele olha seu contorno lúgubre, agigantado, e sorri. Com suas mãos, cria imagens infantis de coelhos e raposas, que a chama bruxuleante projeta em silhuetas. Ele fixa novamente seu espectro na parede. É esta imagem que elas guardam na retina antes de morrer. Não compreende o que o leva a fazer aquilo, mas sabe que tem de continuar. Se não o detiverem, ele segue matando. A cada vez, os recados que deixa ficam mais evidentes, no entanto ninguém parece entender. De tanto ler, ele já sabe de cor o trecho do manual de anatomia de Le Pileur,"Lê corps humanin", que trata dos pulmões. Ele declama em voz alta, como se fosse poesia: "órgão essencial para a respiração. São dois, porém recebem o oxigênio pelo mesmo canal e o sangue por um único vaso. Devem ser considerados como a expansão terminal das ramificações da traquéia-artéria. Ou, se preferirmos, como duas copas da mesma árvore. Ocupam a maior parte da cavidade peitoral, que pode ser considerada como sua fôrma ou molde...".Ele fica um tempo em silêncio, escutando a própria respiração. Deve ter permanecido quase uma hora ouvindo o ar entrando e saindo do seu corpo. Depois, levanta uma das tábuas de pinho-de-riga do chão e verifica se o frasco com as orelhas continua no esconderijo improvisado.

Recoloca a tábua no lugar. Do armário, retira a pedra de amolar e a longa faca. Sentado à beira do leito duro como um catre, ele começa a afiá-la com gestos longos, numa cadência lenta. Pedra de amolar, pedra tumular. Lápide sepulcral sem nome. Pedra de amolar, pedra

fundamental, filosofal. Pedra. Pedra preciosa, ciosa, ciente. Pedra angular, pedra de amolar, pedra. Ele aumenta o ritmo, indo e vindo, afiando cada vez mais rápido. Está ofegante e excitado, a testa porejada de suor. Aperta mais fortemente em sua mão o cabo da adaga e, visualizando seu próximo encontro, mergulha num estertor de orgasmo. Seu corpo exausto cai para trás na cama estreita. Pedra. Menos uma pedra no tabuleiro.

A livraria O Recanto de Afrodite, de Miguel Solera de Lara, na rua do Ouvidor, tanto ou mais do que a Garnier, era o principal ponto de encontro dos intelectuais da cidade, quase todos colaboradores dos jornais. O nome sui generis se devia ao fato dela ter pertencido a um professor de grego aposentado, fascinado por mitologia. Sobre a porta, toda trabalhada com motivos helênicos, via-se uma pintura clássica da deusa saindo de uma concha. O pintor tinha acrescentado um livro aberto à mão da Vênus, como se ela estivesse lendo um dos preciosos volumes do acervo. Miguel achara a idéia pitoresca e, ao comprar a loja, conservara a ilustração e o nome. Por lá, passavam diariamente Bilac, Guimarães Passos, José do Patrocínio, que editava a Gazeta da Tarde, Aluísio Azevedo, o marquês de Salles, Angelo Agostini e, o maior boêmio entre eles, Paula Nei. Nei era um caso raro, pois nuca publi cara uma linha. Sua fama nascera e crescera exclusivamente na Ouvidor. Era conhecido pelos poemas e epigramas que recitava para os amigos nos cafés. Tinha um fabuloso talento verbal e também se distinguia pela aparência: pequeno, magro, feio, muito míope, trazia sempre o chapéu-de-côco jogado para trás da cabeça.

Ao cair da tarde, começavam a chegar ao Recanto. Iam ler, para os amigos, novas poesias ou artigos ainda não publicados. De vez em quando, até Machado de Assis dava o ar de sua graça. Nos tempos em que era colaborador da Marmota, aparecia mais amiúde. Depois do sucesso de Memórias póstumas de Brás Cubas, costumava comparecer menos. Dizia, brincando, que a qualidade da sua obra não era compatível com a chacota daquele bando boêmio. Livros, mesmo, compravam poucos. Preferiam ler as novidades ali mesmo, em pé, junto às estantes. Paula Nei chegara ao cúmulo de usar um marcador para saber em que ponto continuar a leitura no dia seguinte. Quando Miguel Solera de Lara reclamou, ele respondeu, ofendido:

- Ah, é? Preferias que eu dobrasse a página, estragando o volume? Que raios de livreiro és tu?

Por essas e outras é que Miguel sonhava em ir morar em Londres. Abrir, talvez, uma pequena livraria no East End. Apaixonado pela Inglaterra e romântico incorrigível, Solera de Lara tinha a noção

estapafúrdia de que era seu dever levar um pouco de cultura às classes inglesas menos favorecidas. Dinheiro não lhe faltava.

Só a mãe pseudo-enferma o prendia a terras brasileiras. Seus amigos, todos com um pé na França, debochavam do livreiro:

- Não sei de onde tiraste esta anglofilia - zombava o marquês de Salles –

então não sabes que tudo o que pensa está em Paris?

Miguel não discutia. Era inútil falar de Shakespeare para ouvidos de Moliere. às duas horas da tarde, havia pouca gente na livraria. Fregueses anônimos folheavam, em silêncio, os lançamentos. Alguns decoradores iam escolher livros a metro para seus clientes novos-ricos. Do grupo, apenas Guimarães Passos estava presente e lia em voz alta para o livreiro seu último poema satírico a respeito de um comerciante riquíssimo que não conseguira cumprir seus deveres matrimoniais na noite de núpcias. As gargalhadas dos dois atraíram olhares de reprovação por parte dos assistentes. Guimarães despediu-se do livreiro, prometendo voltar ao cair da tarde.

Lá fora, escutava-se a agitação de sempre, causada pelos vendedores ambulantes:

- Peru de roda booooa!

- Garrafeeeeeiro!

- Caboleeiro! Cebooola!

- Pão doce! Pão doce saído do foooorno!

- Sorvetinho, sorvetão

Sorvetinho de tostão

Quem não tem seu tostãozinho

Não toma sorvete, não!

De repente entrou na livraria Sarah Bernhardt, acompanhada por seu empresário americano Edward Jarrett, por sua amiga e confidente, a atriz Marie Jullien, e pelos atores Berthier e Philippe Garnier. Sarah, há quase um mês no Brasil, tinha esgotado as leituras que troussera consigo e haviam lhe indicado o Recanto de Afrodite como o melhor lugar do Rio para se reabastecer de livros em francês.

Voltavam para o hotel depois de um almoço no La Renaissance, do chef francês Pierre Labarth. Jarret não queria parar na livraria, pois não estava se sentindo muito bem. - É só um instante, mon cheri. Quero ver se chegou aqui um livro do meu amigo Emile - disse Sarah, referindo-se a Emile Zola. Solera de Lara aproximou-se para atendê-la. Estava encantado por ter a atriz na sua loja:

- Madame, não posso descrever o prazer que me dá recebê-la na minha humilde livraria.

- Soube que não é tão humilde assim. Me disseram que o senhor sempre tem as mais recentes edições francesas.

- Faço o que posso, contudo às vezes os navios atrasam - respondeu, modesto, o livreiro. - Que livro, em particular, está procurando?

- L'oeuvre, de Emile Zola. Parece que está causando o maior alvoroço em Paris, porque Cezanne, amigos há longos anos de Emile, teria se visto retratado na pele do pintor da obra. Dizem que os dois deixaram de se falar - cochichou a atriz em tom de mexerico.

- Infelizmente, madame, este livro acabou de ser lançado. Já o encomendei, mas ainda não chegou. Tenho aqui o Germinal, do ano passado. Por sinal, muito interessante. Fala de uma rebelião de mineiros. Não sei se a senhora conhece.

- Sim, já li. E não é rebelião, é greve - corrigiu Sarah.

- Não é a mesma coisa? - perguntou, contrafeiro, o livreiro.

- Para alguns, é - respondeu Sarah, ligeiramente aborrecida. - Não quero mais tomar seu tempo. Se me permite, devo voltar ao hotel: meu empresário, o senhor Jarret, sente-se meio adoentado. - E completou mais baixo, como se falasse para si mesma: - Temo que esteja sofrendo de febre amarela. - Novamente para Miguel:

- Adeus, monsieur.

Quando se virou para sair, tropeçou em uma senhora gorducha e baixa, porém vestida no rigor da moda, em cinza-escuro, com um vestido ornamentado por sete fileiras de babados. Sarah derrubou um embrulho que a mulher carregava. O

pacote esparramou-se no chão, deixando à mostra um livro e várias cartas largas de baralho que se espalharam pelo piso.

- Oh, pardon! Como sou desastrada! - desculpou-se Bernhardt.

- Ce n'est pas grave, madame - disse a senhora, abaixando-se para recolher o livro e as cartas. Sarah inclinou-se para ajudá-la e exclamou, encantada, ao ver o baralho:

- Mon Dieu! É o Tarôt de Marseille! Não me diga que a senhora põe cartas!

- Só como passatempo. Permita que eu me apresente. Mercêdes Leal. A senhora, é

claro, dispensa apresentações. Vim aqui buscar essa encomenda trazida pelo último vapor.

Miguel me disse que já estava aqui há dias.

Bem, com licença, madame - despediu-se a senhora, dirigindo-se para a porta. Sarah pegou-a pelo braço:

- Ah, não! Por acaso não acredita em destino?

Não sairemos as duas daqui antes que a senhora ponha cartas para mim. Seus acompanhantes protestaram:

- Sarah, realmente preciso voltar ao hotel. O médico me espera - disse Jarrett.

- É verdade, Sarah. Ainda temos que ensaiar antes do espetáculo - completou Berthier, que às escondidas tinha marcado encontro no seu quarto com uma jovem admiradora.

- Então vocês vão indo. Depois eu sigo com Philippe e com Marie - decretou, definitiva, a Divina. Despediu-se dos dois e virou-se para Miguel: - O senhor, por acaso, tem um lugar mais privado onde nós possamos pôr as cartas?

- Certamente, madame. O meu gabinete de leitura, aqui nos fundos. Dizendo isso, afastou uma cortina e acompanhou a pequena comitiva.Mercedes Leal sentou-se a uma pequena mesa em frente a Sarah Bernhardt e começou a embaralhar as cartas com a agilidade de uma profissional.

- Baralho novo. Deve-se embaralhar bastante.

Em volta da mesa, Miguel, Garnier e Marie Jullien observavam em silêncio. Mercêdes pediu que Sarah cortasse e começou a distribuir as

cartas sobre a mesa.

Assim que os grandes arcanos estavam dispostos, Mercedes virou a primeira carta e hesitou:

- Madame deve compreender que isso é apenas um passatempo. Nada em que se possa realmente acreditar.

- Por que diz isso? Viu algo terrível no meu futuro?

- Bem, são cartas novas. Nem li o livro ainda. Confio mais no meu velho Grimaud de Mme. Normande. Talvez seja melhor embaralhar outra vez. Sarah segurou sua mão antes que ela recolhesse o baralho.

- Não, Mercedes. Leia o que está vendo. Meu futuro não pode ser tão horroroso.

- Claro que não, no entanto, se eu fosse a senhora, tomaria algumas precauções.

- Começou a ler as figuras coloridas na sua frente: - O Jongleur, ou Mágico, aparece de cabeça para baixo, bem em cima da Papisa. A Força, ao lado do Imperador e da Imperatriz, sobre a Estrela, mostra o que nós todos sabemos: a senhora é uma mulher de grande poder, talento e sedução. Logo adiante, o Louco e o Diabo.

Vejo que estou em boa companhia - brincou Sarah, e todos, em volta da mesa, riram nervosos. Sem se perturbar, Mercedes Leal continuou:

- O que me preocupa é o Juízo Final, seguido da Morte, do Enforcado e da Torre.

Como a senhora sabe, essas interpretações dependem muito da intuição de quem põe as cartas.

- Mercedes, o que é que você está tentando me dizer?

- Nada, madame, nada, mas tenho um estranho pressentimento de que a senhora não deveria voltar ao Brasil. Vejo aqui um acidente, numa próxima viagem, um tombo de graves conseqüências. A Torre indica isso. - Assim dizendo, Mercedes Leal recolheu as cartas e guardou-as junto ao livro. Na pequena sala, podia-se ouvir uma mosca voar.

La Bernhardt quebrou o encanto levantando-se:

- Bom, pelo menos não tenho nada a temer nesta temporada. Ainda bem, porque as casas já estão lotadas. Merci, Mercedes. Desculpe ter

tomado seu tempo.

- Espero que madame não leve essas coisas muito a sério. É como eu já disse, se fosse com o meu baralho antigo, o da Mme. Normande, mas esse...

- Já sei, baralho novo - interrompeu Sarah Bernhardt. - Ao contrário dos cassinos,para ler o futuro não devemos nos fiar em baralho novo. Não deixe de me ver, hoje à noite, em Le passant. Prometo não escorregar. - Mostrou seus belos dentes numa gargalhada exagerada, despediu-se de Miguel e saiu, ainda rindo, para a rua do Ouvidor.

Capítulo 8

Ao lado do Depósito de Cadáveres da Ordem Terceira da Penitência, no largo da Carioca, bem no começo da rua da Assembléia, havia um bar muito apropriadamente chamado de Bar do Necrotério. Apesar do nome, era um dos lugares mais animados da cidade. Com mesas de ferro batido e tampo de mármore, conversas em voz alta, um piano de parede sempre ocupado por algum notívago, às vezes um violão na madrugada e a atmosfera enfumaçada pelos melhores charutos vindos de Havana e da Bahia, a verdade é que o raio do lugar tinha clima. Também conhecido como "Chope dos Mortos", o Bar do Necrotério era um dos pontos preferidos pela boemia da cidade. Iam lá à procura das salsichas do Alemão e, principalmente, das cervejas Dois Machados, Calsberg, Guiness e Porter, todas importadas da Europa.

Não por falta de excelentes similares nacionais, como a mineira Kremer, a Becker, que vinha de Petrópolis, e a Gabel, rejeitadas pelos boêmios com afetação. O vasilhame desta última era tampado com rolha de cortiça e, para evitar que a fermentação lançasse ao longe a rolha, ficava ela presa à garrafa com barbantes, cortados na hora de servir a bebida. Daí os rapazes logo teremna apelidado de cerveja "marca barbante". Um dos freqüentadores mais assíduos do Bar do Necrotério era Olavo Bilac. Esta noite, a casa estava cheia. À mesma mesa cativa dos fundos, achavam-se, junta mente com o poeta, os amigos Guimarães Passos, Coelho Neto, Paula Nei, Agostini, Aluísio Azevedo, Salomão Calif, o marquês de Salles, José do Patrocínio e Albertinho Fazélli, que pagava a conta. Este era um detalhe indispensável, desde que o Alemão, cansado das penduras, tinha colocado um cartaz bem visível ao lado da caixa com os dizeres: VIADO SÓ AMANHÃ. O erro de grafia devia-se à origem germânica do proprietário, que invariavelmente trocava o Éfi pelo Vê. Ninguém quisera corrigir o pitoresco equívoco. Outra figura cativa da roda era Chiquinha Gonzaga, compositora de talento, que havia feito muito

sucesso um ano antes com a opereta A côrte na roça. Exímia pianista, Chiquinha de vez em quando enfeitava o fim de noite com suas cançonetas e chorinhos. Todos adoravam a compositora, que Paula Nei considerava "a nossa George Sand". Isso porque, desprezando as convenções, ela só andava em companhias masculinas e tivera a coragem de se separar de dois maridos. O escândalo chocara nobres e burgueses. Mais um motivo para aquela turma acolher Chiquinha Gonzaga. Fazendo chacota de si mesmo, o grupo havia se autodenominado a "Malta".

Paula Nei, com seu jeito inimitável, lia o novo código de posturas que havia sido publicado no jornal O Paiz:

- "Fica proibida a colocação de vasos com flores na janela, pois, se derrubados, podem causar ferimentos graves aos transeuntes. Mascaradas só

serão permitidas durante o Carnaval. Os cavalos não galoparão pelas ruas, exceto a Cavalaria em casos urgentes. Serão construídos urinadores públicos para evitar que os cidadãos façam suas necessidades nas calçadas. E, finalmente, serão retiradas todas as escarradeiras das ruas", encerrou, fingindo uma cuspidela no chapéu de Calif, provocando o riso dos amigos. Em seguida, passaram a discutir a chegada de Cherloc Holmes, no dia seguinte. O marquês de Salles fora designado pelo imperador para ir recebê-lo no cais. Albertinho, que mentia despudoradamente, quase disse que conhecera o detetive numa das viagens que fizera a Londres, mas conteve-se, lembrando que poderia vir a ser confrontado com o inglês.

- Parece que ele vem acompanhado de um médico, um tal de doutor Watson informou José do Patrocínio, que soubera da notícia na redação da Gazeta da Tarde.

- Como assim? O homem é doente ou hipocondríaco? - perguntou Bilac.

- Nem uma coisa nem outra. É apenas um amigo inseparável que mora com ele

- respondeu Patrocínio.

- Curioso. Será que o sujeito é maricas? - arriscou o marquês de Salles, que só pensava nessas coisas.

- Era o que faltava. Um inglês maricão - queixou-se Salomão Calif, o alfaiate.

- Bastam os cagarolas que já temos por aqui. Sabes que, outro dia, um queria que eu lhe fizesse umas calças com braguilhas às costas para facilitar-lhe o vício?

"Pago o que for preciso...dinheiro há, senhor Calif, dinheiro há..."

- Conhecendo o teu gôsto pelos reais, nem pergunto se lhe fizeste a vontade gritou Guimarães Passos da ponta da mesa. Todos riram da brincadeira. Se alguém não podia duvidar da generosidade do alfaiate, era o próprio Guimarães. Salomão fizera vários ternos e sobrecasacas para o poeta, sem ver a cor dos seus bilhetes. Um dia, irritado com o amigo, que lhe devia quase um enxoval, disse a Passos que não faria mais ternos antes que o poeta lhe pagasse o que devia. Apesar da longa amizade, Salomão, muito sério, afirmou que o crédito de Guimarães estava suspenso. Fidalgo, o alfaiate prontificou se a continuar fazendo qualquer conserto ou pequenas reformas e costuras que o poeta necessitasse. Uma semana depois, Guimarães Passos entrou na alfaiataria do amigo:

- Ainda vale aquela promessa de me fazeres pequenas costuras?

- É claro - disse o alfaiate.

Passos imediatamente tirou do bolso um saco com botões e os pôs nas mãos de Salomão:

- Então, eu queria que tu pregasses um terno de casimira inglesa aqui nestes botões.

A história era contada pelo próprio Calif, que rira muito e acabara fazendo mais uma roupa para o poeta.

Olavo Bilac voltou ao assunto Cherloc Holmes:

- Falando sério, ouvi dizer que a capacidade de dedução deste homem é

extraordinária. Soube que o delegado Mello Pimenta também vai procurá-lo para pedir ajuda no caso das moças mortas.

- Ainda bem. Não me conformava de ver um cérebro assim brilhante gastar o besunto à procura de uma rabeca - disse Paula Nei.

- Rabeca, não. Um Stradivarius. Vale uma fortuna - corrigiu De Salles.

- Não tanto quanto a vida dessas moçoilas - retrucou Bilac. Neste

momento, entrou no bar o delegado Pimenta. Conhecia bem a todos, pois sempre vinha beber um chope depois do plantão. Como Bilac lembrava que o delegado andara à sua procura,levantou-se e tentou se esconder no meio dos amigos.

- Calma, senhor Bilac. Não há nada contra si. Tudo exagero dos jornais. Afinal, se os nossos jovens não pudessem mais escrever manifestos, o que seria do Brasil?

Só vim aqui tomar uma cerveja - declarou Pimenta.

- E essa é por nossa conta, delegado - disse Albertinho Fazélli, fazendo sinal ao garçom.

Bilac, trancuilizado, voltou a sentar-se, dizendo:

- Curiosa coincidência, o senhor entrar aqui nesse momento. Sabe que estávamos justamente falando das meninas assassinadas? Uma espiga, não, delegado? Falam até que o senhor vai solicitar ajuda ao tal Cherloc Holmes, que vem aí a convite do imperador.

- Não digo que sim nem que não - respondeu Mello Pimenta, aborrecido pelo fato da notícia já correr à boca pequena.

- Ora, Pimenta. Todo mundo já sabe dessa história - disse Chiquinha Gonzaga, sempre irreverente. - O Paiva, aquele dos correios, foi quem se encarregou de espalhar que você mandou um telegrama.

Mello Pimenta ficou tão indignado que se engasgou com a cerveja:

- Quebra de sigilo! Como é que esse canalha teve a audácia de revelar minha correspondência? Isto é crime!

- Disso sabemos nós, só que o Paiva, além de funcionário público antigo, é

irmão da governanta do conde D'Eu. Nele ninguém põe as mãos - explicou Coelho Neto.

- Nem mesmo um zeloso delegado de polícia perseguidor de poetas - arrematou Bilac, com um olhar maroto.

Caíram todos na gargalhada, inclusive Pimenta. Terminou o primeiro chope e imediatamente Albertinho Fazélli pediu ao Laurindo, garçom que sempre servia a turma, para trazer-lhe outra caneca.

- O jovem Bilac tem razão. Como meu telegrama ao inglês parece ser

de domínio público, não há por que negar. Realmente pedi auxílio ao detetive inglês. Só

não sei é se ele vai poder me dar um pouco do seu tempo. Afinal, ele vem ao Brasil chamado por dom Pedro.

- Nenhum detetive que se preze pode deixar de se interessar por dois crimes tão curiosos - disse Aluísio Azevedo, acendendo um charuto. - Só queria saber qual é a especialidade desse moço.

- Isso eu posso adiantar - respondeu Pimenta, com a língua mais solta pelo segundo canecão de cerveja -, porque também solicitei informações à Scotland Yard...

Devido ao chope, a pronúncia do nome da polícia inglesa saiu quase perfeita. O grupo, interessado, se aproximou ainda mais. Fazélli ordenou outra rodada. O marquês de Salles arriscou:

- Aposto que é a dedução. Um bom detetive tem que ter a capacidade de chegar a conclusões, baseado nas pistas, usando apenas a lógica e o raciocínio. Estou certo, delegado?

Mello Pimenta concordou. Estava gostando de ser o centro das atenções:

- E devo completar, marquês, que não é fácil como parece. Quero, inclusive, aproveitar esta roda tão inteligente para fazer uma demonstração. Vou contar um caso muito famoso e ver quem aqui consegue descobrir a solução, tendo as mesmas pistas.

- ótima idéia! - animou-se Aluísio Azevedo. - Parece um jogo de adivinhação.

- Adivinhação, não, seu Aluísio: dedução! - pontificou Mello Pimenta, instalando-se à mesa.

Estava senhor da situação. Os boêmios, mesmo os das mesas adjacentes, se aproximaram para beber suas palavras e mais alguns litros de cerveja. Pimenta tomou outro gole, enxugou a espuma branca do bigode, fez uma pausa e começou:

- Como disse antes, é muito difícil. Coisa para profissionais. Não fiquem amofinados se não chegarem a nenhuma conclusão. Claro que vou omitir nomes e locais.

- Num tom mais soturno iniciou a narrativa da velha charada policial,

colocando-se como protagonista: - Uma mulher foi encontrada morta num jardim, uns duzentos metros atrás da sua casa, com um tiro na cabeça.

- Boa coisa ela não devia ter feito - grunhiu Alberto Fazélli, que não tinha o sexo frágil em alta conta.

Coelho Neto ordenou que ele se calasse e Mello Pimenta continuou:

- Quando cheguei, o marido me disse que foi o primeiro a encontrá-la. Ouviu o disparo, saiu em sua direção, viu que ela sangrava profusamente e correu para buscar umas bandagens. Ao retornar, a esposa já havia morrido. Ele não voltou para casa e mandou me chamar:

- Pobre homem... - comentou Salomão Calif, que venerava a família.

- Examinando bem o local, eu disse ao marido que o tiro tinha partido do outro lado do jardim, pois entre a casa e o lugar do assassinato só havia vestígios de quatro trilhas formadas pelas pegadas: uma feita pelas botinas da mulher ao sair e três feitas pelos sapatos do marido. Caminhamos até o jardim e lá

encontrei marcas de pólvora perto de um arbusto.

- E como foi que o senhor descobriu o assassino? - indagou, impaciente, José

do Patrocínio.

- Bem, assim que voltamos para a casa, notei sobre a mesa da sala de jantar uma garrafa de vinho do Porto sem rolha, com uma mancha escura no rótulo. O

espelho da entrada estava partido. Virei-me imediatamente para o marido e deilhe ordem de prisão. Por quê?

- Porque o vinho estava envenenado! - precipitou-se Albertinho Fazélli, que falava mais do que pensava.

- Albertinho, a mulher morreu de tiro - lembrou Bilac.

- Então a bala estava envenenada! - insistiu Fazélli, que era um obcecado.

- Se, em vez de dedução, fosse um concurso de disparates, tu ganharias fácil o primeiro lugar - concluiu Paula Nei.

- O marido chegou a beber o vinho do Porto? - quis saber Bilac. Mello Pimenta, solene, negou com a cabeça.

- Ele quebrou o espelho quando viu sua imagem refletida. Devia estar muito mal vestido - adiantou Salomão Calif. Até Albertinho Fazélli achou um absurdo a deturpação profissional do alfaiate.

Ninguém mais sugeria uma solução para o enigma. Pimenta acendeu um charuto oferecido por Guimarães Passos e, cheio de si, deu uma longa baforada, saboreando o havana e o sucesso.

- As pegadas. A solução está nas pegadas - disse Chiquinha Gonzaga.

- Que asneira, Chiquinha. O que têm a ver as pegadas? - zombou Aluísio Azevedo.

- Dona Chiquinha tem razão - concordou Pimenta, ligeiramente contrafeito. Chiquinha Gonzaga continuou:

- Vocês são todos uns pascácios. O delegado disse que só encontrou quatro rastros formados por pegadas. Três do marido e um da mulher. Ora, se o marido saiu da sua casa como afirmou, haveria cinco trilhas de pegadas. A primeira da esposa e quatro do marido. Uma para ir até o jardim onde estava a mulher, outra para voltar e pegar as bandagens, mais uma para retornar ao jardim e finalmente a quarta trilha, quando ele voltou para chamar a polícia. Como o delegado encontrou apenas quatro marcas de pegadas, é sinal de que o marido já

esperava pela esposa, escondido atrás dos arbustos.

Todos, no Bar do Necrotério, espantaram-se com a capacidade de dedução da compositora. Paula Nei deu um grito:

- Viva Chiquinha Gonzaga, nossa detetive de saias!

- Viva! - gritaram, em coro, fregueses e garçons.

- Mais chope para os vivos, no "Chope dos Mortos!" - pediu Alberto Fazélli. Em meio à animação, só Pimenta não parecia muito satisfeito ao ver seu misterioso caso desvendado por uma mulher. Interrompendo a festa, o marquês de Salles perguntou:

- Delegado, o que têm a ver com a história a garrafa de vinho do Porto sem rolha a mancha no rótulo e o espelho partido?

- Nada. Era para dar mais sabor ao caso - disse, constrangido, Mello Pimenta, olhando de soslaio para Chiquinha e provocando o riso dos ouvintes. Até o Alemão, dono do bar, aplaudiu a maestrina:

- O próxima rodada fai por minha conta - berrou, com seu sotaque carregado. Este moça é muita melhorr que Beethoven. Nunca se soube ao certo se o Alemão estava comparando a inteligência ou os dotes musicais dos dois compositores.

Ficou claro para Pimenta que Chiquinha Gonzaga estava roubando a noite. Para inverter a situação e vingar-se da pianista, começou a mudar o rumo da conversa:

- Os crimes que estou investigando agora são muito mais complexos. Duas lindas moças, quase meninas, mortas brutalmente, sem que, aparentemente, nada ligue uma à outra. A primeira era uma prostituta, a segunda, camareira do palácio. As duas, vítimas do mesmo bárbaro assassino.

- E como é que o delegado sabe que se trata da mesma pessoa? - perguntou Guimarães Passos.

Imediatamente, Pimenta arrependeu-se de ter entrado naquele assunto. As pistas deixadas pelo monstro ainda não eram de domínio público. Não fossem os chopes, ele certamente teria se calado. Agora era tarde para voltar atrás e o policial seguiu em frente:

- Por causa das orelhas...

- Que orelhas? - indagou, curioso, Olavo Bilac.

- É que o assassino cortou fora as orelhas das duas vítimas e levou-as consigo.

Um frêmito de repulsa percorreu o bar. Pimenta gostou da reação que havia causado:

- Quem sabe, dona Chiquinha não gostaria de examinar os cadáveres? Talvez possa me ajudar com sua brilhante capacidade de dedução - acrescentou perversamente.

- Excelente idéia - disse o marquês de Salles, excitado ante a perspectiva de conhecer o necrotério.

- Por mim, não vejo nenhum inconveniente - respondeu Chiquinha Gonzaga.

- Nem eu - animou-se, também, Paula Nei.

- Gostaria muito, mas não posso. Esqueci as chaves de casa e não quero acordar a famulagem - desculpou-se Alberto Fazélli.

- Também prefiro ir dormir. Tenho uma prova de roupas amanhã cedinho –

declarou Salomão Calif, esquivando-se daquela funérea tarefa.

- Se é para ir, vamos logo - disse Olavo Bilac, levantando-se.

- Calma, não há pressa. De onde elas estão ninguém as tira. Primeiro, vou terminar meu charuto. É falta de respeito esfumaçar os mortos - declarou Mello Pimenta, dando uma longa baforada.

Do grupo, apenas Guimarães Passos, Paula Nei, Coelho Neto, o marquês de Salles, Olavo Bilac e, é claro, Chiquinha Gonzaga seguiram até o necrotério da Ordem Terceira da Penitência. Percorreram o pequeno trecho da rua da Assembléia até o largo da Carioca. Valendo-se de seus documentos, o delegado fez com que o vigia noturno abrisse a pesada porta de ferro que dava uma aparência ainda mais sinistra ao lugar. Ouvindo o ranger dos portões, Coelho Neto quase pensou em inventar uma desculpa e sair dali correndo, entretanto agüentou firme, com medo da mofa dos amigos. Os sete seguiram, em silêncio, pelo tortuoso corredor que levava até o depósito. Havia um cheiro forte de formol reforçando no local o odor da morte. Chegaram à entrada da sala mortuária e Pimenta chamou pelo encarregado da noite:

- Gervásio! ô Gervásio, acorda!

O encarregado apareceu tonto de sono, com os cabelos desgrenhados. Todos se surpreenderam com a visão que se lhes deparava. Gervásio era anão. Tinha trinta anos e, no máximo, um metro e quinze de altura. Pertencia a uma tradicional família de circo, onde se apresentava como o menor anão do mundo, contudo fora obrigado a abandonar a carreira artística por causa de uma calamidade que era o pesadelo de todos os anões: Gervásio começara a crescer. No início, quando percebera que tinha subido de noventa e oito centímetros para um metro e dois, ainda tentara disfarçar, encolhendo-se sempre que entrava no picadeiro, porém seus pais e seus irmãos, todos anões, logo notaram o artifício do pequeno Gervásio.

Dotada da integridade característica ao mundo do circo, a família se recusara a participar da farsa. Entre lágrimas e soluços, o malfadado

anão se despedira dos amigos, rompera com a mulher barbada, com quem mantinha um namoro há

vários anos e partira para enfrentar o mundo hostil e agigantado. O único emprego que conseguira, depois de muita procura, fora este, de atendente mortuário no necrotério da Ordem Terceira, mesmo assim por influência de um padre caridoso que se como vera com a situação do pequeno artista. No começo, Gervásio estranhou muito a convivência com os mortos, todos maiores do que ele. No entanto, agora, depois de cinco anos, já circulava lépido em meio aos cadáveres.

- Olá, delegado, isso são horas? Não receia acordar a minha freguesia? –

brincou o liliputiano atendente, com sua voz de falsete.

- Perdão, Gervásio. Sabes bem que a Justiça não tem relógio. Preciso mostrar aqui aos meus amigos, todos grandes investigadores, os corpos daquelas duas moiçolas.

- Claro, delegado. Tenho sempre muito gosto em atendê-lo - disse, sinceramente, o anão, pois Pimenta era o único que não fazia as pilhérias óbvias sobre sua estatura. - As meninas encontram-se em muito bom estado. Só

espero que a remessa de gelo não atrase.

Gervásio se referia às pedras de gelo natural que vinham da América do Norte. Chegavam em grandes lascas, no fundo das embarcações, envoltas cuidadosamente em camadas espessas de serragem. O gelo ficava guardado em depósitos especiais, lá pelas bandas da Santa Luzia, sendo imediatamente colocado em covas fundas, com as precauções necessárias. Por incrível que pareça, as perdas eram pequenas, não mais do que trinta ou quarenta por cento ao cabo de cinco meses. O problema é que as vezes os vapores aportavam com algum atraso, o que causava grandes inconvenientes às casas de mortos e às fábricas de sorvetes. Agilmente, o anão puxou dois gavetões, deixando à mostra os corpos das meninas. Tirou de um deles um embrulho de papel marrom.

- Então foi aqui que esqueci o resto do meu sanduíche - comentou, para sí, o atendente.

O grupo ficou aterrado diante daquele cenário. à exceção de Bilac e do marquês, que possuíam uma curiosidade mórbida, todos estavam

arrependidos de ter aceito o convite do delegado. Queriam sair dali o mais breve possível. Fingiam estar à vontade, contudo Pimenta conhecia perfeitamente a sensação de mal-estar e pavor que aquele lugar provocava em seus convidados. Já a experimentara, havia muitos anos, em começo de carreira, quando visitara pela primeira vez a morgue. Apesar da morte violenta, as moças, envoltas em longos lençóis brancos, pareciam estar em sono profundo. Mais do que num necrotério, os presentes se sentiram num colégio, espiando, de soslaio, um dormitório de meninas.

- Como são belas - murmurou Bilac.

- Que monstro teria praticado tamanha selvageria? - indagou-se Guimarães Passos.

- É o que eu gostaria de saber - disse Mello Pimenta. Virou-se para Chiquinha Gonzaga, saboreando a vingança de ter levado até ali a compositora, e perguntou:

- Então, "colega"? Gostaria de examinar os cadáveres?

— O delegado sabe muito bem que não sou especialista. Depois, o único fato curioso já foi dito. A falta das orelhas — respondeu Chiquinha, sem conseguir tirar os olhos das mortas.

— E as cordas — disse o delegado.

— Que cordas? — perguntou o marquês de Salles.

— Então não contei? Enroscadas, junto a... ao corpo de cada uma delas, foram achadas duas cordas de instrumento musical — completou Pimenta, tirando, da algibeira, os fios. — Só não sei de que instrumento. Chiquinha Gonzaga arrancou-os das mãos de Mello Pimenta.

— Ora, delegado. Para isso não havia necessidade de nos trazer a este lugar carregado de sombras e tristezas. São duas cordas de violino. Digo-lhe mais, a primeira e a última. O sol e o mi. — Devolveu as cordas ao delegado e virou-se em direção à saída: — Será que agora podemos ir ou temos que continuar visitando esta versão macabra do Madame Tussaud? — lançou, rispidamente, referindo-se ao Museu de Cera de Londres.

— Vamos todos. Basta de horrores por uma noite — completou Coelho Neto, puxando pelo braço Olavo Bilac, que continuava olhando os corpos das duas raparigas. — Vem, Olavo.

— São tão lindas... — murmurou o poeta.

Gervásio recolheu as gavetas e acompanhou-os até a porta.

— Apareça sempre, delegado. O senhor sabe o quanto eu gosto de uma boa conversa e os meus hóspedes não são de falar muito.

Pediu ao vigia que o ajudasse a cerrar os pesados portões e ficou observando o grupo que se afastava, através das grades. Assim que a turma desapareceu pela rua da Assembléia, o anão tirou do bolso o pacote marrom e, tranqüilamente, terminou de comer seu sanduíche.

Capítulo 9

PARA O VIAJANTE que vinha pelo mar, era um deslumbramento a vista da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Todo o litoral, adornado por uma vegetação exuberante, cobria-se de coqueiros, sapucaias, muricis e árvores jamais sonhadas por mentes européias. Assim que o navio cruzava a barra e entrava na baía da Guanabara, entre a ilha do Governador e o Pão de Açúcar, o navegante começava a ver os bairros de Botafogo, Catete e Glória, que já mostravam algumas construções de porte. As águas ficavam coalhadas de pequenas embarcações que iam acolher os vapores, com seus marinheiros lançando gritos de boas-vindas. Entre os morros do Castelo e de São Bento, percebiam-se, ao fundo, os telhados do centro da cidade, porém o que mais chamava a atenção de quem chegava era a alvura das areias das praias.

A tudo isso, apoiados no parapeito do tombadilho do

Aquitania,

assistiam o

detetive Sherlock Holmes e o doutor John Hamish Watson. O doutor vestia um terno de lã marrom com colete e chapéu de feltro da mesma cor; o detetive envergava uma roupa escura e, sobre ela, a capa enxadrezada mais clara, com boné do mesmo tecido, que constituíam parte indefectível do seu guarda-roupa. Eram apenas sete horas da manhã e, nesta época de inverno, a temperatura estava bastante agradável, por volta dos vinte e três graus centígrados. Como o navio não atracava, os passageiros aguardavam nos escaleres que os deveriam levar ao cais. Distraído pela paisagem, imaginando como seria a vida naquela cidade, Sherlock nem percebeu que, de um dos botes, alguém gritava seu nome. Foi preciso que Watson interrompesse seus pensamentos:

— Holmes, acho que estão chamando por você.

— Quem?

— Não sei. Alguém.

— Onde?

— Me parece que é dali, daquele bote — disse Watson, apontando uma embarcação. Embaixo, no pequeno escaler, Júlio Augusto Pereira, o marquês de Salles, acenava para o detetive. Quase não tinha dormido e ainda mostrava nas faces o cansaço da lúgubre noitada anterior. Além disso, odiava barcos e só mesmo um pedido do imperador poderia tirá-lo da cama para aquela empreitada náutica. Equilibrou-se no barco que balançava ao sabor das ondas e, pondo as mãos em concha, gritou mais um vez:

— *Mister Sherlock Holmes! I am looking for mister Sherlock Holmes!*

— *Here I am!* — respondeu o detetive, sacudindo os braços. O marquês mandou que o barqueiro se aproximasse mais do *Aquitania.*

— Vim recebê-lo a mando do imperador. Espero que tenha feito uma boa viagem.

— Excelente, obrigado.

— Fale por você — resmungou Watson, que detestara cada minuto a bordo. Além disso, como costumava dizer em tom de blague, seu estômago não tinha pés de marinheiro. Nem mesmo a receita caseira de tomar uma gemada com um cálice de xerez pela manhã tinha impedido o doutor de pôr para fora todas as refeições pantagruélicas servidas no navio.

— Watson, providencie a descida das nossas bagagens. Enquanto isso, vou me despedir do comandante. — Antes que Watson pudesse protestar, pois odiava quando Sherlock o fazia de lacaio, Holmes desapareceu por uma porta do convés. O traslado do *Aquitania* até o cais Pharoux ocorreu sem maiores incidentes. As bagagens foram colocadas numa carroça, enquanto De Salles e os dois visitantes subiram no landau do marquês. Enquanto a carruagem percorria o centro da cidade, Watson admirou-se:

— Curioso. Não vejo nenhum índio pelas ruas. O marquês de Salles divertiu-se com a surpresa do doutor:

— Nem verá, doutor Watson. Já somos quase civilizados — ironizou. — Depois, os índios são livres como a natureza, não servem para os trabalhos domésticos. Contamos com os escravos. Na maioria das vezes, os negros dão conta do serviço, se bem que alguns são muito... muito... — queria dizer preguiçosos, só que a palavra fugia-lhe em inglês. Murmurou para si mesmo: — Preguiçosos... preguiçosos... *how would I say* preguiçosos *in English*...

— *Lazy* — adiantou Holmes, com a maior tranqüilidade. O espanto de Watson só foi superado pelo do marquês de Salles:

— Como? Então o senhor Sherlock fala português!?

— Suponho que sim — respondeu Holmes, já na língua de Camões. Watson, que, apesar de conviver com o detetive há sete anos, não se acostumava com essas revelações, perguntou intrigado:

— E onde diabos foi que você aprendeu a falar esta língua?

— Em Macau, na China, um ano antes de conhecer você. Estive lá durante quase seis meses para estudar os misteriosos venenos orientais e o maior especialista desta matéria era um cientista português, Nicolau Travessa.

— Nunca ouvi falar — disse Watson, não sem um certo despeito.

— Claro, Watson. O que é que um cirurgião-médico do exército de Sua Majestade britânica ia saber de venenos exóticos?

— Esse Nicolau Travessa realmente entendia da matéria? — perguntou De Salles, com o fascínio que tinha por assuntos escabrosos.

— Travessa era um gênio incompreendido. Nasceu em Lisboa, de família abastada, mas cedo seu espírito de aventureiro o levou para Goa, na índia, de onde foi expulso.

— Por quê? — indagou o marquês.

— Por ter usado o próprio corpo em experiências com o veneno da cobra naja, que lhe custaram uma vista e a paralisia da perna esquerda — relatou Holmes, com respeito.

— Ele experimentava os venenos? — horrorizou-se Watson.

— Como todos os grandes cientistas, Travessa fazia do seu organismo vim laboratório experimental. De Goa partiu para a China. Ao longo

dos anos, provou arsênico, cianureto, carbonato de chumbo, estricnina, curare e até o *conum maculatum,* que é um veneno raro extraído de um peixe japonês. Durante o longo período que estive em Macau, aprendi muito com este homem simples e dedicado. Pena que a ciência não lhe faça justiça.

— E por onde anda este luminar dos tóxicos? — perguntou, perplexo, o marquês de Salles.

— Morreu, infelizmente, quando testava em si mesmo um concentrado de peçonhas dos escorpiões africanos — revelou Sherlock Holmes, comovido. Mesmo sendo um homem empedernido, sempre se enternecia pela lembrança do sábio lisboeta. Durante o resto do percurso, Holmes pôde mostrar ao encantado marquês o seu domínio da língua. Como a tinha aprendido numa colônia portuguesa, falava com um carregado sotaque lusitano. O landau parou em frente ao Hotel Albion e o cocheiro, um jovem que mal tinha feito vinte anos, apeou para ajudar os passageiros. Holmes foi o último a descer da carruagem, apoiando-se nos braços do rapaz:

— Obrigado, meu jovem. Vejo que seu irmão era tísico, morreu de tuberculose galopante há pouco tempo. Sinto muito — concluiu Holmes. Diante do espanto do cocheiro e dos dois outros ocupantes do landau, o detetive continuou: —

Percebo que está perplexo diante da minha dedução, contudo é elementar. Noto, na sua sobrecasaca, uma mancha vermelha de sangue, certamente proveniente de uma hemoptise. Vê-se, também, que a roupa em questão está muito folgada em você, o que mostra que era de outra pessoa. Como é de hábito entre as famílias menos favorecidas, os irmãos mais novos herdam as vestimentas dos mais velhos. Logo, é óbvio que esta sobrecasaca, maculada pela golfada de sangue, pertenceu ao seu pobre irmão, ceifado recentemente por esta terrível doença. Absolutamente pasmado, o marquês de Salles virou-se para o cocheiro.

— São corretas as observações do senhor Holmes?

— Não, senhor. Eu sou filho único. O casaco era do meu tio que é boticário. Por isso tem essa mancha aqui, de mercurocromo.

Holmes, que já adentrava o hall do hotel, desdenhou das explicações balbuciadas pelo jovem cocheiro.

O Hotel Albion não ficava nada a dever aos seus congêneres do Velho Mundo. Localizado à rua Fresca, assim chamada por estar sempre

beneficiada pela viração que vinha da barra, dava os fundos para o mar, o que fazia com que seus quartos fossem sempre bem arejados. O piso da entrada era coberto por mármores travertinos e o salão principal, onde se via o balcão do concierge, decorado com móveis de estilo, vindos da França, todos forrados de tapeçaria ou seda. Espelhos florentinos cercavam o ambiente, aumentando ainda mais as dimensões da sala. Sobre as mesas, postas com toalhas de rendas alvíssimas, enormes jarrões de porcelana grávidos de flores tropicais causavam, ao hóspede que chegava, a impressão de estar cruzando os portais do paraíso. A esquerda da entrada, havia uma imensa sala de bilhar, freqüentada pelos senhores de sociedade, reunidos ali depois do trabalho. A direita, um salão de chá, que servia, além das mais requintadas seleções inglesas, a melhor pâtisserie francesa, tudo em baixelas de prata e finos serviços de porcelana. No hotel, tudo era importado, da roupa de cama aos palitos.

O marquês de Salles aproximou-se da portaria com Holmes, enquanto Watson fiscalizava a bagagem carregada por três moleques fardados.

— A Coroa reservou aposentos para o senhor Sherlock Holmes e o senhor John Watson — informou o marquês.

Inojozas, o eficiente concierge, figura imprescindível ao Hotel Albion, apresentou as chaves. Magro, muito elegante, de bigodes encerados e cabelos negros colados à cabeça por uma grande quantidade de brilhantina argentina, não havia problema que o esperto porteiro não resolvesse. As gorjetas que ganhava dos hóspedes agradecidos superavam, e muito, o salário que recebia. Diziam que, se a gratificação fosse compatível, Inojozas era até capaz de colocar cinco cocotes virgens no leito de qualquer viajante, apesar da vigilância severa do proprietário e da improbabilidade de se encontrar tantas donzelas vivendo no meretrício.

— São os melhores aposentos do hotel — disse, com uma reverência, fazendo um sinal para que outro funcionário acompanhasse Holmes e Watson.

— Duvido — retrucou Holmes. — Os melhores devem estar sendo ocupados por algum fazendeiro milionário, eu e o doutor nos satisfaremos com os... *how would you say in Portuguese "second best*'?

— Acho que é intraduzível. Se precisarem de alguma coisa, é só me avisar. Meu nome é Inojozas, às suas ordens — acrescentou o concierge, mudando de assunto num inglês impecável.

— Bem, vou deixá-los descansando um pouco. Temos um almoço no palácio à uma e meia, com madame Sarah Bernhardt. Geralmente, Sua Majestade almoça às onze horas, contudo, como o navio chegou tarde, dom Pedro fará esta deferência. Sei que o imperador está ansioso para contar-lhe o caso do violino da baronesa de Avaré. Passo ao meio-dia para buscá-los, porque o palácio da Boa Vista é um pouco longe. Senhor Holmes, senhor Watson, foi um prazer — despediu-se o marquês de Salles. Arrancou de um dos vasos uma flor, que colocou na lapela, e dirigiu-se, rápido, para o seu landau.

A mesa para o almoço estava posta no jardim-de-inverno, numa das alas do palácio. Por motivos óbvios, dele participavam poucas pessoas: Sarah Bernhardt, seu filho Maurice, Sherlock Holmes, Watson, o imperador, o visconde de Ibituaçu e o marquês de Salles. Edward Jarrett, empresário americano da atriz, também convidado, não pôde comparecer, já que os temores de Sarah haviam se confirmado: Jarrett estava sofrendo de febre amarela. O visconde de Ibituaçu era amigo de longa data do imperador. Fazendeiro muito rico do vale do Paraíba, era dono de um casarão magnífico em estilo romano, na rua das Laranjeiras, bem no centro de um parque esplendoroso. O visconde passava ali vários meses por ano. Velho solteirão, o excêntrico fidalgo adorava dar festas no seu palacete para os boêmios e literatos da cidade, daí seu conhecimento com De Salles. Nos salões da sua residência, reunia gente como Lins de Albuquerque, Bilac, Dermeval da Fonseca, Guimarães Passos e muitos outros. D. Pedro prezava sua amizade, pois, por meio dele, estava sempre informado do que se passava nos bares e cafés. Assim que chegaram, Holmes e Sarah Bernhardt relembraram velhos encontros:

— Jamais me esquecerei da sua Lady Macbeth, há dois anos, em Londres, no Gaiety. A cena do sonambulismo, além de deixar a platéia alucinada, matou de inveja as atrizes inglesas.

— *Mon cher* Holmes, gentil como sempre... — Virou-se, dirigindo-se, em inglês, para Watson: — E este querido doutor, como vai? Espero que tenha levado a sério minha sugestão de descrever em livros as fantásticas aventuras do seu amigo.

— Tenho pensado nisso, madame. Por enquanto, falta tempo. D. Pedro II, sobriamente vestido como de hábito, envergava uma sobrecasaca preta e luvas brancas. Começou desculpando-se:

— Peço perdões pela ausência da imperatriz, mas Teresa Cristina não se sente muito bem. Não fosse a sua

migraine,

eu teria oferecido um grande banquete

para os meus ilustres convidados.

Todos à mesa sabiam perfeitamente que esta era uma desculpa esfarrapada, uma vez que o assunto a ser tratado não agradaria certamente à imperatriz. A conversa que se seguiu poderia ter ocorrido na torre de Babel, já que Watson falava em inglês; Sarah Bernhardt e Maurice em francês; o marquês, o visconde e o imperador, nas três línguas. Holmes, expressando-se corretamente em português de Portugal, mais parecia um negociante lusitano do que um detetive britânico:

— Estou a me regalar em vossas terras — disse ao monarca.

— Pena que o motivo da sua visita seja profissional — respondeu D. Pedro, que desejava lembrar o assunto do violino. Educadamente, traduziu sua frase para os outros.

Sarah Bernhardt aproveitou para elogiar o soberano brasileiro:

— Adoro os modos gentis de Vossa Majestade. Bem diferentes daqueles de um outro governante que conheço, Francisco José, da Áustria. É um homem detestável. Tive a oportunidade de ver como ele é ríspido e antipático com a mulher, a imperatriz Elizabeth, aliás sua prima. Uma menina, casou-se quando tinha apenas quinze anos. Uma moça afetuosa, que sempre desprezou as etiquetas ridículas da corte de Viena. Desde que presenciei a maneira grosseira como ele trata a esposa, me recusei a entrar no palco de qualquer teatro onde Francisco José pudesse estar presente.

Fez-se um silêncio incômodo no jardim-de-inverno por parte dos brasileiros. Sem saber, Sarah Bernhardt cometera uma gafe monumental. D. Pedro, filho da princesa austríaca Leopoldina, era primo de Francisco José. O próprio imperador encarregou-se de quebrar o gelo, mudando de assunto:

— Li, no seu livro de memórias, que madame já se apresentou na América do Norte há seis anos e conheceu a viúva do presidente Lincoln.

— Sim, Majestade. Em circunstâncias pouco agradáveis. — Virou-se para todos os convivas, imediatamente transformados em platéia: — Imaginem que eu estava a bordo do

L'Amérique,

quando resolvi tomar um pouco de ar no convés. Fazia muito frio naquela manhã. Enquanto caminhava, cruzei com uma senhora vestida de preto, com uma expressão resignada. De repente, uma onda inesperada precipitou-se com tanta violência contra o navio que nós duas fomos atiradas ao chão. Eu consegui agarrar-me à perna de um banco, mas a triste senhora foi atirada para a frente. Levantei-me e tive tempo de segurá-la pela saia. Não fosse isso, a pobre mulher teria despencado pela escada. Eu disse: "A senhora podia ter morrido!". Ela respondeu: "Sim, mas, infelizmente, Deus não permitiu". E completou: "Sou a viúva de Lincoln". Vejam que ironia do destino; seu esposo, o presidente, fora assassinado por Booth, um ator, e Bernhardt, uma atriz, acabava de impedi-la de ir ao encontro do seu amado marido. Durante o resto da travessia, não tive mais coragem de dirigir-lhe uma só palavra. Sarah narrou o incidente com tamanha dramaticidade que, ao final, os ouvintes quase aplaudiram. Coube ao anfitrião, novamente, a tarefa de desanuviar a tensão. Num tom jovial, d. Pedro anunciou:

— Espero que madame Bernhardt e o senhor Holmes gostem da comida. Encomendei uma refeição com alguns dos nossos pratos típicos. Haverá feijoada e vatapá. Nossos convidados poderão escolher entre um e outro.

— *Merveilleux!* O que é isso?

A um sinal, vários *valets* de libre aproximaram-se com as bandejas. O imperador fez as honras da casa. Primeiro apontou para a feijoada e seguiu explicando e traduzindo:

— Aqui são feijões-pretos,

black beans, harricots noirs, cozidos com vários tipos de carne: orelha e pé de porco, carne-seca, lombinho, costelinha, paio, lingüiça e outras variedades. A carne e o feijão são servidos com cative, fatias de laranja, farinha de mandioca e arroz branco. Um primor.

— E o outro prato? — indagou Maurice Bernhardt, com a curiosidade natural dos franceses pelo exótico.

— Vatapá. Uma especialidade baiana. Iguaria deliciosa para quem preferir os frutos do mar. O vatapá é feito com fatias de peixe, camarão, fubá, amendoim, leite de coco e temperado com coentro, salsa, louro, noz-moscada, gengibre, cebolinha, alho, cebola, tomate e muita pimenta-malagueta. Cozinha-se com azeite-de-dendê.

— Dendê? — perguntou Holmes, interessado.

— É um pequeno coco nativo que dá um óleo assaz extravagante — informou, eufemisticamente, o imperador. — Serve-se o vatapá acompanhado por um pirão, também chamado de acaçá ou creme branco, feito com fubá de arroz e leite grosso de coco. Um verdadeiro manjar dos deuses.

Madame et messieurs,

a

escolha é vossa.

Sarah Bernhardt, mais viajada, evitou o apimentado vatapá e serviu-se apenas de um pouco de caldo de feijão com arroz. Maurice imitou a mãe. Os brasileiros dividiram-se entre os dois pratos, a não ser o imperador: alegando ordens médicas, fez vir para si uma salada verde. Sherlock, que apesar de magro era um bom garfo, misturou o vatapá com a feijoada e regou tudo com algumas colheres de pimenta-malagueta e bastante óleo de dendê. O velho visconde de Ibituaçu contraíra uma certa moléstia na Alemanha, provavelmente de origem venérea, já que ele percorria todos os consultórios médicos, sempre desferindo impropérios contra as mulheres. Por esse motivo, era obrigado a seguir uma dieta rigorosa à base de caldos e galinhas. Como era um zombador inveterado, resolveu divertir-se com a voracidade do detetive e começou a orientar o apetite de Holmes:

— Meu caro Sherlock, experimente mais uma costelinha com pimenta-malagueta. E

de se comer rezando.

— Obrigado — mastigou Holmes.

— Uma fatia de peixe. Esta aqui, mais regada com dendê. Dendê é muito bom para o coração.

— Obrigado — deglutiu Holmes.

— Não deixe de lado o amendoim do vatapá. É excelente para a circulação.

— Obrigado — devorou Holmes.

— Capriche na lingüiça e no fubá. Receita infalível para uma digestão

leve.

— Obrigado — ingurgitou Holmes.

— Quero ver se lhe ofereço, em minha casa, um sarapatel. É prato regional de Pernambuco e tenho uma cozinheira nordestina que é especialista.

— Obrigado — arrotou Holmes, discretamente. Continuou comendo, seguindo à

risca os conselhos do visconde. Somente o doutor Watson, pensativo, ainda não comia. Continuava fixando atentamente os regalos da mesa imperial.

— Então, Watson, não vai almoçar? Está delicioso — afirmou Holmes, entre duas vastíssimas garfadas.

Watson fitava em dúvida as enormes travessas. Suas observações culinárias, do tempo em que servia na índia, o deixavam desconfiado. Desde então, evitava temperos bizarros e carnes de qualquer espécie. Respondeu olhando fixamente os pratos:

— Ainda não decidi se como a coisa amarela ou a coisa preta.

— Se posso aconselhá-lo, doutor, sugiro o feijão, o arroz e a couve, sem as carnes — disse o marquês de Salles, com a experiência de quem sobrevivera a mais de mil banquetes. Depois, aproveitando o momento em que todos se distraíam com a comida, perguntou ao detetive sobre o caso das moças assassinadas:

— Ouvi dizer que um nosso delegado de polícia pediu-lhe ajuda num caso escabroso que está investigando.

— Pois — adiantou Holmes, engolindo um camarão. — Achei curioso o seu telegrama e, como detetive, fiquei intrigado com o que pude entender do caso. Aguardo ansiosamente o momento de encontrá-lo. Claro, sem deixar de lado o motivo principal que me trouxe ao Brasil — completou, sorrindo para o imperador.

D. Pedro respondeu:

— Já sei, já sei... Aliás, se o senhor Holmes pudesse ajudar a nossa polícia nesse caso, também ficaria muito agradecido. Afinal, uma das vítimas é

sobrinha de um amigo meu, Vítor Meireles, um dos nossos pintores de maior talento.

O almoço prosseguiu sem mais comentários dignos de nota. Como sobremesa, trouxeram frutas, e Holmes conseguiu o fenômeno de comer um abacaxi e duas mangas. Depois do café, do conhaque e dos charutos, o imperador acompanhou seus convidados até a porta.

— Se me dão licença, pediria ao senhor Holmes e ao doutor Watson que ficassem um pouco mais. Gostaria de tratar mais detalhadamente do nosso assunto. Depois, mando-os de volta ao hotel.

Sarah virou-se para o detetive:

— Adeus, senhor Holmes. Não deixe de me ver no teatro. Estou quase lamentando o dia em que tiver de .partir para a Argentina, sei que vou sentir uma falta imensa deste caloroso público brasileiro.

— Sem dúvida, madame. Se tiver tempo. Tenho certeza de que será, como sempre, uma experiência inesquecível — disse Sherlock, encantado. , D. Pedro cumprimentou a todos, beijou elegantemente a mão de Sarah Bernhardt e retirou-se com os dois ingleses.

Os três instalaram-se num pequeno gabinete de leitura, um dos refúgios prediletos do imperador no imenso palácio. Era uma saleta discretamente mobiliada, onde D. Pedro guardava objetos queridos e recordações de família. Delicadas estatuetas antigas decoravam o ambiente e as paredes estavam cobertas por quadros de Vítor Meireles, Almeida Júnior e Araújo Porto Alegre. Numa das mesas havia soldadinhos de chumbo, em formação que reconstituía a famosa batalha de Tuiuti, na guerra do Paraguai, onde morrera, heroicamente, o famoso general Sampaio. Holmes acendeu seu cachimbo, enquanto Watson observava, intrigado, uma fotografia já amarelada de D. Pedro cercado de índios. Os silvícolas estavam nus e Sua Majestade vestia, sobre o uniforme de gala, um manto bordado, com a murça feita de papos de tucano.

— Fantástico! — exclamou o doutor.

— Gostou? Pena que o daguerreótipo já esteja um pouco desbotado. Holmes aproximou-se e examinou o retrato emoldurado:

— Felizmente, o daguerreótipo é coisa do passado. Com a criação do processo coloidal, usando uma solução de nitrato de celulose, inventado pelo meu compatriota Frederick Scott, a fotografia passou a acompanhar os tempos modernos que estamos vivendo — revelou o

detetive, deitando erudição. — As fotos têm nos ajudado muito na identificação de criminosos.

— Posso perguntar a Vossa Majestade a razão deste daguerreótipo? — quis saber Watson, ainda intrigado.

— É muito antigo. Levei-o, como relíquia, para a Exposição Centenária da Filadélfia, em 1876, para abrilhantar o pavilhão do Brasil. Parece que fizemos boa figura — afirmou, vaidoso, o imperador. — Aliás, foi naquela ocasião que fiquei conhecendo...

— Graham Bell, o inventor do telefone — cortou Sherlock Holmes.

— O senhor soube desse encontro? — perguntou D. Pedro, surpreso pelo conhecimento do detetive.

— Claro que sim. O próprio Bell contou-me o episódio do telefone. *"To be or not to be..."*

D. Pedro explicou, contrafeito:

— Aí está uma injustiça que certamente a História me fará. Não fui eu, e sim Bell quem disse a frase de Shakespeare ao telefone. Fiquei tão espantado ao ouvir nitidamente a voz de Bell pelo aparelho que passei a repetir, ataroucado, *"that is the question! To be or not to be, that is the question!,* ao perceber que, realmente, aquela engenhoca falava.

— Vossa Majestade deve perdoar se a anedota é *r,* mal contada — disse Holmes, reacendendo o seu cachimbo. — Como dizia um dos nossos grandes políticos, Benjamin Disraeli: "Se a versão é mais pitoresca do que o fato, conte-se a versão".

O imperador sentou-se à sua poltrona preferida e fez sinal para que seus convidados se instalassem num pequeno sofá.

— Sei que devem estar cansados da viagem e não quero tomar o vosso tempo mais do que o necessário. Gostaria de contar rapidamente o caso do violino. Nem sei por onde começar.

— Experimente começar do início, Majestade — compeliu Holmes, cruzando as longas pernas com

nonchalance,

e derrubando, neste movimento, uma mesinha

ocupada por uma pequena coleção de porcelanas de Sèvres.

— Não foi nada — disse D. Pedro, lívido, porém sem pestanejar, apesar daquelas peças terem sido um presente de Bonaparte a Maria Luísa de Habsburgo e estarem na família há anos. O imperador desviou o olhar daqueles cacos que não pareciam ter afetado o inglês e iniciou sua narrativa: — Freqüenta a nossa corte, desde os anos 70, um maravilhoso violinista cubano chamado José White. White estudou em Paris, com mestres como Alard, Reber e Taite. Chegou a ganhar o primeiro prêmio de violino do Conservatoire. Fiquei encantado por seu talento e tomei-o sob minha proteção. White criou, por aqui, juntamente com o pianista Artur Napoleão, a Sociedade de Concertos Clássicos, que tem nos proporcionado momentos inesquecíveis.

— Espero poder compartilhar de alguns deles — cortou Holmes, cujo *violon d'*

Ingres era justamente o violino.

Dom Pedro prosseguiu, ignorando a interrupção inconveniente do inglês:

- Pois bem, o último violino confeccionado por Antonio Stradivari, aos noventa e três anos de idade, pouco antes de morrer, foi um instrumento chamado, com razão, de "O Canto do Cisne".

- Interessante, sempre pensei que fosse o Muntz, que ele fez aos noventa e dois - disse Holmes, que, apesar de amador, entendia bastante do assunto.

- É o que se pensou durante muitos anos, porém, em 1822, descobriu-se O Canto do Cisne, fabricado em 1737. É admirável que, naquela idade, Stradivari tenha conseguido, no seu último trabalho, o perfeito equilíbrio formal de todas as partes.

A sonoridade ampla e poderosa do instrumento é quase inacreditável. O único detalhe, por sinal, comovente, que trai o tremor dos seus dedos idosos são os entalhes ligeiramente incertos das duas aberturas em forma de éfes que formam o sistema acústico no tampo superior. Esta última obra do grande mestre foi parar nas mãos de um certo professor Bertuzzi, em Milão. Em 1840, O Canto do Cisne foi levado a Paris e adquirido pelo comerciante Jean-Baptiste Vuillaume. Quarenta anos mais tarde, o famoso violino estava novamente nas mãos de um violinista, o francês Claude Miremont. Enfim, depois de passar por mais alguns proprietários, O Canto do Cisne foi a leilão no Hotel Drouot, em Paris, e a Maison Gand et Bernar del o adquiriu. - Dom

Pedro fez uma pausa e serviu-se de um cálice de vinho da ilha da Madeira. - Espero não estar sendo maçante completou, ao perceber o bocejo disfarçado do detetive.

- Muito pelo contrário, como músico, estou fascinado pelas suas informações disse Holmes, descruzando cautelosamente as pernas. O imperador continuou:

- Havia já algum tempo que minha amiga Maria Luísa Catarina de Albuquerque, a baronesa de Avaré, tinha manifestado a vontade de ter um Stradivarius. O

senhor sabe o que são os caprichos femininos. Quando elas metem algo na cabeça, não há quem as demova.

- Sei muito bem. Por isso, continuou solteiro - concordou Holmes. Dom Pedro deu outro gole no seu vinho e retomou a narrativa:

- Pois bem: urdi um plano com meu protegido, José White. Adiantei-lhe vinte mil francos, o preço do violino, e White foi a Paris comprá-lo como se fosse para ele. Aqui chegando, sem que ninguém soubesse, o meu querido violinista entregou - me o Stradivarius, ficando com uma imitação perfeita, fabricada, em segredo, por uma família de luthiers de Santa Catarina, descendentes de alemães, e que fazem instrumentos extraordinários. Assim, pude presentear, reservadamente, a baronesa.

Pronto. Estava satisfeita a vontade de Maria Luísa. Tout est bien qui finit bien.

- A não ser pelo fato do famoso O Canto do Cisne ter sido roubado.

- Exato - terminou dom Pedro Segundo, com a testa porejada de suor. Cherloc Holmes levantou-se e pôs-se a caminhar pela sala a passos largos, sob o olhar apreensivo do imperador, temeroso pelo resto das suas porcelanas.

- Antes de mais nada - declarou o detetive -, quero dizer o quanto admiro Vossa Majestade por esta postura de patrono das artes. Já conhecia o talento musical dos brasileiros, pois tive ocasião de assistir à estréia de O guarani, no Scala de Milão. Eu tinha somente dezesseis anos, contudo lembro-me como se fosse hoje.

Era sábado e caía uma chuva fina.

O imperador quase derramou a garrafa de vinho da Madeira:

- Não me diga, senhor Holmes! Que extraordinária coincidência! Então conheceu Carlos Gomes?

- De longe, na coxia. Estava lá com meus pais, que eram muito amigos do maestro Terziani. No final do espetáculo, fomos aos bastidores cumprimentar o maestro.

Fiquei absolutamente magnetizado. Foi minha primeira viagem à Itália e minha primeira ópera. Confesso-lhe um segredo, imperador. O guarani despertou em mim a paixão pela música.

- Fantástico! - exclamou, boquiaberto, dom Pedro.

Holmes ia e vinha pela saleta, resvalando em peças preciosas:

- Voltando ao violino. Parece-me que é hora de termos uma conversa com a baronesa Maria Luísa. Quero saber exatamente como o instrumento desapareceu. Nada mais fácil. Direi ao meu cocheiro particular para levá-los até a sua residência. Na verdade, ela já os espera - disse o imperador. - Não conte, no entanto, com muita ajuda por parte da baronesa. Aqui entre nós, Maria Luísa é

uma enfant gâtée. Seu marido, o velho barão de Avaré, fazia-lhe todas as vontades. Para ela, o violino era apenas mais um brinquedo. Chorou a perda, mas sua linda cabecinha já se ocupa com outras diversões. Agora, se me permitem, tenho certos compromissos inadiáveis - encerrou o soberano, levantando-se e acompanhando Holmes até a porta da saída.

- Vamos, Watson - chamou o detetive.

O doutor, que cochilava tranqüilamente, acordou sobressaltado:

- Claro! Claro! Hum... Muito interessante a história do daguerreótipo tartamudeou o médico, revelando, sem querer, em que ponto da reunião havia adormecido.

Holmes despediu-se do monarca:

- Espero que minhas investigações tenham sucesso. Por enquanto, só me resta agradecer a Vossa Majestade pelo magnífico almoço. São mágicas, as iguarias com que fomos brindados. Sinto-me leve como uma pluma. Fez uma reverência elegante com o boné, saudando o imperador, e ao virar-se sua capa derrubou do pedestal um precioso vaso da Companhia das índias Ocidentais, que enfeitava o salão. Com agilidade insuspeita num senhor de sessenta e um anos dom Pedro

Segundo executou um mergulho felino e agarrou,no ar, a relíquia, antes que esta se espatifasse no chão de mármore. Holmes, cruzando os portões em direção à carruagem, nem avistou o imperador do Brasil esparramado no piso do saguão.

O escravo de libré entrou na sala de música onde Maria Luísa Catarina de Albuquerque, baronesa de Avaré, dedilhava o cravo que pertencera à família do seu defunto marido:

- Tem dois homens aí fora querendo falar com a sinhá.

- E o que querem?

- Não sei, sinhá. Só sei que um fala uma língua esquisita e o outro é portuga. O portuga fica me dizendo: "Eu sou homem, eu sou homem". Que ele é homem eu já

vi.

Imediatamente, a baronesa entendeu que o "homem" era "Holmes". Fez sinal para que o criado mandasse entrar os dois.

Apesar da imponência do casarão do Cosme Velho, com seus jardins e cascatas, o que mais chamou a atenção do detetive e do doutor foi a beleza de Maria Luísa.

Não esperava encontrar, no Brasil, olhos tão azuis e cabelos tão ruivos. Além disso, a baronesa usava um vestido bege decotado, que lhe acentuava a generosa curva dos seios. Holmes aproximou-se, beijou-lhe a ponta dos dedos e apresentou o doutor Watson. Enquanto o doutor apreciava a vista que se descortinava da pequena varanda, Cherloc e a baronesa instalaram-se numa conversadeira.

- Aceitam um cafezinho? Foi moído agora. Esses doces de batata são da Castellões, uma das nossas melhores confeitarias - informou a baronesa apontando para uma mesa coberta de quitutes. Watson recusou de longe e Cherloc, que nunca recusava comida, serviu-se do doce e do café.

- Certamente, a baronesa já sabe o motivo da nossa visita - disse Holmes, sorvendo seu café.

- O imperador me informou da vossa chegada. Só não sei o que posso dizer para facilitar as investigações.

- Muita coisa. A baronesa ficaria espantada como pequenos detalhes

que passam desapercebidos aos olhos do leigo podem ter significância para quem desenvolve o exercício da dedução.Por exemplo: sou capaz de dizer que a baronesa é viúva, que seu marido era dono de uma apreciável fortuna, que ele morreu em decorrência de um acidente de caça, que caçava à beira de um rio, que era bem mais idoso do que a senhora e que, ao morrer, lhe deixou todos os seus bens. Maria Luísa, atônita, quase entornou sua xícara de café.

- Mas é espantoso! Como deduziu tudo isso?!

- Li no Compêndio da Nobiliarquia Brasileira que encontrei no hotel. Refeita do susto, a baronesa pegou no prato uma amêndoa confeitada com xarope e perguntou:

- Como posso ser útil às suas investigações, senhor Holmes?

- Queria saber exatamente de onde o violino desapareceu - informou Holmes, comendo mais um doce de batata.

- Não foi aqui em casa. Notei que uma das cravelhas do instrumento estava frouxa, dificultando a sua afinação. Pedi, então, que um dos meus criados o levasse até a loja Viola d'Ouro, de um mestre italiano radicado há anos no Rio de Janeiro.

- Qual é o nome deste senhor?

- Giacomo Peruggio. É uma pessoa da mais absoluta confiança. Sabe tudo de violinos. Além de formidável artesão, Peruggio é um excelente violinista. às vezes, se apresenta no Club Mozart, que o nosso imperador costuma freqüentar.

- Posso falar com o criado que levou o instrumento até a loja?

A baronesa tocou uma sineta e pediu que chamassem o serviçal. Minutos depois, entrou na sala um negro de botas compridas e redingote vermelho. Segurava uma cartola na mão e falou com uma voz de baixo profundo:

- Chamou, sinhá?

Holmes e Watson espantaram-se com a imensa figura parada à soleira da porta. O

negro, de quarenta anos, devia ter quase dois metros de altura e o redingote estufado não conseguia esconder os músculos poderosos do homem. Sua cabeça raspada e uma cicatriz que ia do olho esquerdo

até a comissura dos lábios lhe davam uma aparência ainda mais assustadora. A baronesa fez as apresentações:

- Esse é Mukumbe. É meu anjo da guarda. Foi escravo de meu pai mas hoje é um homem livre, alforriado por mim assim que meu pai morreu. Mukumbe é meu factótum.

Cocheiro, mordomo, mensageiro e guarda-costas. Não sei bem por quê, mas sinto-me segura em sua companhia - disse, rindo, a baronesa. O negro abriu a boca num largo sorriso cheio de dentes brancos e seu semblante ficou doce como o de uma criança.

- Mukumbe, este é o senhor Holmes e ali está o seu amigo, o doutor Watson. Querem fazer algumas perguntas a respeito do violino.

- Pois não, sinhá.

Holmes aproximou-se do gigante:

- Só queria saber se por acaso notou se alguém o seguia, quando foi à loja de consertos.

- Não, senhor. Não há homem vivo nem assombração que venha atrás de mim quando ando pelas ruas.

- Posso entender por quê - murmurou Holmes. - Tem certeza de que o violino estava dentro da caixa?

- Tenho, sim, senhor. Eu vi quando a sinhá guardou antes de me entregar. Foi logo depois da gente tocar uma valsinha aqui na sala.

- Esqueci de dizer. Mukumbe também é exímio pianista. Toca cravo e órgão, quando há missa aqui na capela.

Cherloc quase engasgou-se com o quinto doce de batata. Watson, que do terraço observava, sem entender, a conversa, indagou:

- O que foi, Holmes?

- O núbio toca piano - traduziu o detetive, estupefato.

- E também falo inglês - completou o negro Mukumbe, com notável sotaque londrino.

- É verdade - confirmou a baronesa. - Quando meu falecido pai me mandou estudar na Inglaterra, fez questão de que Mukumbe me acompanhasse como chaperon.

- Também não sou núbio. Minha família vem do Congo. Meu pai era um rei da nação Ioruba, prisioneiro dos Zingala, que foi vendido aos portugueses.

- E que tipo de música toca? - disse Holmes, retomando o assunto anterior.

- Depende. Na capela, é claro, música sacra. Quando eu toco com a sinhá, valsas e polcas, mas o que eu gosto mesmo é do maxixe e do samba.

- Maxixe? Samba?

- São danças de roda trazidas de Angola. Se a sinhá permitir,posso dar uma pequena demonstração.-Mukumbe olhou para a baronesa, como que a pedir aprovação.

- Claro que sim, Mukumbe. Se bem que o cravo não é muito adequado. Não tome muito o tempo do senhor Holmes.

Antes mesmo que Maria Luísa terminasse, o gigante sentou-se ao instrumento e começou a improvisar. O ritmo era empolgante. Suas mãos enormes corriam como aranhas pelo teclado. Sem se dar conta, Holmes acompanhava o compasso batendo com seu cachimbo num console Luís quinze ao lado do cravo. Mukumbe terminou executando um chorinho de Ernesto Nazareth.

- Pena que deixei meu violino no hotel. Adoraria aprender esses ritmos novos explicou o detetive, continuando seu batuque, que já deixara uma marca indelével no console.

- Tenho certeza de que não faltarão oportunidades - garantiu a baronesa, levantando-se. - Se não tem mais nenhuma pergunta, vou pedir licença para me retirar.

Tenho uma aula de equitação daqui a instantes. Mukumbe vai acompanhá-los até a porta e, assim que desejarem,pode levá-los à Viola d'Ouro numa das minhas carruagens.

- Fico-lhe muito agradecido, baronesa. Amanhã, semfalta, vou procurar o italiano. Adeus.

- Obrigado - disse o doutor Watson, pronunciando com um sotaque carregado a única palavra que conhecia em português.

Capítulo 10

Ele execra os Quiosques. Aqueles pavilhões de madeira tosca proliferam pela cidade inteira, como monumentos à imundície e ao pecado. Pequenas torres fétidas emporcalhando as ruas. Odeia, com mais intensidade ainda, o Quiosque que avista da janela do seu quarto. Muitas vezes, ao cair da noite, como agora, ele fica horas a fio, com as luzes apagadas, vendo o movimento dos passantes que, como animais sedentos, vêm chafurdar em volta daquela ermida do vício. Ele abomina o chão em volta do Quiosque. Tem nojo da lama formada pela saliva grossa da gentalha, que se reúne naquele pútrido pavilhão, escarrando e bebendo aguardente da cloaca. Ele odeia os bêbados decadentes para quem o Quiosque é um oásis em meio a uma miragem etílica. Ele detesta os balconistas medíocres, que chegam para comprar bilhetes da Sorte Grande, como se o beijo do dinheiro pudesse transformá-los de sapos em príncipes. A maior repugnância, no entanto, ele guarda para os que vêm comprar cartões pornográficos. Há obscenidade de todo tipo. Mulheres nuas, de sexo devassado, com um sorriso alvar nos lábios, mulheres deitadas com cães imensos, a cabeçorra enfiada entre as coxas. Mulheres se esfregando em enormes falos de madeira e, até, mulheres com mulheres. E sempre rindo. O mesmo riso idiota e pervertido. Putas. Todas elas putas. Pensa novamente na moça do chafariz. Então era uma camareira no palácio? Uma lástima, mas estava na rua àquela hora. Se estava na rua, era puta. Puta, puta. Pois não são todas putas na alma? Ele olha novamente o Quiosque. Como que a desafiar seus limites, uma mulher vem encostar-se ao balcão. É uma mulata clara, quase branca. Ele vislumbra seu rosto de traços finos, delineado pela luz da rua, e espanta-se com a beleza da moça. A jovem dá uma gargalhada de alguma coisa que lhe diz o dono do Quiosque. Certamente uma proposta infame. A gargalhada fere seus ouvidos como uma lâmina. Mais uma puta. Ela se afasta, levando uma garrafa de leite. Ele ganha rapidamente a rua em busca de sua presa. Holmes acordou com o barulho de granadas explodindo. Imaginou que fosse um grupo de revoltosos tentando derrubar o regime. Pulou da cama e, atravessando o aposento, trôpego de sono, entreabriu a porta que dava para o quarto de Watson.

Avistou o amigo, que tinha o sono leve dos médicos, dormindo profundamente. No entanto, os tiros e explosões continuavam cada vez mais fortes. Aproximou-se da janela. A rua permanecia calma e deserta àquela hora. Só então percebeu que não eram granadas. As explosões que ouvia vinham diretamente do seu abdômen. Era o dendê fazendo finalmente efeito. O detetive começou a experimentar o resultado devastador dos camarões, das lingüiças, das pimentas, dos amendoins e dos doces.

De repente, ele sentiu uma dor fina e aguda nascendo em suas entranhas. Nessa altura, já transpirava abundantemente. Abriu a porta do quarto e caminhou, num passo célere, em direção à sala de banhos.

Minutos depois, parcialmente refeito, voltou ao quarto. Estava abatido, mas não queria acordar o doutor Watson por causa de uma ligeira indisposição digestiva.

Bebeu um gole de água e achou que estava um pouco melhor. O sono fora embora. Resolveu dar uma volta para aproveitar a brisa da noite. Vestiu as calças por cima da camisola, colocou o boné, jogou sobre os ombros a capa e saiu do quarto pé ante pé, para não acordar o doutor. Na porta do hotel, respirou fundo e, ainda depauperado, desceu a rua Fresca em direção à Santa Luzia. O ar marítimo fez com que se recuperasse aos poucos. A longa caminhada fazia-lhe bem. Acostumado a percorrer horas a fio as ruelas de Londres, nem se deu conta de que tinha se afastado do hotel. Depois de algum tempo, chegou ao beco do Campo dos Frades, na esquina do Passeio. Ali, parou junto a um lampião de gás e, aliviado, acendeu o cachimbo. Encostou-se ao poste do lampião e deu uma longa baforada. A moça estava exausta. Fizera dois espetáculos da revista A mulher-homem. Sua participação era pequena, quase só como corista, porém Oscar Pederneiras, que a vira em cena, se encantara com sua vitalidade e havia lhe prometido um bom papel em Zé Caipora, com o ator Machado, na próxima temporada do Teatro Príncipe Imperial. Ela era muito jovem ainda e podia esperar pelos monólogos principais.

depois do teatro, passara pelo quiosque do seu Isidoro, na rua do Lavradio, perto da Bernardo de Vasconcelos, para comprar a garrafa de leite que bebia quente, sozinha em casa, antes de dormir. Como sempre, o português lhe dirigira alguns gracejos pesados. A jovem mulata achava graça naquelas sandices inofensivas que ele repetia todas as vezes,num ritual de fim de noite. Agora, ela caminhava distraída, pela rua Nova dos Arcos, sem notar a figura quase transparente de tão pálida que a seguia furtivamente. Assim que dobrou a rua Visconde de Maranguape e chegou à do Passeio, ele atacou. Coberto pela imensa capa preta, parecia um gigantesco morcego mergulhando sobre a moça.

Desta vez, no entanto, o acaso favoreceu a caça e não o caçador. Quando o algoz de negro pousou junto à vítima, seu pé resvalou numa das pedras soltas da calçada e ele desequilibrou-se. A jovem virou-se rapidamente, com a agilidade aprendida nos palcos, e lançou-lhe ao rosto a garrafa de leite. Depois, saiu em desabalada corrida gritando por socorro. Holmes, da outra esquina, andou rápido em sua direção.

Agarrou a moça em pânico e apertou-a contra o peito. Ela continuava gritando, apontando para o vulto:

- Ali! Um homem! Queria me matar! Socorro! Socorro! - gritava a moça, apavorada.

O detetive viu que o agressor ainda segurava um longo punhal. De longe, não podia distinguir-lhe os traços. Disse para a mulata:

- Não saia daqui!

O homem já se virara e corria pela rua. Holmes disparou atrás dele. Alguns curiosos começaram a acender luzes e a sair das casas do outro lado. O

assassino estancou. Olhou para Cherloc que se aproximava. Viu-se encurralado entre o detetive e os homens que vinham em sua direção. Virou-se, então, para o primeiro prédio na sua frente e, usando a ponta da adaga, destravou a fechadura do pesado portão, desaparecendo dentro do imóvel. Era a Biblioteca Nacional.

Com mais de cem mil volumes, distribuídos por quarenta e duas salas, a Biblioteca Nacional era um dos orgulhos do imperador. Holmes parou à entrada do edifício.

Havia um cheiro de mofo no ar. Ouviu os passos do monstro ecoando no chão de pedra. Gritou:

- Aqui é Cherloc Holmes! Pare ou eu atiro! -blefou o detetive, que tinha deixado seu revólver no hotel. O matador não lhe deu ouvidos. Sem hesitar, Holmes partiu no seu encalço. Passou pelo nicho com o busto em mármore branco de dom João sexto e viu, ao longe, o vulto de negro se esgueirando entre os corredores do terceiro salão, onde se alojavam os quarenta e cinco mil livros da seção teológica. O detetive correu deixando de lado qualquer prudência e este ímpeto quase lhe custou a vida. Quando cruzou o arco que dividia aquela sala, por pouco não se viu soterrado por uma imensa estante que o homem perseguido tentara derrubar sobre sua cabeça. Desviou-se por puro reflexo e o chão ficou coalhado de obras preciosas, como as bíblias poliglotas de Ximenes e Arias Montanus. Teve tempo de ver o demente enlouquecido cruzar pelos Clássicos Gregos e Latinos, atravessar as Ciências Morais e subir por uma pequena escada em caracol. Como um raio, Cherloc cobriu o espaço que o separava da escada. Pulou os degraus de três em três. No andar de cima, a fera acuada abriu uma porta que dava para as retretes. Sem nem mesmo parar, o homem atirou-se pela janela que dava para os fundos da construção, deixando

um rastro de vitrais estilhaçados. Holmes, que quase o alcançava, preparou-se para pular através dos vidros quebrados, seguindo o mesmo caminho. Foi quando avistou o vaso sanitário de porcelana francesa decorado com ramos de rosas vermelhas entrelaçadas. Aquela visão despertou-lhe imediatamente uma cólica violenta. Holmes ainda hesitou entre jogar-se da janela e sentar-se no vaso. A hesitação durou poucos segundos. Desabotoando as calças, ele cedeu ao chamado imperioso da natureza. O detetive ficou ali, humilhado, madrugada adentro. O dendê produzira uma proeza que nem mesmo seu arquiinimigo, o professor Moriarty, conseguira realizar: deter Cherloc Holmes.

O nome da mulata era Anna Candelária. Filha natural de uma lavadeira mestiça, fora criada pelo padre Marcial Fiúza, em Itaguaí, perto do Rio, e as comadres da vila, sempre maldosas, diziam que o padre era o pai da menina. Tudo porque padre Marcial, um pernambucano descendente de holandeses, tinha cabelos muito ruivos e olhos verdes. Por uma dessas ironias do destino, Anna Candelária tinha os mesmos olhos verde-esmeralda do padre. Pura coincidência, provavelmente, mas, para as beatas maldizentes, aquilo era prova conclusiva. O padre Marcial tinha um hábito pouco apreciado pelos moradores de Itaguaí. Aos domingos, depois da missa, passeava pela praça da igreja e, enfiando as mãos pela abertura nos bolsos da batina, punha-se a coçar as virilhas. Depois, disfarçadamente, levava os dedos às narinas, cheirando e balbuciando extasiado: "Está como nunca! Que delícia! Hoje, está como nunca!". Eram estas mesmas mãos que ele dava a beijar aos passantes que vinham lhe pedir a bênção:

"Deus te abençoe, meu filho... oh, está como nunca...hoje está como nunca... Deus te abençoe minha filha... oh, que delícia...". E seguia cheirando e abençoando pelo dia afora.

Assim que completou quinze anos, Anna Candelária fugiu para o Rio de Janeiro com um mascate que passara pela vila. Agora, aos vinte e dois, morando sozinha num pequeno quarto de aluguel na rua das Marrecas, era a primeira vez que sentia saudades de Itaguaí. Lá, sua vida nunca havia sido ameaçada. Não fosse o homem alto com sotaque de português, estaria morta. Não esperou pelo seu salvador, claro. Como a profissão de artista de teatro era confundida com a das prostitutas, não queria confusões com a polícia. Sentou-se na cama, o coração ainda agitado, e voltou a pensar no homem alto com aquele engraçado boné xadrez. Talvez devesse ter esperado. Era atraente, o homem alto, com as feições angulosas, como que talhadas à faca. Não propriamente bonito, mas muito atraente. E, afinal, tinha lhe salvado a vida. Anna Candelária suspirou, deitou-se e puxou as cobertas: "Não

adianta chorar sobre o leite derramado", pensou e, na hora, lembrou-se da garrafa de leite que tinha lançado ao rosto do assassino. Soprou a luz da lamparina e, minutos depois, dormia o sono tranqüilo dos anjos e das filhas de padre.

A Viola d'Ouro localizava-se na rua dos Ourives. Apesar do lugar ser tradicional mente ocupado por joalheiros, Giacomo Peruggio, seu proprietário, escolhera a rua porque achava que sua atividade também era um trabalho de ourivesaria. Natural de Cremona, berço dos Amati, onde nasceram os mais famosos violinos do mundo, viera para o Brasil em 1866, no dia em que completara trinta anos. Pretendia ir para a América do Norte, porém, chegando ao porto, o navio que iria zarpar vinha para este continente, e ele não teve dúvidas: embarcou com a mulher e suas poucas bagagens. Na sua vida, Giacomo solucionava tudo desta mesma forma. Quando resolveu casar, namorou uma menina da sua terra durante cinco anos. Decidiu, então, pedir a mão da moça em casamento. O pai, um pequeno lavrador, foi sucinto:

- Na minha família, só se casa pela ordem. Primeiro as mais velhas, depois as mais moças.

- Que seja. Eu fico com a mais velha. - E casou com a rapariga que conheceu naquele dia.

A Viola d'Ouro vendia e consertava todos os tipos de instrumentos de corda, entretanto a paixão de Peruggio eram os violinos. Além de ter aprendido seu ofício na terra de Stradivari, numa pequena loja perto da casa onde nascera o grande mestre, Giacomo também era um razoável instrumentalista e, sempre que a ocasião se apresentava, tocava nos concertos das várias sociedades musicais que existiam na cidade. Aliás, magro, muito louro, de cabelos longos e revoltos, mais lembrava um maestro do que um artesão. Naquela tarde, encostado ao balcão dos fundos, examinava as cordas que lhe havia entregado o delegado Mello Pimenta:

- Não há a menor dúvida - disse, com seu sotaque de italiano. - São cordas de violino. O sol e o mi. A primeira corda e a última.

- Tem certeza? - perguntou Pimenta, ainda aborrecido com o fato de Chiquinha Gonzaga ter acertado na sua avaliação.

- Absoluta, delegado. Conheço isso mais do que a palma da minha mão. Veja, são cordas muito finas, feitas de tripa, muito diferentes em textura e tamanho das cordas de viola, bandolim ou violão. Também são de excelente procedência. Posso perguntar onde o senhor as

encontrou?

- Pode. Eu é que não posso responder. Fazem parte de uma investigação sigilosa.

- Ah, então devem estar relacionadas ao caso das moças mortas - disse o luthier, mostrando que no Rio de Janeiro nada era muito sigiloso.

- Ultimamente ninguém veio comprar cordas para substituir estas daqui?

- Não, delegado. Se viesse, eu certamente me lembraria. Inclusive porque conheço bem todos os violinistas da cidade.

- Por favor, se aparecer alguém procurando, não deixe de me avisar. O delegado pediu que Peruggio lhe devolvesse as duas cordas. Já ia se preparando para sair, quando entrou na loja um abatido Cherloc Holmes, acompanhado pelo doutor Watson. Em vez do cachimbo, trazia na mão um côco verde, de onde sorvia longas goladas. A água-de-côco fora sugestão de Inojozas, o concierge do hotel, como o melhor curativo para livrá-lo da indisposição gástrica da véspera.

Watson insistira para que Holmes tomasse um pouco de tintura de ópio canforado, mas o detetive preferira o tratamento mais exótico.

- Delegado Pimenta, eu presumo - afirmou Cherloc.

Pimenta espantou-se:

- Pois não. Como sabe quem eu sou?

- Estive na delegacia à sua procura e me disseram que eu o acharia aqui. Sou Cherloc Holmes e este é o meu amigo doutor Watson.

- Então o senhor é o famoso detetive inglês? Hoje mesmo ia procurá-lo em seu hotel. Espero que tenha recebido o meu telegrama - falou Pimenta, surpreso pelo fato de Cherloc expressar-se em português. Dirigiu-se a Watson: - Eu não sabia que os senhores falavam a nossa língua.

Watson que não falava permaneceu mudo.

- Apenas eu - respondeu o detetive. - O doutor Watson não entende nada do que o senhor está a dizer.

- Foi ótimo tê-lo encontrado. Preciso muito da sua ajuda. Imagine que... Holmes interrompeu o delegado:

- Um momento, por favor. Antes devo ter uma pequena conversa com o senhor Giacomo - completou, virando-se para o italiano.

Peruggio não cabia em si de contentamento. Não era todo dia que participava de assuntos tão palpitantes. Assassinatos, roubo de Stradivarius, cordas misteriosas.

Tudo sendo discutido na sua loja. Abençoou o dia em que trocara de navio.

- Pois não, senhor Holmes. Estou à sua disposição.

- Gostaria que o senhor me explicasse como foi que roubaram daqui o violino da senhora baronesa - disse o inglês.

- Descuido meu, senhor Holmes. Descuido meu... - lamentou-se Giacomo. –

Coloquei o instrumento em cima da minha bancada, atrás da loja, e, quando fui buscá-lo, na manhã seguinte, tinha desaparecido. A janela dos fundos estava arrombada.

- Se calhar, só não percebo por que deixou um violino tão precioso ao alcance do maganão - falou o detetive, com a perfeição de um lisboeta.

- Senhor Holmes, sei que aqui roubam de tudo; comida, botas, vestimentas, até

cavaquinhos, mas nunca imaginei que esses iletrados fossem roubar um violino declarou o italiano. A explicação não convenceu nem a Holmes, nem a Pimenta.

- Sinceramente, acho que o seu descaso desagradou muito à baronesa e, é claro, ao imperador - respondeu Cherloc, secamente.

Giacomo começou a entender o quanto aquele desleixo poderia prejudicá-lo. Adorava se exibir para dom Pedro, tocando seu violino nos clubes musicais e nos concertos da rua da Glória. Pôs-se a chorar e a tremer exageradamente.

- Oh, Dio, Dio, Dio... A baronesa nunca vai me perdoar! O que vou fazer da minha vida?! - E, como bom italiano, começou a bater com a cabeça violentamente contra a parede.

Watson, que não entendera nada do que se dissera até então, abriu sua

maleta, pegou um pequeno frasco e lançou-se sobre Peruggio, gritando:

- Céus! "É malária! Depressa, Holmes, ajude-me com este quinino! - E, antes que alguém pudesse impedi-lo, deitou goela abaixo do infeliz todo o vidro de remédio.

- Por isso é que, nos trópicos, nunca me afasto da minha sacola - completou, orgulhoso, o doutor.

- Watson, lamento informar-lhe que este pobre italiano estava apenas tendo um ataque de nervos, muito comum aos cidadãos de origem latina - explicou Holmes.

- Também, ninguém me contou que ele era italiano - queixou-se Watson, rabugento, fechando a maleta. - Esperam que eu entenda esta língua de pagãos?

Cherloc retomou o interrogatório:

- O senhor tem alguma idéia de quem pode ter roubado o violino?

- Nenhuma - respondeu Giacomo, cuspindo o gosto amargo do quinino.

- A que horas o violino foi roubado?

- Não sei ao certo, entre oito horas da noite e oito da manhã.

- Gostaria de examinar o local de onde o instrumento foi surrupiado – pediu o detetive.

Peruggio acompanhou todos até a pequena oficina instalada nos fundos. Holmes puxou uma lupa do bolso do casaco e começou a estudar minuciosamente a bancada.

Watson, que já conhecia os métodos do amigo, permaneceu fleumático, mas Pimenta acompanhava, mesmerizado, cada movimento do detetive. Depois da bancada, Holmes passou a examinar a janela. Agarrado a um prego saliente de parapeito, havia um fiapo de fazenda escura. Cherloc retirou cuidadosamente o tecido do prego, segurando-o entre o polegar e o indicador.

- Curioso, muito curioso... - disse Holmes, aproximando a lente dos dedos.

- O que foi? Achou algo suspeito neste pedaço de pano? - indagou

Pimenta, eletrizado.

- Não. Na minha unha. Deve ser uma farpa do coco - respondeu o detetive, jogando fora o pano e chupando a ponta do dedo.

Cherloc esquadrinhou o resto do aposento sem encontrar nada de relevante. Voltando para dentro da loja, ele e Pimenta despediram-se de Peruggio. Watson, ainda contrafeito, também apertou a mão do italiano, gritando:

- Fico satisfeito de que não seja malária! Para essas crises nervosas, eu aconselho água de melissa! - disse, com a certeza britânica de que, falando-se bastante alto, todos os seres humanos do planeta entendem inglês. Pimenta ia começar a dizer alguma coisa, porém foi cortado pelo ruído de um negro gigantesco que entrou no recinto, quase arrancando a porta do umbral. Já

ia puxar seu revólver da algibeira, quando Holmes o tranqüilizou:

- Calma, delegado. Este é Mukumbe, trabalha para a senhora baronesa e está

à minha disposição.

- Um moleque de recados veio me avisar que o marquês de Salles está no Café do Amorim e convida os senhores para um refresco - informou Mukumbe, sem se alterar.

- Se não fosse incômodo, eu gostaria de discutir com o senhor Holmes o caso que estou tratando agora - disse Mello Pimenta, guardando a arma.

- Pois venha também ao café - convidou Holmes. - Se os hábitos daqui são iguais aos de Londres, as mesas de bodega são sempre um manancial de informações.

Pimenta não gostou muito da idéia, pois preferia manter a investigação em termos confidenciais, todavia, diante do entusiasmo do detetive, não teve como recusar.

Giacomo Peruggio acompanhou-os até a saída.

- Senhor Holmes, diga à dona Maria Luísa que não me queira mal.

- Fique tranqüilo, senhor Giacomo. Não queria assustá-lo. A baronesa sabe que o senhor não teve culpa.

Peruggio, agradecido, estendeu-lhe dramaticamente os braços. Holmes aproveitou-se do gesto para deixar o côco vazio nas mãos do dono da Viola d'Ouro.

O Café do Amorim ficava no beco das Cancelas, fazendo esquina com a rua do Rosário.

Era famoso por seus refrescos e comidas frias, além, é claro, do café. Também servia os melhores vinhos e licores. O dono, seu Amorim, era um homem enorme de gordo, na casa dos quarenta, com bigodes de pontas viradas para cima. Vestia-se de calças pretas, camisa, colete e um avental à volta da cintura, como os garçons franceses que via nas gravuras. O avental era tão grande que Paula Nei costumava brincar: "ó Amorim, isto mais parece uma mortalha cobrindo as vastas refeições que jazem na tua barriga".

Amorim ria e continuava a se espremer entre as mesas para servir pessoalmente seus fregueses preferidos.

às vezes, fazia perguntas indiscretas, como agora, junto a um grupo de fazendeiros de café, que bebericavam licor de jenipapo discutindo os preços da última safra.

Um deles, o coronel Mendes Freire, era o caçula de uma família de sete filhos. Curiosamente, apesar dos pais serem brancos e todos os irmãos muito louros, Mendes Freire era moreno escuro, quase negro, e de cabelos crespos. Amorim não resistiu:

- Coronel, há muito tempo que estou para lhe perguntar. Como é possível que seus pais e seus irmãos sejam brancos e louros e o senhor tenha saído assim, tão escurinho?

Mendes Freire bebeu seu licor e explicou, dirigindo-se a Amorim e aos seus amigos:

- É uma história quase sobrenatural. Minha mãe estava grávida de dois meses e foi passar uns dias na fazenda do meu avô. Um dia, quando ela estava passeando pelos arredores, um escravo negro, alucinado, saiu da plantação gritando e tentando alcançá-la.

Minha mãe partiu voando de volta para a fazenda com o escravo correndo atrás dela. Graças a Deus, ela conseguiu chegar até a casa e os homens de meu avô

seguraram o pobre negro louco. Eu nasci com essa cor e com esses cabelos por causa do susto que minha mãe levou.

Os amigos de Mendes Freire sacudiram a cabeça comovidos. Amorim, respeitosamente, sentenciou:

- O coronel vai me desculpar, mas eu tenho a impressão de que o tal negro alcançou a senhora sua mãe.

Os fazendeiros disfarçaram, segurando o frouxo de riso e, antes que Mendes Freire pudesse protestar, Amorim afastou-se para receber Holmes, Watson e Pimenta.

Encaminhou o grupo até a mesa do Marquês de Salles.

lendo, Pimenta logo percebeu que não havia mais motivos para fazer segredos com o caso das moças mortas. Estava tudo na primeira página da Gazeta da Tarde, sob o título "CAÇADOR DE ORELHAS". O marquês cumprimentou os três e estendeu o jornal para Cherloc Holmes enquanto se queixava ao delegado:

- Vejo que o senhor escondeu alguns fatos bastante pitorescos quando fomos ao necrotério. Quanta confiança, delegado - ironizou.

- Não sei o que há de pitoresco nesta história escabrosa -respondeu Mello Pimenta.

Júlio Augusto se referia ao lado mais escandaloso da notícia, já que o periódico contava tudo, inclusive o detalhe mórbido das cordas musicais que o monstro deixava enroladas junto aos pêlos pubianos das pobres meninas. Pimenta praguejou silenciosamente contra o professor Saraiva. Apenas ele e o médico conheciam o local exato onde o assassino colocava as cordas. Não dissera isso nem à sua mulher.

O delegado se perguntou quantas garrafas de aguardente teriam sido necessárias para soltar a maldita língua do legista. Havia também, na segunda página da Gazeta, uma caricatura de Cherloc segurando um enorme cachimbo. Sob o desenho, a matéria relatava a vinda do detetive inglês. Holmes pegou o jornal e leu avidamente, traduzindo para o doutor Watson.

- Vejo que não tenho mais novidades para lhe contar - disse Pimenta, amofinado.

- Mas eu tenho - informou Cherloc, ao término da leitura.

- O que o senhor quer dizer com isso?

- Ontem, tive um encontro com o assassino.

O delegado espantou-se:

- Onde? Como?

- Na Biblioteca Nacional. Infelizmente só consegui vê-lo de longe.

- Por favor, conte-nos tudo, senhor Holmes - pediu Júlio Augusto. Cherloc Holmes relatou, minuciosamente, o episódio da noite anterior. Omitiu apenas o motivo que o impedira de continuar a perseguição. Alegou que, quando chegou à janela, o monstro já havia desaparecido pelas ruas da cidade.

- Só lamento que a misteriosa moça não me tenha esperado. Era realmente linda, uma mestiça muito clara, de grandes olhos verdes, quadris largos e seios fartos - suspirou, embevecido, o detetive.

O marquês achou graça no enlevo do inglês:

- O senhor não é o primeiro e, certamente, não será o último estrangeiro a se encantar com as nossas mulatas.Aliás, muitos dos seus patrícios já largaram tudo por uma cabrocha. - E recitou: - "Morenas de traços finos como um hindu, grandes olhos cintilantes mas velados por uma encantadora expressão de melancolia, cabelos negros como a asa de um corvo, têm a graça cativante das sílfides e o andar sensual das corças...".

Pimenta notou que a conversa estava se dispersando e voltou ao tema principal:

- Há apenas uma coisa que o jornal não conta. Várias pessoas que moram perto dos lugares onde as moças morreram disseram à polícia que ouviram o som de alguém tocando violino pelas ruas.

- Se ele continuar arrancando as cordas, este problema vai ser solucionado muito em breve - disse Júlio Augusto.

- Claro! - exclamou Holmes, batendo na mesa e acordando Watson, que cochilava. O delegado parecia não entender.

- Como assim?

- Então, não percebe, meu bom homem? O violino tem quatro cordas: Gê, Dê, Á, É

- explicou, designando as notas por letras, no sistema usado pelos

ingleses. –

Se ele já usou duas cordas, faltam ainda mais duas.

- O senhor está tentando me dizer que o assassino pretende, sem razão nenhuma, matar mais duas moças?

- O senhor disse bem, delegado, "sem razão nenhuma", porque esse homem perdeu a razão. Apenas em algum recôndito doentio da sua mente ele deve encontrar os pretextos desta fúria sanguinária. Espero que nós dois, trabalhando juntos, possamos impedi-lo - falou Holmes.

- Esperamos todos - completou o marquês de Salles.

Cherloc virou-se para Watson e traduziu para o inglês toda a conversa. o médico ficou impressionado:

- Que coisa horrível. Este homem mata as mulheres assim, sem motivo?

- Sim, Watson. Em toda a minha carreira nunca vi nada semelhante. Tirar brutal mente a vida dessas jovens, sempre da mesma forma e sem o menor propósito. O

homem é um demente que gosta de assassiná-las em série, é o que eu chamaria de serial killer. Isso mesmo, serial killer - decretou Cherloc Holmes, cunhando a expressão.

Depois de repetir várias vezes o neologismo recém-criado, virou-se para Júlio Augusto e perguntou:

- How would you say serial killer in Portuguese?

- Assassino serial? - arriscou o marquês, numa péssima tradução.

- Seja lá o que for, é preciso detê-lo - arrematou Mello Pimenta. Holmes acendeu seu cachimbo. Uma idéia começava a germinar em sua cabeça:

- Por acaso já pensaram que o nosso assassino deve ser o mesmo homem que roubou o violino da baronesa?

Pimenta amaldiçoou-se por não ter imaginado isso antes. Fazia sentido. Aliás, dentro de toda esta loucura era a única coisa que fazia sentido. O mentecapto que matava as moças era o mesmo que roubara o violino. Não sabia até que ponto esta revelação iria ajudar, todavia era óbvio que o inglês tinha razão. As duas coisas começaram

exatamente na mesma época. Só não entendia por que o louco deixava as cordas nos pêlos púbicos de suas vítimas. "Por quê?

Exatamente porque é louco, ora essa!", pensou consigo mesmo. Mil idéias passavam por sua cabeça.

Seria o assassino um músico profissional? Eram tantas as sociedades musicais que havia na cidade! Por onde começar? Primeiro ia ver se havia algum violinista com passagem na polícia. Cherloc Holmes interrompeu seus pensamentos:

- Delegado, mais do que tudo, uma coisa continua a me intrigar profundamente:

- O que é, senhor Holmes?

- Onde será que eu vou poder encontrar de novo aquela mulata? - respondeu Cherloc, com o olhar entristecido dos apaixonados.

Capítulo 11

Seu gato siamês, que costuma andar perdido pelos telhados, dorme hoje placidamente na cestinha de vime ao lado da porta. Ele nem dá atenção ao gato. Deitado em sua cama estreita, ele perde a noção do tempo. Esta ali há

mais de duas horas, em decúbito dorsal, olhando fixamente o teto. É um exercício espiritual que faz, quando o ódio que tem na alma começa a esmaecer. Deita-se, inteiramente nu, e, de olhos fechados, imagina o ódio novamente tomando conta do seu organismo. Aos poucos, a sensação invade-lhe a anatomia. Começa pelos dedos dos pés e vem subindo pelas pernas. Com o pensamento, ele fixa o ódio em cada dobra, em cada reentrância, em cada poro do corpo. O ódio penetra as coxas musculosas e continua subindo. Agora já envolve o seu sexo. Ele nunca entende por que o ódio endurece-lhe a genitália. Junto com o ódio, vem o calor. O ódio e o calor vêm crescendo juntos. Ele percebe a divisão que se estabelece durante o exercício. Quando o ódio atinge o plexo solar, sente incandescer metade do seu corpo, enquanto a parte superior continua gélida, como carne morta. São dois hemisférios distintos de um mesmo casulo. Nesse momento, ele sabe que precisa concentrar-se mais ainda, repetindo mentalmente, como um mantra sagrado, ódio, ódio, ódio. Aos poucos, o ódio segue, persegue seu caminho, seu destino, envolve-lhe a cabeça até chegar à ponta dos cabelos. Arrepia-se todo. Os lençóis da cama estão encharcados de suor. O processo termina. A essência do ser reabastecida pelo mais puro ódio. Raras vezes ele precisa recorrer a

este exercício. Só uma coisa mina-lhe o ódio. O Medo. Ele sentira medo na noite passada. Medo de que o inglês o alcançasse, que o descobrisse. Avistou ao longe o gorro ridículo, a capa enxadrezada, e teve medo. Medo de morrer, medo de viver. Ele não quer ser pego, sabe que não quer ser pego. Mesmo assim, há algo que o força a deixar as pistas que certamente levam ao desastre. São óbvias demais. Aquele policial gordo e obtuso não enxerga nada, mas o inglês lerá facilmente as mensagens. Cherloc Holmes não deixará de entender o rastro gritante que ele deixa em seu caminho. Levanta-se e começa a se enxugar com uma toalha de linho. Sua tanto que logo tem de usar outra toalha. Pega a velha adaga na caixa escondida no armário e passa a lâmina fria em sua testa, aliviando a sensação febril que ainda experimenta.

A mulher e o detetive não poderiam reconhecê-lo, havia a capa e a escuridão a protegê-lo, contudo está frustrado. Ela tivera sorte. Muita sorte. Só por isso ele não conseguira atravessar-lhe o seio macio com a lâmina afiada da faca e arrancar-lhe os pulmões. A mestiça tinha sete vidas, como os gatos. Ou seriam nove? Os gatos têm sete ou nove vidas? Não se lembra. Aproxima-se do seu siamês que dorme na cesta de vime. Segura o bichano pela cabeça com uma das mãos e, com um único golpe da adaga, abre-lhe o ventre. É tão rápido que o gato morre sem nem mesmo abrir os olhos. Uma vida. Afinal, os gatos, como as putas, têm uma vida só.

Como já tinha sido homenageada por vários artistas brasileiros, Sarah Bernhardt resolveu fazer uma surpresa e visitar, acompanhada da sua trupe, um espetáculo teatral do Rio de Janeiro.

A peça escolhida foi a revista de ano A mulher-homem, exatamente aquela onde trabalhava, fazendo uma soubrette, a mulata Anna Candelária que tanto encantara Cherloc Holmes. Era encenada no Teatro Santana, no Rossio, na mesma praça da Constituição onde Sarah Bernhardt se apresentava no São Pedro de Alcântara. O ponto alto da revista era baseado num caso ocorrido na cidade um ano antes: um homem se apresentava para trabalhar nas casas de família, como doméstica, vestido de mulher. Ao descobrirem seu disfarce, houve um escândalo que tomou conta do Rio. O episódio estava sendo retratado no espetáculo que passava o ano em revista. As músicas principais eram de Chiquinha Gonzaga e o texto de Valentim Magalhães e Filinto de Almeida. A platéia explodia em gargalhadas quando o excelente ator cômico Vasques, se requebrando em roupas femininas, interpretava um monólogo cantado e terminava dizendo:

"Eu me explico num momento,

E há de entender-me afinal:

Na forma e no pensamento

Sou um ser insexual..."

Depois da sua peça, sem mesmo trocar de roupa, Sarah saiu do São Pedro e entrou no Teatro Santana quase ao final do espetáculo, quando toda a companhia participava do quadro "Maxixe na cidade nova". Foi uma entrada triunfal, digna da Divina.

Assim que, em cena, deram-se conta da presença inesperada da ilustre visitante, Heller, empresário de A mulher-homem, entrou no palco, interrompeu seus atores e ordenou que o maestro atacasse a Marselhesa. Houve um verdadeiro delírio.

Sarah subiu ao palco e entregou a Cinira Polônio, uma das atrizes principais do elenco, um ramo de flores preso por fitas verde-amarelas. A platéia, arrebatada, aplaudiu de pé o gesto de Sarah. Vasques não resistiu; aproximouse, abraçou e beijou a francesa. Depois, saiu correndo pelo palco, gritando:

"Eu beijei Sarah Bernhardt! Eu beijei Sarah Bernhardt!". A festa terminou com franceses e brasileiros confraternizando num jantar regado a vinhos e violão, oferecido por Heller, no Restaurant de la Terrasse. O sofisticado Heller mandou servir Roederer Cristal, uma cuvée de prestige e único champanhe de casco transparente, invenção do czar Alexandre segundo para que seus convivas pudessem apreciar o líquido dentro da garrafa. Na tarde seguinte, Sarah chegou ao teatro para o ensaio ainda sentindo os efeitos da noitada anterior. Como eram impetuosos esses brasileiros. Todos apaixonados por ela. Contaram-lhe que, na semana anterior, um fazendeiro cavalgara três dias e três noites para assistir ao seu espetáculo. Quando chegara à bilheteria a casa estava lotada, como sempre. O fazendeiro fez um escarcéu dizendo que não arredaria dali sem ver "a famosa artista que veio da França".

Para aplacar-lhe a ira, o gerente ofereceu-lhe um lugar em pé, no fundo da sala.

Acalmado, o fazendeiro pegou seu ingresso e dirigiu-se à entrada. Antes de cruzar as portas, virou-se para o gerente e perguntou: "A propósito, o que faz essa mulher? Ela canta ou dança?". A atriz rira muito do incidente. Sarah Bernhardt comunicava-se com a equipe de técnicos por intermédio do intérprete Sarmento, funcionário contratado pelo teatro, que morara dois anos em Paris.

Sarmento, atarracado e sem pescoço, era nativo do interior do Ceará. Ainda muito jovem, movido pelo espírito de aventura, engajara-se como embarcadiço num navio da New-Zealand Shipping Company e resolvera percorrer o mundo. Durante quinze anos, ele exercêra, em diversos países, as mais diferentes profissões.

Fora puxador de riquixá em Hong Kong, banderilheiro em Barcelona, aguadeiro em Bombaim, cocheiro da Wells Fargo no Missouri, xamã no Peru, crupiê em Londres, gondoleiro em Veneza, alambiqueiro em Glasgow, cantor no Tirol, coveiro em Istambul, moleiro em Coimbra e, finalmente, gigolô em Paris. Durante esse tempo, aprendera a falar mandarim, espanhol, hindustani, inglês, italiano, alemão, turco e francês, línguas que Sarmento dominava com perfeito sotaque cearense.

Sarah chamou todos ao palco para afina os últimos detalhes de Le maitre de forges de Georges Ohnet, onde ela fazia o papel de Claire de Beaulieu. Era um dos seus maiores sucessos e, excelente profissional, ela queria que tudo saísse a contento. Notou que faltava uma cadeira em cena e, usando Sarmento, perguntou ao contra-regra Pipoca onde estava o móvel que faltava.

- De noite tem - foi a resposta lacônica do homem.

- E o tapete do proscênio?

- De noite tem.

- Onde está a lâmpada da mesinha?

- De noite tem.

- Também estão faltando as almofadas.

- De noite tem.

Sem se alterar, Sarah virou-se para Sarmento:

- Diga a monsieur Pipoca para colocar imediatamente no palco todos os objetos que estão faltando, agora. Se não, de noite, quem não tem sou eu. Virou-se e começou a discutir o texto com o elenco. Antes que pudesse dar início ao ensaio, foi interrompida por Pimenta, que chegava ao teatro.

- A que devemos a honra desta visita, mais alguma queixa contra mim? –

perguntou Sarah, do palco, sempre por intermédio de Sarmento.

- Claro que não, madame. Vim procurar um senhor que trabalha aqui. Peço-lhe desculpas pela interrupção - disse Pimenta, tocando seu chapéu e tomando o corredor que levava à sala de ensaios musicais.

Procurava um violinista chamado Haroldo Borges. Borges tinha sido preso quatro vezes por espancar violentamente a mulher. As queixas eram registradas por um vizinho militar, que, por diversas vezes, socorrera a esposa do músico, e as surras valeram a Haroldo dois meses de cadeia. O delegado chegou ao salão que a orquestra usava para ensaiar. Vários músicos conversavam, enquanto afinavam seus instrumentos. A discussão, como sempre, girava em torno dos baixos salários pagos. Todos se calaram à entrada de Pimenta.

- Estou procurando um violinista chamado Haroldo Borges - disse o delegado. Uma figura magra, de rosto encovado, respondeu lá do fundo:

- Pois não?

- Sou o delegado Mello Pimenta, gostaria de ter uma conversa com o senhor em particular.

Sem dizer uma palavra, Haroldo Borges guardou seu violino na caixa e foi lentamente ao encontro do policial. Os dois dirigiram-se à entrada dos artistas.

Quando chegou perto da pequena porta, Borges jogou a caixa com o instrumento sobre Pimenta e tentou disparar para a rua. O gordo policial imprensou-o contra a soleira.

- Aonde pensa que vai com tanta pressa? - indagou Mello Pimenta, segurando-o pelo braço.

- Para qualquer lugar onde não exista injustiça policial.

- Injustiça?

- Foi o Gouveia de novo, não foi?

Mello Pimenta não estava entendendo nada daquela história. Não conhecia nenhum Gouveia nem era adepto de injustiças.

- Não tenho a menor idéia do que você está falando. Quem é o Gouveia?

- O sargento do Corpo Militar da Polícia da Côrte que mora na minha rua. É sempre ele.

Mello Pimenta começou a compreender. Gouveia era o militar que fazia as queixas sempre que Borges espancava a esposa.

- Meu assunto não tem nada a ver com as suas desavenças domésticas. Estou investigando dois crimes e quero saber das suas andanças nos dias dos crimes. Pimenta puxou seu caderno de anotações. Infelizmente para ele e felizmente para o violinista, nas datas dos assassinatos, Haroldo Borges estava em Juiz de Fora, bem distante do Rio de Janeiro, fazendo uma pequena temporada com o quarteto de cordas que organizara para melhorar, nas horas livres, os magros rendimentos mensais. Em seu lugar, ficara o Lima, homem de sete instrumentos que costumava substituir os colegas sempre que estes iam ganhar alguns trocados extras. Mello Pimenta guardou a caderneta no bolso dizendo secamente:

- Pode ir. E, antes que eu me esqueça, não tenha mais a desfaçatez de surrar uma mulher indefesa e acusar a polícia de injustiças. Haroldo Borges dirigiu um olhar triste a Pimenta:

_ Seu delegado, o senhor conhece a minha mulher, a Marieta?

- Claro que não.

- Ela pesa mais de cem quilos e tem um metro e oitenta. O senhor acha que com esse meu corpo franzino eu teria condições de bater nela?

- Então, que história é essa dos espancamentos?

- Pois é, seu delegado. Ela me engana com esse sargento Gouveia, que mora na minha rua. Cada vez que eu reclamo, a Marieta me arrebenta todo. Depois, o sargento vai na delegacia e dá a queixa ao contrário. Ontem mesmo eu apanhei de novo - contou o violinista, abrindo a roupa e mostrando o corpo coberto de hematomas. - Quando eu vi o senhor, entrei em pânico. Pensei que o Gouveia já

tivesse ido à polícia e que o senhor vinha me prender. Não agüento mais ir para a cadeia injustamente.

- E por que é que na delegacia acreditam na história desse homem? - perguntou o delegado, incrédulo.

- O senhor sabe, o Gouveia é sargento, militar do Corpo de Polícia da

Côrte, tem muitos amigos por lá, e eu sou um mero violinista.

- Pode deixar que eu vou tomar providências para que você não seja mais perseguido - garantiu Pimenta, sensibilizado pela história do músico. - Mas vou lhe dar um conselho, meu amigo. Abandone esta mulher, procure outra companheira.

- Não posso, seu delegado. Bem que eu gostaria, mas não posso. A Marieta é

muito ciumenta. Ela já disse que se eu largar dela, ela me mata - explicou Borges em voz baixa, enquanto abotoava a camisa.

Mello Pimenta despediu-se, pensando em levar uns pés-de-moleque para sua Esperidiana, esposa amantíssima, dádiva dos deuses. Afastou-se penalizado pela triste história do encornelhado violinista.

Capítulo 12 - Rodrigo Modesto Tavares ganhara o título de visconde de Ibituaçu de maneira pouco convencional. Homem muito rico, já de certa idade, era figura habitual do Paço, cortejando sempre o soberano. Numa bela manhã de abril, havia uns cinco anos, dom Pedro fora inaugurar mais um braço da sua querida estrada de ferro. Junto a ele, vários dignitários, ministros, senadores, conselheiros, marechais e, evidentemente, Rodrigo Modesto Tavares, que fazia questão absoluta de comparecer a essas cerimônias ao lado do imperador. Sua Majestade Imperial estava radiante em uniforme de gala. A banda, com toda a pompa, interpretava algumas marchas militares. Uma multidão se aglomerava para ver dom Pedro segundo. O sol resplandecente e o azul límpido de um céu sem nuvens acrescentavam mais solenidade ao momento. No palanque abarrotado, o monarca preparava-se para dar início à cerimônia de inauguração, quando aconteceu o inesperado. Logo após os aplausos que sucederam a execução do Hino nacional, no instante de silêncio que se seguiu, dom Pedro, inadvertidamente, deixou escapar uma estrepitosa flatulência.

Constrangimento geral no palanque. As autoridades não sabiam o que fazer diante daquele acidente inoportuno. Foi então que Rodrigo, com a rapidez de raciocínio dos aduladores, disse em alto e bom som: "Mil perdões, Majestade. Fui eu. Acontece-me de vez em quando. Sofro de meteorismo". E assumiu, dignamente, o ruidoso flato imperial.

Ministros, senadores e marechais invejaram a presença de espírito de Rodrigo Modesto. Lamentavam-se todos intimamente: "Cáspite! Como é que eu não tive essa idéia?!". O monarca, agradecido, concedeu ao

amigo que o salvara de tamanha humilhação o título de Visconde com Grandeza. Para que a denominação do recente nobre fizesse jus ao acontecimento, Rodrigo foi nomeado visconde de Ibituaçu, que em tupi-guarani significa "vento grande". O palacete do visconde, nas Laranjeiras, era uma das residências mais suntuosas da cidade. Construído no meio de um bosque, cercado por coqueiros e paineiras, ficava na parte mais elevada do terreno, destacando-se da vegetação luxuriante.

Os convites para as festas que Rodrigo Modesto Tavares, visconde de Ibituaçu, oferecia em sua residência eram disputados por toda a sociedade, no entanto Rodrigo preferia cercar-se de artistas, boêmios e intelectuais. Era o que acontecia esta noite, no jantar em homenagem a Cherloc Holmes e Sarah Bernhardt.

A malta comparecera, de Bilac a Paula Nei, o mais divertido da roda. O

visconde também convidara a baronesa de Avaré e algumas moçoilas lindas e elegantes, para compensar a nítida maioria masculina da recepção. Sarah Bernhardt estava acompanhada de seu filho Maurice, mas Cherloc Holmes viera sozinho. O doutor Watson ficara no hotel, dando a desculpa de que precisava pôr sua correspondência em dia. Na verdade, odiava esses saraus que se estendiam até altas horas da madrugada. Sempre irreverente, Paula Nei disse, ao ver o detetive sem a sua companhia habitual:

- Vejam só, o Cosme veio sem o Damião! Eu pensava que aonde ia a corda, ia a caçamba.

Depois da ceia, passaram para um salão que o visconde, em tom de mofa, chamava de sala dos cristais, devido ao imenso lustre vienense que iluminava o recinto.

Conversavam em francês, língua dominada por todos, inclusive Cherloc Holmes. Uma agradável surpresa os aguardava: sentado ao piano, compondo o fundo musical da noite, estava Ernesto Nazareth.

Nazareth, um jovem pianista e compositor de vinte e três anos, ganhava a vida dando aulas particulares e se apresentando em festas. Já tinha editado várias músicas, e polcas como "Fonte do suspiro", "Gentes! O imposto pegou?" e "Teus olhos cativam" eram de grande agrado popular. No momento, ele interpretava sua mais recente criação, a valsa "Dora", que havia composto para Teodora Amália de Meireles, com quem iria se casar em poucos dias. Com uma madeixa

de cabelos caindo na testa, Ernesto lembrava Chopin, de quem, aliás, era profundo admirador.

Assim que terminou, Rodrigo Modesto pediu que ele tocasse outra pólca de muito sucesso, o "Beija-Flor". Impressionava, nas composições do jovem pianista, a nota de melancolia impregnada mesmo nos maxixes mais alegres. O visconde de Ibituaçu estava feliz. A noite era uma réussite sem precedentes, mesmo em sua casa. Em homenagem a Cherloc Holmes, Miguel Solera de Lara vencêra a costumária timidez e havia recitado magistralmente alguns trechos do

"The triumph of life", de Shelley, seu poeta preferido. Todos se divertiam imensamente.

Bilac aproximou-se de Sarah Bernhardt acompanhado por Guimarães Passos.

- Madame, se me permite, gostaria de lhe apresentar o jovem poeta de quem lhe falei no jantar do Grande Hotel. Olavo Bilac.

- Encantado, madame - disse o poeta.

- Seu amigo lhe fez os maiores elogios. Quem sabe, um dia, não lhe sirvo de musa inspiradôra?

- A sugestão vem tarde demais, madame. Já cometi esta ousadia em forma de soneto.

Chama-se "Fedora" e pretendo publicá-lo na revista A semana - respondeu Bilac. Encantada, a atriz pediu que Olavo o dissesse. O poeta não se fez de rogado e, num francês esmerado, recitou as estrófes que terminavam dizendo: Tu sais tous les secrets des abimes du coeur, ô toi, qui sais mêler, pour montrer ta douleur, Le cri d'une lionne aux sanglots d'une femme!

Ouviram-se palmas entusiásticas de todos os convidados, e Sarah, beijou a testa

do jovem bardo. Bilac não cabia em si de contentamento. O marquês de Salles, que sempre tinha uma surpresa para essas ocasiões, ofereceu-se para declamar alguma coisa.

- De quem? - perguntou Artur Azevedo, que não saía do lado da sua "Divina".

- Não conheces. É um autor ainda anônimo, nascido no Uruguai mas

conterrâneo de

madame porque era filho do cônsul francês. Chama-se Isidore Ducasse. Estudamos juntos, na École Polytechnique, em Paris, no final dos anos 60. Ele escreveu um longo poema com o pseudônimo de conde de Lautréamont.

- Nunca ouvi falar. O único Lautréamont que conhêço é o personagem do folhetim de Eugene Sue - disse Miguel, cuja memória era um verdadeiro arquivo literário.

De Salles continuou:

- A obra chegou a ser publicada, porém, infelizmente, o seu editor não têve coragem de distribuí-la às livrarias por medo de ser processado - disse o marquês, que adorava criar climas insólitos.

Nesta altura, era palpável a curiosidade dos presentes. Todos queriam saber mais detalhes sobre aquele enigmático escritor. Solera de Lara, como livreiro, estava mais interessado ainda:

- Como se chama o livro?

- Os cantos de Maldoror. Por sorte, tenho um volume autografado que me foi dado pelo próprio Ducasse. Coisa rara, senhor Miguel, muito rara... –

espicaçou o marquês.

- Não suporto mais tanto mistério. Diga logo um trecho deste poema maldito

- pediu Sarah Bernhardt.

- Pensando bem, madame, não sei se devo. Os versos do meu amigo podem chocar os ouvidos sensíveis das senhoras.

As mulheres da sala protestaram veementemente. Chiquinha Gonzaga fez-se porta voz:

- Marquês, estamos no século dezenove. Não há mais nada de extravagante que possa ser revelado pelo seu escrevinhador - desdenhou.

- Muito bem, já que insistem, aqui vai um fragmento do que Maldoror aconselha logo no primeiro canto... - disse o marquês de Salles, aproximando-se do centro da sala e começando a recitar com sua voz

aveludada de barítono:

- "Deve-se deixar crescer, por quinze dias, as unhas. Oh, como é doce arrancar, brutalmente, do seu leito, uma criança ainda sem sombra de penugem sobre o lábio e, com os olhos muito abertos, fingir passarlhe suavemente a mão sobre a face, inclinando para trás seus longos cabelos!

Depois, de repente, no momento em que ela menos espera, cravar as longas unhas em seu peito macio.

Sem que ela morra, todavia, pois, se morresse, não veríamos, mais tarde, as marcas do seu sofrimento.

A seguir, é preciso beber-lhe o sangue lambendo-lhe as feridas e, durante este tempo, que deveria durar tanto quanto dura a eternidade, a criança chora. Nada é tão bom como o seu sangue, extraído assim, ainda quente, a não ser suas lágrimas amargas como o sal..."

- Acho que já ouvimos o suficiente - interrompeu Miguel Solera de Lara. Uma sensação de mal-estar percorria a sala. As jovens convidadas do visconde se abanavam com seus leques pintados.

- Agora entendo a relutância do editor em distribuir tamanha miséria - disse, irritado, o visconde de Ibituaçu.

- Bem que eu avisei - disse o marquês de Salles, sem conseguir disfarçar seu sorriso de contentamento pela situação constrangedôra que criara. Sarah Bernhardt, servindo-se de mais uma taça de champanhe, tomou a defesa do autor:

- Pois eu achei excelente. Gostaria que o marquês me emprestasse o livro.

- Com prazer, madame. Fico satisfeito de que meu amigo Isidore tenha encontrado uma defensôra de tamanha importância.

Cherloc Holmes quebrou o encanto perguntando candidamente:

- Importam-se que eu fume o meu cachimbo?

- Meu caro mister Holmes, depois desta apresentação do marquês, o senhor pode até fumar ópio que não chocaria ninguém - concluiu Paula Nei. A sala se descontraiu, rindo bastante da observação do boêmio, para alívio do visconde. Como sempre acontecia nessas reuniões, a partir de um certo momento a festa se dividiu em dois

grupos: homens para um lado e mulheres para o outro. A não ser por Chiquinha Gonzaga, a baronesa de Avaré e Sarah Bernhardt, que preferiram juntar-se aos cavalheiros, e Maurice Bernhardt com o marquês de Salles que, obviamente, escolheram a companhia das damas. Maurice, como o marquês, era um mulherengo incorrigível e já havia se metido em confusões devido ao seu temperamento.

Estava no saguão do hotel dizendo galanteios às jovens que passavam, quando um rapaz que acompanhava uma das raparigas irritou-se e deu-lhe uns violentos safanões. Foi necessária a interferência do gerente para que o incidente não tivesse piores consecuências. Agora, junto ao marquês, já esquecido daquele contra tempo, conversava com as môças, que faziam mil indagações sobre Paris e a respeito de sua mãe: "É verdade que ela tem um leão em casa?"; "Pigalle é

mesmo como dizem?". Maurice respondia, às vezes mentindo, às vezes dizendo a verdade, mas sempre com a cumplicidade do marquês.

Na vasta biblioteca, entre charutos de Havana e conhaques franceses, Cherloc Holmes, depois de narrar seu quase-encontro com o "assassino serial", como traduzira o marquês, também satisfazia às perguntas dos convidados. Aluísio Azevedo quis confirmar o boato que já se espalhara pela cidade:

- É verdade, então, que o ladrão do violino e o louco matador são a mesma pessoa?

- Presumo que sim. Tendo em vista as cordas encontradas, seria muita coincidência as duas coisas acontecerem ao mesmo tempo, e eu não acredito em coincidências - sentenciou o detetive, dando uma baforada no cachimbo.

- E por que ele deixa as cordas junto à vítima e arranca-lhe as orelhas? perguntou, intrigado, Olavo Bilac. Chiquinha Gonzaga, acendendo uma discreta cigarrilha, adiantou-se:

- Mas é elementar, meu caro Olavo. O homem deixa pistas de propósito, como um desafio. É provável que tenha uma vontade inconsciente de ser apanhado. Holmes espantou-se com o raciocínio sagaz da compositôra. Há tempos chegara à mesma conclusão.

- Parabens, miss Gonzaga. Penso exatamente o mesmo.

- Mas por que roubar logo o meu violino? - perguntou a baronesa Maria Luísa, que seguia atentamente a conversa.

- Não sei ainda. Pode ser por vários motivos. Primeiro, por ser um Stradivarius.

É óbvio que o nosso criminoso quer chamar a atenção. Também pode ser que tenha sido oprimeiro instrumento encontrado por ele.

- E as orelhas? Por que é que ele insiste nesta coleção sinistra? - perguntou Artur Azevedo, ao lado do irmão.

- Não há de ser por ganância. Nenhuma das vítimas usava brincos - gracejou Alberto Fazélli, sempre inoportuno.

- As orelhas também são um recado. Um cruel recado do serial killer - afirmou Holmes, solene.

Como o neologismo nunca tinha sido ouvido por nenhum dos presentes, Artur Azevedo perguntou:

- Serial killer? O que significa?

- Jamais soube de um caso parecido, por isso criei o termo para designar alguém que mata várias pessoas, seguidamente, sempre da mesma maneira e sem o menor motivo aparente. Por isso, fica mais difícil agarrá-lo.

- Serial killer, "sirialquiler" - murmurou Paula Nei, abrasileirando o sotaque.

Coelho Neto, que pouco se interessava por histórias sensacionalistas e adorava observar as pessoas para transformá-las em personagens de algum próximo romance, desviou o assunto para um tópico mais corriqueiro:

- Então, senhor Holmes, o que está achando do nosso Brasil?

- Um lugar fascinante, realmente fascinante. Estou encantado com os costumes da terra. O povo é extremamente cordial. Sinto-me à vontade, como se estivesse em casa. Há algo, todavia, que não entendo - completou Cherloc, perplexo.

- Diga, senhor Holmes - pediu Coelho Neto.

- Os trajes. Não compreendo por que os homens todos se vestem de preto, à européia, num país tropical.

O detetive tocara uma corda sensível. O costume de copiar os coletes e as pesadas sobrecasacas dos climas frios era motivo de espanto e de chacota por parte dos viajantes e até O Mequetrefe já fizera charges criticando esta mania.

- O senhor Holmes há de nos perdoar, mas a civilização tem seu preço. Il faut souffrir pour être beau... - respondeu a baronesa de Avaré.

- Pois, por mim, lamento não ter trazido trajes mais leves. Gostaria de descobrir um alfaiate que me fizesse uns ternos claros.

- Salomão Calif! - gritaram em uníssono os homens da sala. Guimarães Passos explicou:

- É o melhor alfaiate da cidade e muito nosso amigo. Quando quiser, posso levá-lo até ele - prontificou-se Guimarães.

- Fico-lhe muito agradecido - disse Holmes. - Outra coisa que impressiona demais é a beleza das mulheres. A môça cuja vida salvei era estonteante. Só a vi rapidamente, mas minha vista bem treinada pôde perceber que era uma mestiça de pele muito clara, cabelos negros ligeiramente ondulados, esguia, de corpo rijo e grandes olhos verdes.

Sarah Bernhardt adiantou-se:

- Que engraçado, meu caro Holmes. Outra noite fui a um espetáculo de revista e no elenco havia uma jovem mulata que se parecia com essa. Há tempos que não via uma mulher tão bela.

- Mulatas bonitas é o que não falta na cidade - afirmou Paula Nei. Contudo, Cherloc estava fisgado:

- Em que teatro? - perguntou.

- Não me lembro o nome. Fica bem perto do meu.

Como havia vários teatros na região do Rossio, não sabiam ao certo ao qual Sarah Bernhardt se referia.

- Deve ser o Santana, onde estão levando A mulher-homem. A música é aqui da nossa Chiquinha - arriscou Artur Azevedo, especialista no gênero.

- Exatamente - lembrou-se Sarah. - Só a vi de passagem, no palco, mas depois fomos todos jantar juntos. Segundo compreendi, sua participação é pequena, mas me garantiram que é uma moça de talento.

- De mulata, no elenco, só tem a Anna Candelária, uma moça muito bonita que está começando agora - informou Chiquinha Gonzaga, acendendo outra cigarrilha. Holmes pegou sua caderneta de anotações e escreveu o nome da moça e do teatro. Enquanto Albertinho Fazélli tentava convencer Cherloc a não se entusiasmar demasiadamente, pois, segundo sua experiência, várias mulatas podiam corresponder àquela breve descrição, entrou na biblioteca Maurice Bernhardt. Vinha acompanhado do marquês e de várias jovens que riam excitadas.

- Maman, tive uma idéia maravilhosa. Por que não fazemos uma sessão espírita?

- A essa hora, meu filho?

- É a melhor hora. Hora dos espíritos. Já disse a essas meninas: quando estou presente, o copo sempre anda.

A não ser Cherloc Holmes, que não acreditava no sobrenatural, e no momento só

pensava na mulata, todos gostaram da idéia. Imediatamente, o visconde de Ibituaçu desembaraçou uma mesa redonda e puxou-a para o centro da sala. Os outros pegaram cadeiras enquanto a baronesa de Avaré, tendo ido até a secretária, escrevia e recortava papéis com as letras do alfabeto.

- Pode ser que apareça um espírito que nos diga onde está meu violino? brincou. Paula Nei bebeu o resto do champanhe do seu copo e emborcou-o no centro da mesa, cercado pelos papeluchos com as letras. O visconde ordenou aos criados que apagassem as luzes, deixando apenas um castiçal aceso perto das estantes. Bilac, o marquês, Paula Nei, Guimarães Passos, Maurice e alguma das senhoritas instalaram-se à mesa. Os outros ficaram de pé, formando um círculo em volta do pequeno grupo. Aqueles que estavam sentados colocaram um dedo sobre o cálice virado.

Ficaram assim, pensando em almas e fantasmas por vários minutos, sem que nada de especial acontecesse.

- Os espíritos estão de folga hoje... - sugeriu Paula Nei.

- Vai ver aborreceram-se por não ter recebido um convite formal do visconde...

- acrescentou Guimarães Passos.

- Concentrar. É preciso concentrar - disse Maurice Bernhardt, cobrindo os risinhos abafados das moçoilas.

- Ainda há muita luz. O senhor Holmes faria a fineza de apagar, ali, o castiçal? - pediu Maurice.

Holmes, absorto em seus pensamentos, não ouviu o pedido do rapaz. Foi a própria Sara que se incumbiu de soprar as velas. Só um raio de luar iluminava o recinto, jogando sombras sobre os circunstantes.

O silêncio que se seguiu, em meio à escuridão, foi quebrado por um grito de terror partindo de uma das raparigas. Antes que alguém acendesse as velas, ouviu-se o ruído de uma sonora bofetada.

- Seu safardana! Vá passar a mão na senhora sua mãe! - exclamou, levantandose, a moça que estava sentada ao lado de Maurice. Quando as luzes voltaram, Maurice Bernhardt, constrangido, ainda esfregava o rosto. O jovem francês havia feito outra das suas.

O delegado Mello Pimenta puxou seu lenço branco de cambraia e enxugou a testa mais uma vez. Nunca suava por causa do calor; a transpiração excessiva se devia à reprimenda que, no momento, recebia do chefe. Estava no gabinete da Repartição Central, no edifício da rua do Lavradio, 36, onde também funcionava a sua delegacia. Uma mosca circulava inconvenientemente sobre sua cabeça. O

chefe de polícia, desembargador Coelho Bastos, sentado à enorme escrivaninha de mogno, alisava os bigodes enquanto falava secamente, sem fitar Pimenta nos olhos:

- O senhor percebe que a minha situação é bastante delicada. Até hoje, os jornais não esqueceram o caso do roubo das jóias da Coroa. Coelho Bastos se referia ao desaparecimento das jóias da imperatriz Leopoldina, da baronesa Fonseca da Costa e da princesa Isabel, que tinham sumido do Paço há alguns anos, quando Trigo de Loureiro era chefe de polícia. Depois, ficou-se sabendo na côrte que o gatuno era Manuel Paiva, irmão de Pedro de Paiva, secretário para os assuntos de alcova do imperador, e o caso fôra abafado, porém Bastos ainda se lembrava das caricaturas ridículas sobre a polícia que o Mequetrefe havia publicado.

- Como se não bastasse eu ter sabido pelos jornais a respeito do Stradivarius roubado. Parece que dom Pedro não confia mais no seu chefe de polícia nem mesmo para resolver o roubo de uma rabeca - disse Coelho Bastos, menosprezando o instrumento. - E ainda surge um assassino para complicar as coisas.

- Um "sirialquiler" - corrigiu Mello Pimenta, usando o bordão que Paula Nei já havia espalhado pela rua do Ouvidor.

- Um o quê? - perguntou o chefe de polícia.

- "Sirialquiler". Foi o nome que Cherloc Holmes deu a este criminoso que mata em série - respondeu Pimenta, afastando a mosca que agora havia pousado na ponta do seu nariz.

- Cherloc Holmes. Mais uma prova da falta de confiança de Sua Majestade. Não sei para que precisamos de um detetive inglês por estas bandas - queixou-se Coelho Bastos, tentando esmagar a mesma mosca sobre a mesa, com o seu mataborrão.

- O desembargador me perdoe, mas acho que, nesse caso específico, vamos ter que contar com toda a ajuda possível. Graças a ele, já sabemos que o ladrão do violino e o assassino são a mesma pessoa.

- O que mais sabemos?

- Muito pouco. Estive no palácio investigando a pobre menina que morreu no chafariz.

Era órfã, ajudada pelo tio e, pelo que me dizem, levava uma vida pacata. Não tinha amigas nem namorado. Vivia solitária pelos cantos, lendo uns romances água-com-açúcar em francês. O tipo da moça quieta e recatada.

- E a outra, a da rua do Regente? - indagou Coelho Bastos.

- O oposto. Fui ao conventilho onde ela trabalhava. Conversei com o Bunda de Madame, um transviado que toma conta da casa, para quem as meninas não fazem segredo. Disse-me ele que a rapariga, apesar de não ter ainda dezoito anos, bebia muito e dava-se a qualquer um. Não tinha clientes fixos.

- E os nossos informantes habituais?

- Deste lado, não convém esperar nada. Digo-lhe, doutor Coelho Bastos, não vai ser fácil descobrir o homem porque ele mata sem motivo - concluiu Mello Pimenta, espantando a mosca que, nesse instante, tentava entrar no seu ouvido.

- Como assim?

- É a primeira coisa que aprendemos na polícia, doutor Bastos, saber o móbil do crime.

- O móbil, ora o móbil! O móbil é que o sujeito é pancada, só isso –

simplificou Coelho Bastos.

- Não é tão simples, desembargador, descobrir-se o motivo de um demente –

explicou Mello Pimenta, enxugando-se novamente com o lenço. O chefe de polícia levantou-se aborrecido:

- Pois vá ao hospício, fale com os médicos, fale com os loucos, leve o inglês com você, se achar necessário, mas prenda-me este maluco antes que eu também perca o juízo!

Na sua irritação, Coelho Bastos tinha dado a Pimenta uma boa sugestão. O

delegado achou que não era má idéia falar com um alienista do Hospício Dom Pedro segundo na praia Vermelha. Conhecer de perto a maneira de agir daqueles que sofriam das faculdades mentais, quem sabe até conversar com um deles, saber como pensavam e se comportavam. Deveria cuidar disso com brevidade, pois não era mais possível deixar que o monstro continuasse agindo livremente. Duas mulheres haviam morrido e tudo indicava que o assassino estava longe de terminar aquela faina sanguinária.

- Mais alguma coisa? - perguntou o desembargador Coelho Bastos, interrompendo os pensamentos do delegado.

Mello Pimenta, que conhecia bem as explosões do chefe, sabia quando era hora de retirar-se.

- Não, Excelência - respondeu, cerimonioso.

- Então, muito boas tardes.

O delegado inclinou o corpo numa pequena saudação e saiu batendo a porta, esmagando, por acaso, a mosca que tentava acompanhá-lo. Não havia dúvidas: Salomão Calif tinha a melhor clientela da cidade. Existiam até alfaiates de maior fama, como Luiz Maria de Mattos, na Ouvidor, que operava milagres nas fardas bordadas do imperador, o Adolpho Ornellas, na rua dos Ourives, o Teixeira, da Ao Cisne de Ouro, e até o Braga, alfaiate batineiro da rua do Hospício que confeccionava as batinas de Sua Eminência dom Pedro de Lacerda, bispo do Rio de Janeiro, porém os dândis da cidade só

confiavam na tesoura de Calif. Sua alfaiataria ficava na rua Uruguaiana, ao lado da barbearia do Hippolyte Effantin.

Foi para lá que se dirigiram, depois do almoço, Holmes, Watson e Guimarães Passos. Ao passarem pela porta do salão de Hippolyte, Watson parou:

- Holmes, enquanto você encomenda suas roupas, eu poderia aproveitar para fazer a barba e cortar os cabelos - disse, observando os grandes espelhos e as cadeiras em estilo pompier que faziam o orgulho do barbeiro.

-ótima idéia, Watson. Por mim, vou deixar meus cabelos crescerem, mas acho que este estilo mais romântico não lhe ficaria nada bem -

completou o detetive. Ia seguindo com Guimarães Passos, quando Watson o interpelou:

- Um momento, você sabe que não falo uma palavra deste idioma. Explique ao homem como quero meu corte.

- Watson, já é hora de você aprender alguma coisa. Basta você entrar e dizer ao barbeiro: "Barba e cabelo" - disse Cherloc, afastando-se antes que o doutor pudesse protestar.

No meio da alfaiataria, onde se empilhavam dezenas de peças de tecido inglês sobre os balcões, Salomão Calif os esperava, de braços abertos.

- Senhor Holmes, Guimarães, sejam bem-vindos - cumprimentou o árabe.

- Disse a mister Cherloc que você era o melhor alfaiate da cidade. Não vá

me decepcionar - avisou Guimarães Passos.

- Não lhe dê crédito, senhor Holmes, são exageros de amigo. Que tipo de roupa gostaria? Tenho aqui as mais lindas flanelas e casimiras da sua terra. O que prefere?

Holmes respondeu enquanto alisava os panos sugeridos:

- Nem uma coisa nem outra. Gostaria que o senhor me fizesse quatro ternos de linho branco.

- Linho? - espantaram-se Guimarães e o alfaiate.

- Mas ninguém que seja de qualidade usa disso por aqui - argumentou Calif.

- É coisa para o zé-povinho - completou Guimarães Passos.

- Pois inaugurarei a moda - afirmou, teimosamente, o inglês.

- Que seja linho, então - disse Salomão pegando a fita métrica e aproximandose de Holmes em frente ao espelho.

- E branco, não se esqueça. Não entendo como vocês não usam roupas mais leves, adequadas ao calor dos trópicos.

-Quanto ao estilo, senhor Holmes? Tem algo em mente?

- Nada de muito especial. Faça-me as sobrecasacas folgadas, com espaço para o revólver que uso quando viajo além de Aldgate - pediu o inglês, referindo-se, sem explicar, ao subúrbio de Londres. - Desejo algibeiras profundas, pois sempre carrego comigo o fumo e a lupa.

Salomão Calif passou a tirar as medidas de Cherloc. Ao ajoelhar-se para medir o gancho, impressionou-se com o volume que estufava uma das pernas das calças:

- Noto que o senhor Holmes é extremamente bem-dotado - comentou, com a adulação tradicional dos alfaiates.

- não diga disparates, senhor Salomão, isto é o meu cachimbo - explicou Cherloc Holmes.

Calif encabulou-se com as gargalhadas de Guimarães Passos. Sabia que a história seria contada, mais tarde, no Café do Globo. Continuou medindo o inglês de alto a baixo, com eficiência, enquanto perguntava:

- Sei que o senhor Cherloc já deve estar cansado de falar deste assunto, contudo não consigo me furtar à pergunta: como andam suas investigações?

Novidades sobre o tal do "sirialquiler"?

- Por enquanto, tudo na mesma, mas o aldrabão não perde por esperar - disse Holmes, envaidecido pelo fato da sua expressão já correr à boca pequena.

- Conhecem, pelo menos, o tipo de arma que o assassino usa? - perguntou avidamente o alfaiate.

Cherloc Holmes respondeu, insinuativo:

- Sabe-se, com certeza, que é um instrumento cortante. Pode ser uma navalha, uma adaga, uma baioneta, um punhal, uma faca ou uma tesoura - completou puxando as enormes lâminas cruzadas que Salomão trazia presas à cinta. - Sim, poderia ser perfeitamente uma tesoura como esta - acrescentou maldosamente.

- Ora, mister Cherloc, o turco aqui tem pena até de cortar os tecidos - zombou Guimarães Passos, diante do susto do alfaiate.

Holmes sorriu:

- Estou cá a fazer galhofas com o seu amigo. Sei bem que não se trata do assassino, pois o gajo é muito mais alto do que ele. Não se esqueça que o avistei de longe na Biblioteca Nacional.

Depois de um cafezinho, Guimarães Passos e Cherloc Holmes despediram-se de um Salomão Calif ainda trêmulo pela brincadeira do detetive.

- Adeus, senhor Holmes. Aviso-lhe assim que os ternos de linho ficarem prontos para prova.

- Antes que me esqueça, gostaria também de um barrete igual ao meu, feito do mesmo material. É possível?

- Claro! Deixe que eu mesmo encomendo no Ao Chapéu Monstro, na São José. É a melhor chapelaria da cidade.

Os dois saíram da alfaiataria e dirigiram-se ao salão do Hippolyte Effantin, onde Watson, sentado na cadeira da barbearia, uma toalha em volta do pescoço, dizia pela centésima vez:

- Barba e cabelo.

O barbeiro, exausto, perguntava:

- O senhor quer que eu apare ou é um corte completo?

- Barba e cabelo.

- Mas é só para aparar? - indagava, novamente, Hippolyte.

- Barba e cabelo - gritava Watson, exasperado, cada vez mais alto. Ainda não era dessa vez que o bom doutor retornaria ao seu bom e velho corte Príncipe Danilo.

Capítulo 13

Ele se divertira silenciosamente com a reação indignada das pessoas diante das poucas linhas de um poema. Como é pequena a alma humana. Então não percebem que Maldoror, como ele, nasceu perverso? Chocam-se com a maldade circunscrita à imaginação de um poeta obscuro, no entanto não se comovem com a crueldade que vêem estampada na cidade quando passeiam, alegres, pelas ruelas imundas. O

que dirão se souberem que estão na mesma sala com um ser muito mais cruel do que qualquer criação dos livros? Provavelmente, se

recusarão a acreditar, desviando os olhos, como fazem ao tropeçar nos negros e mendigos sujos que encontram no caminho. Se a paisagem é terrível, feche-se a janela. Para ele, é

diferente. Ele se alimenta dessa miséria cotidiana. A desgraça alheia é sempre um bálsamo espesso para a sua solidão. O inferno alheio é o seu paraíso. Ele acha graça nos sermões dos padres que sempre sobrepõem o Bem ao Mal, como se ambos não fossem as duas faces da mesma pataca. Para Ele, o Bem é o Mal. A crueldade, afinal, não passa de um ponto de vista. Chamam de crueldade o que ele faz às putas. Por quê? Não é diferente do que acaba de ler, buscando inspiração, num manual sobre o trinchar. Pega novamente o fascículo pousado à

cabeceira e lê os trechos marcados, sussurrando como se fosse uma prece:

"Tira-se primeiro a pele. O peito, depois de se lhe tirar as cartilagens, se corta pelas costelas, tomando os lugares que não resistem à faca. A espádua se corta em fatias por cima e por baixo... A perna, corta-se atravessada, até

chegar ao osso, e por este cabo formado, se pega e se vai desfalcando até que não fique senão o osso esburgado... Corta-se, então, a cabeça, que se oferece inteira... As costelas e o pescoço são lugares delicados... O espinhaço se corta em duas partes e separam se as costelas, que ficam a ele pegadas... Buscam-se as juntas, e por elas se corta o resto em postas, deixando os quadris para o fim... Dê-se-lhe um golpe, carregando com o facão, pelo alto da escápula, a qual se separa facilmente da armação dos ossos... Sendo preciso cortar mais amiúde, se partem ainda as peças secundárias, e as costelas ou esqueleto se podem desconjuntar e dividir em retalhos... Fende-se desde o pescoço, correndo ao longo do espinhaço, e depois se vão cortando as postas atravessadas. Os fígados e os rins também serão divididos em pequenos pedaços, para se apresentar aos que gostarem deles... verifique-se, sempre, o fio da faca de trinchar..."

Ele fecha o livrete e coloca-o cuidadosamente sobre a mesa. Em nenhum momento, chamam a este ritual de crueldade. Não é cruel apenas porque os animais imolados servem de alimento. É esta, portanto, a diferença. Comer. Talvez, também ele devesse comer. Provar, finalmente, a carne. A idéia deixa-lhe a boca cheia de saliva.

Ele pega a lâmina e mergulha na noite para saciar seu novo apetite. Àquela hora, a praça da Constituição começava a esvaziar-se. As pessoas que saíam dos vários teatros pegavam rapidamente seus

coches e voltavam para casa, alguns ainda rindo, outros sérios, conforme o espetáculo a que haviam assistido. à porta do Santana, inaugurando seu terno branco, via-se um impaciente Cherloc Holmes. Estava só. Livrara-se de Watson inventando que tinha uma reunião secreta com Mello Pimenta. As fotos dos reclames à entrada confirmavam a informação de Sarah Bernhardt. A jovem era a mesma que Cherloc procurava. Já

tentara encontrar-se com Anna Candelária por diversas noites, contudo o destino fizera com que o detetive chegasse sempre atrasado ao teatro. Desta vez, para evitar nova decepção, chegara meia hora antes do término da sessão. Encostado ao muro, junto à saída dos artistas, Holmes aguardava a mulata que não lhe saía da cabeça.

Começava a se preocupar. Vários artistas já haviam se retirado e, por enquanto, nada de Anna Candelária. Confirmara o nome da atriz com os porteiros, nas vezes anteriores em que estivera à sua procura. Agora, dois deles conversavam, fechando as grades do foyer:

- Viste quem está lá novamente?

- Quem?

- O portuga...à espera da mulata.

- Então não sei? Já me perguntou mais de dez vezes a que horas terminava a peça.

- Por que será que está todo de branco a essa hora?

- Sei lá, coisas de portuga.

Holmes se preparava para encher de novo o cachimbo, quando Anna Candelária apareceu. Imediatamente reconheceu seu benfeitor.

- Olá! Que bom vê-lo de novo, acho que lhe devo um pedido de desculpas.

- Desculpas? E por que a senhorita deveria pedir-me desculpas?

- Pela outra noite. Afinal, o senhor salvou-me a vida e eu nem sequer esperei para agradecer-disse, com um sorriso deslumbrante, que acabou de conquistar definitivamente o coração de Holmes.

- Dadas as circunstâncias, é bastante compreensível. Imagino que a senhorita deva ter ficado abalada pelo ocorrido.

Desde que Anna lera nos jornais que o seu salvador era o famoso inglês, procurava uma maneira de conhecê-lo. Quase fora à terceira delegacia saber do seu paradeiro.

- Como descobriu que eu trabalho aqui?

-Esquece que sou detetive? - perguntou Cherloc, sorrindo também de forma cativante. - Cherloc Holmes, às suas ordens.

- Anna Candelária - disse ela, estendendo a mão.

Holmes beijou-lhe a ponta dos dedos sem tirar seus olhos azuis dos verdes olhos da belíssima mulata.

- A senhorita dar-me-ia imenso prazer se aceitasse um convite para cear comigo e com alguns conhecidos. Estará lá o delegado Mello Pimenta e, já que passamos a investigar esses crimes horríveis, a presença da senhorita Anna, como única vítima que escapuliu à sanha do assassino, é imprescindível - argumentou Holmes, usando o episódio como pretexto.

- Por favor, chame-me de Anna.

- Com certeza, desde que, para você, eu seja simplesmente Cherloc - adiantou o inglês, pois, geralmente, o máximo que permitia, mesmo a Watson, era que o chamassem pelo sobrenome. Conduzindo Anna Candelária pelo braço, Holmes fez sinal para um carro de aluguel.

O Jardim Botânico da lagoa Rodrigo de Freitas era um dos lugares mais belos do Rio de Janeiro. Começou como um pequeno jardim criado pelo marquês de Sabará

junto à fábrica de pólvora da Lagoa, dirigida por ele. Quando um visitante desejava conhecê-lo, acompanhava-o um soldado da fábrica, dando uma volta pelo recanto florido, descrevendo os diversos canteiros que tanto agradavam ao marquês. Havia por lá chá-da-índia, especiarias e sementes, trazidas da Ilha de França em 1809. Mais tarde, a fábrica de pólvora foi transferida para a raiz da serra da Estrela, onde tinha condições de produzir mais de dez mil arrobas por ano. O jardim de plantas exóticas fora ampliado para uma légua de comprimento e anexado ao Museu Real. Agora, iniciava na rua Humaitá e estendia-se até a Gávea. A beleza serena da Lagoa acrescentava-lhe uma aparência incomparável. A Rodrigo de Freitas só se tornava incomoda por ocasião da mortandade dos peixes, fenômeno que ocorria sempre que o estoque de oxigênio das águas baixava, empesteando a região com um cheiro insuportável. Havia um projeto

para o alargamento do sangradouro que ligava a Lagoa ao mar, esquecido nos meandros de alguma repartição. Indo-se pela Voluntários da Pátria, via-se à direita o morro do Corcovado e, ao fundo, a Pedra da Gávea. Uma rua de palmeiras levava à entrada, e junto aos portões de ferro, entre pilastras ornadas com vasos de mármore, existia um carapeteiro secular. Quase em frente ao portão, na rua do Jardim Botânico, achava-se o Chalet Restaurant Campestre. Todo rodeado por frondosos arvoredos, o Campestre servia comida a qualquer hora do dia ou da noite e, como ficava aberto até as duas horas da madrugada, era um dos lugares preferidos pelos notívagos. No exterior, as mesas achavam-se dispostas debaixo das árvores, que ostentavam balanços muito apreciados pelas senhoras. Dentro, havia um bar em estilo inglês em feitio de meia laranja, com tampo de mogno, fundo espelhado, máquina de tirar chope com duas bombas, onde se podia saborear a bebida gelada, e, ao lado, um imenso salão de bilhar. O dono, J.R. Macedo, ex-seminarista, tinha uma infinita paciência com a pendura dos boêmios. Só havia cortado o crédito do Fernando Limeira, o Alazão, jovem de excelente família de Minas, que passara alguns anos estudando na Europa às custas do pai. Tinha um rosto longo e vermelho, de onde lhe surgira o apelido.

Fernando se recusava terminantemente a trabalhar e vivia de pequenos expedientes, enquanto usava as relações dos parentes para tentar conseguir um emprego público de amanuense. Seus estratagemas para arranjar dinheiro nem sempre eram dos mais convencionais. Uma vez, quando inauguraram uma nova linha de bondes nas Laranjeiras, o Alazão entrou num botequim da rua e pediu para falar com o dono, um português avantajado e de poucos amigos. Apresentou-se, solene.

- Muito prazer, Fernando Limeira, da Botanical Garden Rail Road Company, assistente do marechal Carnaúba.

- Não conheço - foi logo dizendo, rispidamente, o português.

- Explico-lhe o motivo da minha visita. O senhor deve ter percebido que a nossa companhia lançou mais um trajeto de bondes passando aqui pela sua rua.

- Pouco me interessa.

- Sei, mas imagine quanto o seu movimento iria aumentar se uma das paradas do nosso veículo fosse exatamente à porta do botequim. O senhor passaria a ter também uma freguesia flutuante, por causa dos passageiros que saltariam no seu ponto - explicou Limeira, diante do

português que já calculava mentalmente o lucro extraordinário que teria.

- E quanto essa história vai me custar? - perguntou o lusitano, que sabia muito bem que nada era de graça.

- Baratinho, uns quatrocentos mil-réis.

- É muito.

- Está certo, devido a sua imensa simpatia, deixo por cento e cincuenta. Mas eu sou um homem honesto e de palavra. O senhor só me paga depois que os bondes começarem a parar aqui na porta.

Fechado o negócio, retirou-se carregando a pasta, repleta de jornais velhos, que usava apenas para dar dignidade ao papel que representava. De madrugada, com a rua vazia, voltou com uma lata de tinta e pintou de branco o poste de gás em frente ao botequim, sinal utilizado pela Rail Road Company para indicar as paradas obrigatórias aos condutores.

No dia seguinte, Fernando Limeira foi recebido no boteco lotado por um português eufórico:

- Isto cá está uma beleza! Os bondes param e as pessoas entram como moscas!

Como moscas! O senhor é um homem de palavra, coisa rara em nossos dias. Aqui está o combinado - disse e entregou, feliz, a quantia amealhada em moedas e notas amassadas.

- Faço isso não pelo dinheiro, mas para seguir a política do marechal Carnaúba que se empenha em estreitar, cada vez mais, os laços que unem nossos povos declarou, magnânimo, o Alazão, enquanto embolsava os cento e cinqüenta milréis. Afastou-se rapidamente, pois sabia que a alegria do lusitano duraria pouco. Assim que os bondes chegaram à estação e comunicaram que havia uma nova parada no caminho, os fiscais perceberam tratar-se de uma molecagem. No final da tarde, funcionários da companhia repintaram o poste de preto e os bondes voltaram às paradas originais, para desespero do português. No Campestre, Fernando Limeira também dava pequenas "mordidas" e, além disso, como não pagava as contas há mais de ano, J.R. dera um basta no abuso. Alazão, indignado, espalhava outra história: dizia que não ia mais ao Campestre porque os preços eram abusivos.

Foi exatamente para o restaurante do Chalet Campestre, no Jardim

Botânico, que se dirigiu o tílburi com Cherloc Holmes e Anna Candelária. Uma alegre roda, rindo e falando alto, esperava por eles. Sentados a uma das mesas postas no lado de fora estavam o delegado Mello Pimenta e boa parte da Malta. O marquês de Salles foi o primeiro a saudar o casal:

- Senhor Holmes, vejo que finalmente achou quem procurava. O senhor tinha razão, a moça é mesmo de uma beleza única - aquiesceu, percorrendo a mulata de alto a baixo com seu olhar de especialista.

Anna Candelária, atriz, mulher de hábitos liberais, estava muito à vontade. Holmes, no entanto, parecia acanhadíssimo com aquela situação. Não era acostumado à companhia feminina e corou até à raiz dos cabelos quando sentiu que a jovem lhe segurava a mão. Pegando cadeiras da mesa ao lado, os dois juntaram-se ao grupo. Divertindo-se com o mal-estar do inglês, Chiquinha Gonzaga disse a Anna:

- Então, menina? Parece que fizeste andar a cabeça à roda ao nosso detetive.

- Quem sou eu, dona Chiquinha. Estou é imensamente agradecida. Se continuo viva, hoje, é graças a ele. - E completou, virando-se para Holmes: - Não é, Cherloc?

Cherloc Holmes arrepiou-se dos pés à cabeça ao ser chamado daquele jeito. Não sabia ainda como lidar com essas intimidades. O próprio Macedo veio tomar os pedidos e fez questão de oferecer os vinhos em homenagem ao inglês. Mello Pimenta nem esperou pela sobremesa. Afinal, aquele jantar era para discutir o caso das moças assassinadas. Assim que serviram o prato principal, ele cortou as brincadeiras e amenidades e perguntou a Anna Candelária:

- Não entendo por que é que a senhorita não foi à delegacia narrar o seu encontro com o assassino.

- Tive medo, delegado. O senhor sabe muito bem que, no Brasil, nossa profissão ainda é confundida com a das prostitutas. Não sabia como ia ser recebida.

- Posso assegurar-lhe que a polícia trata a todos com respeito e deferência. Mesmo as prostitutas - afirmou, cinicamente, Mello Pimenta. Chiquinha Gonzaga quase engasgou com o frango que estava comendo:

- ó Pimenta, se pretendes continuar aqui com a Nalta, vais ter que parar com as lorotas.

Sem dar atenção às risadas do grupo, Mello Pimenta continuou:

- Poderia me dar uma descrição do agressor?

- Impossível, delegado. Era noite e ele estava coberto por uma capa, com um chapéu enterrado na cabeça. Só me lembro dos seus olhos, que pareciam faiscar na escuridão.

- Não viu que tipo de faca empunhava?

- Nada, só sei que era uma lâmina longa.

- Ele disse alguma coisa ao se aproximar?

- Não pronunciou palavra.

- Parece que vai ser difícil descobrir este assassino. Pelo visto, pode ser qualquer um - ponderou Olavo Bilac.

Cherloc Holmes, que já cruzara os talheres, concordou com o poeta. Resolveu exibir-se um pouco para Anna Candelária:

- É verdade, senhor Bilac. Qualquer um. Até mesmo alguém que esteja, nesse momento, comendo tranqüilamente aqui, no restaurante, observando-nos de longe. Todos, em silêncio, olharam em volta, examinando os outros fregueses. Cherloc continuou:

- Pode até estar sentado à nossa mesa - afirmou, misteriosamente.

- Como? O senhor acha que ele faz parte da Malta? - espantou-se Albertinho Fazélli.

- Não acho nada. Só estou dizendo que, pelo que sabemos, podia ser até o senhor concluiu o detetive.

O marquês de Salles interveio antes que Albertinho desmaiasse:

- Também não exageremos, senhor Holmes. Já estive com o Alberto em várias noitadas e nunca vi seus olhos faiscando no escuro.

Holmes não se deu por achado:

- Não se esqueça, marquês, o nosso homem é louco. Pode ter dupla personalidade.

Por acaso, antes de viajar, li um livro chamado The strange case of dr. Jekyll and mr. Hyde, que trata exatamente disso.

- Então, eu também sou suspeito? - brincou Guimarães Passos.

- Por que não? Que eu saiba, o assassino só não pode ser eu ou o doutor Watson, pois não estávamos aqui quando os crimes começaram e, por suposto, Anna Candelária - disse Holmes, olhando enternecido para a mulata.

- Por ser mulher? - perguntou Alberto Fazélli, para quem raciocinar era sempre um desafio.

- Não, por quase ter sido uma das vítimas.

Chiquinha Gonzaga animou-se do outro lado da mesa:

- Então o senhor não exclui as mulheres? Finalmente, fomos igualadas aos homens em alguma coisa.

- Por que não? O serial killer poderia perfeitamente estar disfarçado. Sabemos da força descomunal característica dos loucos em crise - disse Cherloc Holmes, tentando acender seu cachimbo e queimando a ponta dos dedos, pois não tirava os olhos de Anna.

Mello Pimenta achou que era hora de colocar novamente a conversa nos trilhos:

- Falando em loucos, senhor Holmes, o meu chefe, desembargador Coelho Bastos, fez-me, sem querer, uma sugestão que pode dar bons frutos. Aconselhou-nos a fazer uma visita ao hospício. Quem sabe, falando com um alienista ou mesmo com um dos internados, não conseguimos alguma inspiração?

- ótima idéia, delegado. Eu mesmo já havia pensado nisso - mentiu Cherloc Holmes.

- Então vou marcar com o diretor do asilo. Assim que souber o dia da entrevista, mando-lhe um recado.

Depois do café, comentaram a falta de segurança do Rio de Janeiro:

- Só neste ano, contando-se com as duas moças, já ocorreram quase quinze homicídios - disse Mello Pimenta.

-São coisas de cidade grande - ponderou Guimarães Passos. Como sempre, Alberto Fazélli pagou a conta.

Quando se preparavam para sair, ouviu-se um tumulto à porta do restaurante. Era Fernando Limeira, o Alazão, que chegara totalmente

embriagado e discutia com Macedo. O dono do Chalet Campestre e não parava de repetir:

- Já disse, Fernando, gosto muito de ti, mas se quiseres comer tens que pagar à vista.

- Com esses preços absurdos que cobras? - gritou Limeira, empurrando os garçons que tentavam levá-lo para fora.

- Não cobro absurdo nenhum. Tu é que sempre pedes o que há de mais caro no menu.

A comida é que é cara, não o serviço.

Fernando Limeira arrumou a gravata em desalinho e contemporizou:

- Está certo, então vamos chegar a um acordo.

- Meteu a mão no bolso interno da sobrecasaca e, puxando de lá um pedaço de carne crua, perguntou aos berros: - Quanto é que custa só o "feitio" desse bife?

O restaurante inteiro caiu na gargalhada junto com Macedo. Era impossível brigar por muito tempo com o Alazão.

Cherloc Holmes e Anna Candelária saíram do Chalet Campestre numa vitória de aluguel. O inglês se ofereceu para deixar Anna em casa, porém a moça, depois de dar seu endereço, declarou com a franqueza direta dos artistas:

- É cedo ainda. Antes de ir, eu gostaria de conhecer o seu hotel. Disseram-me que os apartamentos do Albion são deslumbrantes.

Holmes viu-se dividido em suas emoções. Não cabia em si de felicidade por Anna querer acompanhá-lo, todavia sentia-se chocado pela idéia. Jamais ousaria fazer semelhante sugestão à jovem, mas era exatamente o que desejava. Os dois seguiram em silêncio até a rua Fresca.

Enquanto Holmes distraía o porteiro da noite pedindo informações absolutamente inúteis, Anna Candelária esgueirou-se até as escadas. Assim que chegaram ao quarto, ela sentou-se na cama:

- Meu Deus, como é macia! E o quarto é muito mais bonito do que eu pensava. Bateu com a mão nos travesseiros : - Vem aqui para perto de mim. Holmes, desajeitado, colocou-se ao lado dela. Anna, num

impulso, pegou o rosto de Cherloc entre as mãos e beijou-lhe longamente os lábios. O coração do detetive disparou. Nem mesmo nas perseguições aos mais terríveis criminosos sentira tamanha emoção. Não estava acostumado àquela situação. Levantou-se, guardou na gaveta da cômoda o revólver Beaumont-Adams que sempre o acompanhava nas missões mais perigosas, e perguntou abrindo o casaco, fingindo displicência:

- Posso oferecer alguma coisa? Chá, xerez, cocaína?

- Cocaína?

- Sim, um excelente estimulante. Aprendi a usá-la com Sigmund Freud, um médico de Viena. Estudamos juntos a técnica da hipnose na clínica do doutor Charcot, em Paris. Meu amigo Sigmund é um defensor intransigente das propriedades milagrosas da coca - justificou-se Cherloc Holmes, e extraiu uma pequena caixa e um canudo de prata do bolso, preparando-se para uma prise.

- Pensei que eu fosse estimulante suficiente... - disse, insinuante, Anna Candelária, tirando os objetos das mãos do detetive e pousando-os sobre a mesa-de-cabeceira.

Puxou novamente Holmes para a cama. Beijou-o outra vez, com mais intensidade ainda, abrindo-lhe a camisa. Cherloc afastou-a carinhosamente:

- Anna, há algo terrível que devo confessar.

- O que é, meu amor?

- Sou virgem.

Anna Candelária não acreditava no que acabara de ouvir. Holmes parecia ter quarenta anos e, nos trópicos, os meninos com mais de onze já se esfregavam nas mucamas. Nas fazendas, perdiam a virgindade com as jovens escravas, antes mesmo de ter pêlos no rosto.

- Cherloc, quantos anos tens?

- Fiz trinta e dois em janeiro - respondeu o detetive, que aparentava mais idade do que tinha.

- não compreendo, fizeste algum voto de castidade?

- De forma alguma, apenas, antes de conhecer-te, nunca havia me

interessado por sexo. Tinha sempre a mente voltada para a criminologia. Anna ficou comovida e lisonjeada:

- Quer dizer que sou a primeira mulher da tua vida?

- Sim, tirando Violet - disse Holmes.

- Quem é Violet?

- Minha mãe.

A bela mulata ficou com os olhos rasos d'água. Com ternura, afagou-lhe os espessos cabelos castanhos.

- Entendes, agora, por que eu ia recorrer à cocaína?

Anna sorriu, tocada por aquela infantilidade.

- Meu amor, essas drogas só afastam o desejo.

O que precisas é de algo que te faça distender.

Assim dizendo, pegou da bolsa um pequeno pacote azul com uma moldura amarela e mostrou-o ao inglês:

- O que é isso? - perguntou Cherloc Holmes.

- Não conheces? São cigarros índios, feitos com cannabis, uma planta asiática. Também cresce muito bem aqui no nosso clima. Compra-se em qualquer botica explicou Anna Candelária, abrindo o rolo de papel encerado e preparando um cigarro.

- E para que servem?

- Para quase tudo. Diz a bula que são ótimos para a roncadura, falta de sono, inapetência, asma; é um santo remédio. Além disso, abranda sumamente os nervos - completou Anna, estendendo-o para Holmes.

- Obrigado, prefiro pôr a erva no meu cachimbo - disse Cherloc, enquanto enchia seu imenso pito, usando o envelope encerado como se fosse uma boceta de fumo.

- Cuidado, não te excedas na porção - advertiu Anna Candelária, enquanto acendia seu cigarro.

Holmes deu algumas baforadas:

- A não ser pelo cheiro, não sinto nada. - Tentou novamente: - A mim, não faz efeito nenhum.

- Tens que tragar fundo e segurar a fumaça nos pulmões o mais que puderes ensinou a mulata. Obedecendo às instruções, Holmes consumiu rapidamente o primeiro cachimbo:

- Vou fumar mais, continuo tão tenso como antes - anunciou, servindo-se novamente do fumo.

- Calma, meu querido, sempre demora um pouco.

Sem lhe dar crédito, o detetive continuava dando violentas tragadas.

- Deve ser por causa do meu tamanho. Minha dose tem que ser de gigante brincou Cherloc.

- Não exageres, olha que já vi a cannabis derrubar homens maiores que tu. Depois da quarta cachimbada, Holmes parou subitamente:

- Nunca havia notado como este aposento é colorido. Notaste, Anna, que lindas cores? Jamais vi um amarelo tão vibrante. E o papel de parede? As flores bailam!

Olha como bailam! Parecem em relevo! Dá-me imensa vontade de rir. As flores a bailar! É muito giro! Tem piada! - completou Cherloc Holmes, mais português do que nunca, acometido de uma crise incontrolável de riso. Contagiada, Anna ria também:

-Eu avisei, meu bem, fumaste demasiado.

Os dois, às gargalhadas, atiraram-se na cama. Holmes começou a beijá-la com sofreguidão, enquanto tentava livrar-se, ao mesmo tempo, das suas roupas e do vestido da mulata.

- Meu doce palíndromo... murmurou ele ao seu ouvido.

- Do que foi que me chamaste?

- Palíndromo, não sabes o que é?

- Não exatamente.

- Uma palavra que se lê da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, e sempre tem o mesmo sentido, como tu, Anna...Anna...Cherloc ama Anna...aí está, dois palíndromos...ama e Anna...Anna e ama...-repetia Holmes, num desvario, enquanto beijava

os seios perfeitos da mestiça. Pôs-se a sugar alternadamente os mamilos enrijecidos de Anna Candelária, que gemia de prazer. Voltou a beijar-lhe os lábios sensuais, misturando sua língua à da moça. De repente, o detetive ergueu-se sobre os braços: - Sabes de que tenho ganas?

- De quê? Quero que tu faças tudo o que quiseres comigo, meu inglês apaixonado... - disse Anna, trêmula de desejo.

- De comer doces.

- ?

- Não sei por quê, veio-me uma vontade irresistível de doces.

- Sei eu, é a cannabis. Estes cigarros abrem um apetite especial para o açúcar.

Quando fumo muito, encho-me de cocadas - explicou Anna, abotoando o vestido e levantando-se. - Não saias daí que eu vou à cozinha do hotel roubar uns docinhos e já volto. - disse rindo e dirigiu-se para a porta. Cherloc, com a boca seca, jogou-se para trás sobre as almofadas do leito, usufruindo da imensa felicidade que tomava conta de todo o seu ser. Pela primeira vez, desde que chegara, não sentia falta do nevoeiro de Londres. O

encanto dos trópicos havia feito mais uma vítima.

O porteiro roncava com o rosto apoiado no balcão do concierge, o jornal que tentara ler para espantar o sono caído no chão ao seu lado. Cuidadosamente, sem fazer ruído, Anna Candelária cruzou o saguão e entrou na enorme copa do Albion.

Numa despensa, ao lado do armário de louças, encontrou o que procurava: um prato com doces de côco. Provou um e achou-o sublime. Seu critério era duvidoso, pois sempre que fumava um cigarro índio, qualquer coisa açucarada sabia-lhe uma delícia. Voltou pelo mesmo caminho que percorrera, levando consigo o fruto do roubo. Entrou no aposento, fechando a porta atrás de si. Aproximou-se da cama para se deparar com Cherloc Holmes que dormia a sono solto, um sorriso beatífico nos lábios. Não teve coragem de acordá-lo. Sentouse à beira do leito e comeu sozinha todas as cocadas. Depois, beijou brandamente a fronte do detetive, e saiu, com cautela, pé ante pé. Um grito lancinante despertou Holmes de um sono profundo, quando sonhava que uma mestiça nua, de seios grandes e longas coxas firmes dançava para ele. A mestiça tinha o corpo maravilhoso de Anna

Candelária, mas, curiosamente, o rosto era o de sua mãe. O detetive afastou aquela estranha imagem da cabeça. Tocou o colchão ao seu lado e viu que estava sozinho. O alarido continuava cada vez mais forte e ele logo saltou da cama em busca do revólver que guardava na cômoda.

Notou que os bramidos partiam do quarto de Watson e abriu a porta contígua que o separava dos aposentos do doutor.

Watson, gritando sem cessar, estrangulava o travesseiro:

- Morre, canalha! Ainda está para nascer o bárbaro que me atacará pelas costas!

Cherloc percebeu, aliviado, que se tratava de um pesadelo. Debruçando-se, sacudiu vigorosamente o doutor, dando um violento safanão no travesseiro:

- Acorde, Watson, por Deus, acorde!

O doutor Watson abriu os olhos. Por um momento, parecia estar acordado, porém em seguida atracou-se com Cherloc:

- Ah, agora são dois? Que venham, um é pouco para um soldado de Sua Majestade!

Viva a rainha! - gritou, alucinado.

Holmes desferiu-lhe uma bofetada:

- Sou eu, Watson, pare com isso antes de despertar todo o hotel!

Aos poucos, o doutor emergiu da sua fantasia.

- Essa agora! Pensei que estava na índia sendo atacado por um guerreiro ghazi.

- Felizmente, caro Watson, era apenas um sonho.

- São essas comidas herejes. De agora em diante, vou me ater aos cream crackers que trouxe de Londres - resolveu.

- Vamos tentar dormir um pouco, já tivemos uma noite bastante atribulada completou Holmes, pensando em Anna Candelária.

- De qualquer forma, sinto não ter trazido comigo meu velho Colt do exército lamentou-se o doutor, ao ver o revólver do companheiro.

- Não se preocupe antes da hora, Watson. Lembre-se, o que tem que acontecer, acontecerá - pronunciou filosoficamente o detetive, retirando-se em direção ao seu quarto.

O doutor puxou as cobertas, concordando com o detetive:

- Tem razão, Holmes. Como diz um velho provérbio escocês, as únicas aves que morrem de véspera são o peru e o porco.

Holmes fechou a porta, atribuindo o confuso ditado ao pavoroso pesadelo do amigo.

Capítulo catorze - Em 1693, aflito com a impiedade e o abandono em que eram deixados os órfãos recém-nascidos, perecendo nas vielas de frio e inanição, o governador Antonio Paes de Sande enviou carta e el-rei Pedro segundo de Portugal, pedindo providências, pois a Santa Casa de Misericórdia não podia recolhê-los por não ter rendimentos suficientes. O Senado da Câmara também não mostrava interesse algum na criação daqueles pobres inocentes. Como Portugal havia acumulado imensa riqueza graças às minas de ouro apenas descobertas no Brasil, el-rei, sentindo-se benevolente, ordenou em resposta que os desprotegidos fossem alimentados pelos bens do Conselho, e que para isso se impusessem as contribuições necessárias para a piedosa tarefa. A Câmara começou a empregar as sobras de alguns impostos na criação dos pequenos infelizes que eram lançados ao desamparo nas ruas e, em alguns casos, até devorados pelos cães. Não havia, contudo, recursos certos para a obra. Tendo o abandono e a miséria dos pequeninos sem pais comovido o coração generoso de um certo Romão de Mattos Duarte, este resolveu doar, em janeiro de 1738, trinta e dois mil cruzados à Santa Casa da Misericórdia, para a criação dos enjeitados. Estava fundada a Roda dos Expostos.

A Roda era assim chamada porque, à entrada lateral do edifício, havia uma porta grossa de madeira sobre a qual se via uma fresta tapada por um cilindro giratório, também de madeira, com duas prateleiras onde depositavam os bebês indesejados.

Dando um pequeno impulso, girava-se o cilindro com facilidade e o enjeitado desaparecia pela fresta, indo para dentro da casa. Uma campainha posta em comunicação com o aparelho giratório servia de aviso às irmãs de caridade que recolhiam, sobretudo à noite, as criancinhas abandonadas. A Roda dos Expostos começou no largo da Misericórdia, esteve na rua de Santa Thereza, porém, desde 1860, funcionava num prédio de dois pavimentos, no número 66 da rua Evaristo da Veiga, onde anteriormente se instalava a Escola de

Medicina.

A nova Roda dos Expostos fora inaugurada em junho daquele ano com a presença da família imperial. O vestíbulo era revestido de mármore, tendo de um lado a secretaria de pagamento para as amas externas, enfermeiras que trabalhavam para a Santa Casa, e do outro, a Sala da Roda. Junto à Roda, permanecia constantemente uma irmã de caridade para recolher os abandonados. Ladeando a escada central, viam-se as estátuas de São Vicente de Paula e a da Caridade. No primeiro pavimento, ficavam o refeitório, a sala de recreio, a sala de engomar, a cozinha, os tanques de roupa e o jardim. No segundo, a sala da administração, o gabinete da irmã superiora, a capela, a botica, a sala de leitura, a de costuras, os aposentos das irmãs de caridade, uma sala com quarenta berços e o dormitório das expostas com quarenta e dois leitos. Óleos de Pedro primeiro e a imperatriz Leopoldina, de dom Pedro segundo e da imperatriz dona Teresa Cristina enfeitavam as paredes. As recolhidas que ali residiam aprendiam a ler, escrever, a contar, gramática, história sagrada, trabalhos de agulha e de engomar. As que mais tarde se casavam recebiam um dote oferecido pela irmandade. Todos os anos, a princesa Isabel enviava à Roda dos Expostos baús contendo vestimentas feitas por suas próprias mãos, ato que revelava a imensa bondade de seu coração.

Mostrando que a Roda dos Expostos não se esquecia dos seus benfeitores, havia também um quadro de seu fundador, o caridoso Romão de Mattos Duarte. No entanto, o que mais comovia os visitantes era o retrato, na sala dos berços, de uma criança hidrocefálica que fora lançada à Roda por uma desconhecida, em julho de 1882, e falecera dois meses depois. Antes de morrer, ele fora batizado com o nome de Mateus. Mateus era um símbolo para todos os que trabalhavam na Roda.

O que ninguém sabia era que, há mais de três anos, a mãe de Mateus trabalhava na Roda dos Expostos. Chamava-se Carolina de Lourdes e era filha de Josué

Calixto, um conceituado agente funerário estabelecido à rua Itapiru, bem ao lado do cemitério de São Francisco de Paula, no largo de Catumbi. Carolina acreditara nas falsas promessas de Ariel Lemos, um jovem que viera de Curitiba aprender os segredos do embalsamamento com Calixto. Ariel seduzira a linda menina de dezessete anos, depois fugira para o interior da província do Paraná

e nunca mais dele se soubera. Josué Calixto, viúvo, homem severo,

inflexível, leitor assíduo do Velho Testamento, expulsou a filha de casa. Não fosse a interferência de uma tia solteira de Niterói, que a recolhera em sua casa, certamente Carolina haveria de seguir a dificílima vida fácil das prostitutas. Assim que o menino nasceu, Carolina, horrorizada, atribuiu a deformidade da criança à iniqüidade. Uma semana depois, rompendo o resguardo, deixara na Roda o infeliz fruto do seu pecado. Reaproximara-se do pai, que a perdoara depois de obrigá-la a longa penitência. Todavia, o remorso começou a tirar o sono da bela Carolina. Passava noites em claro, pensando no pobre menino enfermo que depositara na madeira fria da Roda. Na escuridão do seu quarto, imaginava enxergar os grandes olhos baços da criança olhando-a sem pestanejar. Um dia, não suportando mais a culpa, dirigiu-se à Roda dos Expostos. Qual não foi seu choque ao ver que seu filho havia morrido, e se transformara na criançasímbolo da entidade. Sem se dar a conhecer, resolveu que tinha de fazer alguma coisa em prol daqueles enjeitados que, como seu filho, eram atirados à mercê

da caridade alheia. Com o consentimento do pai, passou a servir à Roda como ama externa, sem receber nenhum estipêndio pelo trabalho. "O maior pagamento é

o conforto que proporciono aos meus miúdos", costuma dizer, referindo-se aos pequenos infortunados. Todos estranhavam ao ver aquela jovem de extraordinária beleza, quase menina, dedicando-se com tanta paciência àquela árdua tarefa. Era adorada na Roda. Carolina não tinha horas, oferecia-se para a vigília junto à Roda quando alguma irmã adoecia e, no dia seguinte, continuava até

tarde cuidando dos necessitados.

Naquela noite chuvosa, Carolina de Lourdes saiu da Roda dos Expostos depois das onze horas. Há dois dias não voltava para casa, e seu pai, apreensivo, exigira que ela descansasse um pouco, antes que sucumbisse à pura exaustão. Ficou de buscá-la com seu coche ao final da tarde, contudo a chuva intensa tinha impedido a passagem da caleche. As irmãs insistiram para que Carolina dormisse lá mesmo, porém a moça descartou a possibilidade. Disse que seu pai andava quase tão abandonado quanto "seus miúdos" e desceu, em meio à

tempestade, pela rua Evaristo da Veiga.

Um relâmpago ilumina por um momento a figura de negro que aguarda junto a uma árvore, no caminho da Chácara da Ajuda. Carolina de Lourdes sai em direção à

Visconde de Maranguape. Ele parte célere atrás da jovem. As trovoadas e os raios que cortam as pesadas gotas de água dão à rua uma aparência sombria. Carolina apressa o passo e dobra à direita rumo à rua Nova dos Arcos. Ele segue rápida mente atrás dela, cuidando para que suas passadas largas toquem o chão no mesmo ritmo da moça, ocultando, assim, o ruído que faz. Diminui, cada vez mais, a distância que os separa. Sempre que a jovem se detém, perscrutando o caminho à procura de um tílburi, ele estaca atrás dela, improvisando uma sinistra coreografia. Por um momento, ficam ambos enquadrados pelos arcos da ponte do aqueduto como dois bailarinos perdidos num palco gigantesco. Não há

viv'alma por perto.

Ela passa a Lavradio e segue pela rua do Resende. Quando ele chega ao mesmo local, tem uma idéia: dirige-se rapidamente para a Riachuelo e começa a correr.

Seus pés mal tocam o chão molhado. A capa dá-lhe a aparência de um enorme abutre planando na chuva. Os dois seguem agora em paralelo, Carolina, pela rua do Resende, e ele, pela Riachuelo: o pássaro indefeso e a ave de rapina. Ele quer encontrá-la de frente. Sabe que a mulher não tem saída, o próximo cruzamento é somente na rua dos Inválidos. Ele gira à direita e voa em direção ao outro entroncamento. Ofegante, colado ao muro da última casa da esquina, ele avista sua vítima. Esconde a adaga sob a capa, como a muleta de um toureiro, e aguarda.

Carolina de Lourdes só tem tempo de estender as mãos, tentando inutilmente proteger-se. A lâmina atravessa-lhe as palmas e penetra no pulmão. Ele arranca a faca e golpeia de novo a moça, uma, duas, cinco, quinze vezes. Carolina já

está morta no solo quando ele se ajoelha, abre-lhe o ventre até o esterno, arranca o fígado ainda quente da menina e o esfrega no próprio rosto, sofregamente.

Lambe e aspira o órgão viscoso. Não experimenta repulsa, pelo contrário, o cheiro adocicado de sangue faz com que ele tenha um violento espasmo de prazer.

Sente-se exaurido. Ainda não é desta vez que come a carne do pecado. Prefere esperar, pois sabe que a melhor iguaria só é servida ao final do banquete. Quase delicadamente, ele recoloca a víscera gotejante no abjeto rasgão,depois, num gesto tornado mecânico pela rotina, decepa

as orelhas da infeliz, guardaas no bolso e puxa o violino pendurado ao cinturão. Tira fora mais uma corda, o lá, a terceira do instrumento, e executa a tétrica cerimônia de colocá-la sobre o púbis da jovem. Afasta-se, então, dedilhando um pizzicato na última corda que lhe resta.

Na rua, a chuva lava o sangue da pobre mulher caída na calçada, braços abertos em cruz, com as mãos perfuradas, como as chagas de Cristo. Cherloc Holmes acordou com a boca seca. Sentia a cabeça vazia, como se seu crânio fosse uma cavidade oca outrora ocupada por um cérebro privilegiado. Era novamente o excesso de cannabis. Aproveitara o temporal da véspera para passar o dia recolhido ao quarto, raciocinando sobre o caso, como fazia em Baker Street; no entanto seus pensamentos eram constantemente interrompidos por imagens de Anna Candelária em seus braços. Holmes, em Londres, teria com certeza recorrido à cocaína para despertar-lhe a capacidade de concentração, porém viu sobre a mesa o pacote de cigarros índios que Anna esquecera no seu quarto e preferira encher novamente o cachimbo coma erva. Sentara-se em frente à janela vendo a chuva cair, depois pegara seu violino e, sob o efeito do fumo, conseguira extrair sons estranhíssimos do instrumento. Improvisara, criara melodias que lembravam as músicas nativas tocadas por Mukumbe na casa da baronesa de Avaré. Não recordava quanto tempo ficara ali, sentado, fumando e tocando. Watson, que conhecia esses recolhimentos do amigo, deixara-o sozinho durante todo o dia. Holmes não aparecera nem para jantar no restaurante do hotel, pedira que a comida lhe fosse servida no quarto. Dormira cedo e tivera sonhos coloridos. Agora, acordava com uma espécie de ressaca diferente de tudo o que conhecia.

O doutor Watson abriu a porta com um sorriso jovial. Para surpresa de Holmes, estava de ótimo humor:

- Bom dia, meu amigo, acho que já é hora de pular da cama - anunciou Watson, sorridente, e colocando um curioso chapéu sobre a cabeça. Holmes piscou várias vezes, tentando focalizar a visão. Havia algo de bizarro na imagem do doutor Watson que o torpor do detetive não permitia identificar. Cherloc esfregou os olhos e conseguiu enxergar finalmente: Watson usava um chapéu e sandálias de vaqueiro do agreste. Cherloc Holmes quase caiu da cama:

- Por Zeus, homem, o que vem a ser isso?

- Estou apenas seguindo seu conselho. Você não disse que eu deveria me acostumar aos hábitos do país? Estes acessórios são típicos da

terra. Por quê, não gostou?

- Posso saber onde diabos os comprou?

- Ontem, enquanto você passava o dia trancado, seu amigo Paula Nei me levou para dar uma volta pela cidade. Tem de tudo pelas ruas, um verdadeiro mercado persa. Um vendedor ambulante oferecia esses itens e Nei me convenceu a comprálos. Vêm da região Nordeste. Devo dizer que as sandálias são muito confortáveis - disse Watson,jovial, mexendo os artelhos expostos.

- Pode ser, mas têm um cheiro muito forte - respondeu Holmes.

- Pois foi o que mais me agradou. São feitas de couro de bode, o odor lembrame o tabaco turco que eu fumava em Ancara.

- E o chapéu?

- Substitui perfeitamente o meu côco. Paula Nei ficou encantado - declarou, vaidoso, o doutor. Holmes não queria deitar água fria no entusiasmo do amigo, porém sabia perfeitamente que aquilo era mais uma brincadeira do boêmio. A conversa dos dois foi interrompida por Inojozas, que entrou trazendo na mão um papel dobrado:

- Com licença, senhor Holmes, eu...

O detetive interrompeu o concierge:

- Não precisa dizer nada. Presumo que o senhor sofra da doença conhecida como dança de são Vito, e que ontem teve uma discussão com sua esposa. Além disso, está me trazendo um bilhete da senhorita Anna Candelária e teve que atracar-se há pouco com um cigano cujos brincos não são de ouro - afirmou Holmes, displicentemente, enquanto colocava sobre os ombros o robe. Watson, acostumado aos exercícios mentais de Sherlock, nem se alterou, contudo Inojozas, boquiaberto, espantou-se com aquela extraordinária dedução:

- Como chegou a estas conclusões, senhor Holmes? - perguntou o recepcionista, espantadíssimo.

- Elementar, meu caro Inojozas. A dança de são Vito, doença conhecida nos meios acadêmicos como "chorea de Sydenham", provoca tremores incontroláveis nos pacientes, o que explica as manchas de água nas suas lapelas, causadas por um copo de água derramado. A discussão com a esposa é facilmente explicada pela falta de aliança no seu dedo, cuja marca ainda aparece; noto também que o

bilhete que o senhor traz foi escrito por alguém com caligrafia feminina, logo, da senhorita Anna Candelária, de quem espero notícias. A explicação da luta corpo a corpo com o gitano é mais óbvia ainda. Que melhor lugar para se agarrar um cigano numa briga do que os brincos, deixando-o totalmente indefeso? Quanto à constatação de que seus brincos eram de um metal qualquer e não de ouro, deve-se às manchas esverdeadas de azinhavre que pude observar em suas mãos - sentenciou Cherloc Holmes. Pegou suas roupas, seus apetrechos de toalete e saiu triunfalmente do quarto em direção à sala de banhos, anunciando:

Volto num instante.

Inojozas sentou-se, pasmo, diante de Watson. O doutor procurou reconfortá-lo:

- Não se assuste, meu velho. As capacidades dedutivas de Holmes já

surpreenderam os melhores cérebros da Scotland Yard e levaram mais de um criminoso à cadeia. A respeito da sua dança de são Vito, digo-lhe, como médico, que pastilhas de ópio têm surtido excelentes resultados no tratamento da moléstia.

- Obrigado, doutor Watson, mas posso garantir-lhe que não sofro de nenhuma doença.

Minha roupa está molhada porque ainda está chovendo. Além disso, sou solteiro, o que eu tinha no dedo não era uma aliança e sim um anel, que tirei por estar muito apertado. Este papel aqui não é nenhum bilhete desta senhorita Anna Candelária, mas uma missiva minha que eu ia colocar nos correios, e há muitos anos não vejo um cigano. As manchas na minha mão são de tinta, porque sujei-me ao escrever a carta - explicou Inojozas.

- Detalhes, caro senhor, apenas detalhes. Não deixemos o resultado do brilhante raciocínio que acabamos de presenciar ser empanado por vulgares pormenores. A que devemos a honra da sua visita a nossos aposentos? desconversou Watson.

- Vim avisar que o delegado Mello Pimenta telefonou - disse Inojozas, levantando-se.

- Diga-me, senhor Inojozas, como se diz telephone em português?

- Telefone.

- Então temos telefone no hotel? - perguntou Holmes, que voltava ao quarto trajando um imaculado terno branco.-Não tinha conhecimento desta modernidade. Inojozas levantou-se:

- Claro, senhor Holmes, já são mais de mil e seiscentos assinantes. O único problema é que a conversação das linhas ainda é pouco cuidadosa. Com o tempo, esperamos que este problema seja resolvido. O secretário para as Obras Públicas prometeu uma solução para breve - gabou-se o hoteleiro.

- E quanto ao bilhete da minha amiga?

Inojozas explicou, acanhado, mostrando o envelope:

- Lamento, senhor Holmes, mas isto é apenas uma carta que devo pôr no correio.

- Quer dizer que errei numa das minhas deduções? Não tem importância, de qualquer forma, acertar três em quatro já é uma performance razoável comentou o detetive, terminando de dar o laço na gravata. Inojozas e Watson abstiveram-se de qualquer comentário. Cherloc continuou:

- E o que quer comigo este bom e velho Pimenta?

-Parece que houve outro crime esta noite. O delegado espera pelos senhores no local.

- Era o que eu temia. Outra moça assassinada. Vamos, Watson, não podemos perder tempo - disse Holmes, despedindo-se do concierge. Inojozas acompanhou os dois até a porta do hotel e disse a um dos cocheiros que levasse Holmes e Watson até a esquina da rua do Resende com a dos Inválidos.

O recepcionista do Albion estava perplexo e amedrontado. Apesar do clima ameno daquela manhã chuvosa, um suor frio escorreu-lhe pelas têmporas. O que ninguém poderia supor é que Cherloc Holmes, com toda aquela dedução, acertara no que não vira. O detetive dissera que a caligrafia no envelope era feminina. Será

que sua letra floreada deixara escapar a confidência que, desde a mais tenra infância, ele guardava a sete chaves? Inojozas fez uma prece silenciosa a santo Onésimo, seu padroeiro, para que seu terrível segredo jamais fosse revelado. Por enquanto, somente Reginaldo, o jovem copeiro que morava com ele há cinco anos, paixão da sua vida, sabia das preferências sexuais do hoteleiro.

Capítulo 15

Um resto de chuva fina continuava a cair sobre a cidade, quando o tílburi que conduzia Cherloc Holmes e o doutor Watson passou pela rua Nova dos Arcos. Holmes admirou-se com a magnitude da construção. De fato, a dupla arcada formada pelos quarenta e dois arcos que sustentavam a ponte do aqueduto tinha uma aparência majestosa, lembrando, ao passante, as antigas construções do Império romano. O aqueduto, terminado em 1750, fora edificado pelo governador Gomes Freire de Andrade, ainda nos tempos coloniais. Deslumbrado, Cherloc perguntou ao cocheiro o que era aquela obra. O condutor, acostumado a mostrar o Rio de Janeiro aos estrangeiros, explicou:

- É um aqueduto que leva água do morro do Desterro ao de Santo Antônio. Aliás, apesar de todas as modernizações, o suprimento continua sendo péssimo. O

aqueduto já não dá conta da demanda.

- Falta água no Rio? - espantou-se o detetive.

- Volta e meia. Felizmente temos os chafarizes. A culpa é desses governantes, são todos uns ladravazes. Há tempos chegaram até a criar um tributo especial para resolver o problema de vez.

- E resolveu? - perguntou Holmes.

- Qual o quê! Olhe só: para evitar que os recursos fossem desencaminhados, recolheram o dinheiro destinado ao serviço das águas numa enorme arca com três fechaduras.

- Ótima idéia - comentou Cherloc.

- Aparentemente. Imagine o senhor que uma das chaves ficou em poder da Câmara, outra com o governador e a terceira com o prior dos jesuítas. Pois não é que mesmo assim o dinheiro desapareceu? É o que lhe digo, não passam de uma corja de pichelingues - resmungou, indignado.

Pouco depois, o cocheiro puxava as rédeas e parava o carro junto à cena do crime.

Passantes haviam coberto os restos mortais de Carolina de Lourdes com folhas de jornal. Alguém acendera velas em volta do corpo, porém a garoa se encarregara de apagar as chamas, a não ser de uma,

que continuava a tremeluzir teimosamente bem junto à cabeça da moça. Os "morcegos" , como também eram chamados os praças de polícia, formavam um cordão de isolamento impedindo que os curiosos se aproximassem com sua morbidez. De repente, ouviu-se ao longe o som de guizos e de trote de cavalos. Todos olharam na direção do ruído. Saindo da rua da Relação e entrando na rua dos Inválidos, vinha o rabecão. Totalmente fechado, o carro parou ao lado da jovem assassinada e da boléia saltaram dois

"papa-defuntos".

Com a prática e a frieza adquiridas por anos de experiência, abriram a parte posterior da carroça, retiraram de lá uma lona grossa e com ela envolveram Carolina. Segurando o corpo pelos pés e pela cabeça, atiraram o cadáver no rabecão.

Antes de subir novamente para o veículo, um dos "papa-defuntos" ainda voltou e, com uma cusparada certeira, apagou a última vela que insistia em luzir à

beira da calçada. Em menos de cinco minutos afastaram-se dali pela rua do Resende.

Mello Pimenta e Saraiva, que já tinham examinado a vítima, aproximaram-se dos dois ingleses. Pimenta encarregou-se das apresentações:

- Bom dia, senhor Holmes, doutor Watson, este é o nosso médico-legista, professor Saraiva.

Holmes traduziu para o amigo:

- Um colega seu, Watson, médico-legista, uma especialidade fascinante. Os legistas são os únicos médicos que sabem de tudo. Infelizmente, só quando é

tarde demais.

Mello explicou rapidamente o que acontecera na noite anterior e Cherloc perguntou:

- Já se sabe quem é a rapariga?

- Já. Chama-se Carolina de Lourdes Calixto. Era da Roda.

- Percebo, mais uma prostituta - declarou Cherloc Holmes, pensando

que "roda" era uma gíria que denominava a zona do meretrício.

- Não, senhor Holmes, a Roda é uma instituição beneficente que recolhe recémnascidos abandonados. A moça era filha de um agente funerário chamado Josué

Calixto e trabalhava como ama na entidade, caridosamente.

- Quem descobriu o corpo?-Exatamente uma das irmãs de caridade da Santa Casa da Misericórdia. A Roda dos Expostos fica bem perto, na Evaristo da Veiga. Já estive lá fazendo algumas perguntas.

- Descobriu se por acaso a cachopa tinha inimigos?

- Muito pelo contrário, era muito querida. Há um sentimento de indignação e de tristeza por parte de todos.

- Se calhar, alguém percebeu se foi seguida ao sair?

- Ninguém sabe. Chovia muito e mesmo assim ela insistiu em voltar para casa.

- Que maçada, estamos na mesma - lamentou-se Holmes, passando os dedos pela testa que começava a latejar.

Mello Pimenta desculpou-se:-Não queria incomodá-lo de manhã tão cedo, mas, como se tratava do "sirialquiler", achei que lhe interessaria acompanhar de perto a investigação.

- Fez muito bem, delegado. Presumo que buscou a região à procura de novos indícios.

- Claro que sim, mas as pistas são as mesmas. Orelhas decepadas e outra tripa enrolada - concluiu Mello Pimenta, mostrando a Cherloc a corda do violino.

- Pelo menos, parece-me que não há mais dúvidas de que o serial killer e o ladrão do violino são a mesma pessoa. O que me preocupa mais é que ainda resta uma corda ao instrumento. Detectou pegadas ou marcas pelo chão?

- Se havia, a chuva as levou.

- Incomoda-se se eu fizer um pequeno exame do lugar? - indagou Cherloc Holmes, pensativo.

- Imagine, senhor Holmes. É um favor que me faz.

O detetive puxou do bolso a sua lupa e aproximou-se da calçada enegrecida pelas manchas de sangue. Quando abaixou-se para melhor ver aquela área, sentiu a cabeça girar e a lente quase escapou-lhe das mãos. Teve de se apoiar ao muro para não cair. Mello Pimenta, Saraiva e Watson correram para ajudá-lo:

- O que houve, meu velho? - perguntou Watson, preocupado.

- Nada, apenas uma pequena vertigem - respondeu Holmes, recuperando-se. Depois, traduziu para Pimenta e Saraiva: - Fiquei tonto. Acho que ontem abusei das ervas que uma amiga me deu. Não sei se conhecem, são cigarros índios. Ótimos, por sinal, só que fumei demais.

- Ah, vejo que o senhor Cherloc Holmes experimentou o nosso pango - disse o experiente Saraiva.

- Pango? - perguntou Cherloc.

- Exatamente. É como os negros chamam a cannabis. Havia, inclusive, um lindo canteiro delas cultivado atrás da cozinha do palácio de Sua Majestade em São Cristovão.

Mello Pimenta, preocupado com o repentino mal-estar do detetive, pegou-o pelo braço para afastá-lo dali:

- Senhor Holmes, posso garantir-lhe que aqui não há nada que nos interesse. É

melhor o senhor voltar para o hotel com o doutor Watson, enquanto sigo com o Saraiva até o Instituto Médico Legal, para acompanhar a autópsia.

- De maneira alguma. O doutor Watson e eu fazemos questão de observar esta necropsia. Afinal, oito olhos enxergam melhor do que quatro.

- Oito não, sete.

- Como assim?

- O Saraiva é cego de um olho - explicou Mello Pimenta, revelando este detalhe desconhecido da anatomia do professor

- Uma lembrança que eu trago das batalhas do Paraguai - explicou, constrangido, o doutor Saraiva.

- Não sabia que o senhor era um herói de guerra - disse Holmes, comovidamente.

- Foi numa luta corpo a corpo?

- Não, uma infecção. Cocei o olho com a mão suja - explicou, sem pudor, o médico-legista.

- Seja como for, gostaria de acompanhá-los. Essa tontura é passageira garantiu o detetive. Saraiva, que entendia de ressacas como poucos, deu a receita:

- Se me permite, senhor Holmes, o melhor remédio para esta sensação matutina é

uma boa cachaça.

- Cachaça? Que raios de estupor é este?

- É uma aguardente feita com cana-de-açúcar. Uma bebida muito suave, deliciosa. Basta uma dose para o senhor se recuperar completamente. Aliás, vou acompanhá-lo.

Também estou me sentindo um pouco fraco esta manhã.

- Saraiva, não sei se é aconselhável dar cachaça ao senhor Holmes a esta hora

- adiantou Mello Pimenta, com prudência.

- Bobagem, meu caro Mello Pimenta. Tenho certeza de que este santo remédio deixará o nosso amigo inglês novo em folha - assegurou o médico. Os quatro se dirigiram a um botequim na esquina da rua Riachuelo. Saraiva, com invejável expertise etílica, encomendou duas doses da melhor aguardente da casa e entornou o seu copo num gole preciso. Quando o doutor Watson viu o líquido transparente, que exalava um fortíssimo cheiro de álcool, indagou o que vinha a ser aquela bebida.

- Nada de mais, Watson, apenas uma aguardente feita com cana-de-açúcar. O

professor Saraiva assegura que possui excelentes resultados curativos traduziu Cherloc para o amigo.

-Não sei, Holmes, pelo cheiro, parece-me algo fortíssimo. Talvez seja conveniente não bebê-la pura - aconselhou.

- Que faço, então? Ponho um pouco de água?

- Acho que um sumo de fruta seria melhor. Laranja ou limão. São ótimos remédios.

Já conhecemos, inclusive, suas comprovadas propriedades contra o escorbuto. Cherloc virou-se para o dono do botequim:

- Meu amigo aqui está sugerindo que eu coloque um pouco de sumo de laranja ou limão na bebida. Por acaso o senhor tem alguma dessas frutas?

- Tenho limões - respondeu, intrigado, o proprietário, sem tirar os olhos do chapéu e das sandálias nordestinas que o doutor ainda calçava. Watson completou:

- Talvez também seja bom adicionar um pouco de gelo e açúcar, Holmes, para compensar a queima produzida pelo álcool.

Sherlock Holmes transmitiu as exigências do doutor. O botequineiro dirigiu-se ao fim do balcão e ordenou que seu empregado trouxesse o pedido. Watson cortou o limão em quatro e depositou dois pedaços no copo junto com o açúcar. Depois, pôs-se a amassar as fatias com uma colher, enquanto dizia:

- Por via das dúvidas, é melhor colocar os gomos inteiros e espremer. Quando terminou aquela operação, acrescentou uns pedaços de gelo e entregou a curiosa poção ao detetive:

- Pronto, Holmes, agora acho que você pode beber sem correr perigo. No fundo do bar, o empregado e o dono do botequim olhavam, fascinados. O jovem balconista perguntou:

- Patrão, que língua eles estão falando?

- Sei lá. Para mim ou é latim ou é coisa do demo.

- E que mixórdia é aquela que eles estão fazendo?

- Não sei, uma invenção daquele caipira ali - disse, apontando para o chapéu de vaqueiro de Watson.

- Qual deles, o grandão? - perguntou o rapaz,indicando Cherloc Holmes, todo de branco.

- Não, o caipira grande está só bebendo. Quem preparou foi o menorzinho, o caipirinha - respondeu o proprietário, batizando assim,

para sempre a exótica mistura.

O necrotério oficial do largo do Moura conseguia ser ainda mais soturno que a morgue da Ordem Terceira. O piso era de cimento escuro e o craquelê dos azulejos brancos das paredes, gastos pelo tempo, não contribuía em nada para amenizar esta aparência.

Ironicamente, além dos vapores dos desinfetantes, o lugar tinha, também, um cheiro de vida. Isto porque suas dependências davam para os fundos da monumental cozinha do Hospital da Santa Casa e os odores de comida que saíam pela chaminé de cento e sessenta e um palmos, construída com trinta e seis mil tijolos de fogo ingleses, pairavam permanentemente sobre o Depósito de Cadáveres. Muitos visitantes não resistiam a esta mescla almiscarada. Há quase uma hora, Saraiva examinava o corpo aberto de Carolina de Lourdes. Mello Pimenta e o doutor Watson olhavam a autópsia de longe, mas Cherloc Holmes, inclinado sobre a mesa de pedra, acompanhava atentamente cada movimento do legista.

Em certos momentos, suas observações chegavam a surpreender Saraiva:

- Posso perguntar, senhor Holmes, como adquiriu tantos conhecimentos neste ramo?

- Como detetive, acho estes assuntos fundamentais, por isso estudei anatomia e paleontologia com sir Richard Owen, do British Museum. Também sempre fui muito interessado nos trabalhos de Leonardo da Vinci. Leonardo era fascinado pela figura instrumentale dell"omo, como o senhor sabe.

- Claro - respondeu Saraiva, que não sabia.

Holmes olhou atentamente para as entranhas escancaradas da jovem:

- Professor, há algo aqui que causa-me estranheza...

- O quê, senhor Holmes?

- Não sei, dá-me a impressão de que os órgãos internos foram recolocados na cavidade. Como se o assassino os tivesse arrancado fora e depois reposto no lugar.

O patologista debruçou-se sobre o corpo:

- Homessa! Pois não é que o senhor tem razão? - espantou-se. Saraiva

enfiou a mão na cavidade exposta, afastou o estômago e retirou o fígado.

Holmes pegou sua lupa e começou a examiná-lo detalhadamente. Chamou Mello Pimenta:

- Veja, delegado, há sinais nítidos de unhas e linhas microscópicas, invisíveis a olho nu, na carne, como se o assassino a tivesse passado numa superfície áspera.

Pelas impressões profundas dos dedos e pelos finos sulcos, é possível que ele... - Sherlock hesitou. - Não, seria horrível demais!

- Diga, senhor Holmes, por favor!

- Sei que é pavoroso, mas dá-me quase a certeza de que o monstro esfregou o fígado no próprio rosto.

Todos, menos Watson, que não entendia o que se estava dizendo, quedaram-se perplexos. O detetive continuou:

- Á noite, a barba já começa a crescer, e estas pequenas estrias devem ter sido causadas pela fricção nos pêlos do rosto. Num frenesi, o demente roçou na cara as vísceras da pobre menina - concluiu sombriamente. Mello Pimenta concordou, aterrorizado:

- Não há mais dúvidas, trata-se realmente de um louco. O diretor do hospício marcou uma audiência para a próxima semana. Vou mandar recado dizendo que iremos vê-lo amanhã mesmo.

Holmes seguia examinando as marcas de dedos deixadas na carne:

- Pena que os estudos de Juan Vucetich ainda não sejam conclusivos.

- Perdoando minha imensa ignorância, senhor Holmes, poderia me dizer quem é? perguntou Mello Pimenta.

- Um policial argentino de Buenos Aires que está desenvolvendo um sistema de identificação por meio dos dedos. Ele chama o processo de "datiloscopia comparada".

Segundo Vucetich e alguns antropologistas europeus, não existem dois seres humanos com as mesmas linhas de pele nas extremidades. Se o senhor examinar com a lente, verá os vestígios dessas linhas. Infelizmente, por enquanto, nada disso tem alguma utilidade para nós - informou Holmes, devolvendo o fígado da moça ao professor

Saraiva.

Neste exato momento, a conversa foi cortada por um urro de dor vindo da entrada:

- Anátema! Anátema!

No vão da porta surgiu a figura atormentada de Josué Calixto, o agente funerário pai da pobre moça. Alto, todo de preto e de cartola, Calixto era a própria caricatura da profissão. Olheiras profundas vincavam-lhe os olhos transformados em duas poças de sangue devido ao pranto incontrolável. Adiantando-se, ele perguntou em desespero:

- Minha filha, onde está minha filha?!

Saraiva, que ainda segurava o fígado da moça, entregou-o disfarçadamente a Holmes, enquanto apontava a mesa de necrópsias. Como se achava entre Calixto e a mesa, o detetive escondeu o órgão atrás das costas e afastou-se do caminho. O agente funerário atirou-se alucinado sobre o cadáver da filha:

- Fui eu quem a matou, é tudo culpa minha! Oh, meu Deus, que castigo cruel!

Filhinha querida, já não a torno mais a ver com vida! - gritava Josué Calixto, a dor fazendo com que declarasse o óbvio.

Sem ser visto pelo agente funerário, Holmes lançou, com precisão, o fígado para Mello Pimenta e aproximou-se do pai desconsolado:

- Poderia perguntar por que o senhor se acha responsável por este crime hediondo?

Josué contou a longa via-crúcis da filha e como a sua intransigência levara a moça a Roda dos Expostos.

- Tivesse sido eu mais compreensivo e nada disso teria acontecido. Oh, Deus meu! Por que não me levastes no lugar de Carolina? - lamentava-se o pobre homem, consumido pela dor. Pimenta caminhou até Calixto. De passagem, largou novamente o fígado nas mãos de Saraiva.

- Senhor Calixto, sou o delegado Mello Pimenta. Sei que este é um momento muito difícil, porém, mesmo assim, tenho que fazer algumas perguntas.

- Por favor, delegado. Tudo o que possa ajudar a descobrir este pavoroso assassino - respondeu o agente funerário, entre soluços.

- O senhor sabe se sua filha havia feito novas amizades?

- Não, a pobrezinha era inteiramente dedicada aos órfãos.

- O senhor observou, ultimamente, alguém rondando a sua casa?

- Também não. Moramos num bairro muito tranqüilo. Qualquer movimento irregular teria chamado a minha atenção.

- Se o senhor se lembrar de algo que possa me interessar, eu estou na terceira delegacia - informou Pimenta.

Enquanto o delegado fazia estas perguntas, Holmes, afastado, analisava detalhadamente as roupas rasgadas de Carolina de Lourdes, amontoadas num canto. Notou, perdida nas dobras da saia, uma longa crina de cavalo que passara desapercebida aos primeiros exames.

Sem que ninguém visse, enrolou-a nos dedos e guardou-a no bolso, enquanto Josué Calixto dizia, enxugando as lágrimas:

- Agora, se permitem, gostaria de ficar alguns momentos a sós com minha filha. Quem é o patologista encarregado?

Saraiva, numa manobra típica de malabarista, jogou célere o fígado para o doutor Watson e deu um passo em direção a Calixto:

- Sou eu, Saraiva, às suas ordens.

- Já o conheço muito de nome, professor. Como somos quase do mesmo ramo, queria lhe pedir um favor imenso.

- Pois não, senhor Calixto.

- Vejo que o monstro dilacerou selvagemente a minha filha. Se o senhor terminou seus exames, gostaria de empregar todo o meu talento para dar à

infeliz menina a aparência que tinha em vida. Não quero que a vejam desse jeito, nem gostaria de um velório com caixão fechado - concluiu, solene, o agente funerário.

- Claro, é o mínimo que podemos fazer - respondeu Saraiva, apertando a mão do pai da moça. - Meus sentimentos.

Um por um, Holmes, Pimenta e o legista despediram-se, em silêncio, do pobre homem. Quando chegou sua vez, Watson, que dissimulara no casaco o órgão extirpado, puxou o fígado do bolso, limpou-o com o lenço, e entregou-o a Josué

Calixto, declarando, compungido, no melhor inglês chakespeariano:

- Creio que isto lhe pertence.

Guardou o lenço e saiu da sala dos mortos com a austeridade que o momento exigia.

Capítulo 16

O hospício dom Pedro Segundo para o recolhimento de alienados erguido na Chácara da Praia Vermelha era uma imponente construção em estilo neo clássico francês. Ocupava uma área de mil quinhentas e sessenta e duas braças quadradas, com o pórtico revestido de cantaria e uma escada de dez degraus que levava à entrada. Quatro colunas de pedra com capitéis dóricos sustentavam uma balaustrada de mármore. Entre elas, avistavam-se três portas e, no segundo pavimento, havia mais quatro colunas jônicas coroadas por um frontão, onde se viam as armas imperiais trabalhadas em mármore. Três janelas apareciam no meio das colunas, repetindo a simetria do andar de baixo. Nos corpos laterais do prédio, existiam vinte janelas de peitoril no primeiro piso e mais vinte no segundo.

Todas as janelas eram guarnecidas com pesadas grades de ferro. Um ático ornado de estátuas e vasos de mármore escondia o telhado do edifício. As plantas e flores colocadas nos vasos ajudavam a quebrar a aparência carcerária sugerida pelas grades.

Parado junto à escadaria do asilo, o delegado Mello Pimenta esperava por Cherloc Holmes. O sol voltara a aparecer depois dos dias de chuva alegrando a radiosa manhã. Por enquanto, havia pouco movimento nas ruas. O detetive já

estava atrasado.

Um tílburi de aluguel parou perto da entrada, porém foi um velho marinheiro que saltou do seu interior. Usava uma japona azul surrada sobre a malha branca e preta de listras horizontais. As calças largas, ligeiramente curtas, presas por um cinto de fivela quadrada de metal, deixavam à mostra as meias também listradas e os pesados calçados de madeira. Tinha uma venda preta sobre o olho direito e um gancho no lugar da mão esquerda. Puxando de uma perna, a estranha figura

aproximou-se de Pimenta e de repente sussurrou ao ouvido do delegado, com um carregado sotaque de português:

- Onde está o mapa do tesouro?

- Senhor Holmes?! Mas que trajes são esses? - perguntou Mello Pimenta, espantadíssimo.

- Apenas um disfarce, meu amigo. Achei que era melhor não chamar muito a atenção nesta fase das investigações - explicou Holmes.

- Bem, podemos entrar. O diretor do hospício já está à nossa espera - disse Pimenta, ainda inconformado com a fantasia de Cherloc. O gancho na mão e o tapa-olho davam ao inglês um aspecto assustador. Além disso, Holmes colocara um nariz postiço e uma peruca branca sob o gorro de marinheiro.

O delegado não sabia como explicaria ao médico responsável pelo nosocômio a presença, ao seu lado, de um velho marujo lusitano. Caminharam por um longo corredor e chegaram ao gabinete do clínico. Um ajudante conduziu os dois ao consultório do diretor.

O doutor Hélio Pedregal Noronha era o alienista-chefe do Hospício Dom Pedro segundo.

Vestido sobriamente, não envergava o característico jaleco branco. Cultivava um bem cuidado cavanhaque e trazia um pincenê equilibrado no nariz. As paredes da sala eram cobertas por estantes com livros de medicina. Sobre sua mesa de trabalho, havia uma estatueta em bronze de uma caveira com uma coruja empoleirada em cima. Pedregal Noronha não conseguia desviar os olhos da curiosa figura de Cherloc Holmes. Fez sinal para que Mello Pimenta e o detetive sentassem na sua frente.

- Francamente, delegado. Acho que não entendi bem o motivo da sua visita. Pensei que fosse a respeito das suas investigações, agora vejo que se trata de uma internação - disse o alienista, apontando para Cherloc. Holmes respondeu, antes que Pimenta fosse obrigado a explicar:

- Equivoca-se o doutor. Não sou demente, nem alienado. Permita-me que me apresente:

Cherloc Holmes, ao seu dispor. Esses trajes são apenas um dos mil disfarces que uso quando quero passar despercebido.

- Entendo - respondeu Noronha, que na verdade não entendia nada. Mello Pimenta tomou a palavra:

- Trouxe comigo o senhor Holmes, cujo auxílio tem sido inestimável.

- E em que posso ser útil? - perguntou o médico, consultando deliberadamente o relógio no bolso do colete.

- Primeiro, gostaria de esclarecer que tudo o que dissermos aqui é

estritamente confidencial - declarou Pimenta.

-Pode ficar tranqüilo, delegado. O sigilo faz parte da minha profissão. Mello Pimenta recostou-se na cadeira e contou ao médico tudo o que sabia sobre o caso. Quando terminou, Holmes acrescentou:

- O último assassinato levou-nos à certeza de que há uma maluco à solta praticando esses crimes.

- Prefiro que o senhor utilize o termo alienado ao falar dos doentes. Desde que Philippe Pinel defendeu um tratamento mais humano para os enfermos mentais, no seu Traité médico-philosophique sur l'aliénation mentale, evitamos certas expressões pejorativas - comentou, superior, Pedregal Noronha, apesar de jamais ter lido o livro.

Mello Pimenta indignou-se:

- Não vejo o que pode haver de humano em semelhante monstro. Arrancar o fígado da pobre moça e esfregá-lo no rosto?

- Garanto-lhes que durante todos esses anos em que me dediquei a cuidar da saúde da alma já presenciei coisas piores. Nem por isso deixo de considerar humanos os meus pacientes, lá à sua maneira - redargüiu o alienista.

- O que o senhor chama de coisas piores? - indagou Cherloc.

- Coprofagia, por exemplo, doentes que comem as próprias fezes. Já tive aqui uma mulher acometida de histeria que tentou suicidar-se ingerindo grandes quantidades dos próprios excrementos.

- É possível a um indivíduo ter um comportamento normal e ao mesmo tempo praticar essas aberrações? - indagou Mello Pimenta.

- Naturalmente, faz até parte da patologia. Pode-se conviver socialmente com um mentecapto durante anos sem presenciar nenhum

de seus ataques. O cérebro humano ainda é uma incógnita e um desafio - garantiu Pedregal Noronha.

- O senhor já examinou alguém com um desvario semelhante ao do nosso assassino? continuou Mello Pimenta.

- Agora mesmo, temos internado um homem que padece de uma estranha forma de patologia cerebral. Possui grande inteligência e cultura, porém, quando entra em crise, arranca e devora pedaços de carne humana de quem estiver ao seu alcance.

Ironicamente, antes que a insanidade o atacasse, era um dos nossos mais proeminentes alienistas.

- Como se chama o desassisado? - quis saber Sherlock Holmes.

- Doutor Aderbal Cara. Sofre de canibalismo agudo.

- Podemos conversar com ele?

- Não vejo como isso irá ajudá-los, mas, se fazem questão vou pedir ao meu assistente que os acompanhe. Ele está recolhido na ala dos furiosos. Ainda ontem, atacou um dos enfermeiros. - Pedregal Noronha levantou-se e dirigiu-se para a porta.

- Agora, se me dão licença, está na hora da minha ronda de visitação aos hóspedes.

Antônio Belmonte, o médico interno que conduzia Mello Pimenta e Cherloc Holmes pelas úmidas galerias do asilo, tinha um curioso cacoete. A cada três passos, parava e lustrava as botinas na parte traseira das calças. Finalmente, depois de percorrerem o que pareceu aos dois visitantes um sinuoso labirinto, chegaram em frente a um grosso portão de madeira que dava para um mal iluminado corredor.

Belmonte abriu-o com uma das chaves do molho que puxou do bolso.

- Ele está na última cela à esquerda. É melhor que os senhores sigam sozinhos a partir daqui. Os malucos ficam muito agitados quando me vêem.

- Pensei que esta palavra fosse proibida nesta instituição - disse Holmes.

- O doutor Noronha não gosta que a usemos, mas, para mim, maluco é maluco. Tomem cuidado para não se aproximar das celas. Aqui são

todos loucos perigosos.

- Como chamamos o senhor quando terminarmos? - perguntou, inquieto, Mello Pimenta.

- Chamem-me de Belmonte, que é como todos me chamam - respondeu o interno, rindo alto do próprio chiste. Há uma sineta pendurada do lado de dentro. Toquem, que eu venho buscá-los. - Encostou novamente a grade e afastou-se, limpando compulsivamente os sapatos.

Cherloc Holmes e Mello Pimenta adentraram o sombrio corredor. De um lado, viase a fileira de celas e, do outro, uma parede de pedra com alguns poucos bicos de gás que forneciam a precária iluminação.Não havia janelas nem basculantes. Palavras incoerentes, misturadas a gritos, gemidos e sussurros, partiam dos pobres dementes ali enclausurados. Holmes ouviu nitidamente uma voz rouca masculina, impregnada de lascívia, que gritava:

- Marinheiro! Vem cá, marinheeeeiro!

Mesmo o observador pouco atento se lembraria imediatamente dos zoológicos, ao se deparar com o homem enjaulado naquele cárcere. Uma pesada grade de ferro, que ia do chão ao teto, separava o prisioneiro dos visitantes. Dentro, apenas um catre, uma bacia, uma jarra e uma cadeira tosca, onde se sentava o doutor Aderbal Câmara. Seu rosto estava coberto pela infame máscara de Flandres. Criado por um obscuro ferreiro português do século dezoito sob encomenda de alguns feitores, o abominável objeto evitava que os negros com banzo, destruídos pelas saudades que sentiam da Mãe África e das suas famílias, comessem terra até morrer. Era a única e desesperada forma de suicídio ao alcance dos escravos.

Preferiam esta morte monstruosa ao cativeiro. Os que trabalhavam na mineração de diamantes também usavam a torpe invenção, que os impedia de engolir as pedras e contrabandeá-las para fora do garimpo. Até aos cronistas mais indiferentes causava repulsa a descrição do desprezível instrumento. Feita de metal, a máscara de Flandres cobria totalmente a face e prendia-se à parte traseira do pescoço por dois prolongamentos fechados a cadeado. Pequenos buracos à altura dos olhos e do nariz permitiam que o portador visse e respirasse, sem contudo poder levar coisa alguma à boca. Eventualmente, utilizavam-na também em casos de embriaguez, em criminosos, como punição, e nos insanos em fúria.

O ignominioso aparelho estava afivelado à cabeça do homem. Sua voz soou abafada pelo metal da máscara:

- Ah! Cherloc Holmes e o delegado Mello Pimenta! A que devo a honra?

Ambos espantaram-se com a declaração do doutor Aderbal Câmara.

- Conhece-nos, pois? - indagou Holmes.

- Claro, já os esperava há algum tempo. Vinha acompanhando as investigações, mas, infelizmente, agora não me deixam ler os jornais. Comi o polegar do enfermeiro que trazia o Jornal do Commercio. Por sinal, delicioso. Sem trocadilho, estava de se lamber os dedos.

- E por que achou que nós viríamos vê-lo? - perguntou Mello Pimenta.

- Ora, delegado. Somente um imbecil não perceberia que a pessoa que procuram tem algo a ver comigo. Personalidade interessante. Não me espantaria nada se começasse a devorar suas vítimas.

Holmes e Pimenta entreolharam-se em silêncio.

- Pelo que vejo, o nosso sanguinário amigo adiantou-se à minha previsão sorriu o doutor Aderbal. Depois de hesitar, Mello Pimenta acabou revelando:

- Não, mas temos motivos para acreditar que ele esfregou avidamente o fígado de uma das vítimas no próprio rosto.

- Que desperdício! Vê-se logo que é um principiante, não sabe o que está

perdendo - lamentou-se o louco.

- Acredita realmente nisso? - perguntou Mello Pimenta, horrorizado.

- Dizem que os tigres da índia ficam desvairados depois que experimentam a carne humana. Conosco passa-se o mesmo. Não há manjar mais delicioso garantiu o doutor Aderbal.

- Vamos ao que importa - interrompeu Holmes, que não se interessava nem um pouco por aquela aula de gastronomia antropofágica. - O que gostaríamos de saber é se o senhor, como médico e... paciente, conhecendo, digamos, os dois lados da moeda, poderia dizer-me algo que nos ajudasse a descobrir o serial killer.

- Serial killer... li a expressão nos jornais e achei muito original...No entanto, senhor Holmes, não vejo por que deveria ajudá-los. Que tenho eu a lucrar?

- Nada, a não ser a satisfação de saber que está colaborando para eliminar uma terrível ameaça à sociedade.

- Eu odeio a sociedade, senhor Holmes. Foi a sociedade que me trancafiou nesta masmorra, que me condena a usar esta pavorosa máscara de ferro sempre que um impulso irresistível me obriga a degustar a carne do meu semelhante. Não posso nem mesmo roer as unhas, pobre de mim, esfinge domada: decifra-me, que não te devoro.

Mello Pimenta quase se compadeceu do pobre louco encarcerado:

- Bem, doutor Aderbal, parece que nada mais temos a fazer aqui. Desculpe, se tomamos o seu tempo.

- Adeus, doutor - despediu-se Holmes, estendendo corajosamente a mão através das grades.

Aderbal Câmara, comovido a desconcertado pelo gesto do detetive, disse aos dois visitantes:

- Para que não tenham de todo perdido a viagem, vou propor-lhes uma charada:

"No meio de várias ilhas,

A designação formosa

servia às mil maravilhas,

pensava Paulo Barbosa.

E se o nome vem do grego,

No fundo, isto pouco importa.

O monarca tem apego

Por esta língua já morta"

- recitou, enigmático, o doutor Câmara, pelas frestas da máscara. Mello Pimenta anotou rapidamente o misterioso poema, enquanto Holmes agradecia:

- Fico-lhe muito grato, doutor. Espero conseguir desvendar o que se esconde por trás destes versos.

- Gostou? Como vê, se de médico, poeta e louco, todos nós temos um pouco, eu tenho muito - declarou o doutor Aderbal Câmara, vate, alienista e alienado. A meio caminho, Sherlock Holmes, virou-se e perguntou:

- Só mais uma coisa, doutor Aderbal.

- Pois não?

- Como descobriu que era eu, apesar deste meu disfarce?

- Ora, meu caro senhor Holmes, eu sou louco, mas não sou idiota - explicou Aderbal, o canibal, dando uma pavorosa gargalhada.

Capítulo 17

O delegado Mello Pimenta convidara Cherloc Holmes para almoçar em sua casa na rua do Pinheiro. Dona Esperidiana, pega de surpresa, esmerava-se na cozinha às voltas com o Cozinheiro nacional à procura de uma receita:

- Por que não me avisaste que ias trazer o senhor Holmes? Mal tenho tempo de preparar alguma coisa que preste - reclamou, lá de dentro, enquanto folheava pressurosamente o livro.

- Não se preocupe por mim, dona Esperidiana. Sou um comensal de hábitos frugais - tranqüilizou-a, educadamente, Cherloc Holmes. Sentados em volta da mesa, os dois tentavam decifrar os misteriosos versos do doutor Aderbal. Mello Pimenta abriu o seu pour-mémoire e leu lentamente em voz alta:

- "No meio de várias ilhas,

A designação formosa

servia às mil maravilhas,

pensava Paulo Barbosa.

E se o nome vem do grego,

No fundo, isto pouco importa.

O monarca tem apego

Por esta língua já morta."

- Tirando a péssima qualidade literária, não vejo sentido nenhum neste poema confessou Cherloc.

- "O monarca tem apego por esta língua já morta". Todos sabem que dom Pedro fala grego, latim e provençal - informou Pimenta.

- Provençal? Ele fala provençal? - espantou-se o inglês.

- Fala.

- Com quem?

- Isto ninguém sabe.

- Meu caro Pimenta, para mim vai ser difícil ajudá-lo nesta empreitada. Fica óbvio que há uma referência ao imperador. Contudo, não faço a mínima idéia de quem possa ser este Paulo Barbosa - explicou Holmes, acendendo o seu cachimbo.

- Nem eu, senhor Holmes. Quem será Paulo Barbosa?

- Então não te lembras, Hildebrando? - disse Esperidiana, que vinha pôr a mesa, chamando o delegado pelo nome de batismo.

- Lembrar de quê?

- Paulo Barbosa foi mordomo-mór de dom Pedro - respondeu Esperidiana, voltando lá para dentro.

- Quando isso? - perguntou Pimenta.

Dona Esperidiana gritou da cozinha, enquanto preparava o almoço:

- Que vergonha, Hildebrando. O senhor Holmes vai pensar que és um policial muito mal informado.

Foi Paulo Barbosa quem deu o nome de Petrópolis à cidade do imperador.

- Agora me lembro - mentiu Mello Pimenta.

- Aliás, é um caso famoso de bajulação histórica que aprendemos no colégio. Quando procuravam um nome para o lugar, ele falou: "Lembrei-me de Petersburgo, cidade de Pedro. Recorri ao grego e achei a cidade com esse nome no arquipélago. E, o imperador dom

Pedro, julguei que lhe caberia o nome" completou dona Esperidiana. Cherloc Holmes declarou animado:

- Acho que sua esposa matou a charada. "No meio de várias ilhas" refere-se a arquipélago, a "designação formosa" é o nome que este Paulo Barbosa deu à

cidade do imperador, inspirando-se no grego; Petro de "Pedro" e pólis de

"cidade".

- O canibal está nos dizendo que o criminoso é de Petrópolis - sentenciou Mello Pimenta. Dona Esperidiana intrometeu-se mais uma vez, falando da beira do fogão:

- Acho que estás enganado, querido. A mim, parece que ele insinua que o assassino pertence à corte ou a freqüenta.

O delegado irritou-se:

- A senhora sabichona poderia me dizer por que o doutor Aderbal não se referiu diretamente ao palácio imperial?

- Por vários motivos: primeiro, porque seria uma informação muito direta e ele fez questão de apresentar a pista como uma charada; segundo, porque, falando apenas do palácio, os suspeitos ficariam restritos aos membros da côrte; e finalmente porque, neste final de semana, José White vai organizar um recital beneficente em homenagem à princesa Isabel,no Palácio de Cristal, em Petrópolis. O imperador também convidou Sarah Bernhardt e ela adiou seus espetáculos para poder estar presente. Ficou encantada, quando lhe disseram que Petrópolis era uma miniatura brasileira das cidades da Suíça - despejou Esperidiana.

- E como sabes de tudo isto?

- Li na "Mundanalidades" do Múcio Prado, no Jornal do Commercio - revelou dona Esperidiana, entrando na sala com a bandeja do almoço. Sherlock Holmes admirou-se daquela acuidade de raciocínio:

- Minha senhora, faço questão de cumprimentá-la por sua extraordinária inteligência e capacidade de dedução.

- Obrigado, senhor Holmes. Espero que os meus dotes culinários também sejam do seu agrado.

- O que foi que nos preparaste para o almoço? - perguntou, ainda ressabiado, Mello Pimenta.

- Fígado de porco guisado à la nature - informou a esposa, muito prosa, erguendo a tampa da travessa para mostrar a lustrosa peça de carne quase crua, tão semelhante em odor e aparência à víscera da moça assassinada. Cherloc Holmes e Mello Pimenta correram pálidos para a sala de banhos, deixando dona Esperidiana a chorar silenciosamente com a bandeja na mão. Em 1821, dom Pedro primeiro comprou a fazenda do córrego Seco, no cume da serra da Estrela, oitocentos metros acima do mar, com a intenção de ali construir sua residência de verão. Quis o destino e a gerência dos negócios que as terras fossem hipotecadas, tendo o projeto sido adiado até 1843, quando o então mordomo-mór da casa imperial, Paulo Barbosa, já sob a regência de dom Pedro segundo, conseguiu pagar a hipoteca. Barbosa arrendou-a ao engenheiro alemão Júlio Koeler porém conservou boa parte da propriedade para a edificação do palácio. O filho realizava assim o desejo do pai. A viagem a Petrópolis levava apenas quatro horas. Saía-se do porto da Prainha, no Rio de Janeiro, e ia-se de barca até Mauá. De lá, pegava-se o trem até a raiz da serra. Poucos anos antes, da raiz da serra em diante, os viajantes eram obrigados a percorrer os últimos treze quilômetros em carruagens ou diligências; no entanto,

o último trecho da moderna estrada de ferro Príncipe Grão-Pará havia sido recentemente inaugurado, levando os passageiros até a cidade. Cherloc Holmes e Mello Pimenta tomavam um café requentado no Botequim do Galego, na raiz da serra, parada obrigatória do comboio. O doutor Watson, que os acompanhava, declinara do convite para beber a rala infusão e achava-se ligeiramente afastado, em meio à vegetação e às pedras, apoiado num grosso cajado de montanhês, observando a paisagem. Holmes fizera saber ao imperador que estaria presente ao concerto, seguindo uma informação a respeito do assassino. Teve a precaução de omitir a origem da pista. O detetive também chamara Anna Candelária, contudo, ao contrário de Sarah Bernhardt, a moça devia comparecer aos espetáculos do fim de semana. Pensou mais uma vez na bela mulher que entrara inopinadamente em sua vida. Desde o último assassinato, não conseguira vê-la por muito tempo.

Estivera com Anna, apenas brevemente, em encontros fortuitos na porta do teatro. Ou ela precisava ensaiar um novo quadro da revista ou ele estava com Mello Pimenta, tratando das investigações. Fazia-lhe falta, a mulata. Nunca antes experimentara aquela sensação nostálgica, ao mesmo tempo doce e dolorida, de sentir saudades.

Um urro de dor interrompeu seus devaneios. Holmes e Pimenta olharam em direção ao grito e viram Watson que berrava apavorado, apontando o chão:

- Uma cobra! Uma cobra me mordeu!

Cherloc adiantou-se, a tempo de ver uma coral que deslizava pela relva em direção a uma reentrância nas rochas. Arrancou o cajado da mão de Watson e, num gesto ágil e rápido, desferiu um golpe mortal na cabeça da serpente. Watson sentou-se numa pedra, gemendo e segurando a perna enquanto Mello Pimenta chegava correndo:

- Meu Deus! Era só o que faltava! Precisamos urgentemente de socorro!

- Acho que é tarde para isso, delegado. O doutor foi mordido por uma coral –

disse Cherloc, consultando seu relógio. Depois abaixou-se, pegando a cobra anelada de vermelho, preto e amarelo. Puxou a lupa do bolso e tratou de examiná-la detalhadamente. - Não sei como realizou essa proeza. As corais são cobras dóceis é muito difícil ser picado por elas. - Virou-se para Watson: Por Zeus, homem! O que fez para que este animal o atacasse?

- Não sei, acho que pisei-lhe o rabo sem querer - lamentou-se o doutor. Holmes percorreu todo o corpo do réptil com a lente, contando os anéis coloridos:

- É um homem de sorte, Watson. Esta coral não é venenosa. - Depois traduziu para Mello Pimenta, no mais fino português lisboeta: - O ofídio não possui peçonha.

Tranqüilizado, Pimenta comentou:

- Não sabia que o senhor entendia de cobras, senhor Holmes.

- Aprendi tudo sobre elas enquanto me dedicava aos venenos exóticos em Macau, com o mestre português, professor Nicolau Travessa. Mesmo a coral venenosa, a Micrurus corallus, raramente ataca o homem. Felizmente, porque seu veneno é

violentíssimo.

- Vi que o senhor examinou a cobra com minúcia, inclusive contou o número de anéis na sua pele. Foi assim que soube que não se tratava

de uma coral venenosa?

Cherloc Holmes explicou:

- Não, delegado, apliquei simplesmente o método aprimorado por Travessa, em Goa, quando algum hindu era picado por uma serpente. Esperei o tempo exato que o veneno da coral leva para fazer efeito. Como depois disso Watson continuou vivo, deduzi que a cobra não era venenosa.

Mello Pimenta olhou para o doutor, que massageava o local da mordida:

- Vai contar a ele sobre este sistema que utilizou?

- Não vejo por que preocupá-lo com minúcias - sentenciou o detetive, lançando ao longe o corpo da coral morta e limpando as mãos no lenço.

- Devo dizer que invejo sua facilidade em lidar com esses bichos. Confesso que tenho pavor de cobras, aranhas e lagartos - revelou Mello Pimenta. Holmes lembrou-se de um episódio ocorrido havia muitos anos, em uma caçada, no Paquistão:

- Imagine, delegado, que eu estava a caçar tigres no meio da selva, na região de Punjab, com um amigo chamado Wilfred Marmeduke, quando ele foi picado por uma naja, num lugar muito delicado... como direi...bem na extremidade do pênis.

- Por que logo ali?! - horrorizou-se Mello Pimenta.

- Marmeduke resolveu dar vazão a uma premente necessidade fisiológica, e o jato

acêrtou, por acaso, na cabeça da serpente adormecida.

- Terrível!

- Vi que não conseguiria transportá-lo, pois Wilfred contorcia-se em dores pavorosas. Montei no meu cavalo e voei em direção à aldeia mais próxima. Pretendia buscar lá o único médico, mas o homem estava em meio a uma cirurgia. Perguntei-lhe, então, como eu deveria proceder.

- Que disse o médico? - quis saber, ansioso, Mello Pimenta.

- Disse que só havia uma maneira de evitar a morte do querido meu

amigo, por quem eu nutria imensa afeição. Mandou que fizesse uma incisão com uma faca, no local da mordida, e sugasse com minha boca todo o veneno.

- Fantástico, senhor Holmes. E assim o senhor salvou-lhe a vida?

- Não, delegado, ele morreu - respondeu Cherloc Holmes, o olhar perdido no horizonte.

Apesar de trágico, o episódio se transformaria em anedota anônima, perpetuando-se pelos clubes de Londres.

A locomotiva apitou, avisando aos passageiros que era hora de seguir viagem. Os três dirigiram-se ao vagão da primeira classe e embarcaram rumo a Petrópolis.

O recital organizado pelo violinista José White se transformara no acontecimento social do ano. A renda seria destinada às obras de caridade da princesa Isabel, a favor da emancipação dos cativos, e o local não poderia ser mais apropriado.

Erigido para servir como estufa, o pavilhão do Palácio de Cristal fora uma iniciativa de seu marido,o conde D'Eu, presidente da Associação Agrícola e Hortícola de Petrópolis. A majestosa construção de ferro e vidro, encomendada na França às oficinas de Saint-Saveur-les-Arras, tinha um aspecto deslumbrante, principalmente à noite, quando a iluminação realçava a leveza da sua transparência.

O tablado para os músicos e as cadeiras da platéia haviam sido montados em meio às plantas, e imensos castiçais completavam a decoração. O salão estava lotado.

Além da família imperial e da côrte, obviamente, a sociedade do Rio de Janeiro prestigiara o evento. Sarah Bernhardt e seu filho Maurice instalaram-se ao lado dos vários intelectuais e boêmios que também tinham subido a serra. A baronesa de Avaré, Maria Luísa Catarina de Albuquerque, que se mantinha afastada de dom Pedro sempre que este se fazia acompanhar da imperatriz e suas filhas, sentava-se com o marquês de Salles. Sobre o estrado, um piano Pleyel de cauda dominava o ambiente. Cherloc Holmes, Mello Pimenta e o doutor Watson permaneceram em pé, ao fundo do pavilhão. Esquadrinharam a sala detalhadamente:

- Então, senhor Cherloc, tem idéia de quem possa ser o nosso homem?
–

perguntou Pimenta.

- Ainda não, delegado. Mas algo me diz que ele está perto de nós. Talvez cometa, aqui, o seu próximo crime.

- No meio desta multidão?

- Após o recital.

- Não sei, senhor Holmes. Começo a achar que esta viagem foi uma perda de tempo.

- Pelo menos aproveitaremos a música - concluiu, animado, o detetive. Num instante, todas as conversas cessaram no Palácio de Cristal. O cubano José

White e o português Artur Napoleão entraram no palco calorosamente aplaudidos. Napoleão instalou-se ao piano, White levou seu violino ao ombro e iniciaram o sarau.

O programa começou com sonatas de Vivaldi, Bach, Haendel e Mozart. A técnica primorosa e o talento dos dois músicos subjugaram rapidamente os ouvintes. As senhoras fecharam seus leques para que o farfalhar do abano não conspurcasse a pureza da música.

Depois das sonatas, associados a Julius Weber na viola e Manuel Zeferino no violoncelo, passaram para o "Quarteto opus 16 em mi bemol maior", de Beethoven.

Sarah Bernhardt estava comovida. Jamais esperara encontrar nos trópicos desempenhos daquele nível. A extraordinária qualidade dos intérpretes só se igualava à recepção vibrante dos espectadores.

José White chamou o violinista Adelelmo do Nascimento, por quem nutria enorme admiração, para juntar-se ao grupo e executaram, então, o "Quinteto opus 34, em fá menor", de Brahms. A platéia delirava emocionada. Quando terminaram, o cubano enxugou a testa com um fino lenço de linho, ergueu os braços pedindo silêncio e disse numa mistura de português e espanhol:

- Senhoras e senhores. Yo sé que hoje tenemos acá el senhor Cherloc Holmes, que como todos sabem és un fenomenal detetive inglês. Pero lo que pocos conocem és su habilidad como violinista. Yo pediria que el senhor Holmes nos desse la honra y el placer de tocar com nosotros.

Dom Pedro segundo foi o primeiro a levantar-se batendo palmas,

seguido de Sarah Bernhardt, que aclamava:

- Bravo! Monsieur Holmes! Monsieur Holmes! O imperador imitou-a do outro lado:

- Cherloc Holmes! Cherloc Holmes!

Copiando imediatamente o monarca, logo o Palácio de Cristal em peso gritava o seu nome:

- Cherloc Holmes! Cherloc Holmes!

Simulando modéstia, o detetive fez menção de recusar, mas Pimenta e Watson o empurraram para a frente. O detetive subiu ao proscênio improvisado, docemente constrangido, cumprimentando, um por um, os músicos. Finalmente acercou-se de José White, que lhe estendeu seu instrumento.

- Obrigado, senhor White, não é sempre que temos a ocasião de tocar num verdadeiro Stradivarius - disse, piscando sorrateiramente para José White. Constrangido, o cubano fingiu não entender a sutil alusão à troca de violinos. Holmes virou-se para Artur Napoleão:

- Por favor, maestro, algo vibrante e que devem conhecer de cor, pois não temos aqui as partituras: "Quinteto opus 44, de Schumann. Prendeu lentamente o violino sob o queixo, levantou o arco num gesto teatral e atacou, com firmeza, a nostálgica melodia.

Na verdade, Cherloc Holmes poderia se apresentar em qualquer orquestra do mundo.

Tinha talento, técnica e aplomb. Além disso, sua figura lembrava a dos pálidos violinistas românticos, que tanto faziam suspirar as donzelas casadoiras. O público encantava-se com aquela atração inesperada, sem saber que teria, em breve, outra surpresa: assim que Holmes começou o terceiro movimento, onde os instrumentistas têm ocasião de demonstrar todo o seu virtuosismo, o marquês de Salles pulou para o palco, arrebatou o instrumento de Adelelmo, o segundo violinista, e iniciou, de pé, um inusitado duelo musical com o detetive. Cherloc levantou-se e aderiu imediatamente à liça. Ambos percorriam o tablado frente a frente, executando a melodia com um ritmo alucinante. Artur Napoleão ao piano quase não conseguia acompanhar a cadência enlouquecida dos violinos. Passando velozmente pelas cordas, os arcos mais pareciam floretes nas mãos de exímios esgrimistas. Mal Holmes terminava os compassos de uma frase, De Salles respondia. Foram assim, freneticamente, até o final do

movimento. Os dois atacaram e terminaram juntos a quarta e última parte da obra. Diante daquela exibição espetacular, a seleta platéia do Palácio de Cristal perdera a compostura. Apesar da presença de dom Pedro, da imperatriz Teresa Cristina e das princesas Leopoldina e Isabel, o auditório, de pé, irrompeu em gritos e aplausos: "Bravo! Bravo!"; "Viva Holmes! Viva De Salles!". Em cena, José White e Artur Napoleão felicitavam os duelistas pela arrebatadora atuação. De Salles e Cherloc desceram do estrado elogiando-se mutuamente:

- Congratulações, meu amigo.

- Não sabia que o senhor tocava violino, marquês, e de forma brilhante. Foi difícil segui-lo.

Sarah Bernhardt abriu caminho entre a multidão que se acotovelava para cumprimentá-los:

- Mémorable! Quero ser a primeira a beijar os heróis. Impossível dizer quem foi melhor. Se fossem sabres, os dois estariam mortos!

Mello Pimenta aproximou-se do detetive:

- Parabéns, senhor Holmes. Só para ouvi-lo já valeu a pena a viagem. Pena não poder dizer o mesmo quanto à nossa investigação.

- Não sei, delegado. Tive a sensação de que o assassino estava bem perto de nós.

- Suspeita de alguém?

- Uma intuição, apenas um... não sei como dizer...em inglês dizemos hunch. Just a hunch.

- Curioso, também tenho um palpite, mas, na nossa profissão, as evidências é

que contam. Infelizmente, tirando o mistério das orelhas e das cordas, não temos mais pistas.

- Temos uma - disse Cherloc, tirando do bolso do colete a crina que tinha retirado das dobras da saia de Carolina de Lourdes, no necrotério.

- O que é isso?

- Um fio de crina de cavalo puro-sangue inglês.

- E o que significa? - perguntou Mello Pimenta.

- Significa que brevemente vamos às corridas - respondeu Holmes, enigmático. O marquês de Salles chegou-se a eles rodeado pela Malta e por Maria Luísa, a linda baronesa de Avaré. Maria Luísa adiantou-se:

- Vendo uma apresentação como a desta noite, lamento um pouco menos o roubo do meu Stradivarius. Nunca conseguiria tocar desta forma. Solera de Lara, sempre literário, exclamou:

- Extraordinário, uma fusão de Paganini e D'Artgnan! - definiu o livreiro. Chiquinha, que já considerava o detetive parte da turma, acrescentou entusiasmada:

- Senhor Holmes, quando quiser participar de uma das minhas revistas, não se faça de rogado. O número que fez hoje com o marquês é digno de qualquer teatro.

Albertinho Fazélli puxou de uma sacola de couro uns copos pequenos de metal e duas garrafas de Dom Pérignon 74, a melhor safra do século:

- Venho sempre preparado - explicou, abrindo os champanhes. O grupo começou a festejar animadamente o sucesso do evento, numa festa que se estenderia até de madrugada no bar do Hotel Mac Dowal, na rua da Princesa Dona Januária. Chiquinha Gonzaga sentou-se ao piano e animou a todos com seu repertório de pólcas, de "A atraente" à "Radiante". Em meio à euforia, Cherloc Holmes só lamentava que Anna Candelária não estivesse presente para assistir ao seu estrondoso sucesso, naquela noite inesquecível do Palácio de Cristal.

Capítulo 18

Sentado sobre as pernas cruzadas no chão encerado do quarto, ele se fortalece lacerando as costas com o açoite de sete grossas tiras de couro, feito com os cintos que, quando era menino, o pai usava para castigá-lo. Apesar dos vergões que já lhe cruzam a pele, ele não sente dor. Dá-lhe até uma sensação de prazer vergastar desta forma as carnes. O auto flagelo é necessário, pois aproxima-se o momento do confronto final. Apesar das orelhas e das cordas, ele não fora descoberto e agora tem certeza de que nada impedirá o desenlace ansiosamente aguardado. Ele estivera novamente ao lado dela, no Palácio de Cristal. A última mulher. A última e a primeira. Aquela que desencadeou dentro dele a necessidade primordial de extinguir a volúpia que queima dentro de seu corpo. Ele sorri ao pensar nela: tão poderosa e tão frágil, tão distante e tão próxima.

Cobria-se com a fama da infâmia. Por diversas vezes, ele roçara levemente as mãos pelo indecoroso vestido da mulher, sem que os circunstantes percebessem que, a cada toque, seu organismo fremia de nojo. Pensa em Sodoma e Gomorra. Pensa nos anjos. Não nos guardiões da alma e portadores de alvíssaras, mas naqueles que o Senhor manda à terra para cumprir seus mais terríveis desígnios. Os mensageiros das pestes, os carrascos de Deus. Também ele deseja sugar-lhe a alma pela boca, como um anjo vingador. Pena não ter sido possível aniquilá-la em meio ao salão, em meio à gentalha que se espremia à sua volta. Petrópolis seria o mausoléu perfeito para a grande puta. Petrópolis, cidade apodrecida pela côrte.

Petrópolis, Putrípolis, Putrópolis. Túmulo digno da maior de todas as putas. Ele sente seus joelhos afastarem-se lentamente. Baixa os olhos e vê que o sangue provocado pelo incessante bater do látego em suas costas forma uma poça viscosa no chão, fazendo-o escorregar sobre o morno assoalho de tábua corrida. O Derby Club de São Cristovão já tinha sido inaugurado há quase um ano, porém o Prado Fluminense, do Jockey Club, em São Francisco Xavier, ainda contava com a preferência dos apostadores.

Nem os mais empedernidos perdedores deixavam de apreciar a beleza do lugar. A ida às corridas se transformava numa belíssima promenade. Podia-se chegar ao turfe por vários caminhos e até nos bondes da Companhia Vila Isabel; no entanto, os trajetos mais pitorescos eram pela estrada de ferro do Rio d'Ouro, beirando a praia do Retiro Saudoso, ou seguindo a rua da Alegria, de carruagem, até o largo do Benfica e de lá pegando a rua do Jockey Club. As cavalariças abrigavam puros-sangues da Inglaterra, da França, do Rio da Prata e de São Paulo, que disputavam cerca de sessenta páreos por ano, vendendo mais de quinhentas mil pules, movimento considerável, mesmo para uma cidade de quatrocentos mil habitantes como o Rio de Janeiro. Era dia de Grande Prêmio e o imperador estaria presente. Pela primeira vez, o Grande Prêmio Jockey Club oferecia cinco contos de réis ao vencedor e um conto de réis a quem chegasse em segundo lugar. Os jornais da manhã anunciavam a vultosa quantia em suas primeiras páginas:

DINHEIRAMA!

Primeiro - 5:000$000!

Segundo - 1:000$000!

Nos reclames, liam-se os avisos de praxe:

. PESSOAS DESCALÇAS SÃO PROIBIDAS DE ENTRAR NO PRADO

. MATAR-SE-Á QUALQUER CACHORRO QUE ALI APARECER

. AS CORRIDAS Só TERMINAM àS SEIS, COM AS AVE-MARIAS

A sociedade fluminense desfilava pela pelouse naquele início de tarde ensolarada dos primeiros dias de julho. Os cavalheiros, de sobrecasaca e cartola cinza, binóculos a tiracolo, estudavam atentamente a recém-lançada revista O Jockey, à procura de inspiração. As senhoras e senhoritas, com vastas saias de arrastar empinadas pelas anquinhas, chapelões de palha carregados de flores ou plumas e laços de fitas, pavoneavam-se pelo gramado. Andavam em pequenos grupos, antes e depois dos páreos, mais preocupadas com a aparência do que com o pedigree dos animais. Muitos namoros lícitos e ilícitos começaram ali, como um colóquio inocente.

Os donos de coudelaria, charutos enormes à boca, passeavam pelo encilhamento, dando instruções aos jóqueis uniformizados, sempre em voz baixa, conspiratória, para não deitar palpites valiosos nos ouvidos dos apostadores aventureiros.

Igualado aos padrões europeus, o Jockey Club seguia o regulamento dos hipódromos ingleses: a best of heats. Machado de Assis costumava dizer que nossas corridas não deixavam nada a dever às de Epsom. Circulando em meio aos turfistas que se aglomeravam em frente à pedra de apostas,

estava Fernando Limeira, o Alazão. Limeira não era jogador, no entanto o prado lhe propiciava a ocasião exemplar para a aplicação de um dos seus mais simples e engenhosos golpes. Antes do páreo, encostava-se a um jogador e sussurrava ao seu ouvido: "Eu soube, sigilosamente, pelo tratador, que o ganhador vai ser o número tal... não quero que me dês nada antes, mas quando o animal ganhar, o que são favas contadas, tu me pagas trinta por cento do lucro da aposta". Se fossem cinco cavalos inscritos, Limeira repetia este estratagema com cinco apostadores, fornecendo um nome diferente a cada um

deles. No final da corrida, acercava-se daquele que tinha ganho e cobrava pela sua valiosa

"indicação".

O Grande Prêmio estava para ser corrido, com dez animais inscritos. O Alazão já tinha convencido nove crédulos com suas "informações confidenciais". Faltava apenas um incauto a quem repassar o nome do último cavalo. Estava difícil.

Já oferecera seus préstimos a dois portugueses e três fazendeiros do interior, e todos lhe fizeram ouvidos moucos. Nove em dez eram uma segurança razoável de ter o vencedor, porém Fernando Limeira abominava o risco. Começou a ficar apreensivo, precisava encontrar um "freguês" antes que o juiz, com sua bandeira colorida, desse o sinal da largada. Foi quando avistou Salomão Calif acompanhado da família. O árabe era um jogador inveterado e usava o pretexto de levar a gorda mulher e os filhos gêmeos a passeio no prado, para apostar enormes somas de dinheiro. O Alazão aproximou-se do alfaiate e puxou-o pelo braço:

- Salomão, que bom te ver!

- Bom por quê? Não consigo achar nada bom hoje - resmungou, mal-humorado, Salomão Calif, que ainda não tinha conseguido acertar um resultado.

- Porque tenho uma informação de cocheira para esta corrida. Ganha Scarlet Thunder, o número 1. Soube pelo próprio treinador - segredou-lhe Limeira.

- Qual o quê!Andei examinando os prognósticos e ninguém leva este páreo a não ser o Panache, número 4. É nele que vou jogar os meus últimos tostões. Panache, de propriedade do presidente do Jockey Club, Luiz Gaudie Ley, era sem dúvida o favorito da prova. Deveria ganhar o Grande Prêmio de ponta a ponta. Fernando Limeira disfarçou a ansiedade, pois já tinha "vendido" o número 4

para uma velhota viciada na tribuna social. Insistiu com Calif:

- Não digas tolices. Scarlet Thunder é o vencedor. Não quero que me pagues, pois sabes que não cobro dos amigos. Tu apostas, e quando receberes, aí sim, me darás qualquer coisa do lucro - propôs o Alazão, olhando aflito para os animais que se aproximavam da linha de partida.

- Jogo em Panache e não te dou nada - teimou o árabe, lançando rebuçados aos dois gêmeos vestidos de forma idêntica, que brincavam no gramado. Quase em desespero, Limeira apelou para um último recurso:

- Salomão, és meu amigo e não posso deixar que percas teus cobres sem mais aquela. Vou te contar a verdade. Tens razão: Panache deveria ganhar esta corrida facilmente. Até os jóqueis iam apostar nele às escondidas.

- É?

Limeira abaixou ainda mais o tom de voz.

- Só que o animal acordou esta manhã, chegou a recusar a ração. Sabes bem que, quando o animal não come, é que está doente. Então o treinador e seus amigos resolveram passar um conto no proprietário. Prepararam um "tribofe". Ele deixa o bicho correr assim mesmo, como favorito da prova, e vai apostar em Scarlet Thunder, pois o Panache era o único animal que poderia vencê-lo. O alfaiate interessou-se:

- Como descobriste tudo isso?

- O cavalariço do Panache namora a cozinheira dos meus pais - inventou o Alazão.

Era o que precisava para convencer Salomão Calif: o árabe correu às apostas e jogou tudo o que lhe restava no número 1. Fernando Limeira afastou-se satisfeito para assistir à corrida de longe. Se o cavalo ganhasse, voltaria para cobrar sua comissão, caso contrário, ele não queria estar perto de nenhum dos seus "clientes".

Enquanto o encontro de Limeira e Calif se desenrolava na pelouse, na tribuna imperial, dom Pedro segundo, cercado de condes e barões, do marquês de Salles, que fingia acompanhar a baronesa de Avaré, e do aduloso visconde de Ibituaçu, narrava a Cherloc Holmes e ao doutor Watson as maravilhas curativas de Araxá:

- É o que lhes digo, Araxá não deixa nada a dever a Wiesbaden e a Vichy. Sempre que posso, fico por ali umas duas semanas, faz-me um bem enorme ao reumatismo.

Deveriam visitar a cidade, tenho certeza de que o doutor Watson, como médico, ficaria impressionado com as águas do lugar.

- Talvez, numa próxima oportunidade - respondeu polidamente

Watson, esquivando-se da incômoda viagem.

Mais afastados, Miguel Solera de Lara e Guimarães Passos observavam as jovens coquetes ataviadas com os mais recentes figurinos trazidos de Paris:

- Então, Miguel, tu que és solteiro, e considerado bom partido, não te animas?

Olha lá que pirõezinhos... - gracejou Guimarães.

- Para ser franco, amigo Passos, chego a achar ridículas essas patéticas exibições de faceirice - confessou o livreiro, disfarçando um bocejo blasé. A baronesa de Avaré lia entusiasmada para o marquês de Salles trechos da crítica que saíra sobre o sarau de Petrópolis, no Jornal do Commercio:

-...nasceram para concertantes, porque possuem um sangue-frio extraordinário, e pena é que não sigam esta carreira, por serem, um, detetive, e o outro, nobre, pois lhes estava preparada uma sucessão não interrompida de triunfos... Holmes, que analisava encantado os animais trotando pela pista, dirigiu-se ao imperador:

- Não sabia que Vossa Majestade gostava de corridas. Como sabe, é uma tradição bem antiga da família real inglesa. Houve até uma graçola feita há muitos anos ao nosso rei George, que adorava cavalos.

Dom Pedro, o olhar fixo em Cherloc, disparou, lacônico:

- Filho da Puta.

A comitiva do monarca gelou, pasma em face do palavrão imperial:

- Exatamente, Filho da Puta - respondeu, calmamente, Cherloc Holmes. O imperador irrompeu numa gargalhada, seguido de Holmes. Como os nobres que os cercavam continuavam perplexos, dom Pedro explicou:

- Filho da Puta era o nome de um puro-sangue que pertencia ao rei George quarto.

Foi batizado pelo embaixador de Portugal, um homem muito brincalhão de quem ele era grande amigo. Cherloc Holmes emendou:

- A facécia não teria tido conseqüências, pois o rei possuía dezenas de potros; acontece que o bendito cavalo transformou-se num campeão.

Ganhou a prova de Saint Leger, em Doncaster, e fizeram-lhe várias gravuras homenageando a vitória.

- Felizmente, só quem conhece português percebe a pilhéria do irreverente lusitano - completou o imperador, para a pequena platéia, que agora também ria aliviada.

O visconde de Ibituaçu, bajulador irredutível, não perdeu a oportunidade para uma lisonja:

- Só mesmo um monarca de alta estirpe poderia contar tão sutilmente este double sense.

Súbito, escutou-se um burburinho e todos os olhos voltaram-se para a entrada. Sarah Bernhardt acabara de chegar. Estava acompanhada por Philippe Garnier, que, segundo os potins, além de viver Armand Duval na Dama das Camélias era também seu amante na vida real. Trajava um maravilhoso vestido azul com saias de roda e um largo chapéu florido preso ao queixo por uma fita da mesma cor. Mais parecia uma borboleta gigantesca esvoaçando em direção a dom Pedro:

- Perdoe-me pelo atraso, Majestade. Tive que passar por um grupo de jovens que se manifestava contra a escravatura. Carregavam cartazes e cantavam, transformando o protesto numa festa.

- Espero que não tenha sido molestada, madame - disse o imperador, ligeiramente contrafeito.

- Ao contrário, eram alegres e joviais. Fiquei tão animada que quase me juntei ao grupo. Philippe quis interferir, pois ainda estava preocupado por ontem à noite, mas é claro que não havia motivo.

- O que houve ontem à noite? - quis saber Cherloc Holmes.

- Nada, apenas um receio infundado por parte do meu jovem amigo. Cismou que estávamos sendo seguidos ao sair do teatro.

- Viu quem era? -perguntou o detetive.

- Não, estava bastante escuro e ele mantinha-se afastado. Provavelmente era apenas um admirador. Estou habituada a este tipo de adoração à distância, mas Philippe é excessivamente zeloso quando se trata da minha pessoa - completou, sorrindo, La Bernhardt, acariciando o rosto do ator.

- Mesmo assim, hoje, quando vi esta turba gritando às portas do

prado, fiquei apreensivo - desculpou-se Garnier.

- Chéri, eu não chamaria estes rapazes, empenhados em causa tão nobre, de

"turba".

Aliás, Majestade, não deixe de dar os parabéns à sua filha, soube que ela é uma das defensoras da abolição.

O imperador mudou rapidamente de assunto:

- O Grande Prêmio está para começar. Madame Bernhardt pretende fazer alguma aposta?

- Adoraria, mas realmente não sei em quem jogar. Todos os cavalos me parecem maravilhosos - afirmou Sarah Bernhardt.

Cherloc Holmes ofereceu sua ajuda:

- Se me permite, posso dar uma sugestão. Assisti à apresentação dos animais e Scarlet Thunder me pareceu melhor.

Sarah examinou a lista dos animais:

- Acho que o meu querido Holmes esta escolhendo este cavalo só porque tem um nome inglês. Como francesa, vou ficar com Panache - respondeu, brincando com o amigo.

Abriu a pequena bolsa e pediu a Philippe Garnier que fizesse a aposta. Cherloc Holmes e o doutor Watson abstiveram-se de jogar; os outros, por galanteria, seguiram o palpite de Sarah.

Momentos depois, os cavalos corriam velozmente pela pista. Um puro-sangue argentino, Rayo de Luna, tomou a dianteira, afastando-se rapidamente dos outros animais. O público vibrava, incentivando seus favoritos, gritando-lhes os nomes:

"Vamos, Biscaia!"; "Sus, Saltarelle!"; "Avante, Regalia!"; "ânimo, Bonita!". Os animais terminaram a primeira volta e pouco a pouco Rayo de Luna começou a dar sinais de cansaço. Três potros se destacaram do pelotão e vieram dar-lhe combate: Scarlet Thunder, Bonita e Panache, que corria por fora. Completaram a última curva e entraram na reta, disparando em direção ao poste de chegada. Bonita e Scarlet Thunder galopavam juntos, quase colados, se alternando no primeiro lugar. Os jóqueis fustigavam-lhes as ancas suadas com seus

pequenos rebenques.

A multidão urrava numa torcida única. Salomão Calif, vendo seu cavalo naquela batalha disputada focinho a focinho, desandou a gritar como um desvairado, revelando o sotaque árabe que às vezes vinha à tona em momentos de nervosismo:

"Bassa bor êli! Vai, gavalinho, bassa bor êli!". Tão entretidos estavam os cavaleiros que não perceberam o avanço fulminante de Panache, atropelando por fora, bem junto à cerca de madeira que guarnecia a pista O escolhido de Sarah Bernhardt tomou rapidamente a dianteira. Ainda têve fôlego para distanciar-se vários metros dos dois adversários e cruzar vitorioso a linha de chegada.

O turfman doutor Luiz Gaudie Ley já se encontrava eufórico no paddock, à

espera do seu glorioso vencedor. Como presidente do Jockey e proprietário, ficava feliz duas vezes: por entregar e receber o prêmio. Na tribuna imperial, todos parabenizavam Sarah por sua intuição hípica. A atriz espicaçou o detetive:

- Viu, meu caro Holmes? Pelo menos no prado, a França chegou na frente da Inglaterra.

- Parabéns, madame. Pena que os generais de Napoleão não tivessem a sua perspicácia - ironizou o detetive.

- Touché - respondeu, rindo, a Divina.

Cherloc Holmes dirigiu-se ao imperador:

- Peço licença para despedir-me de Vossa Majestade. Já estamos de saída. Foi uma tarde encantadora, agradeço-lhe imensamente.

Watson e Cherloc beijaram a mão de Sarah Bernhardt e cumprimentaram a todos. Ao descerem as escadas da tribuna, Holmes virou-se e perguntou:

- Antes de retornar ao hotel há uma pequenina coisa que gostaria de averiguar. Como é possível chegar0se às cocheiras?

O marquês de Salles ofereceu-se para acompanhá-los:

- Tenho livre acesso às cavalariças.

Atravessaram o gramado em direção às cocheiras. O delegado Mello

Pimenta os esperava à entrada do paddock:

- Marquês de Salles, que surpresa, não esperava encontrá-lo por aqui.

- Há anos não perco um Grande Prêmio, delegado. Aliás, tenho um cavalo inscrito no Cruzeiro do Sul, em setembro.

Cherloc Holmes procurou desvencilhar-se de De Salles:

- Obrigado, marquês, pressuponho que daqui em diante o delegado se encarregará

de ir comigo.

Pimenta dirigiu-se ao detetive:

- Então, senhor Holmes, vai me dizer, afinal, o motivo deste misterioso encontro aqui no prado?

- Venha, delegado - disse Cherloc, atravessando o paddock e rumando para as cavalariças. Mello Pimenta, mostrando seus documentos, vinha logo atrás, juntamente com Watson. Movido pela curiosidade, o marquês seguiu o grupo. Assim que entraram na primeira cocheira, Holmes puxou da lupa e começou a percorrer com ela os largos protetores laterais de couro usados para impedir que os animais se ferissem ao entrar no cubículo. Passou as mãos por eles, e ficou com as pontas dos dedos gordurosas:

- Era o que eu suspeitava...

- Suspeitava o quê, senhor Holmes? - indagou Mello Pimenta, excitado pela singular pesquisa.

Holmes não respondeu. Em vez disso, chegou-se ao cavalo que repousava na baia e, com um puxão seco, arrancou-lhe uma das crinas do rabo. O potro, pego de surpresa, lançou um violento coice, arremessando o detetive ao solo. Por sorte, Holmes foi atingido de raspão, não tendo a patada maiores conseqüências, contudo o estrago havia sido feito. Nervoso, o animal desandou a relinchar. Um dos cavalariços apareceu correndo, antes que Mello Pimenta pudesse interferir:

- Ei! O que está fazendo aqui? - gritou, aplicando um pontapé no inglês. Holmes levantou-se com presteza, esquivando-se do soco que o rapaz lançava ao seu queixo. Preparou a guarda e colocou-se em postura de lutador. Era um exímio boxeur desde os tempos do colégio.

Desferiu um rápido direto de esquerda, mas, para seu espanto, o homem rodopiou, desviando-se, e, apoiando as mãos no chão, executou uma pirueta, atingindo Cherloc com ambos os pés. Enquanto o inglês tentava equilibrar-se, o cavalariço, quase deitado, efetuou um largo círculo, passando-lhe uma rasteira, e Holmes foi novamente derrubado. Watson e De Salles se prepararam para interferir, mas Mello Pimenta adiantouse e interrompeu a peleja:

- Basta! Polícia! Delegado Mello Pimenta estamos aqui numa busca oficial.

- Perdão, delegado, pensei que fosse a "patota dos tribofes". Andam sempre a nos infernizar - desculpou-se o funcionário, referindo-se ao bando que vivia de burlar as apostas.

- Está ferido, senhor Holmes? - De Salles ajudou Cherloc a se levantar.

- Quer lavrar queixa pela agressão? - ofereceu Pimenta. O detetive ajeitou as roupas amassadas na contenda:

- De maneira alguma. O rapaz agiu no seu direito, nós é que éramos os intrusos.

Watson, preocupado, ainda apalpava o corpo do amigo à procura de alguma fratura.

Holmes, refeito do susto, estava curioso:

- Só gostaria de saber que forma de combate é essa. Jamais vi tamanha agilidade com as pernas.

Como o cavalariço permanecia cabisbaixo, Mello Pimenta explicou:

- Capoeira.

- Capoeira?

- Uma luta criada pelos negros de Angola. Muito me admira que este homem a tenha praticado diante dos meus olhos. Ele sabe muito bem que a capoeira é

perigosa.

Queremos, inclusive, pô-la fora da lei - concluiu, severamente, o delegado. Cherloc resolveu pleitear a favor do rapaz:

- Acho que neste caso deveríamos relevar. Afinal, o jovem corria risco

de vida.

- Risco de vida? - duvidou Pimenta.

- Ora, delegado, meus golpes de boxe são mortais. Tenho o que chamamos de

"punho proibido" - informou, flexionando os dedos.

- Bom, por esta vez, passa. Vai-te embora logo daqui antes que eu chame a viúva-alegre - disse Mello Pimenta, enxotando o assustado funcionário. Holmes voltou à cocheira, onde o potro estava novamente sereno. Acariciou o dorso sedoso do animal:

- Pelo menos, descobri o que desejava. Mais uma vez, minhas deduções foram corretas.

- Posso saber do que está falando? - perguntou, impaciente, Mello Pimenta. Holmes retirou do bolso do colete um pêlo enrolado e, juntando-o ao que arrancara do cavalo, revelou em detalhes suas descobertas:

- Quando estivemos no necrotério, encontrei esta crina perdida entre as vestes da rapariga assassinada. Percebi imediatamente que era uma felpa de purosangue.

- Como assim? - indagou o delegado.

- Os tratadores costumam passar uma brilhantina especial na crineira e nos rabos dos animais para conservá-los lustrosos. Vejam como os dois fios estão cobertos pelo mesmo material.

De Salles e Mello Pimenta examinaram os pêlos. Watson, que não entendia patavina do que se dizia, aguardava, paciente, uma tradução posterior. Cherloc Holmes continuou:

- Trata-se da Mr. Brewster Pommade, confeccionada especialmente em German Street.

Se observarem atentamente, encontrarão vestígios deste ungüento em todos os protetores da cocheira. São deixados pelos cavalos ao se roçarem na baia.

- Portanto? - perguntou Mello Pimenta, ainda sem entender muito bem o raciocínio de Holmes.

- Portanto, o assassino que procuramos ou anda às voltas com ou é

proprietário de puros-sangues de corrida - sentenciou o detetive. O delegado abismou-se com aquela impecável conclusão do inglês:

- Senhor Holmes, acho que demos um importante passo nas nossas investigações.

- Duvido muito - disse o marquês de Salles, manuseando os pêlos.

- Como duvida? O raciocínio do senhor Cherloc Holmes é perfeito.

- Quase. Pelo toque, percebe-se que as essências que embebem os dois fios são diferentes. Um deles está realmente empapado de pomada, mas o outro, aquele achado nas saias da moça morta, tem outra substância, mais áspera e nem tão brilhosa.

- E o que seria? - questionou Holmes, ligeiramente despeitado.

- Breu. O breu que se passa nos arcos de violino. Como o senhor não desconhece, os arcos do instrumento são feitos com crina e esta crina é sempre recoberta de breu. A que o senhor achou junto às roupas da vítima era do arco do violino utilizado pelo assassino - terminou De Salles, devolvendo os fios a Cherloc.

Holmes sabia quando havia sido derrotado. Mesmo assim, não era homem de dar o braço a torcer:

- Parabéns, marquês, o senhor tem toda a razão. Claro que percebi isso no ato, só estava testando a sua capacidade de dedução. - Jogou fora os dois pêlos de rabo de cavalo.

- Podemos ir? - quis saber o doutor Watson, que já se cansara de ouvir sem compreender.

Os quatro dirigiram-se para a saída do Jockey Club, Cherloc Holmes à frente, aparentando total desprezo pelo pequeno equívoco que o levara às corridas. Ao passarem pela pelouse, foram surpreendidos por Salomão Calif, correndo, desesperado, atrás de Fernando Limeira, o Alazão.

Tresloucado, o árabe gritava no seu encalço, pules rasgadas na mão:

- Então Panache recusou a ração?! Canalha, mentiroso! Comeu a dele e a dos outros! Comeu a dele e a dos outros! - E xingava, descontrolado: - Filho da puta! Filho da puta!

Os berros eram tão fortes que chegavam à tribuna imperial. Vendo o

desconforto do imperador diante do impropério, o visconde de Ibituaçu, sempiterno chaleira, disfarçou comentando servilmente:

- Veja, Majestade, é alguém que também conhece a história do cavalo inglês... Capítulo 19

Neste ano de 1886, o Passeio Público era muito diferente de quando abrira suas portas havia mais de um século.

Na ocasião, havia nos arredores do Convento da Ajuda uma lagoa que empeçonhava a cidade. O vice-rei Luiz de Vasconcellos ordenou que ela fosse aterrada, destruindo aquele pernicioso foco de infecção. Não satisfeito, resolveu transformar em jardim o terreno outrora inútil e pestilento. Assim nasceu o Passeio Público.

Os jardins transformaram-se rapidamente no ponto preferido dos cariocas, que iam espairecer e apreciar a brisa suave, o doce aroma dos arvoredos e o chiurear dos pássaros. De noite, nos bancos de pedra colocados sob as árvores, ouvia-se o gemer da viola, ao som cadenciado de alguma voz modulando trovas de amor:

"Todas cantigas que sei,

Todas o vento levou.

Só uma do meu benzinho,

No coração me ficou...

Vou-me embora, vou-me embora

É mentira, não vou, não.

Inda que meu peito siga,

Meu coração não vai, não..."

Em frente ao portão, havia uma rua batizada pelo povo de "Belas Noites", pois, por aquele caminho, passavam os enamorados em noites de luar. No fim de alguns anos, trocou-se o nome poético pelo de "Marrecas", devido ao chafariz ali edificado.

Cercando o Passeio ao longo de sua extensão havia um muro, que terminava numa enorme varanda, ao lado do mar. Os portões de ferro da entrada eram enfeitados por um largo medalhão de bronze dourado, com as armas de Portugal numa das faces e, na outra, as efígies de dona Maria primeira e Pedro terceiro. Sob os retratos, lia-se

em relevo: "Maria primeira et Pedro terceiro - Brasiliae Regibus - 1783".

O Passeio, dividido em dez ruas ladeadas de árvores, ia ter a um lago colocado no centro do jardim. Este terminava em cascatas, sobre cujas pedras e arbustos pousavam garças de bronze, com bicos gotejantes. No centro das cascatas, erguia-se um coqueiro de ferro pintado ao natural e, na base, viam-se dois jacarés entrelaçados despejando água pela boca, produzindo um murmúrio manso e canoro. Por trás da fonte, havia a estatueta de um menino, com um cágado na mão, lançando água em um barril de pedra. O menino estava nu e portava uma faixa com os dizeres: "Sou útil ainda brincando". Era a Fonte dos Amores. Pelos caminhos, adornados por vasos e bustos de mármore, que iam das portas até o imenso terraço dando para o oceano, avistavam-se mesas e bancos de pedra sob caramanchões e jasmineiros da índia.

Ainda existia, à direita, o antigo Café, de arquitetura grega, ao lado do coreto onde, nos bons tempos, se apresentava uma banda de música alemã. Os estudantes boêmios deram-lhe a alcunha altamente pornográfica que persiste até

estes dias: Café "Cu da mãe". Na presença das senhoras, a ele se referiam como Café "C.D.M." ou Café "Casa da Moeda". Em 86, o Passeio sofrera grandes modificações. A chuva arruinara o coqueiro da cascata. Contudo,não só o tempo se incumbira de estragar as obras do Passeio: também, por desleixo e descuido, os sucessores do vice-rei deixaram de conservar aqueles ornamentos executados com tanto esforço e boa vontade. Desapareceram os pássaros que enfeitavam a cascata e, quando o rei dom João sexto, escapando às guerras napoleônicas, transferiu Portugal para cá, os lampiões lavrados foram removidos para a iluminação do paço. Como diziam os jornais, "a incúria da administração pública conduz à morte degradante os estabelecimentos públicos mais rapidamente do que os estragos produzidos pelos anos e intempéries".

Ainda era belo, o jardim. Agora, o espaço de cinco mil e quarenta braças iluminado a gás fora projetado com moderna perspectiva. Não mais a antiga regularidade no plantio. A simetria calculada do velho jardineiro dera lugar a linhas curvas e graciosas, numa elegante e ao mesmo tempo displicente imitação da natureza.

Gradis substituíram os muros e, por eles, avistavam-se tabuleiros de grama de diversas extensões, recobertos de flores. Sobre a relva, arbustos solitários se alternavam com lotes de árvores reunidas,

formando pequenos bosques. Logo à chegada, um cartaz junto às guaritas avisava aos impertinentes: É VEDADA A ENTRADA DO PASSEIO A ANIMAIS DANINHOS DE QUALQUER NATUREZA, A PESSOAS ÉBRIAS E LOUCAS, DESCALÇAS, VESTIDAS INDECENTEMENTE, ARMADAS, E A ESCRAVOS, AINDA QUE COM TRAJES DECENTES, A NÃO SER AS AIAS OU AMAS CONDUZINDO

CRIANÇAS.

TAMBÉM ÉPROIBIDO O ACESSO AOS MENORES DE DEZ ANOS, SE NÃO FOREM ACOMPANHADOS

DE QUEM OS IMPEÇA DE PRATICAR MALEFÍCIOS OU DE IREM A LUGARES PERIGOSOS PARA SUA IDADE.

QUANTO AO PÚBLICO, DEVE ABSTER-SE DE PILHAGEM, E DE TUDO QUANTO POSSA DANIFICAR AS PLANTAS E ORNATOS DO JARDIM.

Por este local paradisíaco é que passeavam Cherloc Holmes e Anna Candelária. a lua destacava-se no céu repleto de estrelas. Os dois finalmente voltavam a se ver depois de vários desencontros. Aproveitando um dia de folga de Anna no teatro, Holmes a convidara para jantar no Maison Dorée,no largo da Carioca, e, depois, se oferecera para levá-la em casa. Como morava na rua das Marrecas, ao chegarem à sua porta, Anna sugeriu que aproveitassem a brandura da noite para dar uma volta pelo Passeio. Cherloc estava inebriado, radiante como um adolescente.

Descobrira uma emoção diferente, pois caminhavam o tempo todo de mãos dadas, experiência nunca vivida por ele. Pela primeira vez, em sua vida adulta, sentia, por um período tão longo, o toque de uma mulher. A palma suave e cálida da moça passava-lhe uma sensação quase febril. Não era mais Cherloc Holmes, era apenas um prolongamento de Anna Candelária, como se aquelas mãos entrelaçadas fossem mais do que o fortuito encontro de duas extremidades. Queria permanecer assim para sempre, amalgamado a ela. Fazia-lhe bem esquecer, dos crimes e das orelhas cortadas. A jovem falava-lhe, docemente, das maravilhas do local:

- Da janela do meu quarto vejo todo o parque. Às vezes, aos domingos, fico horas olhando as pessoas que vêm passar o dia. É interessante observar sem ser observada.

Algumas famílias trazem cestas de piquenique, outras passam o tempo todo a ralhar com os filhos pequenos, mas, desde que te conheci, o que eu mais gosto é de ficar ouvindo as canções sentimentais dos

violeiros. - Anna cantarolou baixinho, sem tirar os olhos de Holmes:

- "Um dia podes cansar-te

Do meu amor inocente,

Mas peço que não acolhas

No coração outra gente.

Que faço dessas saudades,

Se esse momento chegar?

Por isso todas as lágrimas

Eu guardo para chorar..."

Holmes, encabulado, não sabia o que dizer. Seus conhecimentos românticos limitavam-se a uma visita ao túmulo de Keats, em Roma, e a uma montagem de Romeu e Julieta no Christ Church College, em Oxford, onde ele fizera o papel de Mercúrio.

Julieta era interpretada por um aluno gordo e sardento. A não ser sob a influência da cannabis, jamais pronunciara uma frase amorosa. A verdade é que faltava-lhe intimidade com o sexo frágil. Como poderia ter aprendido a conversar com as mulheres, se não tinha irmãs e se, desde os dias da Boarding School até o Caius College, em Cambridge, só se vira cercado de companhias masculinas? O contato feminino mais intenso que tivera fora com sua governanta, a senhora Hudson. Por sorte, Holmes era um homem de múltiplos recursos. Podia não entender de lirismos, porém era perito em botânica. Quando Anna Candelária terminou de cantar, ele murmurou ternamente ao seu ouvido, apontando a paisagem:

- Muita gente pensa que esses jardins assimétricos foram inventados na Inglaterra...

- Perdão, querido?

Cherloc pigarreou e insistiu mais meigo ainda:

- Eu disse: muita gente pensa que esses jardins assimétricos são uma invenção inglesa...

- É?

- Mas não são, meu amor. Começaram a ser usados na China,no reinado de LongTeching, e foram transportados para a Europa pelos ingleses. As pessoas menos informadas pensam que é uma invenção inglesa, paixão da minha vida...

- Sei... - disse Anna Candelária, puxando, intrigada, o detetive para um banco de pedra embaixo de um viçoso jequitibá.

- Pois é, amor, na Europa, foi o arquiteto William Kent quem estabeleceu o primeiro jardim paisagista, como esse aqui, em Stowe House. Apesar da aparência desordenada, a combinação das plantas é científica, queridíssima Anna... As formas irregulares fizeram com que o escritor Horace Walpole escrevesse que, para Kent, "toda a natureza era um jardim". Não é lindo, minha amada? – concluiu Cherloc, galantemente, como se tivesse acabado de recitar um poema de amor.

Primeiro atônita, e depois rindo, Anna Candelária rebateu:

- Sabes o que é lindo? É que eu estou doida para te dar um beijo! - exclamou a moça, colocando rapidamente seus lábios sobre os de Holmes. O inglês respondeu à carícia com um ardor insuspeitado. Não sabia que guardava dentro de si tanto desejo. Começou a acariciar-lhe o seio, com uma das mãos, por cima da blusa e, ao mesmo tempo, com a outra, tentava encontrar um caminho sob as largas saias da bela mulata. De repente, com uma ousadia incomum até

então para esses assuntos, viu-se perguntando, arfante:

- Amor meu, por que é que não vamos para a tua casa?

- Bem que queria, mas meu quarto é alugado e a zeladora é severíssima –

explicou Anna Candelária, quase sem fôlego.

- Vamos para o meu hotel? - perguntou Cherloc, beijando-a, deitado sobre ela no banco.

- É muito longe... Não pára! Não pára! - sussurrava Anna, apertando cada vez mais o inglês sobre o seu corpo.

Alucinado, ele apalpava as coxas quentes e úmidas sob o pesado vestido. A mão nervosa da moça percorria o sexo do detetive. Mesmo em meio àquela paixão, sua mente analítica não pôde deixar de refletir sobre este fenômeno espantoso: nunca imaginara que seu membro pudesse atingir tamanhas proporções nem enrijecer daquela

forma. Mordiscava-lhe os lábios polpudos e ela respondia explorando sua boca com a língua. Perderam a noção do tempo e do espaço. Já

nem sabiam onde estavam. Pouco se lhes dava que fosse o Passeio Público, o instinto exarcebado dos amantes transformava o vasto jardim em alcova. Tentavam rasgar-se as vestes para sentir melhor o ardor de seus corpos. Iam atingir o clímax ali mesmo, no leito de pedra improvisado, quando foram bruscamente interrompidos por um praça de polícia do Corpo de Guardas Urbanos:

- Polícia! Vocês estão presos!

Os dois recompuseram-se da melhor maneira possível. Anna Candelária continuava assustada, porém Holmes logo recuperou sua fleuma:

- Tenha calma, policial. Garanto-lhe que cá não fazíamos nada de reprovável. Estávamos somente a conversar - afirmou, enquanto voltava a enfiar as fraldas da camisa na calça e procurava abotoar a braguilha disfarçadamente. O praça da Polícia da Côrte era enfezado, apesar de baixinho:

- Vocês, portugueses, são muito abusados. Está pensando o quê? Tem que respeitar a lei. Isso aqui não é mais colônia! - bradou, confundido pelo sotaque de Holmes.

- Engana-se. Sou inglês e meu nome é Cherloc Holmes.

- Não me interessa quem o senhor é. Só sei que flagrei vocês num atentado à

moral e aos bons costumes. Isso aqui é o Passeio Público, cidadão, não é a casa da mãe Joana! - sentenciou o guarda.

Holmes, que não conhecia a expressão, retrucou impassível:

- O nome da senhorita é Anna, não é Joana, e faça-me o favor de deixar a senhora mãe dela fora disso.

- Chega de conversa. Todos para o xadrez!

- Todos, não. A moça nada tem a ver com o acontecido. Se é que algo censurável se passou, ela foi apenas vítima do meu arrebatamento insensato - confessou Cherloc, postando-se, protetoramente, na frente de Anna Candelária. O praça pensou em protestar, contudo, como estava sozinho, ao ver a atitude resoluta e sobretudo o tamanho de

Holmes, optou por uma solução conciliatória:

- Está certo, mas, se for preciso, depois ela vai ter que prestar depoimento. O detetive despediu-se de uma Anna ainda trêmula, com um shake-hands britânico.

A moça saiu rapidamente em direção à sua casa, antes que o "mata-cachorro" mudasse de idéia. Cherloc virou-se para o guarda:

- Vamos?

O policial pegou-o pelo braço e seguiram em direção ao distrito. A diferença de altura entre os dois era tão grande que, não fosse pela garbosa farda do Corpo de Guardas Urbanos, ficava difícil saber quem prendia quem. Por muito pouco, Cherloc Holmes não perdera sua inefável virgindade sob os ramos de um frondoso jequitibá do idílico Passeio Público. O capitão Pina Couto do quinto distrito do Corpo Militar da Polícia da Côrte estava num indescritível mau humor. Tinha motivos para isso. Primeiro, detestava ocorrências durante o seu plantão noturno; segundo, não tolerava a fama que começava a pôr em relevo o nome de Mello Pimenta. E o responsável por grande parte desta notoriedade era exatamente o inglês alto e empertigado à

sua frente.

O praça que o trouxera há mais de uma hora já explicara as circunstâncias em que Cherloc Holmes fora detido, no entanto Pina Couto sabia muito bem que, por mais que isso lhe desse imenso prazer, não poderia lavrar um flagrante envolvendo seu nome. Afinal, Holmes era convidado pessoal do imperador e ocupava-se em desvendar os hediondos crimes do "Caçador de Orelhas", como o chamavam os jornais.

Muito contra a vontade, reconhecia que não poderia processar Cherloc por atentado à moral e aos bons costumes. Além disso, quando o delegado Mello Pimenta soubesse do ocorrido, livraria seu "parceiro" de qualquer inconveniente. Mesmo assim, resolveu dar uma lição no detetive. Antes que Pimenta pudesse interferir, ele o guardaria na cela grande, até o amanhecer, junto com os detentos veteranos, a ralé do calabouço. Não era pudico, todavia não ia deixar, sem mais nem menos, um estrangeiro transformar os jardins da cidade em bosques de sátiros:

- É grave o que o senhor fez, senhor Holmes, muito grave. Não entendo por que é que, pelo menos, não alugaram um cupê para andar em volta do parque - disse o capitão, referindo-se às elegantes

carruagens de aluguel decoradas com espelhos, seda adamascada e contornos de prata, verdadeiras camas ambulantes, que eram anunciadas nos jornais.

- Já lhe disse que não tenho explicações a dar. Faça-me o favor de mandar chamar o delegado Mello Pimenta.

- Não tenho como encontrá-lo a essa hora. Sinto muito, mas o senhor vai ter que passar a noite no "xilindró".

- Preposterous! - exclamou Cherloc, sem conseguir encontrar a palavra equivalente em português.

- Não sei como é em seu país. Aqui, a lei é igual para todos - afirmou, cinicamente, Pina Couto.

- Garanto que se arrependerá desta impudência.

- Perdão, senhor Holmes, parece-me que impudente foi o senhor... Pina Couto chamou os guardas e ordenou-lhes que acompanhassem o detetive até a prisão localizada nos fundos do distrito. Dentro do mesmo cubículo, cinco gigantescos celerados aguardavam para recepcioná-lo com o mimo reservado aos prisioneiros-calouros. Cherloc retesou-se ao ver os facínoras atrás das grades.

- Exijo, pelo menos, uma cela separada!

- O capitão falou que é aqui mesmo - informou um dos praças. Os presos, grosseiros, gritavam chamando sua atenção:

- O que foi, bonitão, não gostou da gente?

- Vem sem medo, de nós só vais ganhar carinhos...

Riam e faziam gestos grotescos em sua direção. Cherloc tentou desvencilhar-se dos praças e mais um guarda veio em auxílio dos companheiros. Continuaram arrastando o detetive que esperneava, exigindo que o soltassem. Quanto mais se aproximavam do gradil, mais os presos berravam, numa algazarra infernal:

- Isso! Queremos essa belezinha só para nós!

No momento em que o carcereiro ia abrir a porta de ferro, uma ordem estancou seu gesto:

- Sóltem esse homem!

O delegado Mello Pimenta vinha apressado pelo corredor, acompanhado de Pina Couto.

- Está tudo bem, senhor Holmes?

Holmes afastou os guardas que ainda seguravam seus braços e caminhou em sua direção:

- Bons olhos o vejam, delegado. Como soube onde eu estava?

- A senhorita Anna Candelária conseguiu me encontrar por meio da delegacia. Logo vi que o senhor só poderia estar no quarto, no quinto ou no sexto distrito. Tive a sorte de passar aqui primeiro. Aliás, todos nós tivemos sorte, eu, o senhor e principalmente este idiota do Pina Couto. Nem quero pensar o que faria se alguma coisa tivesse lhe acontecido - disse Pimenta, olhando ferozmente para o capitão.

- Perdão, delegado. Tudo não passou de um mal-entendido. Quando o senhor chegou, eu já estava me aprontando para liberar o senhor Holmes - desculpouse, descaradamente, Pina Couto. Mello Pimenta nem deu-se ao trabalho de responder. Virou-se, juntamente com Cherloc, e ambos partiram rumo à saída, enquanto os presos, na cela, lamentavam-se jocosos:

- Volta, lindeza!

- Ai, que lástima! Oh, que pena!

- Pensar que estávamos por conseguir uma noivinha portuga...

Capítulo 20

Finalmente, depois de quase dois meses no Rio de Janeiro, Sarah Bernhardt se despediria do público brasileiro no Teatro São Pedro de Alcântara. Para este final de uma temporada memorável, escolheu Phedre, de Racine, representando o papel-título. Já estivera em São Paulo, numa curta turnê, no Teatro São José, onde se apresentara com Fedora, Frou-Frou, Adrienne Lecouvreur e, é

claro, A Dama das Camélias. No teatro, a atriz fora saudada várias vezes pelos estudantes de direito da faculdade do largo de São Francisco. Entusiasmados, eles lançavam suas capas ao chão e gritavam numa língua que achavam ser a de Victor Hugo:

"Pisez! Pisez! Pour favour, pisez sur nos capotes, madame!", repetiam, sem saber que capotes, em francês, não eram "capas" e, sim, "preservativos". Elegante, a Divina relevara o engano inofensivo e

declarara aos jornais antes de retornar ao Rio: "La jeunesse intelligente et genereuse de Saint Paul ne sait pás cacher ce qu'elle sent".

Voltava a chover sobre a cidade, o que não empanaria o brilho do acontecimento.

Quatro dias antes, todos os ingressos já haviam sido vendidos. Apesar das atribulações vividas na véspera, Cherloc Holmes não perderia esta noite por nada deste mundo. Ele e o doutor Watson assistiriam ao espetáculo do camarote imperial. Pessoalmente, achava que Racine não chegava aos pés de Shakespeare, porém assistir à grande Sarah Bernhardt superava qualquer diferença.

Acabava de se arrumar enquanto Watson aguardava impaciente:

- Vamos, Holmes. Não podemos chegar depois do imperador. O detetive guardou no bolso o cachimbo e um pacote de cannabis. Desde que conhecera Anna Candelária, trocara o hábito nocivo da cocaína pelo efeito suave da erva. Lançou um último olhar de aprovação ao espelho e juntamente com Watson partiu para a entrada do Albion.

A chuva dificultava o aparecimento de um carro de aluguel. Watson olhava ansioso seu relógio, quando uma caleche, que vinha em disparada puxada por dois cavalos brancos, estancou à porta do hotel. Dela saltou um gigante negro, chicote na mão, e avançou em direção a Cherloc. Era Mukumbe, o factótum da baronesa de Avaré.

Dirigiu-se a eles num inglês mais que correto:

- Boa noite, senhor Holmes, doutor Watson, fico feliz que ainda não tenham saído - O que houve, Mukumbe? Já estamos atrasados. Não podemos perder o começo da peça.

- Lamento, senhor, mas acho que os senhores não vão poder ir ao teatro hoje.

- Por que não?

Mukumbe aproximou-se mais de Watson e de Cherloc e perguntou em voz baixa:

- Já ouviram falar em candomblé?

- Como?

- Candomblé. É a religião dos Iorubás, a minha nação. Watson, aflito,

respondeu consultando novamente as horas:

- Nunca, e no momento não temos tempo para discutir assuntos espirituais. A cortina sobe em poucos minutos.

Procurou afastar-se juntamente com Cherloc, mas Mukumbe segurou-os firmemente pelo braço.

- O assunto é sério, senhor Holmes. O meu babalorixá, rei Obá Shité terceiro, ordenou que eu levasse os dois até o seu ilê. Tem qualquer coisa a ver com os assassinatos.

- Antes de mais nada, o que vem a ser babalorixá e ilê?

- Babalorixá é o grande sacerdote e ilê é o templo onde ele espera pelos senhores.

- E o que é que você tem a ver com isso tudo? - indagou Holmes, ainda confuso.

- Eu sou ogã axogum do rei Obá Shité terceiro.

- Pois continuo sem perceber.

Mukumbe explicou apressado:

- Ogã é o mestre dos sacrifícios, o que tem mão de corte. Não temos muito tempo, senhor Holmes. O rei Obá Shité recebeu uma informação importante dos orixás sobre o monstro que está matando as moças.

Watson irritou-se:

- Pois diga ao rei Obá Shité terceiro que o imperador Pedro segundo nos espera.

Ia fazer sinal a uma vitória que passava, porém Holmes o impediu:

- Meu caro Watson, nosso amigo tem razão. Se esse assunto tem a ver com os crimes, infelizmente, hoje, não poderemos aplaudir Sarah Bernhardt. - Empurrou o doutor para a caleche, subindo atrás dele. Mukumbe saltou para a boléia e chibatou os animais, que dispararam pelas pedras molhadas da rua Fresca. O ilê do babalorixá Iorubá Nagô, rei Obá Shité, ficava aos pés do morro da Gamboa, em frente à praia da Chichorra, colada ao Saco do Alferes. Ali se praticava o mais puro ritual da religião Iorubá. Ao entrar na rua da Saúde, Holmes e Watson já escutavam ao longe o bater dos atabaques, anunciando a festa. Era

dia de saída de um "barco", quando os filhos e filhas-de-santo incorporavam, oficialmente, seus orixás pela primeira vez. O canto misterioso das iaôs banhava a noite com um desconcertante misticismo telúrico. Mukumbe estancou os cavalos à entrada do ilê. Os três atravessaram o terreiro onde os iniciados, saídos da camarinha, dançavam envergando os ricos paramentos de Xangô, Ogum, Iansã, Nanã, Iemanjá, Oxum, Oxóssi e Oxumaré. Seguiram em direção ao aperê, o trono onde se sentava, imponente, o babalorixá Obá Shité terceiro. Os ogãs entoaram as últimas cantigas do Xirê, em homenagem a Oxalá, encerrando a cerimônia. Sem dizer uma palavra, o rei Obá levantou-se e ordenou que os visitantes o acompanhassem ao peji, uma pequena sala afastada, onde, sobre uma mesa coberta por uma toalha de renda branca, via-se o jogo de búzios. O

babalorixá fez sinal para que se instalassem em volta da mesa. Começou a espalhar o jogo diante dele:

- Antes, tenho que ver qual é o teu orixá de cabeça, meu filho - explicou, aludindo aos santos que, segundo a religião Iorubá, regem e protegem a vida de cada um. Pegou as conchas e, num gesto largo, atirou-as na sua frente, confiando a Cherloc:

- Tu és filho de Xangô. - Pegou uma guia colorida de contas marrons e brancas, e passou-a no pescoço de Holmes: - É para usar sempre essa guia, meu filho. Nunca te esqueças: Xangô é teu pai. Xangô é teu protetor. O babalorixá recolheu os búzios para começar a consulta. Jogou novamente a mistura de conchas, pedras e moedas, no entanto, desta feita, as peças do oráculo caíram de forma desordenada, como se não conseguissem agrupar-se. Preocupado, o rei Obá Shité revelou:

- Não entendo. Os orixás te chamaram aqui, mas não querem mais se manifestar. Sinto muito, meu filho. Parece que está havendo uma corrente impedindo o jogo. Watson, que não compreendia o que estava acontecendo, levantou-se indignado:

-Mukumbe, diga a este senhor que jamais me sujeitarei a estas feitiçarias! Virou-se para sair, porém não conseguiu alcançar a porta. Seu corpo começou a tremer, e subitamente o impávido doutor Watson, ex-cirurgião do quinto regimento de fuzileiros de Northumberland, estava recurvado como um velho, rodopiando pela sala na tradicional postura de Omolu. Deu três voltas sobre si mesmo e caiu estatelado.

- O que está acontecendo? - assustou-se Cherloc Holmes.

- Nada de grave. O doutor Watson bolou no santo - explicou Mukumbe.

- Agora vai ter que ser raspado e catulado - sentenciou Obá Shité. Holmes procurou recuperar a calma.

- Sei que o senhor tem a melhor das intenções, mas posso lhe afirmar que não temos tempo para praticar nenhuma cerimônia de iniciação. O detetive passou a sacudir violentamente o amigo:

- Watson! Watson! Vamos, levante-se, homem!

Mukumbe tentou tranqüilizar o detetive:

- Calma, senhor Holmes, isso é sinal de que o doutor Watson é um homem muito sensível. Captou os fluidos do ilê. Como não tem cabeça feita, qualquer entidade podia baixar. Por sorte, foi o seu orixá de cabeça. Podia ser pior, podia ser...

Mukumbe foi interrompido por uma gargalhada enrouquecida que partia da garganta de Watson:

- ...uma pomba-gira - completou Mukumbe, apavorado.

- O que é isso? - perguntou Holmes, mais assustado ainda. O babalorixá Obá Shité explicou, tomando as rédeas da situação:

- É um echu-fêmea, um demônio com jeito de mulher-dama. Só costuma baixar nas mulheres ou então em... esse moço é adé?

- O que é isso?

- Efeminado - traduziu, constrangido, Mukumbe.

- Não, é inglês.

- Vai ver que a pomba-gira confundiu - concluiu Obá Shité, dando de ombros. Levantando-se, Watson aproximou-se de Holmes, sedutoramente, com as mãos nas cadeiras:

- Que Oibó mais olorundidun... - suspirou, fungando a nuca do amigo. O embaraço de Cherloc Holmes era visível. Mukumbe socorreu-o:

- Está dizendo que o senhor é um homem branco cheiroso. Watson passou a gritar como uma vulgar meretriz:

- Como é? Eu quero oti! Eu quero itaba, seus merdas! E pode acendê

as inãs! exigiu, em português e Iorubá, sem o menor sotaque. Holmes continuava estarrecido:

É inacreditável! Watson nunca falou nenhuma dessas línguas!

- Não é ele, é a pomba-gira pedindo cachaça, charuto e velas - explicou Mukumbe.

O babalorixá atendeu prontamente ao pedido. Watson bebeu de um trago a garrafa de aguardente barata e deu várias baforadas no charuto:

- Qué dizê que suncê qué sabê quem é o ziri-kili?

Holmes decifrou a algaravia:

- Exato, precisamos saber quem é o serial killer. Pomba-Gira-Watson deu outra risada de deboche:

- Ha! Ha! Ha! Ha! Mas suncê conhece o zirikili!

Já saiu com ele! Já andou juntinho de suncê. Suncê só não descobre porque tem fumado muita itabojira no cachimbo...

Cherloc não necessitava de tradução para deduzir que a entidade se referia à

canabis.

- Se não fosse a itabojira, suncê já tinha descoberto por que é que o zirikili deixa a corda e leva a zorelha! Ha! Ha! Ha! Ha! - Pomba-Gira-Watson riu novamente e continuou: - O zirikili é um okorin de owô odara, e ainda vai kufá

outra obirin com a obété.

Novamente Mukumbe serviu de intérprete:

- Ela disse que o serial killer é um homem de muito dinheiro e que ainda vai matar outra mulher com a adaga.

- E por que ele faz isso?

Watson emborcou outra garrafa de cachaça e desandou a rir:

- Por quê? Porque o zirikili é kolori... - afirmou, e ninguém precisou dizer a Holmes que kolori era "demente".

Pomba-Gira-Watson levou novamente as mãos aos quadris e berrou:

- Como é? Eu quero menga! Eu quero ejé! Se não, não subo!

- O que houve, agora?

- Ele está pedindo sangue. Quer o sacrifício de uma ave para desincorporar.

- Ridículo! Watson sempre foi vegetariano!

Mukumbe tentou novamente explicar o fenômeno, enquanto o babalorixá buscava o necessário:

- Senhor Holmes, não foi o doutor Watson, mas a pomba-gira quem fez o pedido. Seu amigo é apenas o cavalo da entidade.

- Eu não poderia perguntar o nome do assassino?

- Não adianta. Quando ela pede para desincorporar, é que não quer dizer mais nada. Agora, se me dá licença, como ogã axogum, é meu dever realizar a oferenda.

- Mukumbe pegou a faca e a galinha das mãos do Obá Shité e degolou a ave sobre a cabeça do médico.

Pomba-Gira-Watson ria e lambuzava-se todo com o sangue do animal. Esfregava o rosto num esgar pavoroso, e, gargalhando, dizia ensandecido: "Oluparun! Olu parun!", que, na língua Iorubá, significava "O Destruidor". Com a mesma rapidez que ocorrera a possessão, deu-se o inverso: Watson despencou como um casaco velho lançado ao chão. Levantou-se, apenas ligeiramente zonzo.

- Então, podemos ir? Certamente nada de extraordinário ocorrerá esta noite. Cherloc Holmes custava a acreditar no que presenciara:

- Watson, você não lembra de nada?

- Lembro-me muito bem. Entramos nesta sala e aquele africano fantasiado mexeu em algumas conchas. Fora isso, nada aconteceu. Lamento termos perdido a maravilhosa Sarah Bernhardt por conta do entusiasmo precipitado deste jovem. Holmes, desesperado, procurava despertar-lhe a memória:

- Vamos, homem! Diga-me o nome do serial killer!

O doutor respondeu friamente:

- Meu caro, acho que o sol dos trópicos cozinhou-lhe os miolos. Por que raios acha que eu conheço esse abominável assassino?

Holmes ainda quis contar-lhe o acontecido:

- Mas, Watson...

Sem dar-lhe ouvidos, um empertigado doutor Watson apressou-se para a saída:

- Passem bem, senhores - lançou, rispidamente, enfiando o chapéu sobre os cabelos empapados de sangue de galinha.

Capítulo 21

Apesar do horário matutino, uma turba alegre e ruidosa fora dizer adeus a Sarah Bernhardt. Se três mil pessoas a haviam recebido quando chegou, agora, pelo menos o dobro espremia-se no cais Pharoux. Na véspera, a sessão de despedida com Phedre superara qualquer expectativa. Ao final, o ator Vasques declamou versos de sua autoria feitos especialmente para a ocasião, cujo refrão repetia a cada quadra: "...teu nome, Sarah Bernhardt!". A platéia não se conteve, atirando em cena chapéus, guarda-chuvas e sobrecasacas.

A delegação francesa invadiu o palco, carregando uma enorme corbeille com as cores da França, feita de rosas, camélias, hortênsias e miosótis. Enfrentando o mau tempo, um sem-número de entusiastas acompanhou o carro que levava a Divina ao Grande Hotel depois do espetáculo, numa estrondosa ovação, e os gritos de "Viva Sarah Bernhadrt" e de trechos da Marselhesa ecoaram por todas as ruas até de madrugada.

Exausta e comovida, querendo fugir às manifestações na hora do embarque, Sarah chegara muito cedo ao Britannia, vapor da Pacific Steam Navigation Company que a levaria a Buenos Aires. Debalde fora este esforço. Os admiradores não pararam de chamar carinhosamente seu nome enquanto ela não apareceu no convés. O povo, enternecido, acenava com lenços azuis, brancos e vermelhos. Entre os que se aglomeravam para prestar esta última homenagem à grande atriz estavam Cherloc Holmes, Artur Azevedo, Miguel Solera de Lara, Guimarães Passos, o marquês de Salles e, é claro, Paula Nei, que fora o primeiro a acolhê-la a bordo, um mês e meio antes, no Cotopaxi. O doutor Watson permanecera no hotel, tentando eliminar os derradeiros vestígios de sangue coagulado de galinha impregnados no seu couro cabeludo. O

bom doutor continuava se recusando a acreditar na insólita experiência ocorrida no ilê do Obá Shité. Atribuía o incidente a uma brincadeira de mau gosto. Teimava em dizer que alguém colocara o sangue dentro do seu chapéu. A companhia Heller comparecera com todo o seu elenco. Anna Candelária confessava a Holmes:

- Estou triste.

- Por quê?

- Esta partida me lembra que, mais dia menos dia, tu vai nos deixar... Cherloc sentiu um aperto no coração. Afeiçoara-se de forma peculiar àquele país cheio de contradições. Tateou a guia de Xangô que o Obá lhe dera. Além disso, sabia que, quando chegasse o momento, lamentaria profundamente afastarse de Anna. Teve uma idéia:

- E por que não vens comigo para Londres?

Anna Candelária olhou-o por um tempo, como se avaliasse a possibilidade:

- Não sei, acho difícil... meu lugar, minha vida, sempre foram aqui. Antes que o detetive pudesse insistir, ouviu seu nome chamado em meio ao tumulto.

- Senhor Holmes!

Era o delegado Mello Pimenta que se aproximava, abrindo caminho. Vinha excitado, trazendo um envelope.

- Bom dia, delegado. Então também veio ao embarque de madame Bernhardt?

- Na realidade, vim procurá-lo. Tenho novidades - dizia, brandindo o papel.

- O que houve?

- Recebi, na delegacia, uma carta do assassino - revelou em voz baixa aos ouvidos de Cherloc.

Holmes quis arrancar a missiva das mãos de Pimenta.

- Não, senhor Holmes. Tem muita gente aqui. Além disso, vamos contar com mais uma ajuda. Obviamente, nunca ouviu falar em Nina Milet.

- Não posso dizer que sim.

- Quem é Nina Milet? - perguntou Guimarães Passos, imiscuindo-se no assunto.

- Um jovem criminalista e patologista baiano que está fazendo doutorado aqui no Rio. Tem nos ajudado muito em algumas investigações e interessou-se pelo nosso caso. Quer nos ajudar a traçar o perfil do assassino. O marquês de Salles, que se aproximava do grupo, intrometeu-se:

- Ótima idéia. Podemos nos reunir para almoçar no Lacombe. Vou convocar a Malta.

Acho que todos nós podemos contribuir.

Mello Pimenta ia dizer que não aprovava a idéia. Afinal, era assunto para a polícia, mas Cherloc achou válida a sugestão. Diante do impasse em que se achavam, qualquer colaboração, mesmo partindo de amadores, era bem-vinda.

- Então nos encontramos todos no Lacombe? Eu me encarrego de levar o senhor Holmes - ofereceu-se Guimarães Passos.

O detetive virou-se para continuar a conversa com Anna Candelária, porém a moça afastara-se silenciosamente, juntando-se ao elenco de Heller, que já

começava a deixar o cais. Holmes ainda ensaiou chamá-la, mas sua voz foi abafada pelo alarido alegre da multidão.

Soou o apito plangente do Britannia, dando a impressão de que até o transatlântico lastimava a hora da partida. Várias lanchas menores ainda ladeavam o vapor que começava a se afastar. Os passageiros das pequenas embarcações ergueram por três vezes "vivas" ao mito. Finalmente, lançaram ao mar os lenços azuis, brancos e vermelhos, formando um imenso tapete colorido na esteira do navio.

Enquanto a nave se afastava, Sarah Bernhardt acenava, comovida, empunhando a bandeira brasileira.

O restaurante Lacombe ficava num sobrado da rua São José. Do seu cardápio, constavam os mais variados pratos: sopa de cajus, passarinhos fritos com bananas, empadinhas de ostras, grelos de abóbora, talos de taioba, ovos de cágado, araras, papagaios e periquitos assados no espeto, peito de vitela com mariscos, rabo de

vaca com polpa de lentilhas, coração de vaca assado, ganso ensopado com samambaia, bifes de veado, refogado de rãs com lagartos e guisado de tartaruga.

No entanto, o prato especial do Lacombe era a cobra. O cozinheiro Afrânio vangloriava-se, com detalhes, da sua receita: "A cobra oferece uma carne muito deliciosa, e que não é somenos à do melhor peixe, com a qual se assemelha. As pessoas que comeram a carne de cobra, a preferem a qualquer outra. A melhor vantagem, porém, que apresenta o uso desta carne, é sua eficácia na cura das moléstias do coração, da sífilis inveterada, e sobretudo da morféia, que estando ainda no princípio, desaparece totalmente com o uso da carne de cobra. Inútil dizer que deve-se deixar de parte o horror que inspira este animal, e ainda mais o prejuízo de pensar-se que a sua carne é venenosa: sabe-se perfeitamente que o veneno só existe em pequenas bolsas colocadas debaixo das presas. Além disso, este próprio veneno ingerido não faz mal algum; é nocivo e até mortal somente quando em contato com o sangue. É portanto necessário, antes de se prepará-lo, cortar-se a cabeça ao réptil, depois tirar-se-lhe o couro, e finalmente abri-lo e limpá-lo. Divide-se, então, a cobra em pedaços, refoga-se com duas colheres de gordura e uma cebola picada; polvilha-se com uma colher de farinha de trigo, e uma xícara de água, sal, salsa, pimentas, e um pouco de noz-moscada rapada. Deixa-se ferver perto do fogo, até cozer, tendo incorporado ao molho duas gemas de ovos desfeitas num cálice de vinho. A carne das cobras vivíparas é preferível à carne das ovíparas, e entre as cobras vivíparas, é a da cascavel a mais delicada e saborosa". A não ser Albertinho Fazélli, que comia qualquer coisa, ninguém da Malta se atrevera a provar o apetitoso acepipe.

A verdade é que eles iam ao Lacombe não pela comida e, sim, pelo ambiente descontraído. Os outros fregueses não se incomodavam com a algazarra que a turma tinha por hábito fazer. Haviam juntado duas mesas grandes para acolher a todos.

Sentado à cabeceira estava o convidado de honra, doutor Edmundo Nina Milet. Rapaz sério, de vinte e quatro anos, olhos negros e profundos, vastos bigodes e testa larga, Nina Milet lembrava, para alguns, Rui Barbosa; outros achavam que a semelhança se devia tão-somente ao fato de ambos serem da Bahia. Milet era patologista, criminalista, além de sociólogo e etnógrafo. Estudava com especial atenção a raça africana e seus descendentes brasileiros. O delegado Mello Pimenta começou lendo a carta que recebera do assassino:

- "Prezado chefe, no momento em que leres estas mal traçadas linhas, estarei me preparando para executar linhas mais bem traçadas no

corpo de outra catraia. O que é preciso para que me descubram? Que assine meu nome por extenso nas carcaças dessas putas? Pensei que o inglês fosse mais esperto do que tu para ler as minhas pistas, mas, pelo visto, é tão burro que merecia orelhas maiores do que todas as que já cortei, juntas. Espero que estejam se divertindo tanto quanto eu. Façam logo alguma coisa, pois estou com fome, muita fome, e ainda me resta uma corda no violino. Falando em corda, cordiais saudações, nos dois sentidos".

Está assinado "Oluparun".

- Oluparun? O que quer dizer isso? - indagou Chiquinha Gonzaga. Nina Milet traduziu a palavra que Cherloc Holmes ouvira no ilê do rei Obá:

- É Iorubá Nagô. Significa "o Destruidor", "o Exterminador".

- Então o assassino é um negro - declarou Alberto Fazélli, açodado como sempre.

José do Patrocínio entrou no restaurante exatamente naquele momento:

- Vejo que cheguei em boa hora. Falam de alguém da minha raça e já supõem que é um criminoso. Pelo visto, além de lutar pela abolição, vamos ter também que pelejar pela nossa inocência.

Guimarães contou o que se passara, apresentou Patrocínio a Nina Milet e concluiu.

- Tens que perdoar o nosso Albertinho. Sabes bem o quanto ele é precipitado. O delegado Mello Pimenta continuou, enquanto a missiva passava de mão em mão:

- A verdade é que esse bilhete não nos diz muito. Apenas parece que o homem deseja ser descoberto.

- É certamente um homem letrado, mas noto que tomou o cuidado de escrever em rabiscos para não ser reconhecido pela caligrafia - afirmou Holmes, examinando a carta. - Veio pelo correio?

- Não, foi deixada com um guarda, na delegacia, por um moleque de recados. O menino disparou assim que entregou o envelope.

- Provavelmente trata-se de um mestiço - disse Nina Milet. José do Patrocínio irritou-se:

- Como pode o senhor fazer uma afirmação tão leviana?

- Não há nada de leviano no que eu disse. É meramente científico. Leia o Essai sur l'inegalite des races humaines, de Gobineau, o amigo íntimo do nosso imperador.

Como os negros pertencem a uma raça inferior, a mestiçagem provoca a criação de seres degenerados e muitos já nascem com propensões a moléstias mentais e estigmas criminosos.

- São esses absurdos que atrasam a causa abolicionista. O senhor deveria envergonhar-se do que disse - rebateu, indignado, José do Patrocínio, que já

conhecia aquelas especulações do darwinismo social.

Nina Milet não se abalou:

- Meu caro, falo com conhecimento de causa. Os estudos de frenologia e craniometria não mentem. Veja Lombroso, por exemplo: se seguíssemos suas teorias, poderíamos prender o criminoso antes que cometesse o crime.

- Como? - perguntou, intrigada, Chiquinha Gonzaga.

- Classificando a população por meio da frenologia. Sabemos que os indivíduos com tendências criminosas sofrem de uma assimetria facial e craniana. Têm a região occipital predominante sobre a facial, fortes arcadas superciliares e mandíbulas além do prognatismo - fez uma pausa. - E como a maioria dos mestiços, possuem lábios grossos e narinas estendidas. Holmes lembrou-se de Anna Candelária e resolveu interromper aquela insensatez:

- Sei bem dessas teorias, doutor Nina, mas parece-me um pouco precipitado atribuir a negros e mestiços a existência do crime. Se assim fosse, Londres e Paris seriam as cidades mais pacatas da Europa.

Nina Milet prosseguiu, quase pedante em seu culteranismo:

- Senhor Holmes, a mestiçagem não é mais um privilégio do Novo Mundo. Depois, estou apenas citando L'uomo delincuente. Da mesma forma que Lombroso também garante que os indivíduos com esses impulsos nocivos são propensos à epilepsia e outras alterações psicológicas, como tato embotado, olfato e paladar obtusos, visão e audição ora fracas ora fortes. Sem falar nos elementos sociológicos, como tatuagens pelo corpo, e nos fisiológicos, como a ambidestria.

Holmes virou-se para Mello Pimenta:

- Então é melhor me prender, delegado. Desde criança que faço tudo com as duas mãos.

Todos riram da tirada, o que aliviou ligeiramente a tensão provocada pelas declarações extemporâneas do criminalista.

O delegado procurou ser mais objetivo:

- Isto não está levando a nada. Vamos por pontos. Primeiro: o que significa a laceração das orelhas?

- Uma forma malsã de fetichismo de quem sente uma ardente sede de afeição... respondeu o marquês de Salles, parafraseando José de Alencar.

- E as cordas?

- Pode ser somente uma brincadeira de mau gosto - falou Alberto Fazélli, que não tinha muita imaginação.

Cherloc Holmes interferiu:

-Impossível.Ele mesmo faz questão de dizer que são pistas deixadas propositadamente.

- Por que ele só mata mulheres? - perguntou Chiquinha Gonzaga.

- Porque elas são mais fracas - arriscou Alberto Fazélli.

- Nem todas - garantiu Chiquinha.

- Porque ele as odeia - sugeriu Paula Nei.

- Isso faz sentido. Mas odeia todas as mulheres? - lançou Guimarães Passos.

- Talvez, para ele, a mulher seja o símbolo da perversão de costumes que campeia em nossos dias - pontificou Solera de Lara.

- Quem sabe ele tem medo delas - acrescentou Chiquinha Gonzaga.

- É possível. Tem medo de alguma coisa que elas despertam nele - arriscou Holmes.

- Ou que não conseguem despertar - disse Agostini, que até então se

mantivera calado, rabiscando no seu bloco de desenhista.

Virou o bloco e mostrou o desenho de um violinista vestido de negro. Em vez do arco, empunhava um enorme compasso para a mensuração de crânios. Trazia um colar de orelhas em volta do pescoço e dançava pisoteando sobre um amontoado de mulheres mortas, nuas, de cujas vaginas quase glabras saltavam cordas de violino retorcidas como molas de relógio. Seu membro flácido e pequeno pendia para fora das calças. Era tão pavorosa a figura que todos a olharam como que hipnotizados Aos poucos, foram percebendo que o monstro tinha as feições do ilustre Nina Milet. Era o protesto silencioso do artista contra as absurdas teorias endossadas pelo doutor.

De positivo, o almoço contou apenas com a sobremesa feita especialmente por Afrânio: a Delícia dos Aflitos, um doce preparado com chocolate e âmbar, comido avidamente por todos, pois, segundo o cozinheiro, era excelente para restaurar as forças perdidas por excessos sexuais.

Capítulo 22 - Ele está sozinho na capela ao lado do caixão aberto da mãe. Ironicamente, depois de longos anos fantasiando enfermidades, a velha louca sucumbira em poucos dias à febre devastadora da varíola. Ele não sente dor nem pena.

Uma sensação de liberdade invade-lhe a alma ao observar, no esquife, o cadáver devastado. Tinham razão os negros escravos, em noites de negra magia, na fazenda do seu pai, quando, assustados, o chamavam, ainda criança, de Oluparun. Como o anjo das chacinas, também ele é o Destruidor. Ele é um dos sete anjos que guardam as sete taças do Apocalipse. Ele é a mortalha da Grande Prostituta.

A Grande Prostituta veio para contaminar os reis da terra e, assim, perverteu o néscio imperador dos trópicos. Basta. Os habitantes da terra não mais se embriagarão com o vinho da sua concupiscência. Ele sabe que Oluparun deve ceifar a mulher cheia de nomes de blasfêmia, a mulher sempre adornada de ouro e pedras preciosas e pérolas e trazendo nas mãos impuras a taça das execrações e imundícies da sua devassidão. É chegada a hora de abater a Grande Prostituta desta agreste Babilônia. A mulher que despertou nele a besta da luxúria. Agora, ele e Oluparun e a Besta e o Anjo fundem-se numa só criatura. Ele é a Besta que se embriagará com o sangue da mãe de todas as putas e das abominações da terra. Ele anseia pelo momento de deixar-lhe escrito na fronte um nome: MISTÉRIO. A Besta odeia a Prostituta e a deixará desolada e nua e lhe comerá as carnes e a consumirá no fogo, porque o Anjo lhe pôs na mente executar os desígnios de

Oluparun. Só então ele deixará de ser a Besta. O Anjo amará a Besta que era mas já não é.

Naquela noite fresca de meados de julho, a baronesa de Avaré, Maria Luísa Catarina de Albuquerque, termina de ler Splendeurs et miseres des courtisanes, de Balzac, confortavelmente instalada no gabinete íntimo do seu palacete no Cosme Velho. Como não espera visitas, veste um peignoir de seda sobre a fina camisola de organdi. Vez por outra, serve-se de um marrom glacê da Cailtau ou de um gole de champanhe. A brisa vira-lhe a página do livro. Maria Luísa estranha, pois tem certeza de haver fechado as portas do balcão às suas costas. Olha por sobre o ombro, e ele está lá, de pé, no terraço. Ela o repreende, surpresa:

- Você? Quase morro de susto! Onde já se viu, chegar assim, a essas horas e sem ser anunciado?

Ele não diz nada. Avança devagar pela sala em direção a Maria Luísa. A baronesa não sabe o que dizer, ao vê-lo adiantar-se, sombrio e taciturno. Reconhece que, às vezes, a perda de um ente querido pode causar curiosas reações nas pessoas:

- Disseram-me que sua mãe morreu. Fiquei consternada. Sei o quanto você a amava.

Ele não responde. Ela se levanta e começa a recuar de forma imperceptível. Ele continua aproximando-se, passo a passo, mãos cruzadas nas costas. A baronesa percebe que há algo de insólito naquele comportamento. Tenta brincar:

- Então você não sabe que causa má impressão visitar jovens viúvas de madrugada?

Lentamente, ele descruza os braços revelando o violino com a corda solitária. Desliza o arco sobre o instrumento, prolongando o som triste e monocórdio. Maria Luísa reconhece o Stradivarius e, num relance, horrorizada, entende tudo. Corre para a saída em busca de socorro:

- Mukumbe! Mukumbe!

Abre as portas da saleta e seu grito gela-se no ar: presa ao topo do balaústre da escada que leva ao saguão, há uma bandeja de prata com a cabeça de Mukumbe. Seus olhos sem vida parecem fitá-la num pedido de indulgência. Ele a arrasta pelos cabelos para o gabinete, o longo punhal em sua mão. Maria Luísa se debate, luta por sua vida, porém suas tentativas são inúteis diante daquela força descomunal.

Ela suplica, agarrada às suas pernas:

- Por quê?! Por quê?!

Seus apelos são silenciados pela adaga que, num golpe seco, atravessa-lhe a boca e penetra-lhe o cérebro.

Ele ajoelha-se lívido ao seu lado, rasga-lhe o peito com a lâmina, arranca-lhe o coração ainda quente e devora o órgão ensangüentado. Ele geme de gozo e sua calça mancha-se de sêmen durante este festim macabro. Maria Luísa Catarina de Albuquerque jaz morta aos pés de Miguel Solera de Lara.

Ele permanece ofegante junto ao corpo profanado. Sem pressa, decepa-lhe as orelhas e, não se esquecendo do gesto indecoroso, enterra a última corda que sobra ao violino, o ré, em meio à crespa penugem pubiana. Falta ainda um detalhe à tétrica cerimônia. Ele molha os dedos no sangue que brota da boca escancarada e escreve-lhe na testa a palavra MISTÉRIO. Depois, levanta-se e, saltando do terraço, é engolfado pela noite protetora do Cosme Velho.

Pobre baronesa de Avaré, alegre cortesã do Paço. Seu maior pecado fora despertar, inocentemente, a lascívia doentia do Oluparun. Para Pimenta e Holmes, que bebiam café aboletados numa mesa no bar do Hotel Albion, não havia dúvidas: desde o começo dos crimes, o assassino visava a baronesa.

Arriscara-se a vítima em sua própria casa. Era o que comprovava o banho de sangue que deixara à sua passagem. Além de Mukumbe, ele matara com presteza três escravos e duas mucamas para surpreender Maria Luísa. E somente ela merecera a enigmática inscrição.

- Tem idéia do que significa, senhor Holmes?

- Se não me engano, é uma referência ao Apocalipse de são João. Há um trecho em que o profeta descreve a grande Prostituta" com a palavra mistério na fronte.

- Lamento que o demente fizesse tão mau juízo da baronesa - disse Melo Pimenta, girando lentamente a colher na pequena xícara. Estavam profundamente deprimidos. Passaram a manhã vasculhando o palácio do Cosme Velho sem encontrar nada que auxiliasse as investigações. Pimenta recolhera a corda de violino, com uma desconfortável sensação de alívio. Algo lhe dizia, talvez erroneamente, que pelo menos encerrara-se o ciclo dos horrendos crimes da maldita rabeca. Acompanhara Cherloc até o Albion neste começo de tarde e

nenhum dos dois tivera ânimo nem apetite para almoçar, depois de presenciarem a arena de horrores em que se havia transformado a bela mansão da baronesa.

Sorviam, silenciosos, pequenos goles de café, quando o recepcionista Inojozas entrou agitado no bar. Seus cabelos, usualmente penteados com esmero, estavam desalinhados e ele nem se preocupara em aplicar a cera dos bigodes:

- Senhor Holmes, passou-se algo terrível. Nem sei como lhe dizer!

- O que houve?

- Em todos os meus anos como gerente, isso nunca aconteceu!

- Vamos, homem, diga logo o que foi!

- Arrombaram os seus aposentos.

- Como?

- A camareira acaba de me avisar. Quando foi arrumar os cômodos, encontrou a janela arrebentada.

Cherloc Holmes e Mello Pimenta, Inojozas à frente, rumaram para as escadas. Saltaram os degraus de dois em dois e correram até o apartamento. Uma arrumadeira lívida os aguardava tremendo junto à entrada. Holmes abriu rapidamente a porta e entrou no quarto. À primeira vista, nada parecia em desordem, a não ser as duplas janelas forçadas, pendendo fora dos gonzos. De repente, Mello Pimenta falou em tom sombrio apontando para a cama:

- Senhor Holmes, veja.

Sobre o leito, encostado às almofadas, estava O Canto do Cisne, o violino Stradivarius roubado há dois meses da finada baronesa de Avaré. Sem as cordas, o instrumento parecia obscenamente nu. Havia um curto bilhete preso ao arco, escrito com letra rebuscada. Apenas uma palavra em inglês: goodbye. Por mais que procurasse, Cherloc Holmes não achava motivos para continuar na cidade. Sem dúvida, adaptara-se ao ritmo indolente do Rio de Janeiro. Dormia e acordava tarde e não se passava um dia sem que não enchesse seu cachimbo com uma porção de cannabis. Trocara definitivamente a cocaína pela erva. Também não dispensava a cachaça, sempre, é claro, com gelo, açúcar e limão. Entretanto, as insistências do doutor Watson tornavam-se cada vez mais veementes para que voltassem a Baker

Street. Por isso, ao lado de Watson, um dia depois do trágico desfecho, com o violino Stradivarius embaixo do braço, aguardava por Sua Majestade, o imperador, numa pequena sala de visitas do palácio imperial da Boa Vista.

As portas se abriram e dom Pedro segundo entrou para recebê-los. Visivelmente abatido, aparentava ser ainda mais idoso do que nos retratos. Dirigiu-se aos visitantes em inglês, numa voz grave e triste:

- Senhor Holmes, doutor Watson, lamento que a nossa visita ao Brasil tenha se dado em condições tão nefastas. Gostaria de convidá-los para espairecer por uns tempos em Petrópolis, porém, no momento, os deveres de Estado me obrigam a permanecer no paço.

- É muita gentileza de Vossa Majestade, mas nós também precisamos partir no próximo navio. Vim agradecer a generosa hospitalidade e devolver O Canto do Cisne, finalmente encontrado em funestas circunstâncias - disse Holmes, estendendo o instrumento.

O imperador afastou delicadamente o violino:

- Perdão, senhor Holmes. O Canto do Cisne me traria dolorosas recordações de minha terna amiga. Só de olhá-lo, meu coração faz-se em pedaços - explicou, enxugando, disfarçadamente, o que Cherloc imaginou ser uma lágrima.

- Compreendo, Majestade. E o que devo fazer? Afinal, é um Stradivarius.

- O senhor sabe que, oficialmente, este violino nunca existiu. Para todos os efeitos, O Canto do Cisne pertence a José White, que acaba de partir em excursão pela Europa. Peço-lhe que fique com o instrumento. Cherloc Holmes quedou-se confuso, diante da oferenda:

- Não sei se posso aceitar um presente tão valioso, apesar da carga sangrenta ligada a ele.

O imperador insistiu:

- Claro que pode, será o nosso segredo, uma recordação da sua passagem pelos trópicos.

Como Cherloc ainda hesitava, dom Pedro continuou:

- Em Roma, senhor Holmes, quando César voltava vencedor das batalhas e a multidão o aclamava, entusiasmada, durante os desfiles

do Triunfo, fazendo-lhe as honras de uma divindade, ele costumava ter ao seu lado um escravo sussurrando-lhe ao ouvido: "És calvo, velho e barrigudo...:. Queria, com isso, lembrar-se de que era apenas humano. A humildade é a mãe de todas as virtudes. Guarde O Canto do Cisne como um troféu do escabrôso caso que não conseguiu resolver.

Holmes, emocionado, recolheu o violino:

- Fico-lhe muito grato, Majestade. Uma coisa continua a intrigar-me. As pistas que o assassino insistiu em deixar. Chegou a abordar o assunto na carta que nos mandou, mas não consigo atinar o que significam.

- Não se torture, senhor Holmes. Provavelmente, cortar as orelhas e deixar as cordas onde deixou são lucubrações tortas e sem nexo de uma mente alienada filosofou, resignado, dom Pedro segundo.

- É possível. O único conforto que nos resta é sabermos que chegaram ao fim os crimes do "violinista" louco.

- Podemos ter certeza? – perguntou o imperador.

- Assim parece-me. Terminaram as cordas e o violino foi devolvido, logo presumo que a sanha desse monstro tenha sido saciada - concluiu Cherloc, cabisbaixo.

O monarca tentou insuflar-lhe o ânimo:

- Safa! Outra brilhante dedução, senhor Holmes. Não sei como consegue!

Antes que Cherloc pudesse retrucar, Watson, calado até então, adiantou-se. Com desdém, respondeu ao soberano numa atrevida intimidade, deixando o detetive e o imperador estupefatos:

- Elementar, meu caro Pedro...

Capítulo 23

Anna Candelária encolhera um lugar no mínimo original para encontrar-se com Cherloc Holmes. O salão egípcio do Museu Nacional e Imperial. Sempre que estava em dúvida sobre uma decisão a tomar, recolhia-se àquele exótico recinto. Situado entre a rua da Constituição e a Conde D'Eu, em frente à praça da Aclamação, o museu possuía uma importante coleção de múmias autênticas dos tempos dos faraós.

As primeiras chegaram em 1826, com um antiquário italiano, Nicolau Fiengo, e os funcionários da alfândega, confusos diante daquele carregamento singular, não sabiam como identificar a preciosa bagagem. Primeiro, indignados, acharam que aquele acervo funéreo era uma falta de respeito às nossas autoridades aduaneiras, contudo, depois de muito confabularem e consultarem seus compêndios e alfarrábios, terminaram por permitir a entrada das múmias, classificando-as como "peças de carne-seca". Ao saber do ocorrido, dom Pedro primeiro entusiasmou-se e comprou-as para o recém-fundado Museu Real. Mais tarde, o museu fora enriquecido por outra importante aquisição: em 76, depois de uma visita de dom Pedro segundo ao Egito, o rei Ismail presenteou-o com a tumba e o corpo da sacerdotisa ChaAmun-Em-Su, do santuário do deus Amun. A sacerdotisa fora mumificada com os braços e pernas livres,um processo surgido nas últimas dinastias. Semelhantes a ela havia somente três em todo o mundo. Para abrigá-la com maior destaque, fora construído, há poucos meses, uma espécie de relicário, contíguo à sala principal. Dizia a lenda que uma curiosa maldição acompanhava a múmia: senhoras sensíveis, mesmo fora do seu período, menstruavam ao se acercar da pequena Cha-Amun-Em-Su.

Cherloc Holmes avistou Anna Candelária no centro do salão, ao lado da estatueta de bronze do sumo sacerdote Menkheperre. A pele morena contrastava com o branco imaculado do seu vestido de linho. Aproximou-se silenciosamente e murmurou às suas costas:

- Cara menina, devo dizer-te que aprecio bastante a coleção egípcia do Britich Museum, mas não entendo por que é que quiseste me ver neste escabroso mausoléu.

Sorrindo, Anna puxou-o pela mão:

- Perdão, amor, mas, quando quero refletir sobre alguma coisa importante, venho até aqui. Como podes ver, tem o silêncio de uma igreja e quase ninguém aparece.

Além disso, clareia-me as idéias pensar na vida ao lado de mortes tão antigas.

- E sobre o que pensavas?

- Sobre o teu convite para ir contigo para Londres - revelou Anna Candelária, baixando os olhos. Holmes sentiu o pulso acelerar:

- Espero que as múmias tenham sido boas conselheiras.

- Acho que vais odiar a mim e a elas.

Cherloc tentou conter suas emoções:

- Quer dizer que não vens?

- Procura entender, querido. Em Londres eu ficaria como um peixe fora d'água. Quanto tempo duraria o nosso amor em meio a uma terra estranha?

- Pois cá não era uma terra estranha para mim? - argumentou Cherloc.

- É diferente. És homem, falas a nossa língua. Hoje, se não fosse o sotaque, com os hábitos que adquiriste tão facilmente, passarias por brasileiro.

- Anna, em Londres serias minha mulher, serias Anna Candelárias Scott Holmes pronunciou, pomposamente, o detetive.

- Tenho a minha profissão, sou independente demais para ser apenas uma esposa.

- Poderias trabalhar. O teatro inglês é um dos melhores que existem.

- A quem queres enganar? Não falo uma palavra de inglês.

- Aprenderias num instante. E há algo que não sabes. Fui ator. Trabalhei com a Sasanoff Shakesperian Company, com o nome de William Escott - confidenciou Holmes, encabulado.

- Verdade? - perguntou Anna, duvidando.

- Pelo que há de mais sagrado. Tenho muitos amigos nos elencos ingleses –

afirmou Cherloc.

- Não adiantaria. Estou começando e minha carreira ainda não é lá grande coisa, mas já me prometeram um bom papel em Zé Caipora, que o ator Machado vai ensaiar no Teatro Príncipe Imperial - explicou a suave mulata, sem dar-se conta do absurdo do diálogo: os palcos do West End contrapondo-se aos bastidores do Rossio.

Cherloc Holmes percebeu que perdera Anna para sempre. Pensou em abandonar tudo e ficar ao seu lado, porém pressentia que, mais cedo ou mais tarde, o destino o arrancaria de volta à Inglaterra. Estava devastado. A paixão, intransigente, derramava-se por toda a sua alma.

Queria aquela jovem como nunca almejara nada em sua vida. Sonhara viver ao seu lado, ouvi-la, tocá-la, sorver-lhe a boca, respirar-lhe o hálito.No entanto, sabia que deveria resignar-se à determinação inabalável de Anna Candelária. Os dois caminharam, braços entrelaçados, entrando na câmara mortuária de Cha-Amun-Em-Su.

- Parto amanhã. Vens ao meu embarque? - perguntou Holmes, a voz quase inaudível pela emoção.

- Não, meu amor. Prefiro dizer-te adeus agora. Não sei se teria forças para ver-te no cais.

- Então é adeus?

Anna abraçou-se a ele e disse baixinho, languidamente:

- Não quero que te vás sem te sentir pelo menos uma vez dentro de mim...

- Aqui? - exclamou Cherloc, perplexo.

- Por que não? Estamos a sós. Os vigias são velhos, antigos combatentes mutilados da guerra do Paraguai. Sentam-se à entrada e nunca se arredam de lá

- acrescentou, trêmula de excitação.

Encostando-se ao sarcófago da sacerdotisa, Anna aconchegou-se a ele. Beijou-o avidamente, embriagando-se no calor dos seus lábios. Holmes correspondia ao beijo mais fortemente ainda. Uma agradável sensação quente e úmida envolvialhe o sexo. Afastou-se, para desvencilhar-se das roupas que o embaraçavam. Foi quando viu a razão daquele úmido calor. Um largo círculo de sangue estampavase sobre a alvura do vestido de Anna Candelária. Cumprira-se novamente a maldição de Cha Amun-Em-Su.

Cherloc Holmes recuou, constrangido. Embora um desejo selvagem tomasse conta do seu corpo, fazer amor naquelas condições era algo impensável para um leal súdito da rainha Vitória.

Afagou com a ponta dos dedos o rosto da amada e retirou-se com a convicção de que levaria de volta a Londres sua inexpugnável castidade. Apenas o delegado Mello Pimenta e Júlio Augusto Pereira, o marquês de Salles, tinham ido ao embarque de Holmes e Watson para a Inglaterra. Ao contrário da alegre despedida de Sarah Bernhardt, o ambiente era de tristeza. Estavam a bordo do Kaikoura,

que partiria dentro de instantes para Liverpool. Cherloc Holmes envergava novamente suas pesadas roupas inglesas. Trazia sobre a cabeça o chapéu típico e a longa capa quadriculada cobria-lhe a sobrecasaca. Encostada ao seu lado, na amurada, a caixa de violino. Agradeceu o carinho dos amigos brasileiros:

- Não se esqueçam, quando forem a Londres, haverá sempre um lugar no 221b da Baker Street.

- Obrigado, senhor Holmes - balbuciou Mello Pimenta, comovido. Sabia que sentiria falta daquele inglês afável e impetuoso.

- E quando voltarem ao Brasil faço questão de que se hospedem em minha casa ofereceu De Salles.

- Agradeço a gentileza, marquês, mas receio que seja pouco provável. Enquanto falavam, um homem trajado de preto subia apressado as escadas do navio.

Quatro escravos embarcavam as várias malas da sua bagagem. Mello Pimenta reconheceu-o imediatamente:

- Olhem! Não é Miguel Solera de Lara?

De Salles gritou pelo seu nome:

- Miguel! Aqui!

O livreiro aproximou-se.

- Bom dia, senhores. Senhor Holmes, doutor Watson, quer dizer que viajaremos juntos? Que feliz coincidência.

- Não sabia que o senhor ia para a Inglaterra. Vai a passeio? - perguntou Cherloc.

- Não, de mudança. Pretendo morar em Londres.

O marquês de Salles chacoteou:

- Então tu sais à francesa mesmo quando vais para a Inglaterra.

- Conheces muito bem esta antiga aspiração e até mofavas dela - respondeu Miguel Solera, contrafeito.

- Sempre pretendeu morar na Inglaterra, doutor Miguel? - indagou Mello Pimenta, curioso.

- Sempre, delegado. Não fossem as enfermidades da pobre mamãe, já teria partido há muito tempo. Agora, que ela se foi... - explicou, soturno, Solera de Lara.

- Meus sentimentos, senhor de Lara. Não sabia que sua mãe havia falecido disse o detetive.

- Obrigado, senhor Holmes. Ironicamente, o pesadelo que é a perda da minha mãe, transformou-se na realização de um sonho: ter uma pequena livraria em Londres, levar uma vida pacata e dedicar-me ao estudo dos clássicos.

- Se precisar de alguma coisa, estou à sua inteira disposição. Gostaria de retribuir um pouco a generosa hospitalidade que recebi em seu país prontificou-se Cherloc.

- Fico-lhe muito grato, senhor Holmes. Agora, se me dão licença, vou tratar das bagagens - despediu-se Miguel Solera de Lara, numa discreta reverência. O grupo observou a melancólica figura vestida de negro desaparecer em direção aos alojamentos. Cherloc Holmes apiedou-se:

- Pobre rapaz. Está deveras abatido.

- Era totalmente devotado à mãe. Miguel é um homem bom e gentil - comentou De Salles.

Um taifeiro veio dizer que os visitantes deveriam desembarcar. O Kaikoura estava para levantar ferro. Mello Pimenta apertou a mão de Watson e abraçou o detetive, emocionado:

- Adeus, senhor Holmes, foi uma honra e um privilégio conhecê-lo. Façam uma boa viagem.

Sem que Cherloc pudesse esboçar reação alguma, estalou dois beijos nas faces do inglês.

O marquês de Salles despediu-se de Watson e, conhecendo bem as razões do coração, puxou Holmes pelo braço:

- Meu bom amigo, uma longa travessia é a melhor panacéia para as dores do amor.

O detetive sorriu agradecido. Depois, tirou do casaco um pacote e entregou ao marquês.

- Foi o que me restou da cannabis. Por favor, fique com ela. Não poderia mais fumá-la sem lembrar-me de Anna Candelária. Para mim, ela será sempre lembrada como a mulher - confessou, levando à boca o cachimbo vazio. O vapor afastou-se preguiçosamente do porto, como se a indolência dos trópicos estivesse agarrada ao seu casco. Do convés, Cherloc Holmes fitava pensativo os dois amigos ao longe, que acenavam à beira do cais Pharoux. Acariciou sua velha caixa de violino, que agora abrigava secretamente O Canto do Cisne. Viu que Watson, ao seu lado, fazia anotações num pequeno caderno:

- O que é isso? Está registrando impressões da viagem?

- Não, Holmes. Estou finalmente seguindo o conselho de madame Sarah Bernhardt. Vou passar a escrever todos os seus casos. A francesa tem razão, essa brincadeira deve render umas boas libras. O que acha? Já tenho até o título: As aventuras de Cherloc Holmes.

- Acho ótimo, Watson, mas esta história passada em terras brasileiras é a única que você jamais poderá contar - disse o detetive inglês, acariciando, sob a camisa, sua guia colorida de Xangô. Inexplicavelmente, um grito rouco brotou de sua garganta, na inconfundível saudação do orixá:

- Kawô-Kabiyesilé!

Capítulo 24

Sob o céu estrelado de uma noite quente e sem nuvens, o "Kaikoura" singra vagarosamente pelo oceano. Ele está sozinho no deck superior do velho navio e respira a brisa cálida do Atlântico. Pensa com desprezo no estrangeiro que não conseguira ler os sinais, tão evidentes, da sua trilha sanguinária. Ele sorri. Reconhece que usou de um jogo com cartas marcadas. Na Inglaterra, as notas musicais da escala diatônica são sempre designadas por letras. Para o estúpido inglês, as cordas do violino, instrumento que ele jamais tivera a coragem de tocar em público, eram G, D, A, E. Para os latinos, SOL, RÉ, LA, MI. Eufórico, ele soletra aos ventos, na solidão da madrugada: MI, de Miguel, SOL de Solera, LA de Lara, RÉ, de Recanto de Afrodite, o nome da livraria, um toque de gênio. Afrodite. O obtuso escrutador nem se lembrara da deusa mitológica. O bárbaro saxão não sabia que a filha de Urano, nascida nas espumas de esperma da genitália decepada do pai, era venerada pelas putas e protetora de todas as rameiras.

Afrodite, entronizada em sua concha. O estulto investigante ignora

que chamam a vagina, concha. Concha, cona. "Cunt", como o próprio inglês. Ele ri do jogo de palavras. A concha, a vulva, onde deixou todas as cordas, meladas pelo suor do pânico, naqueles pêlos do pecado. Restam as orelhas. Tão óbvias, as orelhas.

Ele gargalha novamente. No fundo, sempre soube que o néscio britânico jamais as ligaria a ele. Orelhas. Orelhas de livro. Livro, livreiro. Miguel Solera de Lara. O pobre tolo conhecia bem a língua, porém falava como um lusitano, para quem essas orelhas são abas. Ele puxa da algibeira um lenço, abre-o e contempla as cartilagens ressequidas que amputou das quatro vítimas. Debruçase na amurada e lança ao mar os derradeiros vestígios do seu crime sem castigo. Enfim, sente-se em paz. Ele, a Besta redimida, ele, o Anjo avesso, ele, Miguel Solera de Lara, ele, o Oluparun. Um pensamento inquietante perturba-lhe a harmonia: e se a messalina oculta em alguma saia fizer insurgir nele, novamente, o Avatar apaziguado? Dá de ombros, displicente. Não importa. Leva consigo a adaga dos ritos pagãos da sua infância. A lâmina fria guardada junto ao ventre apascenta-lhe o espírito. Olha pela última vez, ao longe, o país-continente em que nasceu, agora minúsculo à distância, quase uma sombra disforme. Adeus, Brasil, adeus, terra do sol. Aguardam-no as brumas de Albion.

THE STAR

Londres, 2 de Setembro de 1888

WHITECHAPEL - Nunca um assassinato foi praticado de forma tão ferozmente brutal.

A faca, provavelmente larga e afiada, foi trespassada na mulher pela parte inferior do abdômen e então puxada para cima, não uma, mas duas vezes. O

primeiro corte girou num ângulo pela direita, cortando a virilha e passando sobre o quadril esquerdo; o segundo, porém, subiu em linha reta pelo centro do corpo, alcançando o esterno. Tal trabalho só pode ter sido obra de um demente.

THE TIMES

Londres, 4 de Outubro de 1888

Ao

Chefe

Central News Office,

London City

Prezado Chefe,

Continuo ouvindo dizer que a polícia me pegou, mas eles ainda não me encontraram.

Rio muito quando eles fingem de espertos e falam que estão na pista certa... Estou arrebentando as putas, e vou continuar enquanto não me prenderem. Belo trabalho, eu fiz, na última tarefa. A madama nem teve tempo de gritar. Como é

que vão me achar agora? Eu adoro o meu ofício e quero começar outra vez. Logo vais ouvir falar novamente de mim e das minhas brincadeirinhas engraçadas.

No próximo serviço, só de farra, eu vou cortar e mandar para a polícia as orelhas da moça...

JACK, O ESTRIPADOR

Londres, 3 de outubro de 1888.

NOTA

Esta é uma obra de ficção. Mesmo as personagens históricas nela apresentadas são tratadas de forma ficcional.

FIM DO LIVRO